

ANAIS

VI CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

REALIZAÇÃO:



APOIO:





DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

ANAIS

VI CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura 1 a 3 DE JULHO DE 2011 – PELOTAS/RS

DEPARTAMENTOS ORGANIZADORES:

LEL – LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO LAZER/DEF/IB/UNESP-RC
UFPEL – UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS-RS
UFRG – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
UCPEL – UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
FACULDADE ANHANGUERA DE PELOTAS

APRESENTAÇÃO

Nossa sociedade tem vivenciado um amplo desenvolvimento das atividades de aventura e, conseqüentemente, uma intensa aproximação de dois universos: o esporte e o turismo. Frente a essa realidade, verifica-se a importância da integração desses setores mobilizados pela busca da sustentabilidade nas atividades de aventura.

A Escola Superior de Educação Física (UFPEL), juntamente com os cursos de Bacharelado em Turismo (UFPEL), Tecnologia em Gestão de Turismo (UCPEL), Licenciatura em Educação Física (FURG), Educação Física (Faculdade Anhanguera de Pelotas), Técnico de Meio Ambiente (IFSul – CAVG) e com o Laboratório de Estudos do Lazer (UNESP Rio Claro), promovem o VI Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA), a ser realizado entre os dias 01 e 03 de julho de 2011, em Pelotas/RS. Este Congresso terá como objetivo principal promover o debate entre diferentes áreas de conhecimento sobre a temática "Esporte e Turismo: Parceiros da Sustentabilidade nas Atividades de Aventura".

Com a proposta de aprofundar reflexões sobre o tema, além de palestras, mini cursos, oficinas e mesas de debates, será também oportunizada a apresentação de comunicações orais e pôsteres, mostra de vídeos e fotografias. O programa do evento também contemplará uma programação cultural visando mostrar as potencialidades de nossa região.

Portanto, a Comissão Organizadora convida a todos os professores, pesquisadores, estudantes, profissionais e demais interessados nas áreas de esporte, turismo, educação física, aventura, lazer e meio ambiente a participarem do VI CBAA.

VI CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura “Esporte e Turismo: Parceiros da Sustentabilidade nas Atividades de Aventura”

PELOTAS/RS

1 A 3 DE JULHO DE 2011



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

COMISSÕES:

COMISSÃO ORGANIZADORA

Enio Araujo Pereira (Coordenação geral) - Universidade Federal de Pelotas
Mario Renato de Azevedo Júnior (Coordenação geral) - Universidade Federal de Pelotas
Rose Meri Santos da Silva - Universidade Federal de Pelotas
Laura Rudzewicz - Universidade Federal de Pelotas
Dalila Muller - Universidade Federal de Pelotas
Caroline Ceretta - Universidade Federal de Pelotas
Gustavo da Silva Freitas - Universidade Federal do Rio Grande
Daniel Moraes Botelho - Universidade Católica de Pelotas
Cristina Russo Galdes da Porciúncula - Universidade Católica de Pelotas
Cimara Corrêa Machado - Faculdade Anhanguera de Pelotas
Raquel Moreira Silveira - Faculdade Anhanguera de Pelotas
João Gilberto Giusti - Faculdade Anhanguera de Pelotas

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dra. Alcyane Marinho – UDESC / UNESP – Rio Claro
Mestranda. Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro - UNESP – Rio Claro
Ms. Caroline Ceretta - UFPEL
Doutoranda Cristiane Naomi Kawaguti - UNESP – Rio Claro
Dra. Dalila Muller - UFPEL
Doutoranda Danielle Ferreira Auriemo Christofolletti - UNESP – Rio Claro
Doutorando Danilo Roberto Pereira Santiago - UNESP – Rio Claro
Doutoranda Giselle Helena Tavares - UNESP – Rio Claro
Livre docente Gisele Maria Schwartz - UNESP – Rio Claro
Mestranda Juliana de Paula Figueiredo - UNESP – Rio Claro
Ms. Laura Rudzewicz - UFPEL
Doutorando Leonardo Madeira Pereira - UNESP – Rio Claro
Mestranda Marília Martins Pereira - UFSCar
Dr. Luiz Afonso Vaz de Figueiredo - USP
Ms. Priscila R. Tedesco da Costa Trevisan - UNESP – Rio Claro
Ms. Viviane Kawano Dias - Centro Universitário de Jales – UNIJALES

VI CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura “Esporte e Turismo: Parceiros da Sustentabilidade nas Atividades de Aventura”

PELOTAS/RS

1 A 3 DE JULHO DE 2011



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

PROGRAMAÇÃO

01/07 [Universidade Católica de Pelotas]

- 08:00 – Credenciamento
17:00
- 09:00 – [Mini-cursos*](#)
12:00
- 12:00 – Almoço
14:00
- 14:00 – Cerimônia de Abertura
14:45
- Conferência de Abertura
Tema: **Ecoturismo, Sustentabilidade e Educação Ambiental: abordagens, diagnósticos e prognósticos**
14:45 – Conferencista: Zysman Neiman - Universidade Federal de São Carlos/Instituto
15:30 Physis/Sociedade Brasileira de Ecoturismo
- 15:30 – Intervalo
15:45
- 15:45 – Pôsteres
17:00
- Mesa-Redonda 1
17:00 – Tema: **Territorialidade e Políticas Públicas das Atividades de Aventura**
18:30 Palestrantes: Álvaro Machado (SETUR-RS)
Eduardo Tadeu Costa – (UNINOVE/Pref. São Bernardo do Campo-SP)
- 18:30 – Intervalo
18:45
- 18:45 – Mostra de Vídeos
20:00

02/07 [Faculdades Anhanguera]

- Mesa-Redonda 2**
Tema: Aventura, Imaginário e Representação Social
Palestrantes: Marília Martins Bandeira (UFSCar)
Luiz Afonso Vaz de Figueiredo – (USP/FSA/Presidente da SBE)
08:30 –
10:00
- Mesa-Redonda 3**
Tema: **Biodinâmica nas Atividades de Aventura**
Palestrantes: Ricardo Dantas de Lucas (UDESC)
Leonardo Madeira Pereira (LEL/UNESP- Rio Claro)
10:00 – Intervalo

VI CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura “Esporte e Turismo: Parceiros da Sustentabilidade nas Atividades de Aventura”

PELOTAS/RS

1 A 3 DE JULHO DE 2011

- 10:15
10:15 –
12:00 Apresentação de Trabalhos Orais
- 11:15 –
13:30 Almoço
- 13:30 –
17:00 [Mini-cursos*](#)
- 17:00 –
18:00 Intervalo
- Encontro de Grupos
- 01 – Tendências na Relação entre Turismo e Aventura**
Mediadoras: Laura Rudzewicz (UFPeI) & Caroline Ciliane Ceretta (UFPeI)
- 02 – Pesquisas em Atividades de Aventura**
Mediadora: Marília Martins Bandeira (UFSCAR)
- 18:00 –
19:30 **03 – Educação Ambiental e Aventura na Escola**
Mediadoras: Rose Méri Santos da Silva (UFPeI) e Cimara Machado (Ananguera)
- 04 – Aventura Adaptada**
Mediador: Laboratório NEAFA – Núcleo de Estudos de Atividades Físicas Adaptadas (UFPeI)

03/07 [Faculdades Ananguera]

Mesa-Redonda 4

- 09:00 – 10:30 Tema: Atividades de Aventura e Formação Profissional
Palestrantes: Juliana de Paula Figueiredo (LEL/UNESP-Rio Claro)
Matheus Francisco Saldanha Filho (UFMS)
- 10:30 – 11:00 Escolha da Cidade Sede
Palestra de Encerramento
- 11:00 – 12:00 Tema: **Sustentabilidade: parcerias entre esporte e turismo**
Palestrante: Giuliano Gomes de Assis Pimentel (UEM)
- 12:00 – 14:00 Almoço
- 14:00 – 17:30 [Oficinas](#)

EMENTAS DOS MINI-CURSOS

01 - Surfe e Kitesurfe: potencialidades e possibilidades

Ministrante: César Augusto Otero Vaghetti (FURG – RS)

Ementa: O curso pretende discutir limites e possibilidades de trabalho do Surfe e Kitesurfe como esportes de aventura. Suas potencialidades de inserção em programas de recreação e turismo, além das possibilidades para treinamento das capacidades físicas envolvidas para trabalho como personal trainer e em academia. Aspectos fisiológicos, incidências de lesões, equipamentos, condições ambientais para a prática, segurança no esporte.

02 - Atividades de Aventura na Escola

Ministrante: Dimitri Wuo Pereira (UNINOVE – SP)

Ementa: Diálogo sobre a inserção dos esportes de aventura no ensino básico, propondo uma reflexão sobre os aspectos conceituais, humanos e pedagógicos da aventura na escola. Construção de metodologias próprias para a efetivação das atividades de aventura nas aulas de educação física escolar.

03 - Esportes de endurance na natureza: Caracterização fisiológica e aplicações para treinamento

Ministrante: Ricardo Dantas de Lucas (UDESC)

Ementa: Caracterizações fisiológicas do Trekking, Mountain Biking e Canoagem. Fundamentação dos índices fisiológicos utilizados para controle da intensidade de esforço. Implicações e aplicações para o treinamento aeróbio destas modalidades.

04 – Canoagem: Perspectivas como Esporte de Aventura e Turismo

Ministrante: Álvaro Acco Koslowski (UCS - RS)

Ementa: A modalidade de canoagem possui uma gama variada de aplicações que evoluem de acordo a disponibilidade dos recursos aquáticos. Nesta perspectiva, este segmento esportivo tornou-se uma importante ferramenta de desenvolvimento dos esportes de aventura e, por conseqüência, o turismo. O curso tratará de expor as modalidades de canoagem e suas perspectivas de abordagem como esporte de aventura.

05 - Esportes de Aventura como Produto Turístico

Ministrante: **Sérgio José Machado (Adrenailha - SC)**

Ementa: Workshop onde os participantes poderão experimentar como é produzir um produto para o turismo baseado em uma atividade de aventura. Serão trabalhados temas como: Conceituação de esporte, aventura, radical e turismo, Etapas envolvidas no desenvolvimento de um produto, Identificação do público-alvo, Tipos de atividades próprias para turismo de aventura, Competências necessárias para trabalhar com turismo de aventura, Segurança e cuidados na prática do turismo de aventura, entre outros. Parte prática: Os participantes serão desafiados a desenvolver um produto para turismo de aventura, tendo como base um esporte de aventura.

06 - Organização de Corridas de Aventura

Ministrante: **Raphael Loureiro Borges**

Ementa: O curso tratará dos seguintes tópicos: Exercício e o meio natural; Evolução dos esportes junto a Natureza; Conceitos; O Universo das Equipes de elite e iniciantes; O risco em diferentes perspectivas (Esporte X Natureza); Relação: Corrida de aventura X empresas; Organização de eventos no meio natural e suas diferenças para empresas; Famastil Adventure: um exemplo de sucesso.

07- Mountain-Bike

Ministrante: **Felipe Fossati Reichert (ESEF/UFPel)**

Ementa: Breve histórico do MTB. A bicicleta de MTB, seus principais componentes e acessórios. As diferentes modalidades do MTB: bike tour, modo de transporte, competitivo. O posicionamento sobre a bicicleta. Manutenção básica. Orientações gerais para pedalar uma MTB.

08 - Jogos e Brincadeiras para Educação Ambiental

Ministrante: **Juliana de Paula Figueiredo e Cristiane Naomi Kawaguti (LEL/UNESP-Rio Claro)**

Ementa: O mini-curso aborda os aspectos da relação humana com a natureza, utilizando diferentes estratégias de atuação profissional e pedagógica. Oferece a vivência de jogos e brincadeiras adaptados a diferentes ambientes, a fim de construir e/ou ampliar a educação ambiental de maneira lúdica.

09 - Educação ao Ar Livre

Ministrante: **Leonardo Madeira Pereira (LEL/UNESP-Rio Claro)**

Ementa: O curso promove vivências com educação experiencial, focalizando atividades lúdicas e de sensibilização utilizadas em programas educacionais.



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

10 – Outdoor Training no Mercado de Aventura

Ministrante: Ana Paula Guizarde Teodoro e Giselle Helena Tavares (LEL/UNESP-Rio Claro)

Ementa: O trabalho em equipe é entendido com elemento essencial para o sucesso das organizações atuais, sendo o Outdoor Training ou Treinamento Empresarial ao Ar Livre (TEAL) uma estratégia interessante neste meio. Este curso pretende explorar o papel específico da utilização das atividades de aventura como uma das estratégias do Outdoor Training no meio corporativo.

11 – Pedagogia da Aventura

Ministrante: Igor Armbrust

Ementa: Compreensões sobre os elementos da aventura no âmbito educativo, contemplando a educação formal, não formal e informal para possibilitar vivências significativas em ambientes naturais e adaptados. Apresentação de metodologias adequadas e construções criativas de atividades.



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

MINI-CURRÍCULO DOS PALESTRANTES E CONVIDADOS

Conferência de Abertura

Prof. Dr. Zysman Neiman – Instituto PHYSIS

Doutor em Psicologia (Psicologia Experimental com pesquisa em Educação Ambiental) (2007), passagem pelo programa de doutorado em Ciência Ambiental (2000-2004), mestre em Psicologia (Psicologia Experimental, com ênfase em Ecologia Comportamental) (1991), Licenciado em Ciências (1986), Licenciado em Biologia (1986), e Bacharel em Ciências Biológicas (1986), todos pela Universidade de São Paulo. Teve grande atuação como Educador no Ensino de Ciências e Biologia (1985-1996) e atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde coordena o Laboratório de Ecoturismo, Percepção e Educação Ambiental - LEPEA e é pesquisador do Programa de Mestrado em Sustentabilidade na Gestão Ambiental. Exerce a função de Presidente do Conselho Curador do Instituto Physis - Cultura & Ambiente e de Presidente da Sociedade Brasileira de Ecoturismo (SBEcotur). Atua em cursos de formação de professores (Licenciatura em Ciências Biológicas, Pedagogia) e pesquisadores na área de Meio Ambiente (Bacharelado em Ciências Biológicas e Turismo). Foi um dos redatores do Tema Transversal “Meio Ambiente”, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental do MEC (1998), tornando-se, desde então, pesquisador na área de Educação. É autor de diversos livros na área de Educação, Meio Ambiente e Sustentabilidade. Tem experiência na área de Educação Ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: Sustentabilidade, Percepção Ambiental, Ética e Meio Ambiente, Unidades de Conservação, Terceiro Setor, Ambientalismo, e Ecoturismo.

Mesa-Redonda 1

Prof. Msndo. Álvaro Luis de Melo Machado (FACCAT e SETUR-RS)

Possui graduação em Ciências biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1983) e especialização em Ecologia Social pela ULBRA-RS (1996). Atualmente é professor da Fundação Educacional Encosta Inferior do Nordeste e mestrando do programa de Pós-Graduação da UCS-RS. Tem experiência na área de Biologia Geral, com ênfase em Biologia Geral, atuando principalmente nos seguintes temas: turismo de aventura, ecoturismo, eventos populares, turismo rural e docência.

VI CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura “Esporte e Turismo: Parceiros da Sustentabilidade nas Atividades de Aventura”

PELOTAS/RS

1 A 3 DE JULHO DE 2011



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

Prof. Ms. Eduardo Tadeu Costa (UNINOVE/Pref. São Bernardo do Campo)

Possui graduação em Educação Física pela Universidade de São Paulo (1989), Especialização em Recreação e Lazer pela Universidade Estadual de Campinas (1993) e mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2008). Trata em seu mestrado dos temas Lazer, Políticas Públicas e Gestão Matricial. Assessora a Secretaria de Esportes da Prefeitura de São Bernardo do Campo/ SP e é Professor da Universidade Nove de Julho. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Lazer, atuando principalmente com gestão de políticas de lazer.

Mesa-Redonda 2

Msnda. Marília Martins Bandeira (UFSCar)

Mestranda em Antropologia Social da Universidade de São Carlos pela linha de pesquisa Antropologia da Saúde, do Esporte e Corporalidade. Especialista em Teoria e Práticas da Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, com ênfase em Comunicação Professoral e Comunicação Esportiva. Bacharel e licenciada em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Interesses de pesquisa: produção do corpo e formação da pessoa; relação ser humano/natureza através da prática esportiva; dança, luta e identidade; representações midiáticas das práticas corporais, antropologia da Educação e abordagens da Educação Física escolar.

Prof. Dr. Luiz Afonso Vaz de Figueiredo (USP /FSA/Presidente da SBE)

Possui graduação em Licenciatura em Ciências Naturais/ Habilitação Plena em Química pelo Centro Universitário Fundação Santo André (1982). É mestre em Educação (Área de Educação, Sociedade e Cultura) pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (2000) e doutor em Geografia Física (Linha de Paisagem e Planejamento Ambiental) pela FFLCH-DG-Universidade de São Paulo (2010). Atualmente é Professor Doutor-RTI (docente desde 1986) das áreas de Educação Ambiental e Práticas Interdisciplinares, Metodologia de Pesquisa, Ciências Ambientais e Metodologia do Ensino de Química. É também professor responsável do Curso de Especialização em Educação e Prática Docente e do Curso de Especialização em Educação Ambiental e Sustentabilidade do Centro Universitário Fundação Santo André (FSA). Professor convidado da disciplina Poéticas das Imagens e Narrativas Visuais em Educação Ambiental do Curso de Especialização em Educação Ambiental e Recursos Hídricos (CRHEA/EESC/USP). Ex-Professor Mestre de Espeleologia do Curso de Turismo (Área Ecoturismo) do Departamento de Geografia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)(2003-2008).Presidente da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) (gestão 2009-2011) e Vice-presidente (Gestão 2007-2009); coordenador da Seção de

VI CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura “Esporte e Turismo: Parceiros da Sustentabilidade nas Atividades de Aventura”

PELOTAS/RS

1 A 3 DE JULHO DE 2011



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

Educação Ambiental e Formação Espeleológica, desde 1992, ex-coordenador da Seção de História da Espeleologia (1994-2007) e membro da Seção de Espeleoturismo. Membro atuante de Redes de Educação Ambiental (REPEA, REBEA, RUPEA, NREA-ABC). Tem experiência na área de Educação e Ciências Ambientais, atuando principalmente nos seguintes temas: educação ambiental e formação socioambiental; ecoturismo e gestão de unidades de conservação; espeleoturismo; espeleologia; ecologia humana; geopoética e paisagens simbólicas; percepção ambiental; imaginário e representações sociais; fotografia, narrativas visuais e antropologia visual; práticas e poéticas pedagógicas e metodologia do ensino de ciências naturais.

Mesa-Redonda 3

Prof. Ms. Ricardo Dantas de Lucas (UDESC)

Possui bacharelado em Educação Física pela UNESP - Rio Claro (1997) e mestrado em Ciências da Motricidade também pela UNESP (2000). Atualmente é doutorando na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor substituto na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Treinamento Esportivo, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação metabólica, performance, triatlo, natação, ciclismo e esportes de aventura.

Ms. Leonardo Madeira Pereira (LEL/UNESP- RC)

Graduado em Educação Física pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (2001), com especialização em Fisiologia e Biomecânica do Movimento pela Universidade Veiga de Almeida (2003) e mestrado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (2005). Atualmente trabalha na Revista Movimentum. Tem experiência na área de educação ao ar livre, esportes de aventura (corrida de aventura, escalada e skate), fisiologia experimental e ergonomia.

Mesa-Redonda 4

Msnda. Juliana de Paula Figueiredo (LEL/UNESP-SP)

Graduada em Educação Física (Licenciatura Plena e Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2009). Atualmente é Mestranda em Ciências da Motricidade, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física da UNESP de Rio Claro-SP. Membro pesquisadora do LEL (Laboratório de Estudos do Lazer) da UNESP de Rio Claro-SP. Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente em Recreação, Educação Ambiental e Atividades de Aventura.

VI CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura “Esporte e Turismo: Parceiros da Sustentabilidade nas Atividades de Aventura”

PELOTAS/RS

1 A 3 DE JULHO DE 2011



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

Prof. Ms. Matheus Francisco Saldanha Filho (UFSM)

Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria, mestrado em Ciência do Movimento Humano pela UFSM. Atualmente é professor do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM/RS. Tem experiência na área de Políticas Públicas e Gestão do Esporte e Lazer da Cidade, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física, Políticas Públicas, Gestão e Esporte.

Palestra de Encerramento

Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel (UEM)

Bacharel e Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa (1996), Mestre (1999) e Doutor (2006) em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual de Maringá na Graduação (Licenciatura e Bacharelado) e no Programa de Pós-Graduação em Educação Física - UEM/UEL. Coordena o GEL - Grupo de Estudos do Lazer (2000). Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: lazer, ensino da educação física, cultura, recreação e formação e atuação profissional.

MINICURSOS

01- Surfe e Kitesurfe: potencialidade e possibilidades

Dr. César Augusto Otero Vaghetti (FURG)

Possui graduação em Educação Física, Licenciatura, pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (1999) e Mestrado em Ciências do Movimento Humano (2003), sub-área Biomecânica, pela mesma instituição. Doutorando em Educação em Ciências na Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Pesquisando assuntos relacionados à Exergames (games educacionais e/ou relacionados com exercício físico) em AVAs (ambientes virtuais de aprendizagem). Atua na área de Educação Física, com ênfase em Cinesiologia, Biomecânica, Natação, Esportes Radicais, Capoeira e disciplinas relacionadas com as Capacidades Físicas. Tem experiência com Treinamento Desportivo em Natação e Surfe.

02 - Atividades de Aventura na Escola

Prof. Ms. Dimitri Wuo Pereira (UNINOVE-SP)

Mestre em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu, especialista em Administração Esportiva pela FMU e graduado em Educação Física pela USP, participa

VI CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura “Esporte e Turismo: Parceiros da Sustentabilidade nas Atividades de Aventura”

PELOTAS/RS

1 A 3 DE JULHO DE 2011



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar da USJT, projeto Observatório da Educação - INEP. Professor universitário com enfoque nos estudos sobre esportes radicais e de aventura. Proprietário da *Rumo Aventura*, empresa que atua com esportes de aventura no campo educacional.

03 - Aspectos Fisiológicos nas Atividades de Aventura

Prof. Ms. Ricardo Dantas de Lucas (UDESC)

Possui bacharelado em Educação Física pela UNESP - Rio Claro (1997) e mestrado em Ciências da Motricidade também pela UNESP (2000). Atualmente é doutorando na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor substituto na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Treinamento Esportivo, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação metabólica, performance, triatlo, natação, ciclismo e esportes de aventura.

04 – Canoagem: perspectivas como Esporte de Aventura e Turismo

Alvaro Acco Koslowski (UCS)

Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade de Caxias do Sul. Atualmente é Técnico da Seleção Brasileira de Canoagem Feminina – Confederação Brasileira de Canoagem e presidente da Associação Caxiense de Esportes Náuticos. Tem experiência na área de Educação Física, voltada mais especificamente ao treinamento com ênfase em Canoagem Velocidade Foi atleta Olímpico (Barcelona 1992).

05 - Esportes de Aventura como Produto Turístico

Sérgio Machado José (Adrenailha)

Graduado em Ed. Física pela UDESC. Formado no Curso de Planejamento e Manejo de áreas naturais protegidas, 2002 – Fundação o Boticário. Professor de Cursos em nível de extensão em atividade física e saúde pelas Universidades: UNISUL, UDESC e UFPel. Experiência de 13 anos com Turismo de Aventura e mais de 25 anos como praticante de esportes de Aventura. Diretor da Adrenailha (operadora especializada em Turismo de Aventura e Ecoturismo com sede na cidade de Florianópolis-SC). Projetista de equipamentos para Turismo de Aventura como o Surf-Rafting.

06 - Organização de Corridas de Aventura

Ms. Raphael Loureiro Borges (PHAÉCO/FAMASTIL ADVENTURE/FITHOUSE)

Mestre em Ciências do Movimento Humano ESEF-UFRGS. Proprietário da PHAÉCO Atividade Física. Fundador do FAMASTIL ADVENTURE (1ª corrida de aventura para empresas do Brasil, em sua 7ª edição). Sócio-Proprietário da FitHouse-POA.

VI CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura “Esporte e Turismo: Parceiros da Sustentabilidade nas Atividades de Aventura”

PELOTAS/RS

1 A 3 DE JULHO DE 2011



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

07- Mountain-Bike

Prof. Dr. Felipe Reichert Fossati (ESEF/UFPel)

Graduado pela Escola Superior de Educação Física (curso de Licenciatura Plena) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 2000. Especialista em Treinamento Desportivo pela Escola Superior de Educação Física UFPel em 2004. Mestre (2004) e Doutor (2008) em Epidemiologia pelo Programa de Pós-graduação em Epidemiologia da UFPel. É sócio fundador da Sociedade Brasileira de Atividade Física e Saúde. Atualmente é professor adjunto da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física ESEF/UFPel. É integrante e sócio-fundador do Grupo de Estudos em Epidemiologia da Atividade Física. Tem experiência na área da epidemiologia da atividade física, atuando principalmente nos seguintes temas: determinantes do sedentarismo, fatores de risco para doenças crônicas, métodos de mensuração de atividade física e composição corporal em estudos epidemiológicos.

08 – Jogos e brincadeiras para Educação Ambiental

Msnda. Juliana de Paula Figueiredo

Graduada em Educação Física (Licenciatura Plena e Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2009). Atualmente é Mestranda em Ciências da Motricidade, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física da UNESP de Rio Claro-SP. Membro pesquisadora do LEL (Laboratório de Estudos do Lazer) da UNESP de Rio Claro-SP. Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente em Recreação, Educação Ambiental e Atividades de Aventura.

Drnda. Cristiane Naomi Kawaguti (LEL/UNESP-Rio Claro)

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005) e Mestrado em Ciências da Motricidade Humana - linha de pesquisa Estados Emocionais e Movimento na UNESP/IB/RC. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (UNESP/IB/RC) e membro pesquisadora do Laboratório de Estudos do Lazer (LEL). Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: lazer, recreação, políticas públicas e qualidade de vida.

09 - Educação ao Ar Livre

Ms. Leonardo Madeira (LEL/UNESP-Rio Claro)

Graduado em Educação Física pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (2001), com especialização em Fisiologia e Biomecânica do Movimento pela Universidade Veiga de Almeida (2003) e mestrado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (2005). Atualmente trabalha na Revista Movimentum. Tem experiência na área de educação ao ar livre, esportes de aventura (corrida de aventura, escalada e skate), fisiologia experimental e ergonomia.

VI CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura “Esporte e Turismo: Parceiros da Sustentabilidade nas Atividades de Aventura”

PELOTAS/RS

1 A 3 DE JULHO DE 2011



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

10 - Possibilidades no Mercado de Aventura

Msnda. Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro

Mestranda em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física da UNESP de Rio Claro-SP. Membro pesquisadora do LEL (Laboratório de Estudos do Lazer) da UNESP de Rio Claro-SP. Especialista em Fisiologia do Exercício, Musculação e Avaliação e Prescrição de Exercícios Físicos. Graduada em Educação Física - Faculdades Integradas Stella Maris de Andradina (FISMA). Foi professora das Faculdades Integradas Stella Maris de Andradina (FISMA)/ Fundação Educacional de Andradina (FEA) e das Faculdades Integradas de Santa Fé do SUL (FISA)/ Fundação Municipal de Educação e Cultura de Santa Fé do Sul-SP (FUNEC), ministrando as disciplinas de Medidas e Avaliação, Teoria e Prática da Musculação, Ginástica de Academia, Projetos e Práticas com ênfase no esporte e Cineantropometria. Experiência na área de Medicina Preventiva e Ginástica Laboral.

Drnda. Giselle Helena Tavares (LEL/UNESP-Rio Claro)

Possui graduação em Educação Física Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Uberlândia Minas Gerais (2008). Atualmente é doutoranda em Ciências da Motricidade Humana - linha de pesquisa Estados Emocionais e Movimento na UNESP - Instituto de Biociências - Rio Claro e pesquisadora do LEL - LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO LAZER. Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: lazer, recreação e gestão da informação.

11 – Pedagogia da Aventura

Msnda. Igor Armbrust

Graduado em Educação Física, com Especialização em Ciências Aplicadas aos Esportes de Prancha. Mestrando em Educação Física. Atua como professor universitário nas disciplinas de Esportes de Aventura, psicologia da aprendizagem, projetos interdisciplinares, lutas e atividades aquáticas. Professor e coordenador de eventos relacionados à Esportes de Aventura nos âmbitos do lazer, da educação e do treinamento empresarial.

TRABALHOS APRESENTADOS NO EVENTO

SUMÁRIO

PÔSTER

MOUNTAIN BIKE SOB O CONTEXTO DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA (AFANS) NA CIDADE DE LONDRINA Leandro D.Manfiolete, Viviane K. Dias, Giselle H.Tavares, Leonardo M. Pereira, Danielle A. Christofolletti, Tony Honorato.....	1
PRÁTICA SOCIOAMBIENTAL: ENSINO ALTERNATIVO ATRAVÉS DE SAÍDAS DE CAMPO PARA REALIZAÇÃO DE TRILHAS ECOLÓGICAS COM A COMUNIDADE ESCOLAR NO CAVG Eugênia A. Basso, Michel H. Marques.....	2
A OFERTA DE TURISMO DE AVENTURA NA REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS- SC: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA DOS GESTORES DE EMPRESAS DO SETOR Tiago S. Mondo, Alcyane Marinho, Jane I. P. Costa.....	3
RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS AULAS DE ESCALADA OFERECIDAS NA DISCIPLINA DE TEORIA E METODOLOGIA DOS ESPORTES DE AVENTURA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNISUL Leandro Del C. Campos, Romulo L. Graça.....	5
O SKATE E O SKATISTA: PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO DO BAIRRO CENTRO DA CIDADE DE CAPIVARI DE BAIXO – SC Elias H. Luiz, Romulo L. Graça.....	6
ECOCAIAQUE: MOTIVOS E SIGNIFICADOS DE PARTICIPAÇÃO Viviane K. Dias, Giselle H.Tavares, Ana Paula E. G. Teodoro, Cristiane N. Kawaguti, Juliana P. Figueiredo, Leonardo M. Pereira.....	7
CAMINHANDO PARA O CONHECIMENTO: ESTUDOS SOBRE O TREKKING NO CBAA Juliana P. Figueiredo, Cristiane N. Kawaguti, Ana Paula E. G. Teodoro, Leandro Dri Manfiolete, Giselle H. Tavares, Gisele M. Schwartz.....	8
O SKATE COMO FOCO DAS ATIVIDADES DE AVENTURA Cristiane N. Kawaguti, Juliana P. Figueiredo, Leonardo M. Pereira, Danielle A. Christofolletti, Ana Paula E. G. Teodoro, Gisele M. Schwartz.....	10
O ARVORISMO NO CONTEXTO DO CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA Ana Paula E. G. Teodoro, Viviane K. Dias, Giselle H. Tavares, Danielle F. A. Christofolletti, Leandro Dri Manfiolete, Gisele M. Schwartz.....	11
OPINIÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A INSERÇÃO DO SKATE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA Claudio A. Celestino, Camila E. Quintana, Caroline F. Simões, Érica Rigolin, Augusto Perego,	

Giuliano G. A. Pimentel.....	12
PRECONCEITO EM RELAÇÃO À PRÁTICA DO SKATE ENTRE AS MULHERES Claudio A. Celestino, Isabelle N. T. Amorim, Giuliano G. A. Pimentel.....	13
UMA AVENTURA ECOLÓGICA VIVENCIADA PELOS ALUNOS ESPECIAIS DO CERENEP NA FUNDAÇÃO ECOLÓGICA TAPAHUE Francisco M. S. Gomes, Marceli P. Melo, Loriane C. Cardoso, Rafael M. Martins, Wirliane S. Melo, Marco A. S. Gomes.....	14
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, TURISMO E SUSTENTABILIDADE NA MATA DO TOTÓ, PELOTAS – RS Alessandra B. Farinha.....	16
ENSINO E PESQUISA: O USO DE LABORATÓRIO COMO INSTRUMENTO PARA O ESTUDO DO TURISMO DE AVENTURA Waldir Leonel, Rayssa K. Durigon, Celeste A. Venancio.....	17
TURISMO DE AVENTURA NOS CAMINHOS RURAIS DE PORTO ALEGRE Aline M. Cunha, Mayara R. Martins.....	18
ECOTURISMO E ATIVIDADES DE AVENTURA NO INTERIOR DA CIDADE DE PELOTAS-RS Elise A. Souza, Daniëlle M. Andrade.....	19
ATIVIDADE FÍSICA DE AVENTURA NA NATUREZA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR André F. Schittler, Uberti J. O. Messina, Priscilla L. Freitas, Marlon Moreira.....	20
ECO AVES: UMA TRILHA ASSOCIADA A OBSERVAÇÃO DE AVES Dante A. Meller, Tiago Bertaso, Alfieri R. Callegaro.....	22
ANÁLISE DA IDENTIDADE CORPORATIVA DE UMA EMPRESA DE ATIVIDADE FÍSICA DE AVENTURA NA NATUREZA Marlon Moreira, André F. Schittler, Uberti J. O. Messina, Priscilla L. Freitas.....	23
EDUCAÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA Priscilla L. Freitas, Uberti J. O. Messina, André F. Schittler, Marlon Moreira.....	24
ATIVIDADES CIRCENSES E DE AVENTURA: APROVEITAMENTO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR José R. Auricchio, André de Filippis, Nelson C. Marcellino.....	26
CORRIDA DE ORIENTAÇÃO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL COMO PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO NO BRASIL Isabela G. Marques, Thiago B. Bellusci.....	27
AÇÕES GOVERNAMENTAIS DE INCENTIVO AO ESPORTE DE AVENTURA NO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS Camila S. Ribeiro, Douglas G. S. Rau, Paloma G. Amorim.....	28
MECANISMOS FISIOLÓGICOS ENVOLVIDOS NA PRÁTICA DE SLACKLINE Leonardo M. Pereira, Juliana P. Figueiredo, Giselle H. Tavares, Danielle F. A. Cristofolletti, Viviane K. Dias, Cristiane N. Kawaguti.....	29

COMO OS PRATICANTES DE ESCALADA DA FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO DEFINEM SUA PRÁTICA?	
Thiago B. Bellusci, Isabela G. Marques, Guilherme M. Balbim.....	30
OBSERVATÓRIO DOS ESPORTES NA NATUREZA: CURSO BÁSICO DE MONTANHISMO	
Gabriela A. G. da Mota, Tauan N. Maia, Gustavo B. R. Araujo, Edmundo D. Alves Junior.....	31
RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESCALADA NA FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO	
Thiago B. Bellusci, Isabela G. Marques.....	32
DIÁLOGOS ENTRE OS ESPORTES DE AVENTURA E O ESCOTISMO	
Rodrigo W. Ferreira, Pedro A. C. Silva, Pedro D. M. Silva, Luiza I. C. Ricardo.....	33
DESPORTO ESCOLAR DE ESCALADA NA CIDADE DO PORTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Isabela G. Marques, Thiago B. Bellusci, Guilherme M. Balbim.....	34
RIO JAGUARÃO – O TURISMO RESGATANDO UMA HISTÓRIA	
Tibério M. S. Silva.....	35
PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARA TREINAMENTO EMPRESARIAL AO AR LIVRE – TEAL	
Eliakim M. Bessa, Allana J. S. Gomes, Emanuelle B. S. Evangelista, João L. B. Torres, Pedro A. S. Pereira.....	36
O ESPORTE E O DIRETO DE UM MUNDO ECOLOGICAMENTE EQUILIBRADO: UMA VISÃO SÓCIO-AMBIENTAL NO PROJETO DO CLUBE NÁUTICO GAÚCHO	
Juliano O. Pizarro, Jéssie Z. Rodrigues, Maharich S. F. Souza.....	38
EXPECTATIVAS E SATISFAÇÃO SOBRE A ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA AVENTURA	
Giselle H. Tavares, Leonardo M. Pereira, Juliana P.Figueiredo, Leandro D. Manfioleti, Ana Paula E. G. Teodoro, Gisele M.Schwartz.....	39
VIVÊNCIAS COLETIVAS EM ATIVIDADES DE AVENTURA NA UNIVERSIDADE: RELATOS SOBRE UM PROJETO DE EXTENSÃO NA FURG/RS	
Juliana C. Teixeira, Gustavo S. Freitas.....	41
BELEZA ALÉM DA DEGRADAÇÃO	
Newton P. M. Soares, Thayane S. Visintainer, Fábio A. G. Costa, Rainer R. A. Padilha, José E. B. Soares, Elizandra Guarizi.....	43
AS PUBLICAÇÕES DAS ATIVIDADES DE AVENTURAS INSERIDAS NA ESCOLA	
Patrícia Cardoso Trauer.....	44
FATORES MOTIVACIONAIS ASSOCIADOS À PRÁTICA DO SKATE EM MEDELLIN	
Karina S. Passarelli, Filipe B. Alves, Claudio A. Celestino, Jean M. Euflausino, Carlos A. R. Herrera, Daisy Echavarria.....	45
A SUSTENTABILIDADE NA PRÁTICA DO MERGULHO RECREACIONAL AUTÔNOMO	
Pedro A. S. Pereira, Allana J. G. Soares, Eliakim M. Bessa, Emanuelle B. S. Evangelista, João L.B. Torres.....	46

MOTIVAÇÃO EM PRATICANTES DE ATIVIDADES DE AVENTURA	
Lucas Prestes, Guilherme M. Balbim.....	47
CAMINHAR CORRER PEDALAR – O CORPO (RE) CONHECENDO-SE AMBIENTE	
Álvaro L. A. Cunha, Douglas G. B. Fagundes, Newton P. M. Soares, Renata Calza, Thayane S. Visintainer, Vanessa C. Trindade.....	48
O SURFE NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Gustavo B. R. Araújo, Tauan N. Maia, Gabriela A. G. Mota, Edmundo D. Alves Júnior.....	49
APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS DA NATUREZA PARA A PRÁTICA DE ATIVIDADES DE AVENTURA: UM ESTUDO DE CASO DO GRUPO DE TREKKING BICHOS DO MATO	
Emanuelle B. S. Evangelista, Allana J. S. Gomes, Eliakim M. Bessa, João L. B. Torres, Luana P. Falcão, Pedro A. S. Pereira.....	50
A PERCEPÇÃO DAS SENSIBILIDADES NOS ESPORTES DE AVENTURA: UM ESTUDO COMPARATIVO COM PRATICANTES DE ESCALADA EM ROCHA E CORRIDA DE ORIENTAÇÃO DO GRUPO BADEN-POWELL	
Allana J. S. Gomes, Eliakim M. Bessa, Emanuelle B. S. Evangelista, João L. B. Torres, Luana P. Falcão, Pedro A. S. Pereira.....	52
DA PISCINA PARA O ESTUÁRIO: REMANDO POR VIAS INSTIGANTES	
Breno S. Gomes, Priscilla P. C. Silva, Pedro G. Martins.....	53
AVENTURA COMO ATIVIDADE ECOTURÍSTICA	
Luana P. Falcão, Allana J. G. Soares, Eliakim M. Bessa, Emanuelle B. S. Evangelista, João L. B. Torres, Pedro A. S. Pereira.....	54
PRÁTICAS DE MÍNIMO IMPACTO E INTERVENÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPORTES NA NATUREZA: EXPERIÊNCIAS DO PROJETO NAVEGAR/UFRGS	
Rodrigo Cavasini, Alberto R. Reppold Filho.....	56
ESPORTES DE AVENTURA NA PERCEPÇÃO DE SEUS PRATICANTES E ESTUDIOSOS	
João L. B. Torres, Allana J. S. Gomes, Eliakim M. Bessa, Emanuelle B. S. Evangelista, Luana P. Falcão, Pedro A. S. Pereira.....	58
MOTIVAÇÃO E CONDIÇÕES DE PRÁTICA DE PARTICIPANTES DE CICLISMO EM UM GRUPO DA CIDADE DE PELOTAS	
Cibele A. Santos, Adriana A. T. Dourado, Bruno F. Antunez, Luiz A. R. Gonçalves, Ênio A. Pereira.....	59
A ESCALADA NO CBAA: PARA ALÉM DAS PAREDES	
Danielle F. A. Christofoletti, Cristiane N. Kawaguti, Leandro D. Manfioletti, Ana Paula E. G. Teodoro, Viviane K. Dias, Gisele M. Schwartz.....	60
PROCESSOS COLABORATIVOS E MÍDIAS INTERATIVAS EM ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA: PRODUÇÃO CIENTÍFICA E PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Luiz A. V. Figueiredo, Diego U. Moreno.....	61
“SOBRE VALORES IMPLÍCITOS NA PRÁTICA DE ESPORTES DE AVENTURA NA MODERNIDADE”	
Gisele Juodinis.....	63

MEIO AMBIENTE E EDUCACAO FISICA: UMA RELACAO POR MEIO DAS ATIVIDADES DE AVENTURA E NA NATUREZA	
Tauan N. Maia, Gustavo B. R. Araujo, Gabriela A. G. Mota, Edmundo D. Alves Junior.....	64
AVALIAÇÃO DE BIOMARCADORES SALIVARES EM PRATICANTES AMADORES DE CORRIDA DE ORIENTAÇÃO	
Geisse Q. M. Cunha, Nathalia M. Resende, Paulo R. M. Nuñez, Aníbal M. Magalhães Neto.....	65
CORRIDA DE AVENTURA NO ECOMUSEU DA PICADA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Mateus Salerno, Pamela S. Vitória.....	66
O GRUPO PARKOUR PELOTAS	
Natália B. Bonow, Rafael L. Fonseca.....	67
NA BEIRA DO RIO	
Raphaelly M. Felix, Arthur Carrazzone, Leonardo M. Pereira, Leonardo T. R. Riela, Marcos W. Silva, Rainer A. Padilha.....	68
O SKATE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Caroline F. Simões, Érica Rigolin, Claudio A. Celestino, Camila E. Quintana, Augusto Perego....	69
A PRÁTICA DO SKATE E SEUS BENEFÍCIOS	
Danieli Emiliano, José H. D. Morais, Jacqueline Cardoso, Caroline F. Simões.....	70
CATEGORIZAÇÃO DOS PRATICANTES DE SKATE DA CIDADE COLOMBIANA DE MEDELLIN	
Jean M. Euflausino, Claudio A. Celestino, Carlos A. R. Herrera, Daisy Echavarria.....	71
AULA PASSEIO: CONHECENDO A NATUREZA PELAS PRÁTICAS DE AVENTURA CIDADÃ NO CONTEXTO ESCOLAR	
Júlio C. Madeira, Sérgio D. Madeira.....	72
ESPORTE COMO ESPAÇO DE RESPIRAÇÃO NA ERA DO EXTREMO	
Mauricio S. Avila, Júlio C. Madeira.....	73
GAEC: UM ESPAÇO SOCIAL DE PROMOÇÃO DA CULTURA DO ESPORTE E DA CIDADANIA	
Sérgio Dornelles, Júlio C. Madeira.....	74
A PRÁTICA DO REMO NO QUADRADO: UMA MANIFESTAÇÃO DE ECOCIDADANIA EM PELOTAS	
Sérgio D. Madeira, Júlio C. Madeira.....	75
LARANJAL: A LAGOA DOS PATOS COMO ESPAÇO GEOGRÁFICO E CULTURAL DAS PRÁTICAS DE ESPORTE E LAZER	
Sérgio D. Madeira, Júlio C. Madeira.....	76

TEMA LIVRE

SOBRE VALORES IMPLÍCITOS NA PRÁTICA DE ESPORTES DE AVENTURANA MODERNIDADE	
Gisele Juodinis.....	77
ESCALADA PARA AMPUTADOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO	
Isabela G. Marques, Thiago B. Bellusci, Luana M. Noda, Rui Corredeira, Tânia L. Bastos, Giuliano G. A. Pimentel.....	87
A ARCA DE NOÉ NA EDUCAÇÃO FÍSICA	
Dimitri Wuol Pereira.....	95
ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DAS ATIVIDADES DE AVENTURA NAS EMOÇÕES	
Rodolfo A. Zagui Filho, Kleber T. Carneiro.....	102
11º. ENCONTRO DE ESCALADA DE LONDRINA-PR: CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO PRESENTE	
Nayara Teixeira, Ernani Xavier Filho, Tony Honorato.....	109
ECOTURISMO EM PARQUES NACIONAIS: ANÁLISE DA VISITAÇÃO NO PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE/RS	
Débora Garcia Kickhöfel.....	112
TURISMO DE AVENTURA E OS IMPACTOS AMBIENTAIS: O CASO DO PARQUE DAS LARANJEIRAS/TRÊS COROAS/RS	
Marcela E. Santos, Daniel M. Botelho.....	116
TURISMO DE AVENTURA NO MUNICÍPIO DE SILVEIRA MARTINS / RIO GRANDE DO SUL: ATIVIDADES PRATICADAS NO ESPAÇO DA ROTA TURÍSTICA E GASTRONÔMICA SANTA MARIA – SILVEIRA MARTINS	
Carmen Terezinha Barcellos Lorenci.....	124
A INCLUSÃO DO SKATE COMO MODALIDADE ESPORTIVA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E/OU ATIVIDADES EXTRACURRICULARES NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAPIVARI DE BAIXO – SC	
Elias H. Luiz, Alzira I. Rosa, Romulo L. Graça.....	131
PROJETO PEDAL CURTICEIRA: ATIVIDADES E VALORES NO CONTEXTO SOCIOAMBIENTAL DE PELOTAS, RS	
Leandro Karam.....	141
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS ESPORTES DE AVENTURA: A AGENDA 21 EM QUESTÃO	
Márcia Morschbacher, Lovane M. Lemos, Luiz F. C. Veronez, Luciana M. N. Peil, Enio A. Pereira.....	146
TREINAMENTO PSICOLÓGICO E CORRIDA DE AVENTURA	
Jeferson S. Jerônimo.....	155



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

PERFIL DOS PRATICANTES DE KITESURF NA BARRA DA TIJUCA

Gustavo B. R. Araújo, Tauan N. Maia, Gabriela A. G. Mota, Edmundo D. Alves Júnior..... 160

PÔSTER

MOUNTAIN BIKE SOB O CONTEXTO DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA (AFANS) NA CIDADE DE LONDRINA

Leandro Dri Manfiolete¹, Viviane Kawano Dias¹, Giselle Helena Tavares¹, Leonardo Madeira Pereira¹, Danielle Auriemo Christofolletti¹, Tony Honorato²

¹LEL - Laboratório de Estudos do Lazer/DEF/IB/UNESP-RC

²Universidade Estadual de Londrina (UEL)

leandro_dri@hotmail.com

Atualmente, observa-se um crescimento da demanda social, acadêmica e profissional pelas Atividades Físicas de Aventura na Natureza – AFAN, as quais, por intermédio do *mountain bike* realizado na cidade de Londrina, faz com que o indivíduo se distancie da cidade indo em direção a trilhas de estradas rurais. Este tipo de modalidade envolve diversos aspectos subjetivos que requerem ainda compreensão. Assim, este estudo objetivou identificar alguns sentidos que motivam os indivíduos da cidade de Londrina a se deslocarem ao encontro do meio rural com *mountain bike*, desbravando trilhas, e ainda, questionou-se se os motivos que os conduzem a praticar esta atividade podem ser considerados sob a perspectiva das AFAN. A pesquisa exploratória referiu-se a uma investigação de natureza qualitativa, trabalhando com significados, sensações, motivações, valores e emoções. O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada, aplicada a uma amostra aleatória, porém, tendo como requisito básico a experiência prévia nas atividades com o equipamento *mountain bike*, em direção às estradas rurais, composta por **21** indivíduos. A partir das entrevistas, resgataram-se os discursos referentes aos objetivos tendo como pano de fundo, a Análise de Discurso. Contatou-se, nos discursos, a necessidade de um pedalar ancorado no desenvolvimento físico-motor, num processo que exige intenso gasto energético ao percorrer as trilhas, proporcionando o que os praticantes denominam de um corpo ativo e saudável, este traduzido em símbolos como saúde, qualidade de vida, atividade física/mental, prazer, vontade, liberdade, aventura, emoção, risco e superação de desafios. Conclui-se que, a prática do *mountain bike*, nesse caso, só trará significado, a partir do compartilhamento de emoções e sensações distintas, gerando assim, símbolos distintos entre as pessoas que estão ali no momento da atividade. Muitas vezes, logo após a pedalada, estas se reúnem para uma conversa informal, para discutir a compra de equipamentos, competições futuras e lugares a serem visitados, temas relacionados ao equipamento, entre outros. Pode-se também afirmar que o fenômeno *mountain bike* está efetivamente inserido dentro do tema AFAN.

Palavras-chave: *Mountain Bike*; AFAN; Natureza.

PRÁTICA SOCIOAMBIENTAL: ENSINO ALTERNATIVO ATRAVÉS DE SAÍDAS DE CAMPO PARA REALIZAÇÃO DE TRILHAS ECOLÓGICAS COM A COMUNIDADE ESCOLAR NO CAVG

Eugênia Adamy Basso, Michel Hallal Marques

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Campus Pelotas – Visconde da Graça, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
eugenia_basso@hotmail.com

Este trabalho procura abordar um relato de experiência, vivenciado em uma atividade de prática sócio-ambiental no Curso Técnico em Meio Ambiente do Campus Pelotas – Visconde da Graça, em que foi proporcionada uma relação entre o ambiente escolar e sua comunidade, incluindo alunos e professores. A referida vivência configura-se enquanto uma possível prática sustentável, construída a partir de discussões e planejamentos entre alunos e professores do curso técnico em Meio Ambiente, para que pudessem ser realizadas trilhas ecológicas em meio à vegetação existente no âmbito escolar, podendo-se conhecer o espaço físico e estudá-lo, aplicando princípios básicos de educação ambiental. O objetivo deste estudo é alcançar uma maior preservação do ambiente da instituição e proporcionar aos alunos uma melhor aprendizagem sobre trilhas ecológicas, através de práticas, e não apenas por aulas teóricas dentro das salas de aula. Para a realização dessas atividades, foram convidados os professores das seguintes disciplinas: Educação Física, Geografia, Educação Ambiental e áreas afins, para interligar todas as matérias, proporcionando assim uma prática interdisciplinar e unir os conhecimentos de cada área. O referido trabalho destina-se a alunos dos segundos e terceiros anos do curso de Meio Ambiente, pois esses já possuem noções básicas de Atividades Ecoturísticas. As saídas de campo foram realizadas uma vez por semana, com três turmas dos diferentes cursos integrados de nível médio da escola; dias antes da realização da trilha, foram dadas instruções sobre o comportamento durante a saída de campo (como por exemplo, o uso de roupa adequada e o cuidado com o meio a ser conhecido) e o roteiro a ser seguido. Segundo Vaz et al (2010), as saídas de campo servem para motivar os estudantes, pois possibilitam o contato direto com o meio e uma compreensão dos fenômenos ambientais. As trilhas, quando realizadas sustentavelmente, contêm maior valor e conteúdo significativo para a formação profissional e para a vida do estudante. Tendo em vista os princípios do ecoturismo e interligando todas as disciplinas envolvidas no trabalho, foi possível alcançar uma maior preservação da vegetação do CAVG e, além disso, a escola ficaria mais conhecida pela realização de projetos que contribuiriam para uma maior sustentabilidade local, inspirando outras instituições escolares a realizarem, também, projetos afins.

Palavras-chave: Trilhas Ecológicas; Educação Ambiental; Sustentabilidade.

A OFERTA DE TURISMO DE AVENTURA NA REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS- SC: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA DOS GESTORES DE EMPRESAS DO SETOR

Tiago Savi Mondo^{1,2,3}, Alcyane Marinho^{3,4}, Jane Iara Pereira da Costa^{2,3}

¹ Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina

² Grupo de Estudos e Pesquisas de Marketing – GEPEM

³ Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/SC, Brasil

⁴ Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano do CEFID/UDESC
tiagomondo@gmail.com

A oferta e demanda por serviços turísticos estão em grande expansão no mundo. Neste contexto, a região da Grande Florianópolis, no estado de Santa Catarina, possui recursos ímpares a esse respeito, principalmente em questões referentes ao ambiente natural. Frente à dimensão econômica, a permanente busca por novos produtos turísticos tem levado a inovações no setor: a especialização nos mais diversos segmentos, dentre eles o turismo de aventura, e com ele, as contraditórias exploração e revigoração dos mais diversos destinos. Partindo destas considerações, o objetivo deste trabalho é analisar a oferta de turismo de aventura em Florianópolis sob a perspectiva de gestores do setor. O trabalho é de caráter exploratório, qualitativo, do tipo estudo de caso. O instrumento utilizado foi a entrevista em profundidade. A amostra foi composta por seis das oito empresas vinculadas a ABETA em Florianópolis. As principais atividades oferecidas são: escola de surfe, escola de mergulho, paintball, kitesurfe, *rafting*, canoagem havaiana e tirolesa. Ainda existem as secundárias, realizadas por uma ou duas empresas das seis pesquisadas, são elas: *sandboard*, cicloturismo, arvorismo, pêndulo, *trekking* e corrida de orientação ou aventura. Observou-se uma maioria de clientes que consome a primeira experiência, mas poderá se tornar um cliente potencial para as demais atividades de turismo de aventura. Identificou-se a necessidade de ações para combater a sazonalidade e para a recepção de turistas estrangeiros. Percebeu-se disparidade com relação às expectativas com o mercado, dois gestores mencionaram que os negócios “vão mal”, outros quatro, afirmam que o mercado tende a crescer. Como formas de divulgação do negócio os meios mais utilizados são a internet, sites de relacionamentos, folders e agências de turismo. Sobre as formas de verificar a satisfação dos clientes, cinco dos entrevistados alegaram utilizar questionários. Também, de maneira informal, auferem sua satisfação, no *feedback* verbal e em expressões apresentadas logo depois da realização da atividade. Os gestores ainda mencionam que é um grande mercado na região em que se encontra. A abordagem de divulgação utilizada pelas empresas deve ser melhorada. Uma eficiente divulgação pode melhorar os resultados nos meses de baixa demanda. O foco principal deve ser para o período de menor procura com ações focalizando o público da região da grande Florianópolis. Ações de longo prazo visando fortalecer a imagem da empresa também são importantes. Percebe-se neste contexto, o interesse crescente pelo turismo de aventura dá uma dimensão de seu potencial econômico. A evolução deste segmento aponta para as necessidades de atenção à gestão, às escalas de utilização,



aos impactos e aos objetivos, procurando a harmonização entre conservação, cultura, turismo e educação, no sentido de torná-las práticas ilimitadas para que se visualize a interseção entre o turismo de aventura e os princípios da gestão e sustentabilidade.

Palavras-chave: Gestão de Serviços; Atividades de Aventura; Florianópolis.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS AULAS DE ESCALADA OFERECIDAS NA DISCIPLINA DE TEORIA E METODOLOGIA DOS ESPORTES DE AVENTURA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNISUL

Leandro Del Castanhel de Campos, Romulo Luiz da Graça

Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, Santa Catarina, Brasil
Leandro.campos@unisul.br

A escalada chegou à cidade de Tubarão em 2007 e este esporte vem se destacando na cidade. O município já realizou várias competições regionais e alguns festivais de escalada, além de ser sede de duas etapas do campeonato catarinense de escalada esportiva nos anos de 2009 e 2010. Com a inclusão de disciplinas voltadas ao estudo dos esportes de aventura na grade curricular do Curso de Educação Física da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, com sede nesta cidade, os acadêmicos também passam a ter contato com tais práticas e neste relato em particular com a escalada. Uma vez por semestre os acadêmicos matriculados na disciplina de Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura, visitam o Centro de Escalada Granito, também localizado na cidade de Tubarão – SC, local de treinos e encontro de alguns escaladores da região, as turmas conhecem os conceitos, princípios, técnicas, equipamentos e a metodologia de como aplicar esta modalidade em suas aulas de Educação Física. No dia 22 de outubro de 2010 aconteceu a primeira visita da turma ao local, os 34 alunos se encontraram no estacionamento da universidade, onde um ônibus os aguardava e os levaria para o destino. Com todos já no local, deu-se início a parte teórica da aula, além dos itens citados acima os alunos conheceram histórico da escalada na região, os principais locais propícios para prática da escalada na cidade. A segunda parte da aula foi realizada a parte prática, após um alongamento, os alunos tiveram atividades no chão, feitas com giz, simulando escaladas e jogos de aquecimento. Em seguida a turma foi dividida em cinco grupos e cada um direcionado a um boulder, desde travessia a lances mais técnicos, foi feito um rodízio entre os grupos para que todos pudessem experimentar cada movimento. Os alunos surpreenderam e superaram as expectativas, escalando os desafios propostos e tentando até criar seus próprios boulders. Muitos se dedicaram a tentar completar os Boulders mais difíceis. Tendo como parâmetro os comentários dos alunos, concluímos que a grande maioria dos alunos gostou da vivência, este tipo de aula tem ajudado a divulgar o esporte, pois, trata-se de novas tendências de conteúdos para uma Educação Física atual e desafiadora.

Palavras-chave: Escalada; Educação Física; Curso Superior de Educação Física.

O SKATE E O SKATISTA: PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO DO BAIRRO CENTRO DA CIDADE DE CAPIVARI DE BAIXO - SC

Elias Heleodoro Luiz, Romulo Luiz da Graça

Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, Santa Catarina, Brasil
elias_heleodoro@hotmail.com

Skate é uma prática esportiva que utiliza prioritariamente os membros inferiores para a execução de manobras em equilíbrio e movimento apoiando o corpo em um equipamento formado por pranchas de madeira ou fibra tendo embaixo dois eixos de rodas. Este firmase com uma das práticas mais populares do Brasil, desmistificando o conceito de irreverência atribuído aos praticantes pioneiros, o skate passou a ser objeto de consumo de todas as classes sociais. O presente estudo apresenta como problema Qual a percepção da população de Capivari de Baixo referente a modalidade skate e ao skatista. Esta pesquisa teve como objetivo descrever a relação skatista e sociedade, além de saber da população o que pensa em relação à modalidade de skate como forma de esporte e lazer e também a sua visão relacionada com as políticas públicas direcionadas ao skate. Quanto a metodologia o estudo teve caráter descritivo utilizando-se um questionário semi-estruturado com perguntas abertas e fechadas, tendo como amostra 120 indivíduos adultos da população do bairro Centro do município de Capivari de Baixo – SC. Ao final desta investigação pode-se afirmar que a maior parte da população concorda que haja incentivo ao skate por parte do poder público, além de considerar uma modalidade esportiva e de lazer, focando o skatista como um cidadão de bem que busca seu espaço no dia-a-dia. Conclui-se que o poder público está negligenciando a existência dos praticantes da modalidade no município e que o estereótipo de irreverência e marginalização criada no decorrer das últimas décadas vem desaparecendo da opinião pública.

Palavras-Chave: Skate; Skatista; Políticas Públicas.

ECOCAIAQUE: MOTIVOS E SIGNIFICADOS DE PARTICIPAÇÃO

Viviane Kawano Dias, Giselle Helena Tavares, Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro, Cristiane Naomi Kawaguti, Juliana de Paula Figueiredo, Leonardo Madeira Pereira

LEL – LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO LAZER – DEF/IB/UNESP/ Campus Rio Claro-
SP – Brasil
vivikdias@yahoo.com.br

Este estudo, de natureza qualitativa, teve como objetivo analisar os motivos e significados da participação de sujeitos em um evento de ecocaiaque. Para tanto, realizou-se uma pesquisa em duas etapas, sendo a primeira referente a uma revisão de literatura sobre as temáticas propostas e pertinentes para o entendimento deste estudo e, a segunda, correspondente a uma pesquisa exploratória. A amostra foi composta por 52 sujeitos de ambos os sexos, sendo 40 homens e 12 mulheres, com média de idade de 35,6 anos, de profissões diversificadas, todos participantes do evento Ecocaiaque, da cidade de Jales – SP. Utilizou-se como instrumento um questionário, o qual foi aplicado após a participação no evento. Neste, os participantes descem o Rio São José dos Dourados, de caiaque, num percurso de 14 km, com aproximadamente 2h 30min. de duração, recolhendo os lixos depositados nas margens do rio, discutindo sobre possíveis problemas de erosão, apreciando a fauna local e animais e, ainda, soltando levins doados pela sociedade. Os dados coletados indicam que, dos 52 sujeitos, 18 nunca haviam vivenciado a prática do caiaque. Os motivos que levaram à participação neste evento são variados, sendo que, para boa parte dos sujeitos, eles se relacionam com o amor e contato pela natureza e por influência dos amigos. Outros motivos também foram citados com menor incidência, como a possibilidade da aventura, de apreciação da natureza e, ainda, de ajudar na preservação da mesma. Diversão, motivação da limpeza do rio, poder praticar o caiaque, o compromisso com a sociedade, o desafio, a solidariedade, a ecologia, o meio ambiente, a saúde, a curiosidade, incentivo da família e envolvimento com questões sócio-ambientais também foram evidenciados. Já em relação ao significado desta participação, a maioria dos sujeitos respondeu que é muito gratificante poder contribuir com a preservação da natureza e, ainda, destacaram a interação e contato com a natureza e integração com amigos e diferentes pessoas. Também foram apontados a satisfação pessoal, o lazer, a diversão, o prazer, a aventura, a alegria, a liberdade, vida, ato de cidadania, saúde, melhoria como pessoa, ser solidário e conscientizar sobre a prática de esportes. Nota-se a sensibilização e conscientização dessa amostra em relação ao meio ambiente, assim como, para a possibilidade de favorecimento no estreitamento das interações entre o ser humano e a natureza, por meio da vivência de atividades de aventura na natureza. Esta vivência pode ser um fator estimulante para a educação ambiental e prática de atividade física, influenciando na mobilização e conscientização sobre os problemas socioambientais, podendo representar uma proposta satisfatória como medida de combate à degradação do meio ambiente. Torna-se interessante novas abordagens sobre esta temática, no sentido de se captar todo seu potencial.

Palavras-chave: Ecocaiaque; Motivos; Significados.

CAMINHANDO PARA O CONHECIMENTO: ESTUDOS SOBRE O TREKKING NO CBAA

Juliana de Paula Figueiredo, Cristiane Naomi Kawaguti, Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro, Leandro Dri Manfiolete, Giselle Helena Tavares, Gisele Maria Schwartz

LEL – Laboratório de Estudos do Lazer/DEF/IB/UNESP- Rio Claro, São Paulo, Brasil
julianapfig@hotmail.com

Devido à falta de gestão sobre o conhecimento produzido a respeito das atividades de aventura, torna-se difícil a produção de estudos que contemplem dados referenciais. Isto ocorre inclusive, no que concerne às pesquisas da modalidade trekking, motivando o interesse em aglutinar as informações sobre esta atividade veiculadas em anais de evento científico. O objetivo do estudo foi identificar a incidência de pesquisas sobre a modalidade trekking nos anais das cinco edições do CBAA - Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, de 2006 a 2010, buscando-se, inclusive, investigar os conteúdos estudados acerca desta modalidade. Para o desenvolvimento desta pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou-se a análise documental, realizada nos Anais deste evento científico, entre os trabalhos apresentados em forma de pôster e de tema livre, cujo foco central da pesquisa fosse a modalidade trekking (também identificada como caminhada ou trilha). Para a análise dos dados, utilizou-se a Técnica de Análise de Conteúdo Temático, identificando a recorrência dos temas pesquisados em eixos temáticos. Os resultados apontaram que, durante as cinco edições do evento, dos 313 trabalhos apresentados, apenas 13 abordaram especificamente o trekking. Nota-se que a incidência de trabalhos sobre esta modalidade ainda é baixa. Na 3ª e na 5ª edição, houve maior atenção sobre a temática. Os dados foram categorizados em 5 eixos, cada um contendo 2 trabalhos, exceto o eixo 5-Outros, o qual continha 5 trabalhos, em função da diversidade na abordagem. No eixo 1-Imaginário, um trabalho fez a relação da caminhada com o mito do herói/aventureiro e outro estudo contemplou o imaginário infantil. O eixo 2-Educação Física Escolar retratou a viabilidade de explorar esta modalidade durante as aulas de Educação Física e a possibilidade de utilizá-la para o desenvolvimento crítico-ambiental. O eixo 3-Fisiológico contemplou estudos referentes à frequência cardíaca e ao gasto energético. No eixo 4-Ambiental, os trabalhos discutiram um projeto universitário e a responsabilidade ambiental de praticantes. Por fim, o eixo 5-Outros contemplou trabalhos referentes ao manejo e planejamento de trilhas, aspectos históricos, base para o ensinamento de outra modalidade de aventura, perfil dos praticantes e sensações durante a prática. Com base na gestão desse conhecimento, pode-se inferir que o trekking é uma modalidade de aventura que possibilita inúmeras aplicações e diversos campos de pesquisa, especialmente pelo fato de não necessitar equipamentos específicos, o que facilita a prática e, até mesmo, sua abordagem nos âmbitos escolar e no lazer. O apelo do contato com a natureza, questões ambientais e preservacionistas permeiam muitos estudos científicos, o que permite reiterar que esta modalidade representa um meio facilitador para satisfazer a busca do ser humano pelo reencontro com a natureza e com



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

sua própria natureza, muito evidente na contemporaneidade. Sugerem-se novos estudos no sentido de sistematizar o conhecimento produzido sobre esta temática.

Palavras-chave: Trekking; Pesquisa; Lazer.

O SKATE COMO FOCO DAS ATIVIDADES DE AVENTURA

Cristiane Naomi Kawaguti, Juliana de Paula Figueiredo, Leonardo Madeira Pereira, Danielle Auriemo Christofolletti, Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro, Gisele Maria Schwartz

LEL – Laboratório de Estudos do Lazer/DEF/IB/UNESP - Rio Claro, São Paulo, Brasil
naomi_guti@yahoo.com.br

É crescente o interesse em abordar as atividades de aventura no âmbito acadêmico, existindo, inclusive, um congresso científico específico para esta temática. Essas atividades têm sido cada vez mais praticadas e podem ser divididas conforme o meio em que são vivenciadas, ou seja, natural ou urbano. No entanto, essa modalidade parece ainda não ser muito explorada no meio acadêmico, fato que motivou o desenvolvimento desta pesquisa, a qual teve como objetivo verificar a incidência e as abordagens de trabalhos relacionados ao skate no Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA). Para tanto, foi realizado uma pesquisa documental, nos Anais das cinco edições do CBAA, de todas as pesquisas relacionadas diretamente ao skate, descartando-se aquelas em que esse termo foi apenas citado. Para a análise dos dados foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo Temático. Foram localizados 313 trabalhos no total, sendo somente 10 relacionados ao skate, os quais foram categorizados em quatro eixos temáticos: âmbito escolar (3), perfil de praticantes (2), políticas públicas (2) e outros (3). No eixo âmbito escolar, dois trabalhos evidenciaram o aspecto educacional desta prática e um focalizou as estratégias de ensino-aprendizagem encontradas na literatura. No eixo perfil de praticantes, as duas pesquisas apresentaram resultados semelhantes, tendo a predominância de jovens praticantes e que participavam de algum tipo de competição. No entanto, um dos trabalhos fez uma investigação mais complexa, evidenciando, ainda, o grau de instrução, renda familiar, frequência de prática, tipos de lesões mais recorrentes e em que parte ocorriam essas lesões. No eixo temático políticas públicas, um dos trabalhos procurou relatar a trajetória da construção do maior parque de esportes radicais do Brasil, na cidade de São Bernardo do Campo (SP), desde seu planejamento até a sua inauguração, salientando o seu sucesso, devido ao fato de ter sido construído a partir das contribuições dos próprios esportistas. A outra pesquisa realizada na cidade de Maringá (PR) verificou más condições de infra-estrutura, sob a ótica dos praticantes. No último eixo outros, foram inseridos os trabalhos que não apresentavam elementos em comum. Um deles criticava a subjetividade no julgamento em competições do skate street; outro fazia referência à inserção do gênero feminino nessa modalidade esportiva, demonstrando seu crescimento e, o último, evidenciou a relação dos fatores que podem favorecer ou minimizar a prática do skate, destacando a experiência como um dos fatores que mais podem influenciar de forma positiva ou negativa. Desta forma, pode-se concluir que, embora existam diversas possibilidades de investigação científica sobre o skate, ainda são escassas as pesquisas que focalizam essa temática, necessitando novos estudos sob diferentes perspectivas, já que essa é uma das modalidades de aventura mais praticadas no meio urbano.

Palavras-chave: Skate; CBAA; Pesquisa Científica.

O ARVORISMO NO CONTEXTO DO CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA

Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro, Viviane Kawano Dias, Giselle Helena Tavares, Danielle Ferreira Auriemo Christofoletti, Leandro Dri Manfiolete, Gisele Maria Schwartz

LEL – Laboratório de Estudos do Lazer/DEF/IB/UNESP- Rio Claro, São Paulo, Brasil
anapaulaguizarde@yahoo.com.br

O arvorismo é uma técnica que pode ser utilizada, tanto durante pesquisas na área de ecologia de dossel, ou vivenciado no campo do lazer, como uma atividade de aventura, na natureza e em espaços artificiais, podendo, ainda, ser inserido no âmbito escolar. Apesar desse interesse crescente sobre a utilização dessa técnica do arvorismo para atividades diversas, a mesma vem sendo pouco estudada e divulgada, ainda, em âmbito cientificamente. Com base nesse argumento, este estudo de natureza qualitativa teve por objetivo investigar o arvorismo como temática divulgada nos trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA). Para tanto, optou-se pela pesquisa exploratória, realizada por meio de análise documental feita nos anais do I, II, III, IV e V CBAA, os quais ocorreram no período de 2006 a 2010. A busca nos anais foi realizada tanto para a modalidade pôster quanto para a modalidade tema livre, utilizando as palavras-chave: arvorismo e arborismo. Foi considerado o número total de trabalhos que apresentou no título ou no corpo do texto a palavra arvorismo ou arborismo. Os dados foram analisados descritivamente, com base na Técnica de Análise de Conteúdo Temático. Os resultados demonstraram que, dos 313 trabalhos apresentados em todas as versões do Congresso, ocorreram 23 incidências com a palavra-chave arvorismo, e, 1 com a palavra-chave arborismo, totalizando 24 trabalhos. Dos 24 trabalhos encontrados, apenas um trazia arvorismo no título do trabalho e nos 23 restantes, a incidência “arvorismo” ou “arborismo” ocorreu no corpo do texto. Dos 24 trabalhos, 3 incidências ocorreram no I CBAA, 3 no II CBAA, 5 no III CBAA, 5 no IV CBAA e 8 no V CBAA, demonstrando assim, uma crescente no número de trabalhos que comentaram sobre a temática, conforme o passar dos anos. Foram encontrados 8 trabalhos que mencionavam sobre arvorismo em suas etapas de revisão de literatura, como um exemplo de atividade do contexto da aventura. Já, 6 trabalhos, indicavam o arvorismo como uma possibilidade de atividade a ser aplicada no ambiente escolar. Em 4 trabalhos foram exemplificados projetos que contemplavam a modalidade, além de 2 trabalhos associado o arvorismo como uma possível ferramenta nos treinamentos empresariais ao ar livre. Outros trabalhos referiram-se ao arvorismo como uma atividade a ser desenvolvida em hotéis e eventos ou mesmo, como uma opção de atividade para a terceira idade. Dos 24 trabalhos, apenas 1, avaliou o nível de estresse de instrutores de arvorismo. Mesmo encontrando-se trabalhos que mencionavam a modalidade arvorismo no corpo do texto ou título, nenhum, estudou especificamente a modalidade, merecendo atenção nesse sentido. Portanto, tornam-se importantes novas discussões por parte do meio acadêmico, no sentido de buscar a divulgação do arvorismo, direcionando novos caminhos de pesquisa relacionadas na área.

Palavras-chave: Arvorismo; CBAA; Pesquisa.

OPINIÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A INSERÇÃO DO SKATE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Claudio Alexandre Celestino, Camila Eloisa Quintana, Caroline Ferraz Simões, Érica Rigolin, Augusto Perego, Giuliano Gomes de Assis Pimentel

GEL - Grupo de Estudos do Lazer - Universidade Estadual de Maringá, Maringá - PR, Brasil
claudioalexandrecelestino@hotmail.com

Introdução: Em função de pesquisas do Grupo de Estudos do Lazer sobre demanda potencial para a atividade de aventura, foi evidenciada a carência de propostas e de iniciativas públicas para oferta dessa prática. Visando atender parte dessa demanda potencial, no ano de 2010, o Grupo de Estudos do Lazer, da Universidade Estadual de Maringá, em parceria com a Escola Estadual Professor Francisco José Periotto, da cidade de Mandaguaçu-PR, realizou aulas de iniciação ao Skate. **Objetivo:** Identificar a percepção de alunos de 7ª série sobre a prática do skate como conteúdo escolar. **Métodos:** O estudo caracterizou-se como exploratório. Foram realizadas aulas para 26 alunos da 7ª série do ensino fundamental, com idades entre 12 e 18 anos. Foram realizadas aulas com conteúdo teórico-práticos, realizadas durante três semanas, com carga horária semanal de cinco horas. Ao final das aulas foi aplicado um questionário semi-estruturado contendo um total de oito questões. Para análise foram utilizadas apenas as questões sobre como os alunos dessa faixa etária classificam a prática do skate (opções: esporte, atividade de aventura, jogo ou brincadeira), e se o skate deve fazer parte do conteúdo escolar. **Resultados:** Após tabulação, 73% classificam o skate como esporte, 19% como atividade de aventura, 4% como jogo e 4% como brincadeira. Em relação se o skate deve fazer parte do conteúdo escolar, 100% dos alunos julgaram importante sua aplicação nas aulas de Educação Física. **Conclusão:** Podemos concluir que o skate é visto predominantemente como um esporte pelos alunos, havendo uma visão complementar ligando-o à aventura. Após a experimentação nas aulas de Educação Física, o skate escolar, na visão dos alunos, tornou-se uma possibilidade.

Palavras-Chave: Skate; Alunos; Escola.

PRECONCEITO EM RELAÇÃO À PRÁTICA DO SKATE ENTRE AS MULHERES

Claudio Alexandre Celestino, Isabelle Niviane Tomazi Amorim, Giuliano Gomes de Assis Pimentel

GEL - Grupo de Estudos do Lazer – Universidade Estadual de Maringá, Maringá - PR, Brasil
claudioalexandrecelestino@hotmail.com

Introdução: O skate é uma modalidade esportiva que possui cerca de três milhões oitocentos e sessenta mil praticantes brasileiros, estando entre os dez esportes mais praticados no país. Sendo tão difundido, ele ainda é desigual na apropriação dessa prática pelas mulheres, as quais são em reduzido número. **Objetivo:** Identificar se o preconceito em relação à mulher na prática do skate está presente no skatista. **Metodologia:** O estudo caracterizou-se exploratório. A amostra foi composta por 93 skatistas, sendo todos do gênero masculino, com idades entre 16 e 60, todos localizados em locais públicos com pistas de skates, competições regionais em cidades do noroeste do Paraná. O instrumento utilizado foi “Questionário GEL 2009 – Definição e Caracterização dos Esportes de Aventura”, adaptado para o skate, sendo composto por trinta e duas questões divididas em dois blocos. Para análise foi utilizada apenas a questão sobre o skate e o preconceito, sobre o qual pergunta se no skate a mulher é menos capaz pela sua fragilidade. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva. **Resultados:** Identificamos quanto a questão da mulher ser menos capaz devido sua fragilidade, 73 % das respostas discordam dessa afirmação; 12 % não possuem opinião formada sobre esse assunto; e 15 % concordam com essa afirmação. **Conclusão:** A maior parte dos praticantes, mesmo garantido o anonimato, não demonstrou preconceito em relação ao tópico do instrumento. Com base nesse resultado, se recomenda a realização de estudo junto às mulheres para identificar sua percepção quanto ao fenômeno.

Palavras-Chave: Skate; Preconceito; Mulher.

UMA AVENTURA ECOLÓGICA VIVENCIADA PELOS ALUNOS ESPECIAIS DO CERENEP NA FUNDAÇÃO ECOLÓGICA TAPAHUE

Francisco Marlon da Silva Gomes¹, Marceli Pureza de Melo², Loriane Corrêa Cardoso³, Rafael Mello Martins³, Wirliane da Silva de Melo², Marco Aurélio da Silva Gomes⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas – UFPel – Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

² Faculdade de Macapá – FAMA – Macapá, Amapá, Brasil

³ Centro de Reabilitação de Pelotas – CERENEP – Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

⁴ Universidade Vale do Acaraú- UVA – Macapá, Amapá, Brasil

marlonmacapa@hotmail.com

O presente trabalho é relato de uma aventura ecológica realizada com alunos do Centro de Reabilitação de Pelotas - CERENEP na Fundação Tupahue localizada próximo bairro laranjal em Pelotas-RS, a qual foi possível através da parceria firmada entre as instituições supracitada, cujo objetivo foi de proporcionar aos alunos portadores de necessidades especiais a oportunidade de socialização, integração, lazer, aprendizagem e vivência ecológica. Construída através das experiências vivenciadas junto à natureza in locu. A programação fez parte do projeto interno denominado a Semana do Jovem que foi planejada pela equipe técnica do CERENEP, participaram da excursão 8 professores do centro e dois voluntários professores de educação física e 65 alunos devidamente autorizados pelos pais. O referido trabalho é um estudo descritivo, com relato dos fatos registrados pela observação nas atividades desenvolvidas. Os alunos foram organizados em equipes identificadas por cor, cada cor representava o grau de dificuldade motora, os alunos receberam uma fita correspondente a sua equipe que foram postas em seus punhos. As equipes se deslocaram do CERENEP a reserva ecológica em dois ônibus cedido por uma empresa de Pelotas, ao chegarem à reserva os alunos puderam fazer perguntas pertinentes ao local, logo após as equipes percorreram em trilhas separadas, durante o passeio os alunos tiveram a oportunidade de conhecer parte da riqueza natural da reserva como: fauna e flora, animais silvestres, lagoas e rios naturais, montanhas de areias, vista do município de Pelotas. Os alunos realizaram caminhadas monitoradas entre os bosques de mata fechada e campos abertos ao belíssimo por do sol, caminhos entre o areal e ao longo do percurso aproveitaram a oportunidade para registrar os momentos com seus colegas da natureza em lindas fotografias. Os guias da reserva explanaram a história entre Pelotas e Rio grande e os aspectos ecológicos ali encontrados. As equipes tiveram alguns minutos de descanso para um breve piquenique em uma maloca em meio à mata fechada, onde os mesmos aproveitaram para saborear seus lanches e bebidas, assim podendo unir as equipes para interagirem. Após o intervalo houve mais alguns minutos de passeio e logo após os alunos se prepararam para a despedida e retorno ao CERENEP. Ao término houve agradecimentos por parte dos organizadores da reserva e coordenação do Centro pelo grande momento oportunizado a todos. Momentos como esse é de grande relevância para a vida do aluno especial tendo em vista que tanto eles quanto os ditos normais necessitam vivenciar experiências que proporcione saberes sobre nosso meio ambiente, formais de conservação, importância e



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

consciência a respeito da responsabilidade de cada ser, isso os aproxima da realidade, facilitando a construção das múltiplas aprendizagens que auxiliarão na autonomia e na utilização para a aquisição de novos conhecimentos.

Palavras-chave: Trilha Ecológica; Educação Especial; Passeio Ecológico.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, TURISMO E SUSTENTABILIDADE NA MATA DO TOTÓ, PELOTAS - RS

Alessandra Buriol Farinha

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas – RS – Brasil
alefarinha@yahoo.com.br

Este trabalho propõe o estudo da relação entre Educação Patrimonial, Turismo e Desenvolvimento Sustentável com estudantes de séries iniciais de Pelotas - RS, tendo como local e base de estudos e lazer a região da Mata do Totó, mais especificamente a estrutura física do Ecocamping Municipal. A Mata do Totó é um resquício de Mata Atlântica encontrada no litoral da Lagoa dos Patos. O objetivo do trabalho é descobrir ações educativas para a formação de crianças e adolescentes conscientes da sua função social, determinando como se pode proteger o meio em que se inserem e os bens socioambientais. Da mesma forma, pretende que este patrimônio natural da cidade seja reconhecido e incorporado pela comunidade escolar. O trabalho justifica-se pela carência da educação voltada para o patrimônio cultural e para a preservação ambiental nas comunidades, nas escolas. Através da educação patrimonial e ambiental voltada para crianças, estaremos transmitindo conhecimentos que podem ser multiplicados de forma mais dinâmica através destas, que são o futuro da humanidade, assim como é a preservação do meio ambiente.

Palavras-chave: Educação Patrimonial; Turismo; Meio Ambiente.

ENSINO E PESQUISA: O USO DE LABORATÓRIO COMO INSTRUMENTO PARA O ESTUDO DO TURISMO DE AVENTURA

Waldir Leonel, Rayssa Karine Durigon, Celeste Alves Venancio

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Dourados, MS, Brasil
waldirleonel@uems.br

A criação do Laboratório de Planejamento e Organização do Turismo em Ambientes Naturais - LabPotan, da UEMS, ocorreu em 2006, que se deu na busca de investir na ênfase do curso (Ambientes Naturais) e nas necessidades de atender ao seu público interno, bem como a comunidade, atendendo e divulgando as ações que poderão ser desenvolvidas neste laboratório. Nesta perspectiva, a criação do laboratório respalda-se no próprio projeto pedagógico do curso que se justifica no crescimento da atividade turística em ambientes naturais no mundo, incluindo o Brasil e principalmente no estado de Mato Grosso do Sul, que exige formação de profissionais capacitados que saibam lidar com diferentes tipos de informações, tanto técnicas quanto científicas dos lugares que atuarão, devido à ênfase em ambientes naturais. Nesse sentido, é imprescindível a efetivação de um laboratório, para que os acadêmicos e demais interessados tenham acesso às ferramentas necessárias para otimizar o processo de consultoria e prestação de serviços no mercado de planejamento do turismo em ambientes naturais. O laboratório privilegia a participação dos alunos através do desenvolvimento da criatividade, da responsabilidade e da busca por conhecimento e controle, fazendo com que ele não só aprenda, mas crie a iniciativa de aprender a buscar informações. É no laboratório que são desenvolvidas atividades programadas, visitas técnicas e palestras relativas a empreendimentos de natureza turística especialmente as vinculadas a atividades de lazer em ambientes naturais e à prática de esportes de aventura. As atividades do programa visam uma interação do aprendizado teórico com a experiência prática que contribui para que o aluno complemente sua formação na área escolhida. Neste contexto, foi criado o Grupo de Espeleologia Serra da Bodoquena – GESB, que efetivou vários estudos e catalogação de cavernas na referida área; ainda foram realizados diferentes cursos envolvendo as atividades de aventura, tais como técnicas verticais, mergulho, flutuação, entre outros. O laboratório possui diversos equipamentos para a realização de atividades de aventura que estão disponíveis para uso em ações práticas do curso, equipamentos para uso em flutuação, rafting, cursos de técnicas verticais, aparelhagem para mergulho, entre outros. Além de subsidiar as disciplinas específicas do curso, Planejamento e Organização do Turismo em Ambientes Naturais (POTAN) e Técnicas Avançadas de Turismo em Ambientes Naturais (TAN). Sendo através deste laboratório que se promove a interação teoria versus prática, e através de ações de extensão que efetiva com a comunidade a demonstração das habilidades e conhecimentos dos alunos de turismo, na familiarização e na participação de técnicas de turismo de aventura em ambientes naturais.

Palavras-chave: Turismo; Laboratório; Ambientes Naturais.

TURISMO DE AVENTURA NOS CAMINHOS RURAIS DE PORTO ALEGRE

Aline Moraes Cunha, Mayara Roberta Martins

PGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural/UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil
alinetur@yahoo.com.br

Iniciado em 2008, o Projeto de Fortalecimento de Iniciativas de Turismo de Base Comunitária, executado pela COODESTUR – Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico, através de convênio firmado com o MTUR - Ministério do Turismo e apoio da Associação Porto Alegre Rural e Secretaria Municipal de Turismo de Porto Alegre, tem promovido a segmentação turística nos Caminhos Rurais de Porto Alegre. O diagnóstico turístico realizado nos 41 empreendimentos até então integrantes deste destino, apontou a ampliação do leque de segmentos a serem ofertados à comercialização, para além do Turismo Rural, agregando a oferta de Ecoturismo, Turismo Cultural e de Estudos e Intercâmbio. Atualmente em fase de ampliação e renovado junto ao MTUR até março de 2012, o projeto reconhece e encaminha como novo produto turístico a ser lançado, o segmento de Turismo de Aventura. O objetivo deste projeto e dos estudos em andamento, é a ampliação e diversificação da oferta turística nos Caminhos Rurais de Porto Alegre. Através desta ampliação, espera-se como consequência direta a agregação de renda aos empreendedores e produtores rurais que se propuserem a agregar atividades do Turismo de Aventura à sua atividade principal. Para o alcance deste objetivo, encontra-se em execução o diagnóstico de propriedades, a orientação e a qualificação quanto às adequações legais e de segurança necessárias, para o atendimento às normas da ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas e também a realização de estudo de capacidade de carga em todas as propriedades. Como resultados preliminares, já foram identificadas potencialidades para o desenvolvimento de atividades do elemento terra. Duas propriedades que trabalham com cavalgadas, uma propriedade com potencial para trilhas de graus de dificuldade variados e integração com via de arvorismo e uma segunda com via de arvorismo e tirolesa. Dois percursos para caminhadas já mapeados, um de curta e um de longa duração e em fase de estudos a implantação de uma via de cicloturismo. Deste modo, apontamos aqui o potencial para o segmento do Turismo de Aventura nos Caminhos Rurais de Porto Alegre e a necessidade de identificação e qualificação das atividades ofertadas, como forma de garantir um produto de qualidade e de segurança aos turistas. Isto tudo localizado na área rural de Porto Alegre a cerca de 30 minutos do centro da capital gaúcha. Espera-se que a atratividade gerada pelas atividades de Turismo de Aventura, venham a agregar valor à atratividade da oferta turística já existente e conseqüentemente ao apresentar as oportunidades de contato com a natureza dentro desta capital, venha a valorizar ainda mais a importância da preservação deste espaço e o reconhecimento do turismo como uma alternativa complementar para o desenvolvimento rural da região.

Palavras-chave: Turismo de Aventura; Caminhos Rurais de Porto Alegre; Desenvolvimento Rural.

ECOTURISMO E ATIVIDADES DE AVENTURA NO INTERIOR DA CIDADE DE PELOTAS-RS

Elise Azambuja Souza, Daniëlle Müller de Andrade

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense - Campus Pelotas – Visconde da Graça. Pelotas, RS, Brasil
elise.as@hotmail.com

Em decorrência da visão egocêntrica imposta pelo sistema capitalista a humanidade está tomando um rumo que poderá levá-la à autodestruição, tendo em vista que a rotina do homem moderno resume-se em viver sufocado em grandes metrópoles, cercado por poluição, trânsito excessivo, grandes edificações, dentre outros fatores geradores de elevado nível de stress. Em meio às imposições da vida moderna, tornou-se incomum o contato com a natureza de forma pacífica, tanto por falta de tempo quanto de oportunidade. Propõe-se então, o caminho inverso, o uso da natureza de forma racional, a partir da prática do Ecoturismo, através dos esportes de aventura, sugerindo assim, o contato direto das pessoas com o meio natural, proporcionando uma forma de relaxar e esquecer os problemas rotineiros, por meio da visitação e observação de paisagens naturais e das individualidades que as compõem, fazendo com que o homem, reveja valores, conceitos e sentidos. O RS possui um ramo turístico consistente, investindo principalmente no turismo cultural, embora no norte de estado exista maior exploração do ecoturismo, um segmento do turismo que está em ascensão, mas que é pouco difundido na metade sul do RS, embora esta região apresente um grande potencial para tal atividade que é fundamentada pelo chamado tripé da sustentabilidade, do qual fazem parte a garantia da conservação ambiental, a educação ambiental e os benefícios às comunidades receptoras, sendo seu principal objetivo a conservação e devida atenção à natureza, atendendo as necessidades da região e conciliando a demanda turística com a consciência ambiental. No sentido de contribuir para uma maior difusão deste tipo de atividade, este estudo tem como objetivo central, identificar o impacto da vivência de práticas de atividades ecoturísticas e turismo de aventura nas pessoas que as experimentam. Como metodologia serão realizadas práticas em meio natural como trilhas, rapel e atividades de sensibilização e percepção com um grupo de pessoas sem experiência nestas atividades. As atividades serão realizadas na Colônia Maciel, propriedade da família Camelato, interior da cidade de Pelotas-RS. Espera-se a partir das práticas promover uma maior conscientização da importância da conservação ambiental, bem como difundir a prática de turismo de aventura na nossa região, visto que o ecoturismo é uma proposta que não só necessita do ambiente conservado, como também incentiva sua conservação, envolvendo a comunidade local e promovendo a atração de turistas.

Palavras chave: Ecoturismo; Educação Ambiental; Esporte de Aventura.

ATIVIDADE FÍSICA DE AVENTURA NA NATUREZA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

André Fim Schittler, Uberti Jesus Ocampos Messina, Priscilla Lemos Freitas, Marlon Moreira

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões; O2 Eco Esporte; Santo Ângelo – RS – Brasil; Entre Ijuís – RS – Brasil
contato@o2eco esporte.com

As atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) constituem uma realidade no mundo atual e vêm ganhando cada vez mais adeptos as suas modalidades, seja pelo desafio, pelos valores inerentes ou pelo prazer proporcionado pela sua prática. Embora existam diferentes denominações como Esportes Radicais, Ecoesportes ou Esportes de Aventura, as AFAN'S podem ser consideradas como um resgate da cultura humana primitiva, onde os homens viviam em pleno contato com a natureza e seus desafios. Neste sentido, o estudo apresentará uma contextualização sobre as questões relacionadas às práticas de aventura na natureza, apresentando modalidades como: a escalada, o rapel, o arvorismo, a trilha, corridas de aventura e orientação, estabelecendo uma relação, destas com as propostas da Educação Física escolar. Esta discussão parte do contexto encontrado atualmente na escola, onde existe uma grande adesão ao esporte meramente reproduzido nos meios midiáticos, tanto por profissionais de Educação Física quanto por instituições de ensino, novas concepções procuram tratar o esporte como mecanismo de educação, ou seja, utilizado o mesmo não para promover novos atletas, mas sim com o intuito de transmitir, através de sua prática, culturas corporais de movimento, bem como valores e condutas inerentes às modalidades esportivas. Procura-se tratar do esporte inclusivo, que não vise promover a seleção dos mais habilidosos, mas integrar e envolver a todos num contexto educacional (Korsakas, 2002). Além da defesa de um esporte adaptado à escola, surgem novas alternativas referentes aos conteúdos da Educação Física, que se enquadram no mesmo sentido do esporte educacional, aliando a prática ao aprendizado. Dentro desta idéia é que se enquadram as AFAN, atividades ricas em elementos educacionais e sociais de integração, e que se caracterizam por atividades desafiadoras e com índices de motivação elevados (BETRÁN & BETRÁN, 2006). Outro fator relacionado aos aspectos sócio-pedagógicos e sem dúvida uma ferramenta de construção social, é o desenvolvimento de atitudes de cooperação, integração, superação de limites e medos. Nas atividades físicas na natureza é necessário muitas vezes abrir mão de vaidades individuais em função do benefício do grupo, como na situação de uma corrida de aventura, onde muitas vezes os mais preparados ou habilidosos tem que diminuir o ritmo ou ajudar outros integrantes da equipe para que todos consigam juntos atingir o objetivo em comum, outro exemplo simples pode acontecer em uma situação de medo de algum praticante no arvorismo, onde os outros terão que ter paciência de esperar o colega e respeitar sua dificuldade, muitas vezes tendo que auxiliá-lo e motivá-lo a superar seu medo (COIMBRA, 2006). Neste sentido, pode-se afirmar que as AFAN'S estão cercadas de elementos históricos, culturais, ambientais, e educacionais, o que



certamente a constitui como conteúdo a ser explorado pela Escola e especialmente pela Educação Física Escolar.

Palavras-chave: AFAN; Meio-Ambiente; Educação Física.

ECO AVES: UMA TRILHA ASSOCIADA A OBSERVAÇÃO DE AVES

Dante Andres Meller, Tiago Bertaso, Alfieri Roberto Callegaro

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões; O2 Eco Esporte; Santo Ângelo – RS – Brasil; Entre Ijuís – RS – Brasil
contato@o2ecoporte.com

Proporcionar aos visitantes a contemplação da natureza e das aves durante a visita a O2 Eco Esporte, tornou-se um elemento importante na Educação Ambiental. Encontramos no Rio Grande do Sul aves extremamente variadas e coloridas. As 624 espécies de aves listadas para o Estado somam mais de um terço das 1801 espécies conhecidas para o Brasil (Bencke 2001, CBRO 2011). Contudo, algumas espécies encontradas aqui em anos passados estão provavelmente extintas, devido à destruição de seus habitats naturais. A observação de aves é uma recreação educacional e saudável. Atualmente, tem sido um dos meios mais usados para reaproximar o homem à natureza. As aves, além de oferecerem às pessoas estímulos artísticos, intelectuais e espirituais, também desempenham reconhecido papel ecológico no meio ambiente. Entre os animais silvestres são elas que proporcionam a melhor combinação de beleza, hábitos interessantes e fácil observação (Belton 1986). Sua plumagem é bastante peculiar e mesmo as espécies mais comuns, quando vistas de perto, demonstram pequenos detalhes, com tal delicadeza, perfeição e precisão, que ninguém poderá deixar de admirar o refinado trabalho da natureza. O conhecimento da avifauna da região das missões, junto e através da educação ambiental, se faz necessário, já que grande é o número de aves ameaçadas de extinção devida, em parte, à perda de habitat (Benckee et al. 2003). A falta de consciência de muitos homens tem resultado num grande desequilíbrio ambiental. Desta forma, torna-se indispensável a sensibilização das pessoas a respeito da preservação da natureza; e as aves, como simples seres alados, talvez possam ser os mediadores entre o atarefado homem moderno e a saudosa mãe natureza. Objetivos: a) Proporcionar às pessoas uma atividade saudável e ecologicamente correta em meio à natureza; b) Observar e identificar em nível de espécie as aves que ocorrem na área; c) Explicar as interações das diferentes espécies de aves nos diferentes ecossistemas em que ocorrem; d) Ressaltar a importância da preservação da natureza de nossa região. Metodologia: a atividade implica em observar, em ambiente natural, as características, comportamentos e curiosidades das aves, buscando a identificação das mesmas. As observações ocorrem em trilhas, em meio à mata fechada, e em áreas abertas. Durante a atividade também é desenvolvido trabalho em grupo, com dinâmica de equipes, através do comportamento em campo no processo de observação e identificação das aves. Neste caminho...“Como observadores e amantes da natureza, nosso dever é o de sensibilizar as pessoas, a fim de que se conscientizem dos dois dons mais preciosos das aves: o de voar e o de cantar em liberdade. Aliás, dons, estes, que inspiram e alegram, com arte e melodia, a vida de muitas crianças, jovens e adultos no mundo todo convertendo-nos a uma vida mais simples, justa e humana”.

Palavras-chaves: Trilha; Aves; Educação Ambiental.

ANÁLISE DA IDENTIDADE CORPORATIVA DE UMA EMPRESA DE ATIVIDADE FÍSICA DE AVENTURA NA NATUREZA

Marlon Moreira, André Fim Schittler, Uberti Jesus Ocampos Messina, Priscilla Lemos Freitas

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões; O2 Eco Esporte; Santo Ângelo – RS – Brasil; Entre Ijuís – RS – Brasil
contato@o2ecoesporte.com

As atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) surgem como uma das maneiras efetivas para conscientizar a população para a proteção do meio ambiente, com suas diferentes práticas desenvolvidas nesse meio utilizando os recursos nele existentes constituindo além da prática uma proposta educacional (SCHWARTZ, 2006). Para que isso aconteça, as empresas que oferecem AFAN devem procurar, estabelecer em sua identidade corporativa, propostas de educação ambiental proporcionando ao seu público, além do prazer das práticas, uma conscientização para a preservação do meio ambiente. Podendo utilizar a natureza como fonte de renda, através de uma responsabilidade socioambiental. Tornando a corporação referência nesta área de atuação. A partir dessa ideologia, acredito que essa pesquisa contribuirá de maneira significativa para que os profissionais da área compreendam melhor as questões referentes às AFAN, à educação ambiental e a identidade corporativa de uma empresa que oferece essas práticas de aventura na natureza, com intuito de analisar e descrever essas ações, através de um estudo de caso descritivo embasado nas obras relacionadas neste contexto. São atividades ligadas à natureza realizadas de forma orientada despertando no ser humano a necessidade de preservação através da interação com esse ambiente, idealizando assim a educação ambiental. Neste sentido o estudo apresentará questões ligadas às práticas de aventura na natureza relacionadas à educação ambiental, tendo como objetivo uma investigação da identidade corporativa de uma empresa de Atividade Física de Aventura na Natureza. Contudo, pode-se afirmar que a empresa analisada possui uma identidade corporativa ligada à questão socioambiental, trabalhando junto com as atividades prestadas a educação ambiental.

Palavras-Chave: Atividade Física de Aventura na Natureza (AFAN); Educação Ambiental; Identidade Corporativa.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA

Priscilla Lemos Freitas, Uberti Jesus Ocampos Messina, André Fim Schittler, Marlon Moreira

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões; O2 Eco Esporte; Santo Ângelo – RS – Brasil; Entre Ijuís – RS – Brasil
contato@o2eco esporte.com

A aproximação do homem com a natureza se deve a procura de liberdade nas vivências relacionadas às atividades físicas de aventura na natureza (AFAN), isso se dá pelo fato de os esportes tradicionais possuírem formas totalmente diferentes dos esportes praticados juntos a natureza. Neste sentido, com a prática destas vivências de aventura podemos apresentar uma nova maneira de se relacionar face à natureza, e com isso possibilitar um novo pensar, agir e sentir. Para tal, esse estudo tem por objetivo observar os comportamentos atitudinais existentes na relação da prática de Atividades Físicas de Aventura na Natureza e a Educação Ambiental. Este estudo se caracterizou por uma pesquisa descritiva e exploratória, onde o grupo amostral foi composto por Escolares do Ensino Médio visitantes do Espaço O2 Eco Esporte, escolhidos por conveniência (não probabilística), os escolares possuíam idades entre 15 e 22 anos. A coleta de dados foi realizada no Espaço da Empresa O2 Eco Esporte, situado no município de Entre-Ijuís, próximo ao Trevo de acesso a cidade de Entre-Ijuís, na BR-285. Para a coleta de dados foram utilizados dois questionários: um antes das vivências de conceitos ambientais/AFAN e outro Questionário de Conceitos Ambientais/AFAN após as vivências. O **Questionário 1 - Diagnóstico de Conceitos Ambientais e AFAN**, composto por nove questões, sendo quatro questões fechadas e cinco questões abertas, são perguntas sobre Educação Ambiental e AFAN. Enquanto o **Questionário 2 - Revisão de Conceitos Ambientais e AFAN**, composto por quinze questões, sendo nove questões fechadas e seis questões abertas, são perguntas sobre Educação Ambiental e AFAN. Nesse estudo é necessário levar em consideração que a maioria dos alunos até o momento desta pesquisa não tinha tido nenhum contato com as AFAN, com isso foi possível perceber que no questionário respondido antes das vivências por essa falta de contato com esses esportes e também pela pouca informação que obtinham de Educação Ambiental, muitos não sabiam responder as questões. Após as vivências quando responderam o questionário novamente foi possível perceber que houve uma mudança positiva de atitudes e conceitos em relação a esses temas. Neste caminho fica evidente a relação positiva entre esses dois temas. Portanto, seria interessante a comunidade escolar valorizar a prática de aventura, como uma maneira de aproximar o sujeito da natureza, é claro que as escolas muitas vezes não tem condições financeiras para ter os equipamentos que envolvem essas práticas, mas com a ajuda da comunidade e com a produção de materiais alternativos essa proposta seria possível. Confirmam-se as considerações apontadas por Marinho (2005), onde as AFAN'S requerem um repensar sobre o meio ambiente a partir de três aspectos interdependentes: a prática, a



conservação ambiental e o processo educativo, podendo despertar em nós uma sensibilidade e responsabilidade ambiental.

Palavras-chave: AFAN; Meio-Ambiente; Educação Ambiental.

ATIVIDADES CIRCENSES E DE AVENTURA: APROVEITAMENTO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

José Ricardo Auricchio, André de Filippis, Nelson Carvalho Marcellino

Universidade Metodista de Piracicaba- SP, Brasil
jrauricchi@unimep.br

A Educação Física é o espaço escolar que permite ao aluno experimentar os movimentos, e por meio dessa experimentação, desenvolver um conhecimento corporal e uma consciência dos motivos que o levam a prática desses movimentos. Contudo, nem sempre isso acontece e parte do alunado acaba desmotivando-se pelas aulas de Educação Física. Essa desmotivação dos alunos tem início no final do Ensino Fundamental, quando os mesmos passam a ter uma visão mais crítica da realidade, não atribuindo à Educação Física tanta importância. O adolescente já crítico, não vê utilidade nas práticas para o seu mundo fora da escola, ou seja, a aula de educação física aplicada da mesma forma e com os mesmos conteúdos desde o ensino fundamental não se faz interessante. Este trabalho, baseado em pesquisa bibliográfica, visa ampliar o conhecimento sobre as atividades circenses e de aventura na escola, abrindo um leque de opções dos professores de educação física na montagem dos planos de aula, com temas que podem ser interessantes para a motivação e formação dos alunos. Este estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, onde conceituamos as palavras chaves: Atividades Circenses, Atividades de Aventura e Motivação analisando sua possível aplicação nas aulas de educação física escolar, utilizadas como elementos motivacionais principalmente para os adolescentes do ensino médio. Concluímos que atividades circenses como acrobacias de solo, malabarismos e funambulismos e atividades de aventura como parkour, skate e escalada entre outras, podem ser inseridas nas aulas de educação física escolar, aproximando-as do universo dos alunos nessa fase dos estudos, trazendo como resultado a motivação para a participação nas aulas, pois fazem parte da cultura corporal das crianças e adolescente brasileiros.

Palavras-chave: Atividades Circenses; Atividades de Aventura; Educação Física Escolar.

CORRIDA DE ORIENTAÇÃO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL COMO PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO NO BRASIL

Isabela Gouveia Marques, Thiago Bassani Bellusci

Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil
ig.marques@hotmail.com

Corrida de orientação é uma modalidade que consiste em percorrer determinado terreno utilizando um mapa preparado para esta finalidade, uma bússola, e encontrar os pontos de controle no menor tempo possível. Existem três regras básicas para a prática de corrida de orientação: passar por todos os pontos de controle, marcar corretamente o cartão de controle e preservar a natureza. Há pelo menos duas formas distintas de realizar corrida de orientação: com atletas em competições formais, e na escola com objetivos interdisciplinares, de formação e inclusão. A orientação desenvolve inteligências múltiplas, sendo linguística ou verbal, para a comunicação; lógico-matemática em resolução de problemas; musical em detectar sons do ambiente e situá-lo no mapa, e com isso a inteligência espacial em perceber a direção do som e interpretar o mapa; a cinestésica-corporal no desenvolvimento motor; inteligência naturalista na exploração; e inteligência intra e interpessoal em conhecer habilidades e limitações, autoconsciência, convivência, iniciativa, decisão e domínio de emoções. Ainda é uma atividade interdisciplinar em que pode ser trabalhada a matemática, história, geografia, física, dependendo do local em que acontece a atividade. Pensou-se em verificar se há estudos sobre corrida de orientação para pessoas com deficiência intelectual. Foi realizada revisão bibliográfica de artigos sobre o assunto no Brasil. Levantamento bibliográfico de estudos brasileiros detectou poucos resultados nessa modalidade, não sendo encontrados projetos com foco em pessoas com deficiência intelectual, as quais certamente poderiam beneficiar-se dos aspectos cognitivos positivos promovidos pela corrida de orientação. Sugere-se que projetos nesta área apresentem adaptações na estruturação e detalhamento do mapa, escalas mais adequadas, substituição dos pontos de controle por situações problemas, como perguntas de raciocínio lógico ou tarefas físicas, atividades promovidas em grupo, para cooperação e comunicação, promover situações que desenvolvam noção espaço temporal, memória, atenção e concentração.

Palavras-chave: Corrida de Orientação; Deficiência Intelectual; Inteligências Múltiplas.



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

AÇÕES GOVERNAMENTAIS DE INCENTIVO AO ESPORTE DE AVENTURA NO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS

Camila da Silva Ribeiro, Douglas Guerreiro dos Santos Rau, Paloma Garcia Amorim, Luiz Carlos Rigo

Escola Superior de Educação Física; Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
camii.ribeiro@hotmail.com

O papel das administrações municipais é fundamental para o bom desenvolvimento de uma cidade, são de suas atribuições: promover, divulgar e estimular atividades que incentivem as potencialidades de um município ou região. Deve auxiliar também na proposição e apoio a projetos voltados ao esporte, cultura, lazer de determinado local. Dentre as potencialidades existentes, o esporte de aventura tornou-se um atrativo turístico para muitas regiões. Na cidade de Pelotas, algumas se evidenciam principalmente na zona rural. Uma delas é a geografia, favorável para a prática das modalidades de mountain-bike, escalada, arvorismo, caminhadas (trekking e hiking), canoagem e rapel, pela presença de pequenas corredeiras, trechos de mata e paredões de pedras. Somado a isso, estes espaços propícios à prática, ficam localizados em um raio de, no máximo, 50 km da zona urbana. Podemos destacar, também, as propriedades privadas que oferecem desde serviços de gastronomia até estrutura para os praticantes de atividades de aventura. Estes fatores podem atrair não só turistas, mas também aos que procuram uma alternativa radical de lazer. Nesse sentido, esta pesquisa tem por objetivo identificar os projetos mantidos pelas Secretarias de Turismo, Secretaria de Esporte e Lazer e pela própria administração municipal. Para fazer este diagnóstico, foi realizado um levantamento no site da Prefeitura Municipal, e respectivas secretarias, sendo identificada uma listagem com os projetos em andamento, projetos de ação contínua e os já concluídos que contaram com o apoio destes órgãos governamentais. Foi constatado que apenas um dentre os sete projetos em andamento na Secretaria de Turismo diziam respeito a algum esporte, tratando do tema Cicloturismo. Já entre os projetos concluídos, nenhum estava relacionado ao turismo ou esporte de aventura. Não foram encontrados projetos relacionados ao turismo de aventura de ação contínua nesta secretaria. Já na Secretaria de Esporte da cidade de Pelotas, só nove projetos concluídos foram identificados, um estava diretamente ligado à aventura - "Grito das Águas – Corrida de Aventura da Zona Sul", cinco ligados a eventos realizados na natureza como competições esportivas. Identificando a quantidade de projetos ligados às atividades de aventura, percebeu-se que o montante de projetos sob responsabilidade municipal não condiz com a potencialidade existente na região de Pelotas. Uma vez que a geografia é privilegiada para a prática e a zona urbana encontra-se próxima à zona rural com fácil acesso, há um favorecimento para se desenvolver as modalidades esportivas na natureza. No entanto, percebe-se que as propostas governamentais não acompanharam a ascensão dos esportes de aventura como alternativa para alimentar o setor turístico da cidade.

Palavras-chave: Esportes de Aventura; Potencialidades; Projetos Governamentais.

MECANISMOS FISIOLÓGICOS ENVOLVIDOS NA PRÁTICA DE SLACKLINE

Leonardo Madeira Pereira, Juliana de Paula Figueiredo, Giselle Helena Tavares, Danielle Ferreira Auriemo Cristofolletti, Viviane Kawano Dias, Cristiane Naomi Kawaguti

LEL – Laboratório de estudos do lazer/DEF/IB/UNESP-RC, Rio Claro, São Paulo, Brasil
lelmadeira@yahoo.com.br

O slackline é uma atividade que surgiu como forma complementar no treinamento do equilíbrio dinâmico em escaladores e consiste na fixação de uma fita tubular entre dois pontos de ancoragem. O objetivo consiste em deslocar-se de um ponto a outro, sendo que a tensão da fita e distância dos pontos de ancoragem influenciam na estabilidade. Em iniciantes, percebe-se um tremor incontrollável no início, o qual, gradativamente, vai desaparecendo com o treinamento. Esta modalidade já tem sido inserida entre as atividades de aventura, porém, bem pouco se conhece sobre ela neste âmbito, o que motivou o interesse deste estudo, no sentido de investigar, na literatura especializada, enfoques sobre esta temática. Este estudo trata de uma pesquisa bibliográfica, realizada na base de dados PubMed, com o objetivo de investigar os possíveis mecanismos de adaptação ao slackline. Os resultados apontam que apenas dois trabalhos publicados nesta base relatam os efeitos do treinamento com slackline. O primeiro, publicado em outubro de 2010, investigou o efeito do treinamento, seguido de destreinamento, sobre o equilíbrio e a força. O segundo, publicado em março de 2011, destacou as adaptações neurofisiológicas que ocorrem com o treinamento de slackline. No primeiro estudo participaram 27 sujeitos divididos em grupo controle e intervenção. Os testes incluíram a medição de (a) Centro de Pressão total de deslocamentos durante a posição de uma perna em uma plataforma de equilíbrio e durante a reparação de um impulso de perturbação; (b) torque máximo e taxa de desenvolvimento de força (TDF), dos flexores plantares em um dispositivo isocinético e; (c) altura do salto sobre uma plataforma de força. Após o treinamento, nenhum efeito de interação significativa foi observado para as variáveis analisadas. Melhorias induzidas pelo treinamento foram encontrados para TDF que após a retirada do estímulo de treinamento, diminuiu ligeiramente. Dado que a promoção do equilíbrio e da força é importante para a prevenção de lesões, só alterações na TDF podem não ser suficientes para produzir um efeito do destreinamento. O segundo estudo contou com a participação de 24 sujeitos, os quais foram divididos em grupo controle e treinados. Após 10 sessões, o controle postural foi analisado, utilizando o reflexo de Hofmman (H) e Eletromiografia de superfície. Os indivíduos treinados foram capazes de manter o equilíbrio no slackline por pelo menos 20 s após as sessões de treino, o reflexo H foi significativamente reduzido. Do ponto de vista funcional, a redução do reflexo pode servir para suprimir oscilações incontrolláveis do reflexo mediado. Com base nesses estudos, o slackline pode ser uma estratégia de treinamento significativa para performance em modalidades que exigem capacidade de equilíbrio, porém, novos estudos devem ser realizados, com o propósito de entender os mecanismos envolvidos na adaptação do organismo nesta atividade.

Palavras-chave: Slackline; Fisiologia; Adaptação.

COMO OS PRATICANTES DE ESCALADA DA FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO DEFINEM SUA PRÁTICA?

Thiago Bassani Bellusci^{1,2}, Isabela Gouveia Marques^{1,2}, Guilherme Moraes Balbim^{2,3}

¹Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil

²GEL – Grupo de Estudos do Lazer

³Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL, Paraná, Brasil
bellusci87@hotmail.com

Introdução: A escalada é um esporte bastante acessível em Portugal, em especial na cidade do Porto, pois há estruturas físicas disponíveis à população. **Objetivo:** Verificar quais vocábulos são mais aceitos pelo praticante de escalada na Universidade do Porto. **Métodos:** Foi aplicado questionário estruturado tipo survey com 12 praticantes, 8 do gênero masculino e 4 do gênero feminino, tendo como critério de exclusão ter tempo de prática inferior a seis meses. Como instrumento foi utilizado o “Questionário GEL 2009 - Definição e Caracterização dos Esportes de Aventura”, adaptado à escalada, sendo composto por trinta e duas questões. Entretanto, para o presente estudo foram utilizadas as quatro questões – em Escala Likert - referentes à definição da modalidade em questão. A análise dos dados foi feita por meio de estatística descritiva, utilizando-se de frequências relativas. **Resultados:** A escalada era descrita como esporte radical, esporte de aventura, esporte de risco ou atividade física de aventura na natureza (AFAN). Os esportes radicais estão relacionados à aventura, risco, destemor e desafio; os esportes de risco são aqueles que apresentam elevado grau de risco, perigo; os esportes de aventuras têm como característica o risco e perigo calculados, sem treinamento anterior; as AFAN se relacionam a rituais, temores, aventura e risco. Considerando aceitação como a somatória das concordâncias parciais e plenas, o termo esporte radical teve aceitação de 75%, o esporte de aventura teve 83% de aceitação, o esporte de risco teve 39% de discordância e sem opinião, e a AFAN teve 100% de aceitação, sendo que 58% concordam plenamente. Interessante observar que, mesmo em um público envolvido em parede artificial, o conceito mais dominante liga a escalada à natureza. Esse resultado sugere a maior abrangência do termo atividade de aventura, sugerindo aumentar a amostra e realizar estudos no Brasil que estabeleçam uma análise comparativa. **Conclusões:** Portanto pode-se considerar que os praticantes estudados consideram a sua prática como atividade física de aventura na natureza, talvez por terem acesso constante ao meio natural, mesmo treinando com certa regularidade em paredes artificiais. Seria interessante abranger este estudo para verificar se a distância ou proximidade altera a percepção do escalador sobre sua prática.

Palavras-chave: Escalada; Praticantes; Vocábulos.

OBSERVATÓRIO DOS ESPORTES NA NATUREZA: CURSO BÁSICO DE MONTANHISMO

Gabriela Araujo Goes da Mota, Tauan Nunes Maia, Gustavo Bento Ribeiro Araujo, Edmundo Drummond Alves Junior

Departamento de Educação Física, Instituto de Educação Física, Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, RJ
gabriela_agm7@hotmail.com

Introdução: As atividades de aventura realizadas em ambientes naturais, tem se destacado como símbolos de identificação coletiva e de consumo da cultura esportiva que se relacionam com ecologia, aventura, coragem, audácia e jovialidade. A expansão deste fenômeno nos traz a refletir e discutir sobre os impactos causados na natureza, e sobre a importância dada a este assunto pelos praticantes dos esportes de montanha. Nos últimos anos, diversas investigações vêm sendo realizadas pelos membros do Grupo de Pesquisa Esporte Lazer e Natureza (GPELN) no sentido de identificar a lógica tanto dos praticantes, do meio institucional e também do mercado que hoje existe neste campo esportivo. Investigaremos o significado das atividades de aventura na natureza, através de análise de revisão bibliográfica e observação no local. A associação onde será realizada esta pesquisa é uma das mais antigas do gênero, trata-se do Clube dos Excursionistas do Rio de Janeiro (CERJ). É uma entidade reconhecida como de utilidade pública, sem fins lucrativos, cuja principal atividade é a prática do excursionismo em geral e do montanhismo em particular. O CERJ oferece dois cursos: o Curso Básico de Montanhismo (CBM) e a Escola Técnica de Guias Excursionistas (ETGE). No caso do primeiro, que será o foco de nossas investigações, ficamos sabendo que ele aborda conteúdos diversos que passam desde a História do Montanhismo a questão da Ética, Ecologia e do Mínimo Impacto. Assim queremos nos aprofundar para identificar como se apresenta o curso, em que lógica está estruturado, como é tratado à questão ambiental, quem são os responsáveis pelo CBM, quem são os alunos e o que eles procuram. Outra questão a ser abordada é o uso desse esporte de aventura para preencher o tempo de lazer do aluno. **Objetivo:** O objetivo geral deste estudo é interpretar o significado do campo esportivo das atividades de aventura na natureza em especial dos esportes de montanha através do que acontece no Clube dos Excursionistas do Rio de Janeiro em seu Curso Básico de Montanhismo. **Metodologia:** O estudo pretende se valer de observação do participante, com entrevistas semi-estruturadas aos alunos do CBM, intercalando com a literatura disponível. **Conclusão:** Estamos analisando o curso através de um participante observador, e podemos concluir que no CBM 2011 existe um grupo de alunos que procuram o Montanhismo como uma atividade de lazer, outros querem perder seus medos através da atividade, e outros vêm o Montanhismo como um grupo urbano, onde as pessoas que ali participam têm os mesmos gostos ou objetivos.

Palavras-chave: Esportes na Natureza; Lazer; Aventura.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESCALADA NA FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Thiago Bassani Bellusci, Isabela Gouveia Marques
Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual de Maringá; GEL- Grupo de
Estudo do Lazer
bellusci87@hotmail.com

A escalada é uma modalidade esportiva muito praticada em diversos países, em Portugal não é diferente, podemos considerar que esta prática necessita de lugar apropriado e materiais específicos. A Faculdade de Desporto da Universidade de Porto, FADEUP, possui uma parede de escalada artificial, como aproximadamente 10 metros de altura, quatro vias com diferentes níveis de dificuldades. Essa parede tem como utilidade auxiliar aulas de disciplinas na faculdade, bem como para o desporto escolar, e comunidade externa. Existe um gabinete responsável em promover a prática de esportes, o GADUP, Gabinete de Desporto da Universidade do Porto, e assim é possível que outras pessoas, sem estarem vinculadas a FADEUP, possam praticar diversas modalidades esportivas, entre elas, a escalada. Para praticar as modalidades da GADUP, é necessário fazer uma inscrição e pagar uma mensalidade de 15 euros. Este é um estudo de caso do tipo descritivo resultante do acompanhamento no grupo de escalada da Universidade do Porto, na Faculdade de Desporto no período de setembro de 2010 a janeiro de 2011, tendo uma média de vinte participantes, variando desde níveis mais básicos até avançados, e idade entre 16 e 35 anos. Como a Universidade do Porto é de referência, há muitos estudantes estrangeiros e com isso há uma diversidade cultural, na prática da escalada, também acontecia, tendo praticantes portugueses, brasileiros, italianos e espanhóis. Na escalada são trabalhados treinos duas vezes por semana com duração de duas horas por aula. Além de usufruir da parede, o gabinete tem todos os materiais necessários de segurança, e um instrutor que auxilia nos treinamentos. Nas aulas cada aluno faz o seu próprio treino, quando iniciante recebe uma atenção maior por parte do instrutor, e conforme vai ganhando autonomia acaba se tornando independente. Além das quatro vias fixas, os praticantes podem marcar suas vias com giz, a fim de dificultar e com isso melhorar as técnicas e aumentar o nível de desempenho. Todos os meses o GADUP fornece o material para que os membros façam uma saída a rocha, ou ao meio natural, os membros só tem o gasto com a locomoção, que geralmente vão de carro e dividem o combustível entre eles. Na região do Porto há um vale muito utilizado para a prática de escalada e técnicas verticais, o vale de Valongo, mas eles não se limitam apenas nas proximidades, chegam a viajar mais de cem quilômetros para diferentes vales, como o vale de Poios, a serra de Caramulo e a Serra da Estrela que é o ponto mais alto de Portugal.

Palavras-chave: Escalada; Treinos; FADEUP.

DIÁLOGOS ENTRE OS ESPORTES DE AVENTURA E O ESCOTISMO

Rodrigo Wiltgen Ferreira¹, Pedro Augusto Crespo da Silva¹, Pedro Decó Marques da Silva², Luiza Isnard Cardoso Ricardo¹

¹Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

²Faculdade da Serra Gaúcha, Caxias do Sul, RS, Brasil
wiltgenrodrigo@gmail.com

O escotismo data do século passado, sendo fundado pelo tenente-general do exército inglês Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, quando em 1907 levou vinte e um jovens para acampar na ilha de Brownsea. O escotismo propõe o desenvolvimento do jovem, através de um sistema de valores priorizando a honra, baseado na Promessa e na Lei escoteira. Este trabalho trata-se de um relato de experiência, que teve como objetivo principal analisar sobre as similaridades e as diferenças existentes entre o Escotismo e os Esportes de Aventura. A metodologia empregada baseou-se, principalmente, nos onze (11) anos de vivências de Escotismo e no conhecimento acadêmico, referente aos Esportes de Aventura, que tivemos acesso após ingressar no curso superior de Educação Física. Dentro de um Grupo Escoteiro existem divisões - as seções - e ao analisar como os esportes de aventura estão inseridos, notam-se singularidades em cada uma delas. Percebe-se ao analisar as atividades propostas para os lobinhos (7-11 anos), que os esportes de aventura não estão inseridos no contexto desta seção, pois o principal objetivo desta seção é a formação do caráter do indivíduo, afinal tratam-se de crianças e sua formação pessoal deve ser priorizada. Já ao analisar as atividades propostas para os escoteiros (11-15 anos), pode-se dizer que os esportes de aventura começam a ganhar forma, afinal, acampamentos tornam-se frequentes, bem como jornadas com orientação por bússola. Entretanto o foco da sessão ainda é a técnica escoteira, ou seja, como arrumar uma mochila, montagem de pioneiras, nós e amarras. Os seniores (15-18 anos) trabalham de forma diferente com o tema, pois têm um vasto conhecimento de técnicas escoteiras e com isso esta seção torna-se a mais propensa a integração com os esportes de aventura, aqui são realizados rapéis, jornadas prolongadas, tirolesas, etc. Para os seniores também são organizadas as Aventuras tanto nacionais quanto regionais, uma espécie de corrida de aventura sênior. Porém o caráter empregado difere da corrida de aventura esportiva comum, os seniores carregam todo o seu equipamento consigo como barracas, comida, panelas e roupas sobressalentes, tarefas também são impostas no decorrer do trajeto, como por exemplo, simular procedimentos de primeiros socorros, montar balsas, armar um acampamento e etc. Já nas corridas de aventuras esportivas, os atletas têm equipes de apoio os auxiliando durante o percurso, se utilizam de equipamentos sofisticados e vencer torna-se quase obrigação. Como conclusão, podemos afirmar que apesar de existirem muitas atividades práticas comuns, Escotismo e Esportes de Aventura possuem história, tradições, objetivos e filosofias próprias. Um exemplo, são as práticas competitivas, apesar de estarem presentes em ambos, as competições incentivadas no Escotismo possuem objetivos e valoração própria, que as diferem das competições dos Esportes de Aventura.

Palavras-Chave: Aventura; Esportes de Aventura; Escotismo.

DESPORTO ESCOLAR DE ESCALADA NA CIDADE DO PORTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Isabela Gouveia Marques, Thiago Bassani Bellusci, Guilherme Moraes Balbim

Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil; GEL – Grupo de Estudos do Lazer
ig.marques@hotmail.com

A escalada é uma atividade intrínseca do ser humano. Quando uma criança sobe em uma árvore, muro, ou qualquer ambiente vertical, está escalando. Tendo isso em conta, observa-se que as crianças possuem o desejo de estar em situações como essa, e estão em fases de desenvolvimento motor mais propícias para desenvolver as habilidades necessárias para a prática de escalada. O governo de Portugal implantou o Desporto Escolar, que consiste em atividades esportivas proporcionadas pelas escolas em horários extracurriculares. Cada escola disponibiliza as modalidades de acordo com suas condições, e várias optaram por oferecer a escalada. Algumas escolas conseguiram construir parede de escalada no próprio ginásio esportivo, enquanto outras que não tiveram essa condição disponibilizaram essa modalidade de Desporto Escolar a ser praticada em outro ambiente, como por exemplo, a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Cada aluno escolhe as modalidades que deseja participar, de acordo com sua disponibilidade de horário e com o número de vagas oferecidas. É preciso ter a autorização do responsável, e assim pode iniciar as atividades sem custo extra. Cada escola estipula a forma que será trabalhada, dependendo do número de inscritos, avalia se é preciso haver dois horários distintos, se haverá divisão por faixa etária ou níveis de prática. Durante as aulas, os alunos aprendem algumas técnicas de escalada, aprendem sobre os materiais e técnicas de segurança, exercícios de fortalecimento muscular e diversas estimulações para melhora do rendimento. Existem competições locais, distritais e nacionais de Desporto Escolar, que são momentos em que os alunos podem conhecer diversos tipos de parede de escalada, com diferentes graus de dificuldade, observar técnicas distintas, e aprendem a lidar com situações competitivas. Foi aplicado questionário estruturado tipo survey com 12 praticantes da modalidade na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, sendo que o critério de exclusão era praticar a mais de seis meses. Como instrumento foi utilizado o “Questionário GEL 2009 - Definição e Caracterização dos Esportes de Aventura”, adaptado à escalada, composto por trinta e duas questões. Uma pergunta era “a modalidade de escalada que você pratica pode ser considerada adequada para ser ensinada na escola?” 67% dos entrevistados concordaram plenamente, 25% concordaram parcialmente, e 8% assinalaram a opção “Não Concordo nem Discordo ou Não Tenho Opinião”. No Brasil a escalada é vista como uma modalidade elitista e pouco acessível. A implantação de ações no modelo Desporto Escolar deveriam ser incentivadas para reverter esse quadro.

Palavras-chave: Desporto Escolar; Escalada; Escola.

RIO JAGUARÃO – O TURISMO RESGATANDO UMA HISTÓRIA

Tibério Marques Schorn da Silva

Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, RS, Brasil
timbas@brturbo.com.br

Em 1801, o rei espanhol Carlos IV, sob influência de Napoleão Bonaparte, declarou guerra a Portugal, os exércitos franco-espanóis invadiram o Alentejo, esta disputa logo se resolveu. Entretanto a notícia demorou a chegar na Vila de Rio Grande, isso se transformou em motivo para expansão dos domínios portugueses no Sul do Brasil, Este ano foi o que virtualmente se definiu a atual conformação geográfica do Rio Grande do Sul (FRANCO, 2007). Desde então até o primeiro terço do século XX, o transporte de pessoas e cargas era feito prioritariamente pela via fluvial-lacustre, da cidade de Jaguarão aos centros estaduais de desenvolvimento (Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre). O Rio Jaguarão nasce na Coxilha da Arvorezinha, situada na RS 89, que liga Bagé a Pinheiro Machado. Percorre uma distância de 107 milhas, até sua desembocadura na Lagoa Mirim (EMYGDIO, 2003). Porém com a construção da Ponte Internacional Mauá em 1930 (SOARES, 2005), esta realidade muda, ficando a navegação em segundo plano. As atividades no Rio Jaguarão ficam resumidas a pequenos passeios particulares, aos pescadores que utilizam o rio para chegarem a Lagoa Mirim, e os barcos areeiros, que impulsionados pela área da construção civil, cortam as águas em busca da matéria prima. Neste sentido temos como objetivo um novo olhar sobre o potencial que este rio pode desenvolver através do turismo, que envolva as comunidades ribeirinhas (pescadores e areeiros), adequando as embarcações, e capacitando grupos de profissionais para o desenvolvimento de passeios turísticos no leito do Rio Jaguarão, quiçá a Lagoa Mirim e o País vizinho Uruguai. Por fim esta capacitação poderá criar novas frentes de trabalho e renda, principalmente no grupo de pescadores impedidos de exercer suas atividades na piracema (período de desova dos peixes), que nesta época tornam-se dependentes de auxílios dos governos e clubes de serviços. Este projeto pode beneficiar um trabalho binacional que poderá agregar a aventura de navegar em um rio belíssimo, o desfrutar de paisagens totalmente diferente daquelas que encontramos nos grandes centros, e a possibilidade de união das culturas da região da fronteira Brasil – Uruguai. Nosso trabalho está embasado na revisão bibliográfica sobre o tema e o histórico do rio, em entrevistas com comunidades ribeirinhas e associações de pescadores existentes na cidade de Jaguarão, e nos órgãos de desenvolvimento turístico da cidade. Desta forma concluímos a necessidade de motivar o desenvolvimento de práticas turísticas de aventura que utilizem o Rio Jaguarão, suas belezas e sua história.

Palavras-chave: Rio Jaguarão; Navegação Aventura; Turismo de Fronteira.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARA TREINAMENTO EMPRESARIAL AO AR LIVRE - TEAL

Eliakim Maia Bessa, Allana Joyce Soares Gomes, Emanuelle Bezerra Soares Evangelista, João Luiz Barros Torres, Pedro Alex de Sá Pereira

Instituto Federal do Ceará (IFCE) - Grupo de Pesquisa Lazer ao Extremo (GPLE),
Fortaleza, Ceará, Brasil
eliakim_bessa@hotmail.com

As atividades de aventura vêm ganhando cada vez mais espaço nos meios corporativos. Empresas buscam trabalhar o desenvolvimento organizacional (DO) com seus funcionários, com o intuito de preparar os atores organizacionais para os desafios que venham a enfrentar. O planejamento estratégico é uma ferramenta fundamental na gestão. Nesse sentido, a gestão de Treinamento Empresarial ao Ar Livre (TEAL) - empresas que trabalham com treinamento corporativo na natureza - necessita desse instrumento para o crescimento e solidez de seus negócios. O planejamento irá permitir a sistematização da abordagem estratégica, buscando adaptá-la às características do mercado. Sinteticamente, busca-se mostrar de que maneira os fatores organizacionais podem afetar o seu posicionamento. Este trabalho tem como objetivo apresentar o planejamento estratégico realizado no decorrer do processo de criação da empresa de TEAL – EMF Corporate Training. O referido planejamento foi elaborado no decorrer da disciplina de Planejamento Estratégico ministrada no Curso de Gestão Desportiva e de Lazer do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. A metodologia aplicada na pesquisa foi documental, bibliográfica e de campo, contribuindo para o desenvolvimento da estrutura do planejamento estratégico: Avaliação Estratégica - análise do ambiente interno (forças e fraquezas da empresa) e externo (oportunidades e ameaças do mercado), ou seja, análise SWOT; Planos de Ações/Metas e definição das diretrizes organizacionais (visão, missão, objetivo e formulação de estratégias). Através dos estudos, obtivemos resultados diversos. Entretanto, salientaremos aqui apenas aqueles advindos da análise SWOT. Na fase de pesquisa de campo foi visitada uma empresa que trabalha no sistema TEAL. Durante a observação, diagnosticamos que o foco era voltado para os valores da empresa, enquanto o serviço oferecido pela EMF Corporate Training estava focado no funcionário. Na pesquisa documental, verificamos que há carência de outras empresas de TEAL na região, havendo baixa concorrência e uma possibilidade de ascensão no mercado regional. Foram encontrados também, alguns pontos negativos como o fato da empresa estudada não dispor de um ambiente próprio para realização do treinamento, sendo obrigada a locar um estabelecimento. Em outro momento, foi identificado como uma ameaça o fato da referida empresa não estar consolidada no mercado. Finalmente, foi analisado que a EMF Corporate Training, por ser uma empresa de TEAL, possui um treinamento diferenciado dos já oferecidos nas organizações clientes, pois o contato com a natureza, possibilita uma “fuga” do ambiente formal da empresa cliente. A partir da exposição desse trabalho esperamos trocar



experiências com profissionais da Área, que podem contribuir com novas informações, aprimorando os conhecimentos profissionais de ambas as partes.

Palavras-chave: Planejamento Estratégico; Empresa; TEAL.

O ESPORTE E O DIRETO DE UM MUNDO ECOLÓGICAMENTE EQUILIBRADO: UMA VISÃO SÓCIO-AMBIENTAL NO PROJETO DO CLUBE NÁUTICO GAÚCHO

Juliano Oliveira Pizarro, Jéssie Zurchimitten Rodrigues, Maharich Silveira da Fonseca Souza

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
jopizarro@hotmail.com

A importância e a seriedade do assunto preservação ambiental tomou grandes proporções e é foco de estudos e discussões na sociedade moderna. Inegavelmente a causa da maior parte dos danos sofridos é consequência da ação humana. Na defesa do meio ambiente, iniciativas de preservação vem sendo tomadas por diversas áreas, através de projetos com perspectivas interdisciplinares. Em razão disso, o presente trabalho fala sobre a iniciativa de duas entidades próximas a nossa realidade, o Clube Náutico Gaúcho, clube de remo, que em parceria com a Petrobrás, realizaram um projeto social a fim de incluir na vida de crianças e adolescentes que vivem na área próxima ao canal São Gonçalo uma oportunidade da prática do esporte em conjunto com a conscientização ambiental. O trabalho visa demonstrar como programas de esportes – como o programa desenvolvido pelo Clube Náutico Gaúcho - quando bem-elaborados, funcionam como ferramentas de apoio para o cumprimento das metas de desenvolvimento humano sustentável, contribuindo assim para o desenvolvimento econômico e social e para a sustentabilidade do meio ambiente. Existe um grande desafio para os defensores do meio ambiente quando se é proposto práticas com o intuito de se atingir o desenvolvimento sustentável. Também, considerar o ambiente não restrito a uma legislação local, já que o meio ambiente não é algo isolado. A Constituição Federal de 1988, no artigo 225, assegura que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. Deve ser então abordado com uma visão interdisciplinar, onde cada área tem sua parcela de responsabilidade, como através de políticas públicas e de projetos como esse em questão, que através de uma parceria entre a comunidade, alunos da Universidade Federal de Pelotas e a Petrobrás, proporcionam além de saúde e bem estar da comunidade, um importante enfoque na questão ambiental e na luta pela proteção do meio ambiente, através da conscientização das pessoas, para não poluição do canal São Gonçalo. Trata-se então de conceituar e exercer um novo modelo econômico e social para regular a ação do homem sobre o meio ambiente: o chamado desenvolvimento sustentável, a fim de utilizar recursos naturais sem comprometer as necessidades do ecossistema. As pessoas devem pensar globalmente e agir localmente, para terem um desenvolvimento comprometido com a construção de uma sociedade mais ecologicamente equilibrada, solidária e segura, sendo o esporte umas das principais ferramentas nessa luta.

Palavras-chave: Meio ambiente; Esporte; Desenvolvimento Sustentável.

EXPECTATIVAS E SATISFAÇÃO SOBRE A ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA AVENTURA

Giselle Helena Tavares, Leonardo Madeira Pereira, Juliana de Paula Figueiredo, Leandro Dri Manfioleti, Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro, Gisele Maria Schwartz

LEL – LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO LAZER/DEF/IB/UNESP - Rio Claro/São Paulo/Brasil
gi_htavares@yahoo.com.br

A prática de atividades de aventura, seja no contexto do lazer, ou no esporte de alto rendimento, implica riscos de diferentes dimensões. Apenas a utilização de equipamentos sofisticados não é suficiente para se garantir segurança e uma prática significativa, necessitando, inclusive, de profissionais bem preparados, que saibam lidar com todos os equipamentos e possam criar estratégias para uma vivência prazerosa, atendendo às expectativas dos usuários. Sob o olhar dos praticantes, há uma escassez de abordagens relativas ao que eles esperam dos profissionais que atuam neste contexto, ou, ainda sobre o nível de satisfação com esta atuação, o que motivou o interesse desta pesquisa. O objetivo do estudo foi investigar as expectativas e a satisfação de universitários que vivenciaram atividades de aventura, com relação à atuação dos profissionais ligados a estas práticas. Para tanto, essa pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada por meio de uma entrevista estruturada, aplicada a uma amostra intencional, composta por 28 estudantes do curso de Educação Física da UNESP - Rio Claro, de ambos os sexos, com idades entre 18 e 22 anos. A vivência aconteceu na cidade de Brotas/SP e a atividade realizada foi o Bóia-cross. O instrumento foi aplicado de modo bifásico, antes e após a vivência, no sentido de se compreender, a priori, as expectativas e, a posteriori, a satisfação com relação à atuação dos profissionais envolvidos. Os dados foram analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temático. Na entrevista, os sujeitos poderiam evidenciar mais de uma resposta, as quais foram organizadas em eixos, conforme a recorrência e expressas percentualmente. Os resultados apontam que 60% dos participantes esperavam, antes das atividades, que os profissionais tivessem domínio dos equipamentos de segurança, 80% destacaram a importância da preparação da equipe. Sobre a satisfação dos participantes depois das atividades, 65% citaram que os profissionais estavam preparados e puderam propiciar todo o suporte necessário para a realização das atividades, colocando-se em locais estratégicos e manuseando bem o material de segurança; 46% destacaram que os instrutores eram prestativos, auxiliando-os e orientando-os em todos os momentos da atividade e 17% realçaram o fato de os instrutores propiciarem a diversão, utilizando estratégias lúdicas para motivação do grupo. Além disso, 15% das respostas ressaltaram a necessidade de maior número de profissionais para o acompanhamento das atividades. Pode-se concluir que existe uma grande preocupação, por parte dos praticantes de atividades de aventura, em especial os iniciantes, com as questões de segurança e a preparação dos profissionais envolvidos. Foi possível evidenciar que estes aspectos influenciaram positivamente e/ou negativamente na satisfação relativa às atividades. Sugere-se que outras pesquisas



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

relacionadas a essa temática sejam realizadas, ampliando as possibilidades de aprimoramento no que tange aos aspectos da atuação profissional com as atividades de aventura.

Palavras-chave: Atividades de Aventura; Atuação Profissional; Bóia-cross.

VIVÊNCIAS COLETIVAS EM ATIVIDADES DE AVENTURA NA UNIVERSIDADE: RELATOS SOBRE UM PROJETO DE EXTENSÃO NA FURG/RS

Juliana Cotting Teixeira, Gustavo da Silva Freitas

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil
juliana.cotting@yahoo.com.br

O presente trabalho visa apresentar alguns elementos sobre a realização do projeto de extensão intitulado “Práticas Esportivas Não-Convencionais” na FURG/RS, ocorrido durante o segundo semestre de 2010 e pertencente ao Programa Institucional “Práticas Desportivas na FURG”, o qual tem por objetivo oportunizar a prática desportiva a estudantes em formação e comunidade acadêmica, mediada pela intervenção dos graduandos do curso de Educação Física da referida Universidade. Através desse vetor, buscamos a criação de um projeto que pudesse contemplar a articulação de práticas corporais ainda não implementadas pelas ações do Programa. Esse diagnóstico nos permitiu defini-las como não-convencionais, pois desviavam das características e configurações das práticas vigentes até então na instituição. A proposta constituiu um total de seis práticas, sendo elas: Skate, Bike, Sandboard, Trekking, Surf e Arvorismo, às quais delimitamos como objetivos específicos a oportunidade, mobilização e estimulação do envolvimento acadêmico com os múltiplos ambientes naturais e urbanos do município que apresentam uma significativa potência à experimentação corporal e desportiva. O projeto abarcou um total de 30 vagas, as quais foram divididas igualmente para estudantes de Educação Física e estudantes dos demais cursos da Universidade, bem como tivemos a participação de membros comunitários que se ligavam diretamente às práticas realizadas e aos espaços visitados. As vivências ocorreram quinzenalmente, aos sábados, em múltiplos ambientes da cidade, com auxílio institucional ao transporte para participantes e equipamentos. No decorrer do projeto, algumas inquietações nos fizeram refletir sobre aspectos que circulavam a realização das práticas, assim como nos provocaram a pensar sobre os significados dos espaços visitados enquanto escopo de nossas vivências corporais. Para tanto, nos debruçamos sobre algumas temáticas que tratam de meio ambiente e aventura, a fim de empreendermos uma análise àquela experimentação coletiva. Como resultado desses diálogos teóricos, construímos a conexão entre a capacidade de produção de coletividades identificada no projeto com as “novas formas de ser em grupo”, do autor Félix Guattari (1990). Nessa perspectiva, a metodologia utilizada (ou ausência dela), produziu uma forma de sociabilidade estética que se apropria, ou procurou se apropriar, dos três princípios constituintes do que esse autor chamou de ‘ecosofia’: novas relações sociais, novas subjetividades humanas e novas relações com o meio ambiente. Também articulamos a “busca pelo sentido” nas atividades de risco apresentada por David Le Bretton (2006) à relevante adesão às práticas oferecidas e à produção de um discurso operante que se voltava ao devaneio e ao escape da vida cotidiana. Diante disso, percebemos que a realização do projeto com a participação coletiva da comunidade acadêmica comungada à experiência sensível como dinâmica de grupo, constituiu um significativo lócus de produção de coletividades, bem



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

como estabeleceu novas possibilidades reflexivas no que se refere ao risco e seus desdobramentos nas relações entre corpo e meio ambiente.

Palavras-Chave: Universidade; Aventura; Meio ambiente.

BELEZA ALÉM DA DEGRADAÇÃO

Newton Porfirio Moraes Soares, Thayane dos Santos Visintainer, Fábio Augusto Gomes Costa, Rainer Raimundo de Almeida Padilha, José Eduardo Bernardi Soares, Elizandra Guarizi

Universidade Federal do Pampa, Uruguaiana, RS, Brasil
newtonmoraes91@gmail.com

Sabe-se que o meio ambiente sofre com a degradação causada pela civilização humana, em diversas situações espaços naturais perdem sua beleza e biodiversidade devido à ganância de determinados grupos. Entretanto há locais que apesar dos problemas conseguem manter encantadoras paisagens. O grupo de estudo Movimento e Ambiente realizou uma caminhada, no dia sete de maio de dois mil e onze, nas margens do rio Uruguai, na região Noroeste de Uruguaiana, tendo como ponto de partida a Praça Barão do Rio Branco, localizada na parte central do município. Percorreu-se o leito do rio, com destino ao arroio Cacaréu, curso hídrico de grande proporção localizado na zona urbana da cidade. A saída de campo teve o intuito de conhecer esse limite territorial e compreender aspectos socioculturais e ambientais do local. Durante esse percurso de estudo e observação, desenvolvido na costa do curso d'água, percebeu-se problemas como deposição de lixo em vários pontos, a precariedade do saneamento básico e quantidade insuficiente de mata ciliar. Entretanto em meio às diversas questões negativas vistas, a área visitada apresenta bonitas paisagens e lugares com primorosos panoramas naturais. É possível verificar a variedade de vegetação e a heterogeneidade de espécies animais. Essa expedição de pesquisa possibilitou o reconhecimento situacional do ecossistema analisado, a socialização entre os estudantes e os diferentes cursos de graduação da Universidade Federal do Pampa. Discutiu-se aspectos arqueológicos referente aos objetos líticos que são encontrados nesse espaço, fatos históricos ocorridos no território e também os fatores característicos da sociedade. Essa jornada permitiu aos acadêmicos e professores compartilharem saberes, vivências e histórias e de forma interdisciplinar entender e compreender as relações entre atividade física, ser humano e meio ambiente.

Palavras-chave: Caminhada; Meio Ambiente; Belezas Naturais.

AS PUBLICAÇÕES DAS ATIVIDADES DE AVENTURAS INSERIDAS NA ESCOLA

Patrícia Cardoso Trauer

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil
patriciatrauer@hotmail.com

A escola é um espaço de construção e transmissão do conhecimento que contribui com a formação integral do aluno em todas as faces da personalidade. A importância e a incorporação do ensino de habilidades básicas fazem sentido no momento em que a aplicação do conhecimento para os problemas que eles representam tornam-se o eixo básico que os alunos devem adquirir na sua passagem através da educação obrigatória, e que os acompanharão além de sua escolaridade. A mudança de comportamento da humanidade de buscar na natureza a essência que não existe no seu cotidiano causada pela pressão da área urbana atingiu às mudanças na Educação Física. Considerando esses aspectos, o objetivo deste estudo é buscar nas produções das atividades de aventura e ciências do esporte, as possibilidades pedagógicas sobre os trabalhos realizados no contexto escolar que envolvam as atividades de aventura. Foram revisados artigos publicados nos anais das cinco versões do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura – CBAA. No Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte - CONBRACE os documentos foram encontrados pelo Sistema Online de Apoio a Congressos - SOAC. A revisão com análise sobre as experiências, possibilidades ou contribuições pedagógicas das atividades de aventura quando inseridas no espaço escolar, através das aulas de Educação Física, apresentaram dados bastante significativos. A partir do CBAA, em média 19% dos trabalhos publicados trazem as atividades de aventuras inseridas na escola. Apresentando 311 trabalhos dos quais 57 estão intimamente ligados à escola, o CBAA legitima e fundamenta a importância que as publicações dos eventos têm em atender o quadro de mudança estrutural na sociedade. Entretanto, o CONBRACE ainda deixa a desejar. De um total de 07 trabalhos encontrados sobre as atividades de aventura, apenas um apresenta a proposta inserida na escola. Os dados trouxeram indicativos positivos no que se refere à possibilidade de re-significação das atividades de aventura quando da restituição de seu potencial emancipador, dando condições aos professores da rede básica de buscar trazer à aula atividades diferenciadas. O estudo possibilitou um olhar à uma nova proposta pedagógica, onde o objetivo educativo colabora, por meio deste universo de práticas, na construção da personalidade de alunos realizados, livres, tolerantes, responsáveis, abertos ao universal, comprometidos com o entorno natural, com um aceitável nível de inteligência emocional e suficiente capacidade de decisão. Na organização curricular dos conteúdos na escola e nas articulações que as atividades de aventura possuem com a Educação Física através das produções realizadas nesses eventos nos últimos anos, há de se considerar que muito pode ser feito para e pela prática pedagógica nas aulas de Educação Física, mas que buscar elementos constituintes de um currículo escolar alternativo é tentar pôr fim a práticas educacionais anacrônicas que se justificam apenas conforme a ordem estabelecida.

Palavras-chave: Atividades de Aventura; Escola; Produção.

FATORES MOTIVACIONAIS ASSOCIADOS À PRÁTICA DO SKATE EM MEDELLIN

Karina dos Santos Passarelli¹, Filipe Bossa Alves¹, Claudio Alexandre Celestino¹, Jean Miranda Euflausino¹, Carlos Alejandro Ramirez Herrera², Daisy Echavarría²

¹Grupo de Estudos do Lazer da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

²Universidade de Antioquia, Medellín – Antioquia – Colômbia
keka_eu@hotmail.com

Nesse trabalho iremos abordar os motivos associados à prática do skate na cidade de Medellín, Colômbia. A amostra foi composta por 20 skatistas, sendo dezenove do sexo masculino e uma do sexo feminino, com idades entre 16 e 60. O instrumento utilizado foi “Questionário GEL 2009 – Definição e Caracterização dos Esportes de Aventura”, adaptado para o skate, sendo composto por trinta e duas questões divididas em dois blocos. A tradução para o espanhol foi realizada por acadêmicos da Universidade de Antioquia e está em fase de validação. Para análise foi utilizada apenas a questão sobre que motivos levam a prática do skate. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva. Identificamos quanto aos motivos que levam os skatistas da cidade de Medellín a praticar o skate: diversão (22%), sensação de adrenalina (22%), sair da rotina (11%), amigos/relação social (8%), enfrentar o medo (8%), desenvolvimento pessoal (8%), melhoria da qualidade de vida (6%), rejuvenescer/estar sempre jovem (6%), sensação de superioridade (4%) e outros motivos (4%). Esses dados, se comparados aos estudos no Brasil com o mesmo instrumento, situam interesses próximos na prática do skate, embora a realidade brasileira pareça valorizar mais a socialidade. Porém, devido ao diminuto “n” e o estudo ainda estar em fase piloto, não se trata de concluir, mas de situar possibilidades e hipóteses. Uma delas, a ser averiguada, é a possibilidade de uma constante antropológica, sob a qual o skate ritualiza emoções gregárias em torno da aventura. Ainda, se infere que isso não signifique universalismo puro, pois os fatores motivacionais relacionados ao interesse pelo skate em Medellín poderiam ser relacionados a diferentes marcadores, como gênero, classe social, modalidade e grau de amadorismo/profissionalismo. Apoio: CNPq

Palavras-Chave: Skate; Aventura; Motivação para a Prática.

A SUSTENTABILIDADE NA PRÁTICA DO MERGULHO RECREACIONAL AUTÔNOMO

Pedro Alex de Sá Pereira, Allana Joyce Gomes Soares, Eliakim Maia Bessa, Emanuelle Bezerra Soares Evangelista, João Luiz Barros Torres

Grupo de Pesquisa Lazer ao Extremo (GPLE) – Instituto Federal do Ceará (IFCE),
Fortaleza, Ceará, Brasil
pedro.gestao@bol.com.br

Percebemos hoje, dentro do turismo, mais especificamente no ecoturismo e no turismo de aventura, uma crescente demanda sócio-econômica desse ramo como foco inovador e sustentável para as empresas. As atividades ecoturísticas e de aventura na natureza são ditas ecologicamente corretas, mas será que realmente são? O objetivo geral desse trabalho é analisar e identificar as relações existentes entre o mergulho recreacional autônomo e a sustentabilidade, discorrendo sobre os impactos originados dessa prática. Para tanto, os objetivos específicos são: analisar os impactos negativos que essa atividade pode ocasionar no meio ambiente e identificar ações realizadas para a redução desses impactos. E também, por último, mas não menos importante, inserir dentro do âmbito acadêmico estudos sobre essa atividade tão pouco estudada cientificamente na atualidade. Para isso, está sendo feito um estudo de caso com os mergulhadores do clube Mar do Ceará, que é uma escola e operadora de mergulho do estado do Ceará, que atua de forma ativa na realização desse tipo de atividade. A referida pesquisa se caracteriza em um estudo de caso de caráter qualitativo. Sendo realizada por meio de levantamento bibliográfico sobre temas como sustentabilidade, atividade física de aventura na natureza e mergulho. Além de pesquisa de campo, por meio de abordagens diretas e indiretas, com entrevista aberta. A investigação conta, ainda, com pesquisa documental através de sites de mergulho, blogs de escolas de mergulho e textos já publicados. A escolha dessa escola de mergulho ocorreu pela atuação da mesma aqui no Ceará. O público-alvo da pesquisa são professores e os alunos egressos dos cursos de mergulho oferecidos pela escola. Pelo resultado parcial obtido, nota-se que o mergulho é uma atividade que tem um impacto negativo marcante dentro das atividades de aventura na natureza se não for visualizado a questão das normas de regularização. A participação irresponsável do homem dentro dessa atividade gera como impacto um deslocamento da vida marinha por causa da sua presença constante, como ser estranho àquele ambiente. E os seres marinhos acabam procurando outros lugares mais calmos para habitarem. Percebe-se que na escola Mar do Ceará as saídas de mergulho são desenvolvidas pelo sistema rotativo, demonstrando uma ferramenta de contenção de visitas indiscriminadas aos locais de mergulho, fazendo visitas em lugares diferentes, com uma rotatividade dos pontos de mergulho, medida tomada para que as espécies não se dispersem do seu habitat natural. Como se configura como uma pesquisa em andamento, ela não se encerra com esses dados e nem com o término da própria pesquisa, que vem instigar os estudiosos a tratarem desses temas que são a sustentabilidade e as atividades de aventura na natureza dentro da nossa atualidade.

Palavras-chave: Mergulho; Sustentabilidade; Impactos.

MOTIVAÇÃO EM PRATICANTES DE ATIVIDADES DE AVENTURA

Lucas Prestes, Guilherme Moraes Balbim

Universidade Estadual de Maringá – Maringá – PR – Brasil
danuzo@hotmail.com

Introdução: Atualmente é possível constatar crescentes manifestações lúdico-desportivas vinculadas à idéia de aventura, em que o praticante reconhece a participação do meio na composição da atividade, ou seja, observa-se um crescimento na procura por atividades de aventura, principalmente em contato com a natureza. As atividades de aventura são modalidades dotadas de um forte sentido de risco e incerteza, e para que essa prática seja possível é necessário algum tipo de motivação. Entretanto, a motivação intrínseca se evidencia como um importante componente para a realização da atividade. Isso acontece devido à motivação ser a força impulsionadora para realizar a atividade, e não por um propósito ou objetivo biológico aparente. **Objetivo:** O estudo teve como objetivo analisar o nível motivacional de praticantes de atividades de aventura de ambiente terrestre e aéreo da região noroeste do estado do Paraná. **Metodologia:** O estudo caracterizou-se como descritivo-diagnóstico e teve uma amostra de 49 praticantes de atividades de aventura, sendo 29 de ambiente terrestre e 20 de ambiente aéreo. Como instrumento utilizou-se a Escala de Motivação para o Esporte. Para análise da normalidade dos dados foi usado o teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov e na estatística inferencial foram utilizados o Teste t independente, o Teste de Mann-Whitney e Anova one-way. **Resultados:** Os resultados apontaram que os praticantes apresentaram um nível motivacional essencialmente intrínseco, com as maiores medianas da motivação intrínseca para atingir objetivos (5,50), para experiências estimulantes (6,25) e para conhecer (6,00) e apresentaram diferença significativa quando comparadas com os três tipos de motivação extrínseca. A motivação intrínseca configura-se como uma tendência natural para buscar novidades, desafios, e para obter e exercitar as próprias capacidades. Estas características vão ao encontro de algumas características das práticas corporais de aventura, como a busca por novas sensações, desafios e experiências. Percebe-se que as atividades de aventura fornecem aos praticantes a oportunidade de sentir algo diferente das atividades do dia-a-dia que em sua maioria levam o corpo a ser um instrumento da ação que está sendo realizada. Ao aliar a motivação intrínseca com tais características das atividades de aventura, os praticantes podem permanecer na prática de atividades que suscitam risco por mais tempo. **Conclusões:** Conclui-se que a prática de atividades de aventura é caracterizada pela busca do prazer e sensações estimulantes, sentimentos estes inerentes ao comprometimento do praticante consigo mesmo.

Palavras-chave: Atividades de Aventura; Motivação; Prazer.

CAMINHAR CORRER PEDALAR – O CORPO (RE) CONHECENDO-SE AMBIENTE

Álvaro Luís Ávila da Cunha, Douglas Giovani Brandão Fagundes, Newton Porfirio Morais Soares, Renata Calza, Thayane dos Santos Visintainer, Vanessa Cantini Trindade

GEMA – Grupo de Estudos Movimento e Ambiente, Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Licenciatura em Educação Física, Uruguaiiana, RS, Brasil
alvaro.balas@gmail.com

Na perspectiva de que corpo é ambiente, este espaço pedagógico é destinado a construir esta ideia a partir de vivências onde o ritmo orgânico corporal possa de alguma forma integrar-se ao ritmo da “natureza”; ou ainda oportunizar o contato do licenciando e professor com realidades urbanas e espaços de menos entropia. Neste processo o mapa-ambiente de Uruguaiiana começa a fazer parte do universo subjetivo da turma, reforçando assim uma das características mais caras a educação ambiental, o pertencimento, elemento necessário para que os futuros educadores possam articular as dimensões local-global: O que meu pequeno mundo tem haver com o grande mundo? A educação ambiental neste aspecto reforça um dos princípios da pedagogia crítica: o estudo da realidade, a busca do educador/a em compreender ou ao menos construir junto aos educandos o contexto onde se dá a prática pedagógica, percebendo as contradições do espaço, suas formas de ocupação e verificar quais áreas de lazer ainda resistem aos prédios, casas e condomínios. O município de Uruguaiiana possui ao seu lado uma Área de Preservação Permanente, o que isto significa? Esta área especificamente pode ser tema de nossos trabalhos de registro e estudos. Outros registros podem se fixar na caracterização dos bairros, porém a prática se propõe a ser inventada pelo grupo. Cada olhar poderá compor este mosaico do local através de fotografia, descrições, desenhos, poesia, murais, instalações, mapeamentos, entrevistas, documentários e outros recursos sugeridos, tendo em vista a natureza de nossa universidade onde a maioria dos professores não pertencem ao “pampa”, e que, os próprios acadêmicos muitas vezes não percebem a diversidade social de sua região. Este projeto tem a pretensão de tornar mais compreensível o contexto e as comunidades escolares onde atuamos e atuaremos. O Projeto Movimento e Ambiente conta com reuniões semanais de duração de uma hora, onde o grupo planeja as saídas de campo aos sábados com duração aproximada de quatro horas. São quatro saídas até o final do semestre quando os registros elaborados tomarão forma de pôsteres e comunicação oral, a serem inscritos no VI Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura na cidade de Pelotas nos dias 1º, 02 e 03 de julho. Cada saída explora um limite da cidade de Uruguaiiana: Norte, Sul, Leste e Oeste. Os trajetos e as formas de percorrê-los são definidos pelo grupo que tem o mapa do município como primeiro material a ser trabalhado. As questões de segurança, vestimenta, mantimentos, material de registro, comportamento ao conduzir-se nos bairros e respeito às comunidades visitadas são sistematicamente lembrados a todos.

Palavras-chave: Movimento; Ambiente; Aventura.

O SURFE NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Gustavo Bento Ribeiro de Araújo, Tauan Nunes Maia, Gabriela Araújo Goes da Mota, Edmundo de Drummond Alves Júnior

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
borbabento@hotmail.com

O presente trabalho aborda uma pesquisa em andamento que vem sendo realizada por integrantes do Grupo de Pesquisas Esporte, Lazer e Natureza (GPELN) e se caracteriza como parte do trabalho de conclusão de curso, de dois licenciandos em Educação Física na Universidade Federal Fluminense. O estudo foi realizado em uma escola pública municipal, situada no município de Saquarema – RJ, onde encontramos a inclusão do surf como atividade pedagógica. O principal objetivo da pesquisa é fazer um levantamento inicial sobre a forma como este esporte é trabalhado na escola e levantar questões sobre como os esportes de aventura e na natureza, mais especificamente o surfe, pode vir a ser um conteúdo presente na Educação Física formal. Para a coleta de dados vem sendo utilizada a observação participante durante a realização das aulas. Para o tratamento dos dados nos remetemos à técnica de triangulação e os referenciais teóricos ligados as propostas pedagógicas para a Educação Física escolar, os estudos do Lazer e dos esportes de aventura e na natureza. Os resultados parciais mostram que o surfe esta inserido no cotidiano da escola em questão como uma atividade extracurricular, realizada no momento de lazer dos alunos, que muito se parece com as tradicionais escolinhas de esportes. Embora este exemplo não seja em uma aula de Educação Física, o sucesso da inclusão desta atividade na escola serve como uma base para nossos estudos. A partir deste exemplo é possível perceber como as atividades de aventura e práticas corporais na natureza, podem ser um importante elemento para trabalhar o duplo aspecto pedagógico do lazer no contexto da escola e oferecem ao professor de Educação Física, novas possibilidades para promover uma reflexão acerca da cultura corporal. Concluímos, que o surfe, assim como outros esportes de aventura e na natureza podem vir a ser um conteúdo a ser trabalhado sistematicamente nas aulas de educação física, tanto com base em diversas propostas pedagógicas existentes neste campo, como através do duplo aspecto pedagógico do lazer e da relação com o contexto sócio-histórico onde a escola está inserida. Porém existem questões como, valor dos equipamentos, local adequado e formação dos professores, que devem ser problematizados para que estas práticas corporais sejam integradas ao cotidiano das escolas.

Palavras-chave: Surfe; Educação Física; Esportes de Aventura e na Natureza.

APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS DA NATUREZA PARA A PRÁTICA DE ATIVIDADES DE AVENTURA: UM ESTUDO DE CASO DO GRUPO DE TREKKING BICHOS DO MATO

Emanuelle Bezerra Soares Evangelista, Allana Joyce Soares Gomes, Eliakim Maia Bessa, João Luiz Barros Torres, Luana Pereira Falcão, Pedro Alex de Sá Pereira

Grupo de Pesquisa Lazer ao Extremo (GPLE) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Fortaleza, Ceará, Brasil
emanuelle.b.soares@hotmail.com

As atividades de aventura na natureza são uma das opções de lazer mais procuradas na atualidade. Suas diversas modalidades atraem adeptos de todas as idades e lhes permitem inúmeros benefícios. Porém, ainda que tenham caráter preservacionista, nem sempre há uma preocupação dos praticantes quanto aos impactos ambientais ocasionados durante as atividades, ou ainda, são totalmente alheios à possível degradação dos espaços naturais ocupados durante suas práticas esportivas. Contudo, deve-se ater de que, desde esportes que requeiram significativo suporte material, a exemplo da escalada, até simples caminhadas por estes espaços naturais, há graus variados de degradação do meio ambiente. Diante disso, a partir de um estudo de caso junto ao Grupo de Trekking Bichos do Mato, que realizam trilhas nas serras do Ceará, a pesquisa objetiva verificar como se dá a apropriação dos espaços naturais na modalidade de atividade de aventura, trekking, proposta pelo grupo. Verificar ainda, como os praticantes utilizam o meio natural em suas atividades, conhecendo os métodos, caso haja, utilizados pelo grupo para preservá-lo. Esta pesquisa é de caráter qualitativo com dados coletados através de pesquisa de campo, baseada em observação direta participante, entrevista semi-estruturada, bem como pesquisas bibliográfica e documental, através do site do grupo, reportagens e documentos referentes as suas ações. A escolha do referido grupo ocorreu por este ser bastante atuante na região, agindo como mobilizador de adeptos às atividades na natureza. Os resultados obtidos até o momento referentes à pesquisa documental, mostraram que o propósito do grupo é fazer trilhas nas serras pouco conhecidas pelos próprios cearenses, juntando o prazer do contato com a natureza ao bem-estar físico, promovendo qualidade de vida aos participantes; os guias são capacitados e utilizam equipamentos básicos de trekking para garantir a segurança durante o trajeto; os iniciantes são informados previamente quanto ao tipo de roupas adequadas, alimentação, hidratação e também alertados quanto aos possíveis riscos. Diante do presente estudo, percebeu-se que existe um conhecimento das trilhas e uma estreita relação dos praticantes com o meio, através do desfrute dos atrativos naturais e do reconhecimento da fauna local para preservá-la. Porém não foi percebido um controle dos impactos ambientais gerados em suas práticas, tais como: a preocupação com número de praticantes e a frequência da abertura de novos roteiros para as atividades de trekking. Esta pesquisa não está encerrada, sendo necessária ainda a coleta de dados in loco, para a aproximação do pesquisador com o objeto estudado, sendo possível investigar as atitudes e comportamentos dos monitores e praticantes durante o percurso e



estabelecer uma comparação entre os dados da pesquisa documental e a realidade na trilha.

Palavras-chave: Lazer; Aventura; Sustentabilidade.

A PERCEPÇÃO DAS SENSIBILIDADES NOS ESPORTES DE AVENTURA: UM ESTUDO COMPARATIVO COM PRATICANTES DE ESCALADA EM ROCHA E CORRIDA DE ORIENTAÇÃO DO GRUPO BADEN-POWELL

Allana Joyce Soares Gomes, Eliakim Maia Bessa, Emanuelle Bezerra Soares Evangelista, João Luiz Barros Torres, Luana Pereira Falcão, Pedro Alex de Sá Pereira

Grupo de Pesquisa Lazer ao Extremo (GPLE) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Fortaleza, Ceará, Brasil
alanajoyce1@hotmail.com

Esta pesquisa está inserida no universo envolto dos esportes de aventura praticados como forma de lazer, com enfoque nas pessoas que o praticam e na percepção dos sentimentos envolvidos em suas práticas. A percepção da sensibilidade pode assumir o papel de melhor precursor de uma conscientização ambiental, através do contato com a natureza, repercutindo em sentimentos capazes de tornar possível uma melhor relação entre homem e meio natural. Desse modo, o objetivo do estudo foi realizar uma investigação comparativa da percepção das sensibilidades envolvidas na escalada em rocha e na corrida de orientação, tendo os integrantes do Grupo de Escoteiros Baden-Powell (GEBP), atuante na cidade de Fortaleza-CE, como foco da investigação. A pesquisa foi feita por meio de pesquisas documentais e bibliográficas, além da pesquisa de campo, realizada via questionário, contando com análise comparativa quantitativa e qualitativa. A discussão dos resultados referentes a escalada em rocha, mostrou uma predominância das seguintes sensibilidades: o desafio, a superação de limites, os sentimentos de realização, satisfação e felicidade. Já na corrida de orientação foram mais relevantes os sentimentos de realização e superação de limites físicos e ambientais, desafio, felicidade, prazer e o equilíbrio psicológico. Outro fator destacado como importante nos dois grupos entrevistados foi a relação de proximidade com a natureza, fator preponderante no envolvimento do praticante com o esporte escolhido. Diante disso, se tratando de esportes de aventura com características tão distintas, foram percebidas mais semelhanças do que diferenças entre as percepções de seus praticantes. Sendo assim, constatamos como os esportes de aventura revelam características comuns no modo como seus adeptos percebem suas experiências. Acreditamos que na vivência de novas emoções e sensibilidades, possibilitadas através desse tipo de esporte, é possível a condução dos seres humanos a diferentes formas de percepção e de comunicação com o meio em que vivem. Destacando ainda, a possível motivação à consciência ambiental, gerada por esse tipo de experiência, por meio de um sentido de apropriação e pertencimento do homem pelo espaço em que este se encontra. Contudo, acreditamos que esta investigação não se encerra por aqui, sendo necessário um melhor entendimento desse tipo de lazer de aventura praticado em comunhão com a natureza, para que se possa ter uma melhor compreensão das necessidades, valores e aprendizagens inerentes às experiências do ser humano dentro do contexto no qual ele está inserido.

Palavras-chave: Esporte de Aventura; Percepção; Sensibilidades.

DA PISCINA PARA O ESTUÁRIO: REMANDO POR VIAS INSTIGANTES

Breno Serrano Gomes, Priscilla Pinto Costa da Silva, Pedro Gouveia Martins

Universidade Federal da Paraíba, Faculdade Maurício de Nassau, João Pessoa, Paraíba
Brasil
brenoserrano@gmail.com

As práticas corporais na Natureza trazem benefícios psicológicos, sociológicos, educativos e físicos, porém é necessário evitar que ações antrópicas malélicas surjam durante a realização da atividade. Desta forma, torna-se importante a implantação de práticas educacionais voltas à conscientização dos praticantes, favorecendo a realização visando uma ética ambiental e altruísta. Assim, o objetivo do estudo foi analisar como a prática do caiaque pode contribuir para a conscientização ambiental. Como metodologia, foi desenvolvida uma pesquisa-ação, com 12 sujeitos. Os materiais utilizados foram remo, caiaque, coletes salva vidas, câmera filmadora e fotográfica, bóias de sinalização tipo arinque, cabos náutico e pesos de pesca, papel A4, impressão, nadadeiras. Para a coleta de dados, foi utilizado um roteiro de entrevista, fotografia, diário de campo, filmagens. Quanto aos ambientes das aulas foi utilizado o artificial (piscina) e o natural (Estuário). Procedimento para aula de remo em ambiente artificial com o caiaque na piscina foi permitido que explorassem as possibilidades do equipamento, observando a conduta e gerenciando os riscos iniciais que surgiram com a euforia da descoberta, apareceram as primeiras posturas e tentativas de apropriação da técnica. Foi iniciado as correções das posturas essenciais. Com caiaque virado estimulou-se a descoberta de outras possibilidades, favorecendo o encantamento ao estimular a fantasia quando se respira dentro do caiaque embaixo d'água. Adicionado a utilização do Colete Salva Vidas alertando quanto a sua importância. Demonstrado e gerenciado a execução da sugestão de técnica de embarcar com os pés no chão e sem tocar os pés no chão (na parte rasa e funda da piscina respectivamente). Enquanto exercitava-se a etapa, foi posicionado o remo na margem oposta da piscina. Estimulada busca com a remada de mão, e alertado que quanto mais tempo ele levar para desvirar, reembarcar e remar com as mãos até o remo, mais distante esse "elemento fundamental" estaria, estimulado remar á frente, remar á ré, realizar a mudança de direção guinando a proa para 180 e 360 graus, e remar em círculo. No ambiente natural o percurso era caracterizado como percurso interpretativo autoguiado, com auxílio de croqui, bóias de sinalização (localização), regulamentação (condutas) e sensibilização (curiosidades), professor e fotografo na água. Após as aulas foi observado, e também constatado nas entrevistas, melhor interesse quanto as questões ambientais, tanto para melhorar o desempenho na prática do caiaque, como para contribuição nos aspectos ambientais. Nesta direção, percebe-se a importância da disseminação da prática do caiaque para a educação ambiental, além da formação crítica dos sujeitos praticantes.

Palavras-Chave: Caiaque; Estuário; Educação Ambiental.

AVENTURA COMO ATIVIDADE ECOTURÍSTICA

Luana Pereira Falcão, Allana Joyce Gomes Soares, Eliakim Maia Bessa, Emanuelle Bezerra Soares Evangelista, João Luiz Barros Torres, Pedro Alex de Sá Pereira

Grupo de Pesquisa Lazer ao Extremo (GPLE), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Fortaleza, Ceará, Brasil
luana-falcao@hotmail.com

Com o crescente surgimento de diferentes segmentos do turismo na contemporaneidade, destaca-se de forma relevante o Ecoturismo, o qual tem como premissa sua prática em áreas naturais e engloba aspectos sociais capazes de contextualizar três princípios básicos: a utilização do ambiente natural e cultural de forma sustentável; a interpretação do ambiente quanto à importância de sua conservação pela vivência do turista e o desenvolvimento e reconhecimento proporcionado às comunidades locais por meio do turismo sustentável. Considerando essas características, o presente estudo, ainda em fase de pesquisa bibliográfica, possui como objetivo analisar e interpretar a aventura como uma das diversas atividades ecoturísticas, discutindo a sua responsabilidade quanto ao desenvolvimento sustentável. Dessa forma o método da pesquisa, de natureza qualitativa, consiste em desenvolver uma revisão de literatura, avaliando e repensando o desenvolvimento social proporcionado pelas atividades de aventura, levando em consideração os três aspectos dos princípios básicos do ecoturismo. Além disso, posteriormente serão feitas pesquisas de campo, através de entrevistas semi-estruturadas e pesquisa documental, por meio de sites, revistas e reportagens referentes ao segmento ecoturístico. Partindo da perspectiva de que a atividade de aventura tem ganhado significativo espaço dentre as práticas turísticas, reconhecemos de forma incisiva a fundamental importância de entender a relação de suas propostas conceituais com a realidade de sua execução, questionando o significado de suas influências positivas e/ou negativas para a sociedade e o meio ambiente. Pois, de acordo com o referencial teórico já estudado, as práticas de aventura tendem a se relacionar com a natureza de modo limitado, resumindo-a a um ambiente meramente utilitário de sutil agradabilidade, onde recebe o papel de integrar a aparente necessidade do homem de relaxar (com o intuito de esquecer e desprender-se da realidade cotidiana) com a conveniência do status de “ecologicamente correto”, difundido pela mídia através de assuntos atuais muito em foco, como o aquecimento global intimamente ligado a degradação do ecossistema. Portanto desenvolvem-se meios de consumo e produção relacionados a bens e serviços em prol da “(re) aproximação” do homem com o meio ambiente, porém, tendo como critério o lucro ocasionado por esse ramo desenvolvedor, que acaba por desconsiderar as questões éticas, afetivas, sociais, ambientais e locais que tendem ao desequilíbrio como consequência dessa ação. Diante disso acreditamos que, mediante a um planejamento contemplativo das características ecoturísticas e por meio de uma abordagem operacional e estrutural que utilize a natureza de forma a não agredi-la e promova um impacto positivo na esfera socioambiental, as possibilidades de execução da aventura podem agregar-se



aos valores das propostas vigentes de desenvolvimento sustentável, componente fundamental dos princípios básicos do Ecoturismo.

Palavras-chave: Aventura; Ecoturismo; Desenvolvimento Sustentável.

PRÁTICAS DE MÍNIMO IMPACTO E INTERVENÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPORTES NA NATUREZA: EXPERIÊNCIAS DO PROJETO NAVEGAR/UFRGS

Rodrigo Cavasini¹, Alberto Reinaldo Reppold Filho²

¹Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

²Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
rodrigo.cavasini@pucrs.br

Nas últimas décadas, a busca pela melhoria e manutenção da qualidade do meio ambiente se tornou um dos temas mais debatidos na sociedade. Neste sentido, trabalhos têm sido realizados em diversos contextos e, em relação aos esportes na natureza, esforços consideráveis vêm sendo desenvolvidos em vários países, tanto para a minimização de impactos ambientais, quanto para a promoção da educação ambiental nestas práticas. Entretanto, nacionalmente, relatos destas iniciativas ainda são reduzidos. Este trabalho descreve a experiência de práticas de mínimo impacto ambiental e intervenções de educação ambiental desenvolvidas no Projeto Navegar/UFRGS, que ocorreram de março a novembro de 2008. Este Projeto foi promovido pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no município de Porto Alegre, e atendeu estudantes de 11 a 16 anos da rede de ensino pública. Adolescentes que participaram duas vezes por semana de atividades de canoagem, vela, remo e de intervenções educacionais, realizadas ao ar livre e em sala de aula. Para tanto, contou com uma equipe formada por cinco professores e oito estudantes de educação física, além de outros profissionais. As práticas de mínimo impacto ambiental foram desenvolvidas levando em consideração características do projeto e, assim, centraram-se nas seguintes ações: planejar e preparar com antecedência as atividades promovidas; não modificar os ambientes naturais empregados nas aulas; respeitar os animais silvestres; considerar os demais praticantes de atividades na natureza; empregar estratégias para o uso racional, tanto de embarcações a motor, quanto da sede do Projeto. Essas práticas foram constantemente monitoradas pela equipe de trabalho, sendo aprimoradas sempre que necessário. Por sua vez, as intervenções de educação ambiental objetivaram desenvolver conhecimentos, consciência, atitudes e habilidades relevantes para a manutenção e melhoria da qualidade do meio ambiente. Os conteúdos focaram em problemáticas relacionadas aos resíduos; perspectivas sobre o RRR (reduzir, reutilizar e reciclar); poluição de recursos hídricos e da atmosfera; impactos ambientais causados pelo homem e maneiras para minimizá-los. Estas atividades foram promovidas de forma específica em nove encontros, com abordagens teóricas e práticas, e de forma complementar nas aulas de esportes na natureza, buscando ampliar o envolvimento dos alunos com as temáticas propostas. As avaliações demonstraram que as práticas de mínimo impacto e as intervenções de educação ambiental obtiveram sucesso, tendo grande aprovação de todos os envolvidos. Deste modo, demonstra-se a aplicabilidade destas práticas e intervenções em esportes de natureza. Assim, tornando essa



experiência um instrumento de auxílio para ações que estejam em execução, bem como para a elaboração de futuros trabalhos.

Palavras-chave: Esportes na Natureza; Impactos Ambientais; Educação Ambiental.

ESPORTES DE AVENTURA NA PERCEPÇÃO DE SEUS PRATICANTES E ESTUDIOSOS

João Luiz Barros Torres, Allana Joyce Soares Gomes, Eliakim Maia Bessa, Emanuelle Bezerra Soares Evangelista, Luana Pereira Falcão, Pedro Alex de Sá Pereira

Grupo de Pesquisa Lazer ao Extremo (GPLE), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Fortaleza, Ceará, Brasil
breed181@hotmail.com

Este artigo situa-se no campo do estudo dos esportes de aventura como opção de lazer. Pretende-se assim, pesquisar os diferentes pontos de vista sobre esporte de aventura, analisando a percepção dos praticantes e estudiosos desses esportes. Tendo como base uma abordagem fenomenológica husserliana, da expressão por meio das experiências, buscando uma resposta que configura e caracteriza os esportes de aventura, tentando identificar os marcos definidores de uma “linha de limite” que rodeia a definição do fenômeno estudado, dentro dos critérios subjetivos estabelecidos pelos praticantes e estudiosos do assunto, sem deixar de lado os critérios objetivos. Para isso, utilizamos o método fenomenológico, fazendo entrevistas com estudiosos e praticantes do fenômeno abordado, o esporte de aventura em Fortaleza-CE, bem como estudos bibliográficos pertinentes ao tema. Em contato com os primeiros resultados, percebemos uma diferença na maneira de encarar o fenômeno. Procurando o estudioso não delimitar a definição de esporte de aventura em questões objetivas como o espaço e as atividades, mais prevalecendo uma ênfase às questões subjetivas, como a busca por novas sensações e emoções, o encontro consigo, com o outro e com seus desafios, e o descobrimento de seus limites e suas superações. Voltando o olhar para o praticante, percebemos que este trata do fenômeno como algo mais objetivo, desenhando “linhas de limites” em torno do significado do esporte de aventura, como a natureza e algumas atividades como fatores delimitadores. O que se percebe de semelhante nas concepções dos entrevistados é que prevalece uma imprevisibilidade do que está por vir, mas tendo a segurança como fator incontestável em suas práticas. A caracterização do fenômeno também demonstra diferenças nos pontos de vista. Mais uma vez o praticante tem um olhar mais objetivo, focado no “palpável”, o estudioso é mais cauteloso com essas questões e trata o tema abordado de uma forma mais ampla, mas não deixa de lado os fatores objetivos como o espaço e as expressões. Diante do exposto, foi percebido, nessa primeira fase da pesquisa, que há uma diferença na percepção conceitual desenvolvida pelo praticante e pelo estudioso do esporte de aventura. Observamos ainda, a maneira subjetiva e objetiva como o fenômeno é encarado, ou seja, a percepção deste, através da interioridade, divide lugar com os fatores externos, que são consentidos independentemente do ser, sendo essas questões, parte do todo que compõe o significado do fenômeno. Destarte, partindo da idéia de que estamos tratando de processos, que por sua vez são constantemente modificados, agregando novos conhecimentos e valores, podemos dizer que os estudos referentes aos esportes de aventura, suas características, conceitos, subjetividades e objetividades não devem ser um “porto a se chegar”, e sim um “barco a se navegar”.

Palavras-chave: Esporte de Aventura; Percepção; Experiências.

MOTIVAÇÃO E CONDIÇÕES DE PRÁTICA DE PARTICIPANTES DE CICLISMO EM UM GRUPO DA CIDADE DE PELOTAS

Cibele Alves dos Santos, Adriana Akemi Takahashi Dourado, Bruno Fernandes Antunez, Luiz André Rodrigues Gonçalves, Ênio Araújo Pereira

Escola Superior de Educação Física/UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
cibeledossantos@hotmail.com

O uso da bicicleta como meio de transporte ou lazer vêm sendo disseminado no Brasil e ganhando importância por ser menos poluente e mais acessível. Estudos mostram que, em Pelotas os comerciários e operários são os principais usuários. Ainda assim, acidentes de trânsito comparando dados de boletins de ocorrência e atendimentos no pronto-socorro com lesão corporal, envolvendo bicicletas é grande. Neste sentido, o objetivo do estudo é analisar os motivos e fins, bem como as condições de prática dos participantes de um grupo de ciclismo noturno da cidade de Pelotas. Caracteriza-se por ser um estudo descritivo de corte transversal e cunho qualitativo. Os dados foram coletados sob forma de entrevista com aplicação de questionário por participantes do grupo de estudos em esportes de aventura em dezembro de 2010. Os participantes foram convidados à responder perguntas, totalizando amostra de 25 ciclistas. O estudo contou com 12 e 13 participantes do sexo feminino e masculino, respectivamente. Destes, 13 tinham ensino superior completo, 12, idade entre 20 e 29 anos, tendo o mais novo, 15 anos, e o mais velho 80. 19 praticam outras atividades físicas. Entre as mais citadas estão: corrida, caminhada, musculação, esportes coletivos como futebol; individuais como natação e luta e radicais, como skate e parapente. Este fato indica comportamento ativo por parte da amostra. Em relação ao tempo que pedala, existe grande variação: de 2 semanas à 30 anos; fato que pode ser explicado pela grande variação da idade. Dentre os motivos por terem buscado o grupo, o gosto/prazer pela prática aparece frequentemente, além da busca por bem estar, qualidade de vida, saúde física e mental, estética, consciência ambiental, oportunidade de lazer, turismo, segurança, estabelecimento de relações interpessoais e contatos. Os principais fins de utilização da bicicleta foram: meio de transporte para deslocamento em geral, para trabalho ou alternativo, prática esportiva e exercício físico, lazer, turismo e aventura. Constou em 12 participantes como deslocamento, 13, lazer, e 10, esporte ou exercício físico. Quando questionados à respeito das condições dos espaços urbanos e naturais, relataram a falta de estrutura das vias, espaços específicos como ciclovias e ciclo faixas e o próprio trânsito, caótico. Além disso, a maioria demonstra preferência pelos espaços naturais rurais, considerado-os mais adequados e agradáveis. Assim, conclui-se que, Pelotas possui grande número de usuários de bicicleta para diversas finalidades; número que tende aumentar caso haja melhoria das condições e aumento dos espaços próprios e seguros para os ciclistas.

Palavras-chave: Ciclismo; Condições das Vias; Motivação.

A ESCALADA NO CBAA: PARA ALÉM DAS PAREDES

Danielle Ferreira Auriemo Christofolletti, Cristiane Naomi Kawaguti, Leandro Dri Manfioletti, Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro, Viviane Kawano Dias, Gisele Maria Schwartz

LEL – Laboratório de Estudos do Lazer/DEF/IB/UNESP – RC
auriemo@terra.com.br

Introdução: Este estudo, de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de pesquisa exploratória, utilizando-se da análise documental, buscou investigar os trabalhos apresentados em todas as edições do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA), no período de 2006 a 2010, que discorreram sobre o tema escalada, bem como, o enfoque dos mesmos, visto que a escalada vem se sobressaindo bastante dentre as atividades de aventura sendo, muitas vezes, desenvolvida, tanto no âmbito do divertimento, como também sendo utilizada em âmbito do treinamento corporativo, com diferentes objetivos, o que tem atraído a atenção dos estudiosos. Método: O estudo, de natureza qualitativa, utilizou a análise documental, realizada nos Anais do CBAA, fazendo-se um levantamento de dados, no qual o foco estava na busca da palavra escalada como tema principal constante no título da apresentação oral ou do pôster. Os enfoques dados para a escalada nos estudos desenvolvidos foram analisados descritivamente, por meio da utilização da Técnica de Análise de Conteúdo Temático e foram divididos em 4 eixos temáticos, a saber: 1. no contexto escolar (9 trabalhos); 2. metodologia e segurança (5 trabalhos); 3. qualidade de vida (4 trabalhos) e; 4. sensações (2 trabalhos). Resultados: Dentre 313 trabalhos 15%, versavam sobre este tema. A maior incidência verificada ocorreu em 2008, com 35% dessa produção, seguida de 2007 e 2010, que alcançaram o índice de 25% cada um deles. Em 2009 foram produzidos 10% e no primeiro ano do CBAA, em 2006, apenas 5%. No primeiro eixo foi possível notar que muitas propostas foram feitas adequando esta prática para o âmbito escolar, vivenciada durante as aulas de Educação Física. No segundo eixo, os trabalhos buscaram esclarecer e mostrar como esta prática tem sido realizada, os métodos e a segurança que deve ser preservada em seu desenvolvimento. O terceiro eixo, voltado para a qualidade de vida, focalizou os benefícios encontrados pelos participantes ao realizar tal atividade, exaltando o bem-estar ou, ainda, a entendendo envolvida no contexto do estilo de vida. Por fim, no último eixo, que versava sobre as sensações, foram evidenciadas as questões do prazer e do risco, trazendo as emoções permeando as discussões, visto que a prática oferece um misto de prazer e medo. Conclusão: A pesquisa buscou mostrar como a escalada vem sendo explorada nas apresentações do CBAA, sendo que a predominância dos temas de estudo sobre a escalada envolve o contexto escolar. Assim é possível verificar sua atuação crescente neste ambiente, no qual os professores buscam adequar os esportes de aventuras a realidade/cotidiano que vivenciam na escola, proporcionando aos alunos esta prática diferenciada. Tornam-se interessantes novos estudos, no sentido de se ampliar as reflexões sobre a temática da escala, em todos os âmbitos de aplicação.

Palavras-chave: Escalada; Lazer; Aventura.

PROCESSOS COLABORATIVOS E MÍDIAS INTERATIVAS EM ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA: PRODUÇÃO CIENTÍFICA E PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Luiz Afonso Vaz de Figueiredo, Diego Ulacco Moreno
LEL/UNESP-Rio Claro/Centro Universitário Fundação Santo André (FSA)/SBE, Santo André-SP, Brasil
lafonso.figueiredo@gmail.com

A capacidade de produção científica não se pauta apenas no aspecto presencial, tornou-se muito mais ampliada e dinâmica com o advento dos ambientes virtuais e redes digitais, tendo em vista as facilidades promovidas, favorecendo vínculos anteriormente impossíveis. Diversas mídias interativas têm aberto espaços de aprendizagem e ação coletiva, tais como conferências eletrônicas, grupos de discussão, blogs, Orkut, Facebook, entre outros. Os coletivos colaborativos possibilitam o contato permanente, aumento da produtividade, a reflexão constante, troca de idéias e materiais e o incremento do número de interessados. Muitas vezes têm como objetivo a aglutinação de diversos interessados no assunto, no caso em questão, as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN), imaginário coletivo e as contribuições da educação ambiental e das condutas pró-ambientais. Podem ter enfoque mais esportivo, nos chamados esportes radicais; ou mais turístico, nas atividades ecoturísticas ou de turismo de aventura, mas também presente nos movimentos socioambientais, evidenciados na atuação de entidades ligadas ao montanhismo, espeleologia, etc. Emoção, contemplação, descobertas, lazer e proteção ambiental estão totalmente imbricados. O objetivo do presente trabalho foi analisar os processos colaborativos que estão ocorrendo na área de atividades de aventura e identificar a perspectiva das condutas pró-ambientais ou aplicação de princípios da educação ambiental em eventos científicos da área, destacando o caso do CBAA (2006-2010). O foco do estudo foi exploratório, pautando-se no mapeamento geral dos processos e das dinâmicas de articulação de pesquisadores, complementado por análise documental e bibliográfica, além da observação participante em alguns espaços de produção coletiva. Percebe-se que esse tema tem atraído sujeitos sociais de variadas áreas, inicialmente como descobertas pessoais, por serem praticantes das diversas modalidades de aventura, incorporados no universo acadêmico e finalmente como foco de coletivos de pesquisadores (grupos de pesquisa CNPq) ou nos grupos de discussão eletrônica. Os produtos desses grupos têm sido divulgados em congressos (CBAA, CONECOTUR, etc.) ou periódicos (LECTURAS, CONEXÕES, MOTRIVIVÊNCIA, RBecotur, etc.). Entre os processos colaborativos em redes digitais ressaltamos o grupo de discussão (Yahoo) IMAGINAVENTURA, formado no 5º. CBAA (2010), cujo foco é a produção conjunta sobre o imaginário, as representações e as motivações para a aventura, possibilitando aprofundamentos teórico-metodológicos e potencializando ações de pesquisa. Nas cinco edições do CBAA, foram apresentados 314 trabalhos, entre artigos e pôsteres. Nesse outro aspecto analisado, observou-se que apenas 31 artigos (10%) havia a presença e influência de princípios da educação ambiental nas atividades de aventura, o que não significa uma abordagem direta, em alguns casos nem mesmo



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

existia um contexto claro de condutas socioambientais apropriadas. Por outro lado, identificou-se que o assunto vem ganhando paulatinamente mais atenção desde a primeira edição do evento. Espera-se que ações colaborativas propiciem articulações científicas, identificação das motivações e a disseminação de princípios ambientalmente corretos nas atividades de aventura.

Palavras-chave: Processos Colaborativos; Atividades de Aventura; Educação Ambiental.

“SOBRE VALORES IMPLÍCITOS NA PRÁTICA DE ESPORTES DE AVENTURA NA MODERNIDADE”

Gisele Juodinis

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo/SP - Brasil
gijuodinis@gmail.com

O estudo sobre o turismo hoje pode ser um instrumento para a investigação dos aspectos significativos da sociedade moderna. Neste trabalho, me ative ao gosto (diga-se “paixão”) pelos ambientes naturais selvagens verificados em dois grupos excursionistas paulistas pesquisados: o Centro Excursionista Universitário – CEU e a lista virtual de discussões Trekking & Travessias – T&T. Notei uma reivindicação pelo respeito da prática excursionista que se quer ver muito mais pelo lado de engajamento ativo na política de preservação do meio ambiente natural ou também pelo lado do gosto do que é científico ou que exige conhecimento técnico especializado. Muito além da questão do escapismo do mundo cotidiano urbano e da questão simplesmente hedonista, a busca pela natureza em ambientes selvagens pode ser resultado da contínua reflexão do homem em relação ao seu habitat. Nesta pesquisa, segui a indagação: O que se esconde detrás do olhar de um viajante? Que valores se escondem no hábito de se viajar no mundo moderno? Assim, interessei-me por estudar o segmento do viajante independente, ou seja, pessoas que adotam um estilo de viagem que não dependem do auxílio de agências. Tais aspectos levariam a considerarmos tais pessoas mais como viajantes do que como turistas, isto é, pessoas que dirigem seus olhares mais ao exercício da contemplação do que da simples distração. Possuem um *ethos* próprio, identificando um segmento social que se dedica a práticas que valorizam o ambiente natural selvagem como um bem em si e que, por isso, abrem novos caminhos na visão de mundo contemporânea e indicam um comportamento específico na sociedade atual. Busquei fazer uma “descrição densa” ao longo de todo o trabalho, acompanhando e vivenciando todas as atividades dos grupos: excursões, listas de discussões, reuniões regulares ou comemorações. Fiz uma série de onze entrevistas gravadas com pessoas atuantes nos grupos, as quais acabaram por reafirmar aspectos anteriormente notados na convivência cotidiana. Busquei apoio na teoria de Pierre Bourdieu, procurando identificar o perfil dos grupos estudados, e também na história do relacionamento do homem com a natureza na sociedade ocidental a partir dos escritos de Keith Thomas. Grande parte do mistério de atração que a natureza exerce no cotidiano do mundo urbano-industrial atual se deve a um retorno à “pureza”. Vi que a indústria ecoturística tem recuperado o sentido do *uso* da natureza, contudo, para o excursionismo, seria um reflexo da própria busca contemporânea na preocupação da ressignificação do *relacionamento* do homem com a natureza. É diante dessa análise que enxergamos esse seguimento excursionista (tão ligado à tecnologia e também à rusticidade) que risca suas impressões no contato com a natureza da forma mais atualizada na sociedade moderna: *imprimindo regras* para condutas em ambientes naturais e espiritualizando o relacionamento com a natureza.

Palavras-chave: Modernidade; Esporte de Aventura; Ecologia.

MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA RELAÇÃO POR MEIO DAS ATIVIDADES DE AVENTURA E NA NATUREZA

Tauan Nunes Maia, Gustavo Bento Ribeiro Araujo, Gabriela Araujo Goes da Mota, Edmundo Drummond Alves Junior

Departamento de Educação Física, Instituto de Educação Física, Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, RJ
taunum@hotmail.com

Introdução: O processo de urbanização das cidades fez com que as pessoas perdessem ao longo dos anos o contato com a natureza. Logo as pessoas passaram a buscar novas estratégias para fugir do mundo urbano e assim retornar, mesmo que momentaneamente, a natureza. Neste contexto estão inseridos os esportes na natureza e de aventura, cuja prática vem crescendo exponencialmente nos últimos anos. Estes esportes, que vão desde uma simples trilha até uma complexa escalada, possuem diversos significados para seus praticantes como: uma simples fuga do ambiente urbano, um estilo de vida, um momento de fruição, contemplar a beleza da natureza. Estes esportes se configuram enquanto fenômeno social moderno, que não se restringem as técnicas corporais, na qual a natureza tem um papel determinante e é assentado na proeza física, possuindo uma série de binômios. Uma das, se não a grande, dificuldades encontradas para a prática consciente de tais esportes é como realizar tais práticas em harmonia com o meio ambiente, sem destruí-lo ou deixar suas marcas. Em geral associa-se a produção de lixo a degradação ambiental, entretanto sabe-se que este não é o único fator de impacto ambiental. **Objetivo:** O objetivo geral deste estudo é interpretar o significado do campo esportivo das atividades de aventura na natureza dentro da Educação Física e sua interface com a questão ambiental. **Metodologia:** O estudo teve como metodologia adotada revisão bibliográfica. **Conclusão:** Todo praticante dos esportes de aventura e na natureza são, portanto, responsáveis pela conservação do meio ambiente, uma vez que ao praticar tais atividades deve estar consciente tanto dos riscos que estas oferecem quanto da necessidade de se criar uma alternativa ao modelo de desenvolvimento consumista, avassalador e insustentável que vigora no mundo. A educação tem então um papel fundamental quando se busca uma nova forma de pensar, agir e de se relacionar com o meio ambiente, garantindo a sustentabilidade ecológica. A escola deve contribuir para a formação de cidadãos conscientes de suas responsabilidades com o meio ambiente, e capazes de atitudes de proteção e melhoria em relação a ele. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) no que toca a disciplina Educação Física existe a preocupação como tema transversal as questões ambientais. Nos PCNs sugere-se que a construção e produção dos conhecimentos são contínuas e que para entender as questões ambientais existe a necessidade de atualização constante. Além disto, eles apontam para a importância da inserção do indivíduo na sociedade, e que as preocupações ambientais implica em algum tipo de participação, de direitos e deveres com relação ao meio ambiente.

Palavras-chave: Esportes na Natureza e de Aventura; Lazer; Educação Física.

AVALIAÇÃO DE BIOMARCADORES SALIVARES EM PRATICANTES AMADORES DE CORRIDA DE ORIENTAÇÃO

Geisse Quelle Mendes Cunha, Nathalia Maria Resende, Paulo Ricardo Martins Nuñez, Aníbal Monteiro de Magalhães Neto

Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Universitário do Araguaia (CUA) - Pontal do Araguaia- Mato Grosso – Brasil
geissy_ipo@hotmail.com; ammneto@ufmt.br

Corrida de orientação é um esporte em que o praticante tem que passar por pontos de controle marcados no terreno no menor tempo possível, com o auxílio de um mapa e de uma bússola. É um desporto distinto dos demais, onde o praticante escolhe o caminho a ser seguido em meio à natureza, gerando deste modo, uma componente mental e lúdica capaz de atrair um grande número de praticantes. A corrida de orientação, como atividade, acompanha o homem desde sua origem. No entanto, como esporte, surgiu nos países nórdicos há mais de cem anos, com o propósito de realizar-se uma atividade física ao ar livre, mantendo a mente do praticante ocupada em toda a sua execução e contribuindo para a educação ambiental. O exercício induz o organismo a mudanças que podem ser detectadas através de biomarcadores plasmáticos e salivares. Estes parâmetros são indicadores da resposta dos diferentes sistemas e tecidos corporais ao esforço físico. Uma dessas mensurações é através do lactato sanguíneo que é a forma clássica de avaliar o estresse induzido pela intensidade de exercício sendo bastante utilizada como bom parâmetro nas corridas de orientação. Entretanto, outros métodos além da medida do lactato sanguíneo apontam a saliva como uma fonte potencial de avaliar o exercício físico, além de representar uma forma não invasiva e de biossegurança classe I. Pela análise da atividade da alfa-amilase salivar e pela determinação de proteína total da saliva representa um novo método de avaliação podendo ser bastante eficaz nas corridas de orientação. Neste trabalho tivemos como objetivo mensurar a atividade da alfa-amilase salivar e a concentração de proteína total na saliva de praticantes amadores de corrida de orientação. Os resultados mostraram que não houve aumento na atividade da alfa-amilase. Por outro lado, a concentração da proteína total na saliva aumentou em 30% nos participantes da corrida. Assim, como conclusão a utilização dos parâmetros salivares podem se tornar uma eficiente medida do estresse induzido durante as corridas de orientação. Pela relativa expansão do desporto de orientação no Brasil não é possível contar ainda com informações e subsídios que possam servir de parâmetros comparativos a nossa pesquisa. Este estudo vem desta forma iniciar um novo campo de investigações dentro das Ciências do desporto notadamente no que se refere à Corrida de Orientação.

Palavras-chave: Saliva; Alfa-amilase; Proteína Total.

CORRIDA DE AVENTURA NO ECOMUSEU DA PICADA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Mateus Salerno, Pamela Silva Vitória

Universidade Federal de Pelotas – Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil
mateus_salerno@yahoo.com.br

O Ecomuseu da Picada, localizado na cidade de Rio Grande, é uma fazenda situada na zona rural da cidade, com um casarão do século XIX, na Planície Costeira do Rio Grande do Sul próximo das Lagoas dos Patos e Mirim, além de possuir uma ampla área verde de mata nativa, com espécies de figueiras bicentenárias. A corrida de aventura é uma modalidade esportiva relativamente nova, onde se utiliza os espaços da natureza para realizar esportes específicos em forma de uma disputa. A idéia é misturar em uma mesma competição, esportes diversos, como a natação, o trekking, as técnicas verticais, a canoagem, o mountain bike, a orientação, a equitação, entre outros, de acordo com o tipo de terreno e a dificuldade a ser imposta na prova. A atividade realizada no Ecomuseu da Picada foi durante a disciplina de Atividades de Aventuras, no ano de 2008 realizada pelos alunos do 6º semestre do curso de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. Antes de iniciar a prova, os participantes da corrida escutaram um breve histórico do local dado por um responsável, o que mostra todo o cuidado com o desenvolvimento do espaço para o turismo. Após isso receberam informações de como ocorreria à disputa e foram divididos em quatro equipes compostas por 4 alunos cada, sendo que todos os quartetos eram mistos. O objetivo da atividade foi demonstrar como organizar uma corrida de aventura, além de expor os alunos à vivência prática e proporcionar um contato com a natureza aos participantes. Cada equipe percorreu aproximadamente 12 quilômetros em um período de três a quatro horas de duração. Os esportes na natureza praticados foram o trekking, o mountain bike, a canoagem e a orientação em diferentes tipos de terrenos. Os participantes receberam um mapa para orientação com os postos de controle e mantiveram contato via rádio com o professor responsável pela disciplina para eventuais dúvidas. A prova envolveu percursos em trilhas, terrenos arenosos, banhados, entre outros. A vivência de organizar, participar e o envolvimento com a corrida de aventura foi uma experiência de grande importância, pois esta é uma modalidade esportiva em grande crescimento e deve ser explorada pelos profissionais das áreas afins, como a Educação Física.

Palavras-chave: Corrida; Aventura; Natureza.

O GRUPO PARKOUR PELOTAS

Natália Böhm Bonow, Rafael Larroque da Fonseca

Escola Superior de Educação Física – UFPel, Pelotas, RS
natynha__bb@hotmail.com

O Parkour, é uma atividade onde os praticantes traçam um percurso ou objetivo e, por meios próprios, o alcançam independentemente dos obstáculos que surgirem no caminho. Os praticantes utilizam-se de habilidades como correr, suspender-se, saltar, dependurar e rastejar, usando seu corpo para passar os obstáculos de forma rápida e fluente. O Parkour, em sua forma original, não tem competições e cada um treina para si mesmo. O presente trabalho é conhecer o grupo Parkour Pelotas, sua organização e metodologia de treinos, registrando características comuns dos integrantes e como cada um teve seu primeiro contato e segmento nesta prática. Para tanto foram entrevistados oito integrantes do Grupo Parkour Pelotas, com perguntas sobre a idade, escolaridade, tempo de treino, prática de esportes fora do grupo, o primeiro contato com a prática e sobre os efeitos psicológicos da prática em cada participante. O grupo partiu da criação de uma comunidade em uma rede social para organizar os treinos. Não há hierarquia no grupo e não há estudos específicos para realizar o treinamento, partindo apenas da observação de vídeos. Os praticantes sofrem de certo preconceito da população, pois muitos não entendem o Parkour como uma prática esportiva. A média de idade dos praticantes entrevistados é de 16,6 anos, tendo de 13 a 22 anos. Todos os entrevistados ainda estão estudando, estando dois no ensino superior, três no ensino médio e três no ensino fundamental. Quando perguntado se praticam algum esporte todos relataram que sim, citando esportes como Basquetebol, Handebol, Voleibol, Capoeira, Judo, Taekwondo e Natação, todos com mais de um ano de prática. A maioria dos praticantes disse ter tido seu primeiro contato com o Parkour através de vídeos na internet ou por amigos que praticavam. Uma entrevistada relatou que para fugir de um cachorro escalou uma casa de dois andares, depois um amigo lhe disse que isso era Parkour. Dentre as dificuldades encontradas na prática, a mais citada foi com relação ao condicionamento físico e as dores pós treino e, quando perguntado sobre qual é a melhor coisa nos treinos, citaram a evolução e a sensação de liberdade e independência, predominantemente. Apenas um dos entrevistados, praticante há pouco tempo no grupo, relatou não ter notado mudanças psicológicas desde o início da prática, mas todos os outros se dizem mais auto confiantes. Todos disseram ter melhorado fisicamente, principalmente nas capacidades força e resistência muscular. Um praticante relatou ter perdido 22 quilos em quatro meses regulando a alimentação aliada aos treinos de Parkour. A maior parte dos entrevistados disse que para treinar Parkour basta ter força de vontade. Portanto, o Parkour parece ser um bom aliado para melhorar o condicionamento físico e a auto confiança, desde que seja uma prática realizada com prazer e segurança.

Palavras-chave: Parkour; Pelotas; Condicionamento Físico.

NA BEIRA DO RIO

Raphaelly Machado Felix, Arthur Carrazzone, Leonardo Monjelós Pereira, Leonardo Trojan Repiso Riela, Marcos Wuintt da Silva, Rainer de Almeida Padilha

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa, Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil
raphaelly_felix@hotmail.com

Este trabalho é em forma de texto e visa descrever a partir de um olhar poético a atividade de caminhada sobre a beira do Rio Uruguai que separa Uruguaiana (Brasil) de Paso de Los Libres (Argentina). Bebe o rio na beira do rio, pede a sede tua no pranto da lua na prata pele nua. Beira o rio na beira do rio, pula água suja. Na beira do rio o destino é a sombra do nítido escurecido. Ao nariz só resta cheirar o podre dos tumores em sobras de comida e arrotos, o cheiro de carniça, a morte em esgotos. O olho encharca em sol, chuva, derretem os sentimentos, o suor de sujeira de uma nação pátria que sangra sugando sede. Na beira do rio o ventre, a cova de heróis do passado, esquecidos na (des)informação dos barulhos dos motores urbanos. Durante a caminhada a cegueira de um raio ultravioleta, o desencanto no sonho acordado de novas páginas. No olhar do bico do meu sapato a esperança que alivia meu amanhã, a certeza do passar do tempo que sombreia as minhas costas. Tem por objetivo ser um olhar crítico das questões ambientais que permeiam a Beira do Rio e ao mesmo tempo pretende chamar a atenção para um debate que se faz presente e oportuno no contexto atual da sociedade. O método usado foi baseado em registros, anotações e fotografias durante a caminhada.

Palavras-chave: Poluição da Água; Sustentabilidade; Saúde.

O SKATE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Caroline Ferraz Simões, Érica Rigolin, Claudio Alexandre Celestino, Camila Eloisa Quintana, Augusto Perego

Grupo de Estudos do Lazer da Universidade Estadual de Maringá, Maringá – Paraná – Brasil
carol_ferrazs@hotmail.com

Introdução: Em função de pesquisas Survey, sobre demanda potencial para a atividade de aventura Skate no âmbito escolar, foi evidenciada a carência de propostas e de iniciativas públicas para oferta dessa prática. Visando atender parte dessa demanda potencial, no ano de 2010, o Grupo de Estudos do Lazer, da Universidade Estadual de Maringá, em parceria com a Escola Estadual Professor Francisco José Periotto, da cidade de Mandaguaçu, realizou aulas de iniciação ao Skate. **Objetivo:** Identificar como os alunos de 7ª série classificam a prática do skate e se o mesmo deve fazer parte do conteúdo escolar. **Métodos:** O estudo caracterizou-se como exploratório. Foram realizadas aulas para 26 alunos da 7ª série do ensino fundamental, com idades entre 12 e 18 anos. Foram realizadas aulas com conteúdo teórico-práticos, realizadas durante três semanas, com carga horária semanal de cinco horas. Ao final das aulas foi aplicado um questionário contendo um total de oito questões. Para análise foram utilizadas apenas as questões sobre como os alunos dessa faixa etária classificam a prática do skate, como esporte, atividade de aventura, jogo ou brincadeira, e se o skate deve fazer parte do conteúdo escolar. **Resultados:** Identificou-se que 73% classificaram o skate como esporte, 19% como atividade de aventura, 4% como jogo e 4% como brincadeira. Em relação se o skate deve fazer parte do conteúdo escolar, 100% dos alunos julgaram importante sua aplicação nas aulas de Educação Física. **Conclusão:** Pode-se concluir com dos dados coletados que maioria dos alunos consideraram a o Skate como um esporte (73%), apesar da maioria já ter praticado o skate, 15% nunca haviam vivenciado sua prática e 100% dos alunos julgaram importante sua aplicação no âmbito escolar, sendo visível o interesse de todos, e a importância de se levar ao ambiente escolar não só esta modalidade, mas sim outras atividades de aventura, para que com a vivência, desperte curiosidade e a vontade de praticar outras modalidades além das tradicionais.

Palavras-chave: Skate; Alunos; Escola.

A PRÁTICA DO SKATE E SEUS BENEFÍCIOS

Danieli Emiliano, José Henrique Dias de Moraes, Jacqueline Cardoso, Caroline Ferraz Simões

Grupo de Estudos do Lazer da Universidade Estadual de Maringá, Maringá – Paraná –
Brasil
Dany_emiliano@hotmail.com

Introdução: Foi evidenciado pelo grupo GEL (Grupo de Estudos do Lazer), uma carência de estudos relacionados ao desenvolvimento motor em praticantes de skate, e visando atender parte desta carência, elaboramos este trabalho que servirá para nos aprofundar nos conhecimentos relacionados a temática; pretendendo também despertar interesses para elaboração de estudos e trabalhos futuros voltado para a prática adequado skate; entre outros temas relacionados à área servindo assim como fonte de informação. **Objetivo:** Identificar os benefícios da pratica do skate relacionado ao desenvolvimento motor. **Métodos:** O estudo caracterizou-se com revisão bibliográfica, onde nossas fontes de informações foram obtidas em artigos e textos relacionados ao tema. **Resultado:** Sua prática se torna um excelente exercício aeróbico e ajuda bastante a tonificar alguns músculos, principalmente a panturrilha; benefício estético tem como o fortalecimento das articulações e a estabilidade dos ligamentos em torno dos joelhos e tornozelos; pode ser considerado um excelente exercício aeróbico, por causa dos impulsos com um dos pés, para dar velocidade ao skate; desenvolve uma melhor consciência corporal, flexibilidade, tônus muscular, concentração, segurança e equilíbrio; sociabilidade; cooperação; movimentos proprioceptivos; percepção corporal, agilidade, leveza, lateralidade; resistência: aeróbica, anaeróbica; força: rapidez, explosão, pliometria e flexibilidade. **Conclusão:** A prática do skate é uma escolha feita pelo prazer pessoal, pode trazer inúmeros benefícios, tanto estético, quanto na melhoria do condicionamento físico.

Palavras-Chave: Skate; Pratica do Skate; Benefícios.

CATEGORIZAÇÃO DOS PRATICANTES DE SKATE DA CIDADE COLOMBIANA DE MEDELLIN

Jean Miranda Euflausino¹, Claudio Alexandre Celestino¹, Carlos Alejandro Ramirez Herrera², Daisy Echavarria²

¹Grupo de Estudos do Lazer da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

²Universidade de Antioquia, Medellín – Antioquia – Colômbia
jean_m_e@hotmail.com

Numa busca incessante pelo prazer, pela conquista do "estar livre", fazendo concretizar um ideal de liberdade de vida, e pela satisfação da superação pessoal em vivências significativas, onde os seres humanos, atraídos pelo entretenimento, por emoções e pela oportunidade de aventura, buscam as práticas alternativas e criativas, tais como os esportes radicais (TAHARA; SCHWARTZ, 2003). A prática de atividades de aventura pode ser motivada por diferentes motivos. Esses motivos podem ir do lazer a competição. No skate existem varias pessoas que o tem como profissão mas também há aqueles em que o skate é apenas para momentos de lazer, descontração. O objetivo deste estudo é identificar as categorias em que os praticantes skate da cidade de Medellin-Colômbia se classificam. Este caracterizou-se como exploratório. A amostra foi composta por 20 skatistas, sendo estes 19 do sexo masculino e 1 do sexo feminino. A coleta foi realizada no ano de 2010 na cidade colombiana de Medellin. Para o estudo, o instrumento utilizado foi o "Questionário GEL 2009 - Definição e Caracterização dos Esportes de Aventura", adaptado ao skate, sendo composto por trinta e duas questões divididas em dois blocos. Para o presente estudo foi utilizado apenas a questão: "Categoria" Esta questão é composta por 3 respostas objetivas havendo a possibilidade de responder com apenas uma alternativa. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva. Identificamos que a categoria em que os praticantes mais se encontram é a de Amador, em nível recreativo e competitivo com 50% do número de praticantes seguido ainda por Amador, nível recreativo que significou 44% do total, enquanto a categoria Profissional, patrocinado nas competições significou apenas 6%. Com os resultados obtidos podemos observar que a grande maioria dos praticantes entrevistados da cidade colombiana de Medellín se incluem na categoria amadora podendo ter sua pratica voltada apenas para o lazer, mas também para as competições. Tendo isso podemos ver que a pratica do skate atrai pessoas que querem praticar o skate como sua forma de lazer e diversão, mas para alguns se com isso for possível competir e tornar esta pratica algo mais sério é melhor ainda. Uma das peculiaridades do mundo do skate é o fato de que somente é possível ser profissional, viver de skate, tendo alcançado o patamar de "patrocinado", ou seja, a fonte mais comum de provimento de recursos a skatistas profissionais é o patrocínio vindo de empresas privadas (BASTOS; STIGGER, 2009), o que nos faz pensar que esta pratica, que cresce tanto na Colômbia e também no Brasil, tem praticantes que devem ser respeitados e receber o devido apoio dos governos de sua região.

Palavras-chave: Skate; Categorização; Lazer.

AULA PASSEIO: CONHECENDO A NATUREZA PELAS PRÁTICAS DE AVENTURA CIDADÃ NO CONTEXTO ESCOLAR

Júlio César Madeira¹, Sérgio Danilo Madeira²

¹UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; ²Pós-graduação Damásio de Jesus
madeirajcm@bol.com.br, sdm.madeira@gmail.com

O presente estudo surge de inúmeras reflexões e estudos acerca da forma de sensibilizar o educando para as propostas pedagógicas do ensino escolar, pensando em maneiras de fazer com que o processo de aprendizagem repercutisse no âmbito da Escola, uma das formas encontradas era implementar o espírito aventureiro nos educandos. Nesse sentido, buscam-se na compreensão de Freinet, subsídios teóricos para descrever essa fermenta como uma forma de desenvolver diversos novos conhecimentos e capacidades nos educandos. Nesse sentido encontra-se nas aulas passeio uma forma de aproximar o sujeito da realidade e fazer com que assim possa construir de forma sistêmica os seus referenciais acerca dos setores naturais e sociais de sua sociedade. Uma das principais maneiras que se percebe nas aulas passeio é a de aliar a elas a prática de passeios em trilhas ecológicas onde se pode inserir o educando ainda mais próximo do meio ambiente. Pois é fundamental que se realiza o trabalho docente com atividades que venham a atuar no campo onde se processa de fato diversos conhecimentos. A aula-passeio refere-se a um instrumento que a educação possui para a o novo, dar origem as descobertas, através do conhecimento vivenciado na sua autenticidade. Há nessas experiências uma verdadeira sensação de alteridade, buscando novas possibilidades de relacionamento, as quais diversas daquelas vivenciadas diuturnamente no contexto escolar. Freinet afirmava na necessidade de que a escola teria como melhor forma de transformar-se pelos meandros e desenhos íntimos de seu interior, pois nesses contornos é que se manifestam asa inúmeras contradições e que a partir de duas categorias principais se daria a forma de educação: trabalho e cooperação Além de trabalhar os conteúdos quando se trabalha com aulas passeios em esportes de aventura como a trilha, incentiva-se a prática esportiva por consequência. E a maior recompensa para um professor será observar a carga motivacional que seus educandos terão para prosseguir com o cotidiano em sala de aula, pois ao se sentirem-se mais independentes e desbravadores se deslocarão em busca de novos conhecimentos e novas possibilidades de repetir a experiência. Diante disso, vislumbra-se a aula passeio como uma possibilidade que o educador dispõe para desenvolver com sua sala novas alternativas de aprendizagem que desloquem a rotina escolar para novos conhecimentos emancipadores. E, em última instância estaremos, enquanto educadores, somando esforços para a efetivação da cidadania nos mais diversos setores da vida cotidiana buscando novos horizontes e uma transformação da realidade como um todo.

Palavras-chave: Aula Passeio; Natureza; Aventura Cidadã.

ESPORTE COMO ESPAÇO DE RESPIRAÇÃO NA ERA DO EXTREMO

Mauricio Silva de Avila, Júlio César Madeira

UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
mau_kbludo@hotmail.com, madeirajcm@bol.com.br

A presente reflexão desloca o eixo de suas análises em torno do paradigma, em que nossa civilização se caracteriza como uma verdadeira sociedade de risco, sob o ponto de vista ambiental. Essa reflexão se justifica pela imersão que estamos na chamada hipermodernidade – a era moderna vivenciada sob o prisma extremo. Nesse sentido existem diversos instrumentos para a contribuição no desiderato de preservação da natureza. Dentre esses, situamos a educação ambiental como uma ferramenta que vem a contribuir em vários aspectos para a compreensão e discussão dos problemas ambientais atuais, sobretudo, quando se pensa a partir de uma linguagem dialógica de cunho emancipador trazida por Paulo Freire. Em face de um processo civilizatório vivenciado, onde as pessoas convivem diariamente com altas cargas de sensações das mais diversas amplitudes, em virtude da velocidade em que as relações se desenvolvem, necessário se faz que em algum momento que as pessoas reflitam e desacelerem. As pessoas precisam educar o seu corpo, zelar pela manutenção de um equilíbrio orgânico para que as suas vidas caminhem de forma a tornarem-se pessoas com uma maior qualidade no cotidiano e que desenvolvam seus modos de vida com maior efetividade. É imprescindível por assim dizer a afirmação de que estamos necessitando cuidar da saúde. O esporte nessa monta surge como uma das ferramentas de conversão desse sujeito para a conscientização das pessoas, para novos hábitos que venham a incrementar uma vida saudável. Na prática o esporte vem a contribuir na promoção de um novo sujeito, mais apropriado de seus próprios sentidos, constituindo caminhos para que sejam desenvolvidos ao lado de outras ferramentas, habilidades para que esse sujeito concretize uma vida digna e de realização. Assim, a partir de um exercício bibliográfico, com o auxílio da teoria sociológica, se dá a construção dessa análise acerca da descrição desse sujeito enquanto ser imerso em um mundo complexo e altamente entrelaçado.

Palavras-chave: Esporte; Hipermodernidade, Saúde.

GAEC: UM ESPAÇO SOCIAL DE PROMOÇÃO DA CULTURA DO ESPORTE E DA CIDADANIA

Sérgio Dornelles¹, Júlio César Madeira²

¹Faculdade de Direito Anhanguera/Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, ²UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
sergioadorneles@gmail.com, madeirajcm@bol.com.br

A presente investigação tem como objetivo refletir sobre o GAEC – Grupo de Apoio ao Esporte e Cultura – Organização Não Governamental, situada no município de Pelotas, onde se destaca por várias atuações em questões ambientais, a partir da promoção de dinâmicas e intervenções sociais relacionadas, principalmente, ao âmbito do esporte assim como pautas culturais. O grupo apresenta-se no atual momento como membro do Conselho Municipal do Meio Ambiente de Pelotas, demonstrando um papel importante no que se refere ao alcance político da instituição nessas questões citadas. Dentre as mais diversas atividades podemos citar a Copa GAEC de Mountain Bike – atividade que tem por objetivo reunir os ciclistas da região Sul do Estado do Rio Grande do Sul com objetivo da promoção e divulgação dessa modalidade esportiva; passeios ciclísticos - com o intuito de explorar o território geográfico dos municípios em que se desempenha essa atividade esportiva; rústicas – como alusão ao dia mundial do meio ambiente. A ONG, com objetivo de cumprir seus princípios basilares realiza diversas parcerias, dentre elas as firmadas com entidades privadas, órgãos da administração pública municipal, estadual e federal, bem como entidades paraestatais (SESC, SENAI). Para o alcance das informações da presente reflexão foi realizado um estudo de caso, onde o investigador se insere com mais propriedade no lócus pesquisa extraído com maior riqueza a realidade os aspectos íntimos do recorte analisado. Diante do universo de pesquisa, percebe-se que a intervenção social descrita representa no âmbito local uma iniciativa de promoção da cidadania e de pressupostos de socialização em coletivo. Assim, busca-se, mapear as diversas atividades promovidas, anualmente, pela entidade, abrangência para posteriormente realizar uma análise das contribuições para a promoção da cidadania. A partir do caso específico da GAEC, objetiva-se estimular a criação de outras entidades não governamentais que foquem seus esforços na educação ambiental e na construção de novos espaços de socialização entre os mais diversos atores sociais, através do esporte e da cultura, objetivando enfim a concreção da cidadania.

Palavras-chave: Esporte; Cultura; Cidadania.

A PRÁTICA DO REMO NO QUADRADO: UMA MANIFESTAÇÃO DE ECOCIDADANIA EM PELOTAS

Sérgio Danilo Madeira¹, Júlio César Madeira²

¹Pós-graduação Damásio de Jesus, ²UFPEl, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
sdm.madeira@gmail.com, madeirajcm@bol.com.br

A presente reflexão situa-se na análise do espaço social para a prática do remo, situado no bairro Porto de Pelotas, denominado de Quadrado – assim conhecido pela população em geral, pois apresenta um cais cuja forma retangular o caracteriza, estando interligado ao Canal São Gonçalo. Está mais precisamente situado nas Doquinhas, local habitado por famílias, as quais muitas delas são de pescadores, assim mais conhecida pelos moradores mais antigos do município. Representa um local onde muitas pessoas encontram-se para trocas sociais e culturais, como atividades tipicamente de intervenções urbanas efetivas, dentre essas situamos as “tribos urbanas” e mais recente “Feira ao Quadrado”, um legítimo espaço de trocas sociais. Demonstra um enorme potencial para a realização de atividades de lazer, isso se traduz pela quantidade de freqüentadores, os quais procuram o local ao final da tarde, para apreciar o pôr do sol. Também observamos desfrutadores de um chimarrão, assim como fotógrafos que apreciam o local como fonte de inspiração. Junto ao Quadrado encontra-se o Clube Náutico Gaúcho, o qual fundado em 1932. É nesse ponto que se situa o eixo do trabalho em questão – a prática do remo. Essa atividade é desenvolvida nesse local como modalidade esportiva por inúmeras pessoas da comunidade. A prática desse esporte encontra inúmeros adeptos os quais principalmente pelo turno da manhã. O quadrado possibilita a prática de uma modalidade esportiva que apresenta um ótimo benefício para a saúde e para o bem estar do praticante, tendo em vista ser uma atividade com o alcance de altas velocidades, assim como pelo elevado trabalho muscular que representa, tornando-se assim, um grande instrumento de condicionamento físico sob o ponto de vista fisiológico. Nesse sentido, a partir do remo nessa região, percebe-se a presença de práticas esportivas, assim como verdadeiras manifestações espontâneas de ecocidadania tendo em vista o contato que os praticantes dessa modalidade usufruem a partir da experiência proporcionada no Quadrado. Diante disso, partindo da realização de um estudo de caso - tendo em vista que a partir desse, pode-se captar de forma mais aprofundada as perspectivas e explorar mais profundamente o objeto investigado - buscou-se realizar uma exploração dos papéis que determinado lócus geográfico da cidade apresentava, assim como perceber quais elementos apontam e nos descreve o Quadrado como um local de efervescência cultural, e que a partir de práticas traduz esses espaços como um território de paz, a partir do esporte remo e da cultura ali desenvolvida.

Palavras-chave: Remo; Quadrado, Ecocidadania.

LARANJAL: A LAGOA DOS PATOS COMO ESPAÇO GEOGRÁFICO E CULTURAL DAS PRÁTICAS DE ESPORTE E LAZER

Sérgio Danilo Madeira¹, Júlio César Madeira²

¹Pós-graduação Damásio de Jesus, ²UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
sdm.madeira@gmail.com, madeirajcm@bol.com.br

O estudo em questão desenvolve uma reflexão acerca do Laranjal, situado a 15 km do centro da cidade de Pelotas – o qual possui o Balneário dos Prazeres, Balneário Santo Antonio, Valverde e a Z3, tendo como foco o aspecto que constituem esse local um espaço para a realização de muitas práticas esportivas e/ou de lazer. Na rotina desse bairro figura sempre presente como palco a Lagoa dos Patos como verdadeira fonte de incentivo para a realização das mais diversas práticas esportivas. Dentre essas podemos situar, a existência da Canoagem, do Wind Surf, Caiaque, corrida, trilhas assim como excelente espaço para a presença das bicicletas. Essas práticas constituem-se como verdadeiras realidades do cenário esportivo no bairro. Também percebemos no Laranjal um excelente local para a prática de atividades de lazer, brincadeiras, jogos, assim como atividades culturais, principalmente na época de veraneio. Por essa caracterização o local é muito procurado por inúmeras pessoas tendo em vista ao clima tranquilo e a proximidade com os recursos naturais que se pode ter estando lá. Nesse prisma busca-se nessa reflexão, um olhar a lagoa tendo em vista seus aspectos constituintes; quais circunstâncias caracterizam esse local e como a comunidade tanto moradora como de fora do bairro relaciona-se com os recursos naturais que compõem esse cenário. Nesse sentido, a partir de entrevistas semi estruturadas com diversos moradores, percebe-se o papel do Laranjal como um dos locais de respiração natural presente no município de pelotas, assim como verdadeiro cenário para a realização de atividades que venham a colocar os atores ali presentes em contato consigo mesmo e com os recursos naturais. Aproximando dessa forma, a prática e o incentivo para que seja propiciada a efetivação de uma ecocidadania, nas mais diversas práticas sociais para toda a comunidade que desfruta tamanha riqueza natural. Dessa forma, quando essas pessoas passam a estar em contato com a natureza, melhoram suas condições de vida tanto pela saúde como pela efetivação de uma vida equilibrada e em virtude dos benefícios dos recursos e das possibilidades que o local oferece.

Palavras-chave: Laranjal; Esporte; Lazer.

TEMAS LIVRES

SOBRE VALORES IMPLÍCITOS NA PRÁTICA DE ESPORTES DE AVENTURA NA MODERNIDADE

“O EXCURSIONISMO E O GOSTO PELA NATUREZA”

Gisele Juodinis
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo - Brasil
gijuodinis@gmail.com

Introdução

O estudo sobre o turismo hoje pode ser um instrumento para a investigação dos aspectos significativos da sociedade moderna. Podemos perceber o conjunto dos valores que se deixam mostrar a partir da prática dos impulsos turísticos. Os signos que interessam aos indivíduos em suas viagens possuem valor em si (uma questão histórica, a natureza ou o estranho, o diferente, o exótico), onde se busca ler conceitos preestabelecidos. E neste trabalho dirigi meu olhar para esses valores expressados implicitamente no cotidiano da sociedade burguesa dos dias atuais.

Mais especificamente, me ative aos aspectos do gosto (diga-se “paixão”) pelos ambientes naturais selvagens verificados em dois grupos excursionistas paulistas pesquisados: o Centro Excursionista Universitário – CEU e a lista virtual de discussões Trekking & Travessias – T&T. Grupos estes que praticam incursões de um ou vários dias no meio natural selvagem, caminhando em montanhas, praias desertas ou cavernas, ou remando em rios, ou pedalando, ou escalando em rocha e acampando, tendo como lema comum uma regra sempre recorrente: “Tire apenas fotografias, deixe apenas suas pegadas, e leve para casa apenas suas memórias”.

Um aspecto particular dos grupos excursionistas aqui estudados que exemplifica uma direção do olhar específico por parte destes grupos é o fato de que basicamente seus praticantes não nomeiam suas incursões pela natureza em seus períodos de “tempo livre” como turísticas. Existe uma certa reivindicação pelo respeito da prática excursionista que se quer ver muito mais pelo lado de engajamento ativo na política de preservação do meio ambiente natural ou também pelo lado do gosto do que é científico ou que exige conhecimento técnico especializado.

Percebo a partir de todo esse quadro que, muito além da questão do escapismo do mundo cotidiano urbano e da questão simplesmente hedonista, a busca pela natureza em ambientes selvagens talvez possa ser resultado da contínua reflexão do homem (e, no caso aqui estudado, do homem da sociedade burguesa) em relação ao seu habitat.

Objetivo(s) do estudo

Uma pergunta me seguiu durante todo o percurso desta pesquisa: O que será que se esconde detrás do direcionamento do olhar de um viajante? Que valores são estes que

se escondem no hábito de se viajar no mundo moderno? Assim, interessei-me por estudar o segmento do viajante independente, ou seja, as pessoas que adotam um estilo de viagem que não dependem do auxílio de agências, um estilo despojado que aparentemente não se entregam aos modismos do consumismo atual. Tais aspectos levariam a considerarmos tais pessoas mais como viajantes do que como turistas, isto é, pessoas que dirigem seus olhares mais ao exercício da contemplação do que da simples distração.

Procurei verificar ao longo deste trabalho aspectos como o fato de ambos os grupos pesquisados praticarem suas atividades independentes de vínculos com o mercado das agências turísticas, possuírem um ethos próprio, identificando um segmento social que se dedica a práticas que valorizam o ambiente natural selvagem como um bem em si e que, por isso, abrem novos caminhos na visão de mundo contemporânea e indicam um comportamento específico na sociedade atual.

Método

Busquei desenvolver esta pesquisa analisando um quadro da atualidade da sociedade moderna e, para isto, busquei fazer uma “descrição densa” (Geertz: 1989) ao longo de todo o trabalho, acompanhando e vivenciando todas as atividades dos grupos: excursões, listas de discussões, reuniões regulares ou comemorações. Além disso, fiz uma série de onze entrevistas gravadas com pessoas atuantes e significativas nos grupos para coleta de depoimentos das histórias de vida, as quais acabaram por reafirmar, na repetição dos depoimentos, os aspectos anteriormente notados na convivência cotidiana. Gostaria que o texto fosse tomado como uma fotografia de um momento, de um recorte da nossa atualidade, porém levando-se em conta que toda fotografia inevitavelmente passa pelas lentes de um observador.

Poderia ter abraçado outros ângulos de visão: ‘tribos urbanas’, ‘segmentação da cultura’, etc porém, procurei descrever e trabalhar feições que atraíram minha atenção como observadora. Os primeiros fatores que me chamaram a atenção foram o aspecto distinto do ethos de um circuito definido de pessoas com interesses e gostos em comum e, ao lado disso, o comportamento que se apegam à valorização do ambiente natural selvagem. Foi a partir disso que busquei apoio na teoria de Pierre Bourdieu, procurando identificar o perfil dos grupos estudados, e também na história do relacionamento do homem com a natureza na sociedade ocidental a partir dos escritos de Keith Thomas (2001), para poder então cruzar as informações que tomei sobre os aspectos que me atraíram o olhar para estes grupos excursionistas.

Resultados

Durante a pesquisa notamos que o que leva uma grande parte destes excursionistas escolherem o destino de suas viagens, é o fato de serem seduzidos pela questão dos atrativos do lugar visitado ao invés de apontarem a importância da diversão e do lazer na motivação de suas viagens. É interessante perceber, por exemplo, que antes mesmo de buscarem informações concretas (mapas, dicas) para planejarem alguma

viagem no próximo feriado ou férias, estas pessoas já têm o destino em mente, pois, na realidade, suas principais fontes de informação e inspiração são: seus amigos companheiros de empreitadas; suas vivências anteriores (a passagem ocasional por determinada área desperta o interesse para um retorno e exploração desse foco de interesse: uma represa, uma região); e também alguma notícia de peculiaridade que chame a atenção de uma determinada região (geralmente notícias que não tenham o enfoque simplesmente turístico).

É interessante notar que apesar de hoje viverem no mundo densamente urbano, não existe propriamente um saudosismo de “bons tempos da natureza selvagem” mas sim uma valorização de um bom contato com a natureza na atualidade. Vejo que valorizam um estilo de vida despojado no ambiente natural mesmo que tenham condições de manterem um estilo de lazer mais confortável e contido na zona urbana.

Em uma reuniãozinha feita na casa de um dos montanhistas, em meio à conversa de várias pessoas experientes, tentava-se animar a namorada de um deles a sair em viagem com o grupo. Enquanto a garota dizia não se sentir à vontade para passar vários dias no meio do mato, sem um banheiro civilizado adequado e coisas semelhantes, um rapaz falava que ele “não precisava de um hotel cinco estrelas, sendo que ele teria uma constelação inteira no céu só para ele...”. Há um quadro de valores interno ao grupo, determinado justamente pela autenticidade que sentem ao serem praticantes dos esportes na natureza. E essa autenticidade que a pessoa sente de sua atividade guia a busca e desenha o significado das emoções na viagem.

Como este fato revela um nível valorativo auto-imposto pelo praticante do excursionismo, podemos observar uma série de outros aspectos postos subliminarmente por estes grupos que apontam para um conjunto de valores muito bem delimitado. O quadro das características gerais destes grupos podem afirmar isso: entre estas pessoas há uma busca pelo conhecimento (técnico e não-técnico: informações gerais sobre aspectos ligados ao excursionismo – biologia, geografia, geologia, nutrição, medicina, tecnologia de equipamentos – e qualquer outro tipo de conhecimento); gosto pelas alturas (montanhas, vistas panorâmicas); gosto pelos detalhes (nas cavernas, na fauna, flora, em equipamentos, etc); gosto pela postura ética (estabelecimento de regras de etiquetas ecologicamente corretas); gosto de liberdade (independência em relação ao mercado das agências); cultura altamente urbanizada e civilizada (históricos diferentes, porém o ponto atual das histórias de todos: urbanos). Interessante notar sobre esse último aspecto, o grande número de participantes ligados à área de exatas, como engenheiros e técnicos de informática!

O gosto pela natureza configurado na atualidade se dá justamente por ser um produto de toda a história do relacionamento do homem com a natureza. A aproximação com a natureza para o lazer do homem moderno envolveram questões como: saúde (o contato com água e, mais tarde, o ar da montanha), racionalização da vida cotidiana (corpo disciplinado, vigoroso, mente saudável, coragem, educação regrada), apelo estético da paisagem e contínua reflexão ou espiritualidade.

Apesar da prática excursionista fazer parte de um histórico muito anterior à vaga emancipadora baseada nos anos 60 (liberar a natureza dentro ou fora de nós tem sido um constante tema do discurso emancipador a partir naquela época), vejo que ela muito

influenciou a postura excursionista de hoje. (Soper: 1995) Senti, por exemplo, durante esta pesquisa que existe sim uma vontade de resgate de um relacionamento mais próximo com o ambiente natural e uma procura de distanciamento do cotidiano urbano por parte destas pessoas tão ligadas à civilização moderna. Porém, de qualquer forma, mais do que um sentimento de emancipação e liberdade humana na prática desses esportes aventureiros, percebi uma grande preocupação com a conservação da natureza pelo seu aspecto atrativo, no que diz respeito a sua condição de pitoresco, mas também de vital para o ser humano.

A noção de que a natureza tem hoje um status de objeto raro me foi apontada por um excursionista mesmo. Portanto eles mesmos têm a noção de que a natureza tem um status diferenciado no chamado mundo pós-moderno, ela é um objeto de cobiça e, por isso, tanto se fala na postura ecológica hoje. Soper chega a citar o “retorno” a natureza como salvamento da natureza da corrupção humana. Penso que grande parte do mistério de atração que a natureza exerce no cotidiano do mundo urbano-industrial atual se deve a essa valorização descrita por Soper: um retorno à “pureza”.

Para Paola Verri Santana (1998), a indústria ecoturística tem recuperado o sentido do uso da natureza, contudo, para o excursionismo, eu diria que seria um reflexo da própria busca contemporânea na preocupação da ressignificação do relacionamento do homem com a natureza. Pois aqui, o olhar do excursionista dirigido à natureza é um hábito que se cultiva cotidianamente, diferentemente do mercado que propõe selecionar objetos da natureza para o olhar do turista que busca seu momento próprio de distração.

A preocupação dos excursionistas quanto à crescente comercialização de suas atividades se dá pela aversão que têm quanto à experiência distanciada, ou melhor, enquadrada pela mídia, no contato com a natureza e no gozo momentâneo sem a consciência e a adoção de uma postura diferenciada. Estes grupos não se conformam com o marketing do valor da natureza; além de buscarem uma experiência com o mundo natural sem molduras, é perceptível uma reflexão sobre as posturas que exigem dedicação permanente, como a atitude de se reciclar o lixo em suas casas, por exemplo, ou de educação de novos excursionistas através de regras de condutas conservacionistas em meios naturais. Deve-se notar também a importância que o conhecimento de técnicas e aparelhos (equipamentos específicos para essa prática esportiva) e o uso de conhecimentos e comportamentos civilizados se faz presente em todo o grupo imprecindivelmente. Por isso a discussão que se faz sobre estilo de vida na teoria de Bourdieu é interessante para esta pesquisa.

Pierre Bourdieu, em “La distinción - Criterios y bases sociales del gusto”(1983), nos aponta que as preferências por determinados bens culturais indicam os delimitadores das classes sociais e suas relações e oposições entre si. O conjunto de disposições que se referem aos aspectos econômico, cultural e social de uma pessoa permitem prever sua posição no espaço dos estilos de vida.

Bourdieu nos fala da abrangência da dimensão desses aspectos: volume e estrutura do capital que são apreendidos sincrônica e diacronicamente. Isto é, toda a herança (econômica, cultural, etc) que uma pessoa possa receber, toda sua história, sua trajetória individual e sua própria condição e posição atual influenciam nas propriedades e práticas que sistematizam os gostos, propensões, preferências, aptidões a determinadas

apropriações (material e/ou simbólica); apropriação de determinada categoria de objetos ou de práticas classificadas e classificadoras.

Através dos discursos dos excursionistas, vemos que as disposições internas independentes estão ajustadas em uma determinada posição da estrutura social. Existe, portanto, como que por convenção da classe (o ethos), um ideal ético nas escolhas e posturas tomadas. “O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, (...), vestimentas, linguagem ou héxis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados”. (Bourdieu: 1983, p.83)

É importante ressaltar que ao contrário da prática dos esportes populares, geralmente jogos de equipe já bastante vulgarizados, em que se percebe o espírito de sacrifício em favor da submissão às regras e à disciplina coletiva, as práticas preferidas das classes burguesas implicam justamente no distanciamento com respeito ao “conformismo gregário”.

É diante dessa análise que enxergamos esse seguimento excursionista (tão ligado à tecnologia e, ao mesmo tempo à rusticidade) que busca, em suas características subliminares, riscar suas impressões no contato com a natureza da forma mais atualizada na sociedade moderna: imprimindo regras para condutas em ambientes naturais e apontado uma espiritualidade no relacionamento com os elementos naturais, mesmo que essa relação passe por um filtro bem civilizado (através de técnicas e conhecimentos modernos e também da cultura de regras modernas).

Bourdieu também nos diz sobre a “exibição da liberdade” como forma de distanciamento “com relação à necessidade e com relação aos que dela se acham prisioneiros” e, portanto, quanto mais se eleva essa distância em relação às necessidades básicas do ser humano, maior o grau de “estilização da vida”. Ao vagarmos com Keith Thomas, pela história descrita em *O homem e o mundo natural* (2001), podemos verificar o longo percurso da concepção que se fez sobre a natureza até o ponto em que estamos, no qual a maior parte da população se encontra em zonas urbanas. Entre os séculos XVI e XVIII modificaram-se diversas noções. Vemos neste período desde a idéia que acreditava no progresso da civilização como sinônimo de terra cultivada, ou seja, a limpeza de florestas, a derrubada de matas, a eliminação de predadores, a drenagem de terrenos pantanosos, questões estas que eram tidas como imprescindíveis; passamos pela nostalgia do morador da cidade (já industrializada então) refletida em seu pequeno jardim, nos animais de estimação, nas férias passadas longe da concentração urbana, no gosto pelo cultivo de plantas e pela observação de animais selvagens, e no sonho de se ter uma casa para os finais de semana no campo ou na praia; até, por fim, chegarmos à idéia que proclama a importância do cenário da natureza selvagem para a vida espiritual do homem.

Com os estudos de Elias, em *Un ensayo sobre el deporte y la violencia* (1996), vemos que o desenvolvimento do esporte teve importante papel na civilização dos gestos e tendências modernas. Ao estudar o desenvolvimento da caça à raposa, o passatempo da aristocracia na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, este autor nos mostra que da simples atitude espontânea de caça, “quando os próprios indivíduos eram os atores

principais [e] os cães simples complementos”, as regras evoluíram até constituir um esporte em que o prazer agora se concentrava na corrida agradável, na tensão e na emoção, sendo isto de maior importância do que o próprio animal caçado.

Historicamente houve um refinamento dos comportamentos. Bondade e benevolência para com a natureza agora são sinais de virtude. Há uma construção da sensibilidade virtuosa a natureza na ponta do desenvolvimento da sociedade moderna! (Lembre-se que o grupo estudado é altamente ligado à civilidade quando notamos suas características básicas.) Assim, o último elemento a ser buscado como ‘o sublime’ (distante das massas) são as áreas ainda não ocupadas, portanto as áreas selvagens que, na Europa, são as montanhas. E essa cultura vemos transportada às condições brasileiras.

Conclusão

O dilema da sociedade moderna se estende em como manter o conforto da sociedade atual (sociedade de consumo) e manter a natureza viva... Essa questão está presente no grupo aqui estudado o qual justapõe civilidade e romantismo (leia-se espiritualidade).

Para Löwy e Sayre (1995), “romantismo e iluminismo coexistem em todos os séculos da modernidade”, porém essa relação é sempre complexa. Para esses autores, a obra de Rousseau seria um exemplo da justaposição de ambas as perspectivas, pois suas idéias apresentam, ao mesmo tempo, uma radicalização do iluminismo e uma transformação-continuação da crítica social do iluminismo. Nessa perspectiva, para o romantismo, o iluminismo pode ser definido como irmão inimigo.

A busca excursionista pela natureza faz parte desse processo histórico moderno e, hoje, esse relacionamento não se estrutura de forma antropocêntrica, mas há uma inquietação perceptível na condição humana moderna sobre o meio em que vive o homem, digo tanto de seu habitat natural, como de sua vivência em sociedade. O posicionamento dos grupos estudados traduzem a inquietação de se pensar novamente homem e natureza encerrados em um só mundo, porém agora sob a perspectiva da sociedade moderna.

Vejo, assim, os grupos excursionistas como parte dos bastidores, isto é, vejo-os inseridos nesse jogo de forças sociais que acabam por reger as tendências e preferências vigentes na sociedade. Ao se engajarem na linha da consciência ecológica e se atermem ao sentimentalismo romântico do gosto pela natureza, eles se amarram à preocupação do chamado mundo pós-moderno. Estes grupos adotaram um estilo de vida que se insere numa das mais altas estimas do quadro de valores da atualidade, mesmo porque o próprio segmento da sociedade que detém o poder econômico, como os setores industriais, já viram a necessidade de se posicionarem em favor da valorização da natureza. Com a percepção de que toda ideologia do progresso na modernidade tem levado o globo a uma situação de auto-destruição, há uma valorização do posicionamento alternativo a este caos.

O que vejo em todo este quadro é a situação de pessoas dentro do sistema compressor da modernidade, mas que procuram uma solução dentro desse sistema. Não

vejo nas viagens dos excursionistas um simples “escapismo” da realidade ou da prisão urbana (talvez, em certa medida, individualmente isso possa até ocorrer), mas como um grupo inserido na sociedade em meio a tantas outras “tribos”, como diria Michel Maffesoli (1998), os excursionistas fazem parte de segmentos médios da sociedade burguesa que praticam nas viagens a cultivo permanente de valores cuja legitimação na sociedade proporciona sentido de vida para os indivíduos.

Palavras-chave: Modernidade; Esporte de Aventura; Ecologia.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *O amor pela arte. Os museus de arte na Europa e seu público.* ed. Edusp/ Zouk, 2003.

_____. *La distinción. Criterios y bases sociales del gusto.* ed. Taurus, Madrid, 1988.

_____. “Gostos de classe e estilos de vida” in ORTIZ, Renato. (org.) Pierre Bourdieu. *Sociologia.* ed. Ática, São Paulo, 1983.

CARDOSO, Athos Eichler. *O que é aventura.* ed. Brasiliense, São Paulo, 1987.

CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres. O advento do lazer.* ed. Teorema, Lisboa, 2001.

COSTA, Vera Lucia de Menezes. *Esportes de aventura e riscos na montanha.* ed. Manole, São Paulo, 2004.

CRESPO, Jorge. *A história do corpo.* ed. Difel, Lisboa, 1990.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. (orgs.) *Deporte y ocio en el proceso de la civilización.* Fondo de Cultura Económica, México, 1996.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Uma história dos costumes.* vol. I, ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas.* ed. LTC, 1989.

KRAKAUER, Jon. *Sobre homens e montanhas.* ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1999.

JUODINIS, Gisele. *O Excursionismo e o Gosto pela Natureza.* Dissertação Mestrado, PUC/SP, 2006.

LAVENIR, Catherine Bertho. *La roue et le stylo: comment nous sommes devenus tourists*. Éditions Odile Jacob, Paris, 1999.

LÖWY M. & SAYRE, R. *Revolta e melancolia*. O romantismo na contramão da modernidade. ed. Vozes, Petrópolis-RJ, 1995.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo*. Vagabundagens pós-modernas. ed. Record, Rio de Janeiro, 2001.

_____. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1998.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revista*. A segmentação da cultura no século XX. ed. Olho D'Água/FAPESP, São Paulo, 2003.

MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX*. ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1994.

_____. *O enigma do homem: Para uma nova antropologia*. ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1979.

_____. *O homem e a morte*. ed. Imago, Rio de Janeiro, 1997.

PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. *Sociologia do turismo*. ed. Papirus, Campinas, 1995.

PASSERINI, Luisa. "A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens. A Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950". in *A História dos Jovens*. ed. Cia das Letras, 1997.

PORTER, Roy. "Os ingleses e o lazer" in CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres*. O advento do lazer. ed. Teorema, Lisboa, 2001.

RAUCH, André. "As férias e a natureza revisitada (1830-1839)" in CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres*. O advento do lazer, ed. Teorema, Lisboa, 2001.

RIBEIRO, Gustavo Lins. & BARROS, Flávia Lessa de. "A Corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo" in *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*, ed. Papirus, Campinas, 1997.

SANTANA, Paola Verri. *Ecoturismo: uma indústria sem chaminé*. Dissertação Mestrado, FFLCH – USP, São Paulo, 1998.

SANTOS, M. H. & LUCAS, M. R. (orgs.) *Antropologia. Paisagens, sábios e selvagens*. ed. Porto, Portugal, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. *Orpheu exáltico na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. ed. Cia das Letras, São Paulo, 1992.

SHAMA, Simom. *Paisagem e memória*. ed. Cia. das Letras, São Paulo, 2001.

SOPER, Kate. *What is nature? Culture, politics and the non-human*. ed. Blackwell, Oxford /Cambridge, 1995.

THIESSE, Anne-Marie. "Organização dos lazeres dos trabalhadores e tempos roubados (1880-1930)" in CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres. O advento do lazer*, ed. Teorema, Lisboa, 2001.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. ed. Cia. das Letras, São Paulo, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum. Ensaio de antropologia geral*. ed. Papyrus, Campinas, 1996.

UNGER, Nancy Mangabeira. (org.) *Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico*. ed. Loyola, São Paulo, 1992.

URRY, John. *O olhar do turista. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. ed. Estúdio Nobel /SESC, 3ª ed., São Paulo, 2001.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo. A higiene do corpo desde a Idade Média*. ed. Fragmentos, Lisboa, s/d.

JORNAIS, REVISTAS, PERIÓDICOS

Almanaque Brasil Socioambiental – Instituto Socioambiental – 2005.

artigo "Degelo destrói culturas nativas do Ártico" – 'Folha de S.Paulo', p.A10 – 22/out, 2005.

artigo "Quanto vale o show?" – 'Folha de S. Paulo', 'Mais!'-p.05 – 05/fev, 2006.

artigo "Viagens de aventura crescem 20%" - 'O Estado de S.Paulo', p.B5 – 10/out, 2004.

revista 'AventuraJá – Dicas, Roteiros e Lugares onde poucos chegam' – nº8, ed. Meg&Mar, 2005.

revista 'Backpacker – The Magazine Of Wilderness Travel' – E.U.A., December /2002.

revista 'Ecoturismo Terra' – Edição Especial, ed. Abril, São Paulo, 1997.

revista 'Headwall – Escalada & Aventura' – nº01 a 11, ed. Alta Montanha, São Paulo, 2002-2205.

SITES DA INTERNET

<http://www.anaturezaacalma.com.br> (09/agosto/2005)



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

<http://www.ceubrasil.org.br> (agosto/2004 a novembro/2005)
<http://www.pegaleve.org.br> (agosto/2004 a novembro/2005)
<http://www.mochilabrasil.com.br> (novembro/2002 a agosto/2004)
<http://www.femesp.org/> (agosto/2004 a novembro/2005)
<http://www.serrafina.org/> (março/2005 a novembro/2005)

FÓRUMS NA INTERNET

<http://br.groups.yahoo.com/group/ceu/> (novembro/2004 a novembro/2005)
http://www.grupos.com.br/grupos/trekking_e_travessias (nov/2004 a nov/2005)
<http://www.grupos.com.br/grupos/trekking.sp> (março/2005 a junho/2005)
<http://br.groups.yahoo.com/group/trekking.sp/> (junho/2005 a novembro/2005)
<http://br.groups.yahoo.com/group/serrafina/> (março/2005 a novembro/2005)

ESCALADA PARA AMPUTADOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Isabela Gouveia Marques¹, Thiago Bassani Bellusci¹, Luana Mari Noda¹, Rui Corredeira²,
Tânia Lima Bastos², Giuliano Gomes de Assis Pimentel³

¹Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil

²Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal

³Grupo de Estudos do Lazer da Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil

ig.marques@hotmail.com

1. Introdução

A escalada é uma modalidade que não possui muitas exigências para sua prática. “Mesmo sendo um esporte radical pode ser praticado por qualquer pessoa, estando ciente e dentro de suas limitações” (SILVA et al., 2007, p. 52). Sendo assim, amputados poderiam praticar a escalada dentro de suas características e limitações. No entanto há carência de bibliografia sobre amputados e escalada, levantando dúvidas se, de fato, existem pessoas nessa condição que realizam efetivamente essa modalidade.

1.1- Amputação

O termo deficiente “é atribuído a qualquer redução das aptidões físicas ou mentais, devido a um funcionamento perturbado ou defeituoso do raciocínio ou de um órgão de elaboração mental ou de atividade” (POTTER, 1987, p.3). Segundo a Organização Mundial de Saúde (2010) há aproximadamente 650 milhões de pessoas desabilitadas no mundo, sendo que um tipo de deficiência muito comum é a amputação. De acordo com Prahalad (2005) existem ente 10 e 25 milhões de pessoas amputadas, com surgimento de cerca de 250 mil casos novos por ano.

A amputação pode ser definida como perda de todo ou parte de um membro (AUXTER et al., 1993, p. 251; WINNICK, 1990; POTTER, 1987), sendo que essa perda pode ser congênita, caracterizada como a ausência de todo ou parte do membro no momento do nascimento (ADAMS et al., 1985; AUXTER et al. 1993), ou a amputação pode ser adquirida ao longo da vida, por diversos motivos como tumor, trauma, comprometimento vascular, infecções e fatores diversos (ADAMS et al., 1985; AUXTER et al., 1993).

1.2- Escalada

O montanhismo pode ser entendido por caminhar ou escalar terrenos montanhosos, necessitando performance regular, treinamento (STRUMINSKI, 2003).A

escalada teve origem no montanhismo, quando na busca de chegar ao topo da montanha, era necessário transpor caminhos íngremes e atravessá-los utilizando quatro apoios (Cunha, 2005), é “uma atividade que consiste na progressão quadrúpede sobre um plano que tende para a vertical” (Chumbinho apud Cunha, 2005, p. 7).

Para Pereira (2007) a escalada é dividida em seis tipos, sendo: gelo e neve; escalada esportiva; *big wall*; escalada livre; *boulder*; e escalada *indoor*. Na escalada esportiva o atleta se preocupa menos com o trajeto, porque as vias já estão traçadas, e o escalador consegue obter o máximo de complexidade e perfeição para transpor as vias mais difíceis (PEREIRA, 2007, OLIVEIRA, 2010). O *big wall* é para escaladores mais experientes, que consiste em escalar monoblocos de rochas com mais de 500 metros, (OLIVEIRA, 2010). Na escalada livre o escalador deve subir utilizando a força e técnica, não podendo utilizar equipamentos permanentes nas rochas nem segurar em cordas ou nas proteções nas rochas (PEREIRA, 2007). Já o *boulder* consiste em escalar pequenos blocos de rochas. Não se costuma utilizar equipamentos de segurança por serem alturas relativamente baixas: dois a cinco metros segundo Pereira (2007) ou três a quatro metros segundo Oliveira (2010). A escalada em gelo e neve são progressões em montanha com parede de neve ou gelo utilizando-se técnicas e equipamentos especiais (PEREIRA, 2007; OLIVEIRA, 2010). Por fim há a escalada *indoor* com paredes e rochas artificiais que imitam a aderência das agarras naturais (PEREIRA, 2007).

A partir de levantamentos realizados, surgiu a curiosidade de confirmar a afirmação dita por alguns autores de que a escalada é uma modalidade para todos (SILVA, 2007), buscando-se casos específicos de escalada realizada por amputados.

2. Objetivos do estudo

Verificar se existem amputados que praticam a modalidade escalada, quais as características dos praticantes, os tipos de amputações, as conquistas, benefícios da prática e competições com a participação deles.

3. Metodologia

Este estudo é documental do tipo exploratório.

A caracterização do estudo como pesquisa exploratória normalmente ocorre quando há pouco conhecimento sobre a temática a ser abordada. Por meio do estudo exploratório, busca-se conhecer com maior profundidade o assunto, de modo a torná-lo mais claro ou construir questões importantes para a condução da pesquisa (RAUPP e BEUREN, 2006, p. 80).

Para obtenção das fontes documentais (SILVA, 2006), foi realizada coleta em sites de empresas patrocinadoras, jogos e eventos dessa modalidade e, a partir disso, foram relacionados os nomes dos praticantes e verificados blogs e sites de relacionamentos sociais. Tal levantamento foi realizado no mês de novembro de dois mil e dez na *World Wide Web*.

Foi criado um questionário com oito perguntas, quais sejam: nome, país de origem, gênero, idade, tipo de amputação, etiologia da amputação, intenções e conquistas do escalador. A partir desses dados foi realizada análise descritiva que consiste em “analisar os dados de uma amostra, sem tirar qualquer conclusão de um grupo maior” (RAMOS, 2009/2010).

Apesar do pequeno número de envolvidos, esta pesquisa pode abrir novos horizontes de investigação, mais densos e específicos para o adequado entendimento da relação amputados e escalada.

4. Resultados e discussão

Foram encontrados 17 praticantes de escalada com amputação, havendo corte de 2 indivíduos por não terem dados suficientes para o questionário. Essas pessoas mantêm atividade física regular, praticam atividade de aventura e, portanto, são casos a serem estudados e adequados ao presente levantamento.

A tabela 1 apresenta as principais características das pessoas pesquisadas.

Tabela 1. Características gerais das pessoas pesquisadas (N= 15).

Gênero	Masculino	12
	Feminino	3
País de origem	EUA	10
	Grã Bretanha	1
	Brasil	1
	Rússia	1
	Canadá	1
	Nova Zelândia	1
	Idade	15-20 anos
	21-40 anos	5
	Mais de 40 anos	3
	Não declarado	5

O perfil do grupo pesquisado, principalmente no aspecto do gênero predominantemente masculino, está de acordo com o encontrado na pesquisa de Videira (2008), que destaca o perfil dos praticantes de escalada como “a maioria dos praticantes serem do sexo masculino, jovens e inseridos em grupos sociais com maiores recursos” (VIDEIRA, 2008, p. 50).

Pereira (2007) também caracteriza a população de praticantes de escalada como a grande maioria sendo do sexo masculino. No senso comum, conforme verificado por

Pimentel e Saito (2010) há mais interesse de homens (jovens, com escolaridade média) e uma representação que compreende essa prática como arriscada para mulheres. Não obstante, conforme estudo de Figueira e Goellner (2009) a partir do skate feminino é reconhecido o crescimento da participação das mulheres nas atividades de aventura e que, em muitos casos, ela é desvalorizada e recebe menos divulgação quando comparada à masculina.

Em outro aspecto, a maioria dos envolvidos neste levantamento é de origem norte-americana, talvez muito em função do viés do emprego da língua inglesa no referido levantamento realizado na web.

Em relação à idade, embora 5 pessoas não a tenham declarado, a maioria é de maiores de 20 anos, evidentemente por se tratar de uma atividade que possui maior aceitação do público jovem, por conter características de uma atividade de aventura.

Quanto às amputações das pessoas pesquisadas, suas características estão citadas na tabela 2.

Tabela 2. Características das amputações dos pesquisados.

Tipo de amputação	Adquirida= 14	Por doença	3
		Por hipotermia	1
		Por trauma	10
	Congênita= 01		
Classificação USAAA	A1	1	
	A2	5	
	A3	3	
	A4	4	
	A8	2	

Nota-se a quase predominância das deficiências adquiridas, com apenas 1 caso de origem congênita. Assim, segundo Prahalad (2005), as causas mais comuns de amputações das extremidades inferiores são: doença (70%), trauma (22%), congênitos (4%) e tumores (4%); já as amputações das extremidades superiores são decorrentes de traumas ou congênitas (World Health Report, 1998 apud PRAHALAD, 2005). A proporção encontrada no presente levantamento está, portanto, de acordo com a literatura, com predominância dos casos adquiridos (14 – 93%) frente aos congênitos (1 – 7%).

Deve-se constatar que a causa de amputação por doença não foi predominante no estudo, considerando que as doenças vasculares ocorrem em pessoas com idade avançada. O trauma é o segundo fator causador da amputação, abrangendo acidentes automobilísticos, acidentes durante a prática da escalada, entre outros fatores. Cinco indivíduos enquadraram-se no trauma por ferimento de guerra, muito comum em países com história recente de guerras e agitação civil (PRAHALAD, 2005).

A amputação pode ser classificada em nove classes de acordo com o local e nível da ausência do membro, ou do ponto de vista funcional, a United States Amputee Athletic Association (apud WINNICK, 1990) classifica em A1 amputação dupla acima do joelho, A2 amputação unilateral acima do joelho, A3 amputação dupla abaixo do joelho, A4

amputação unilateral abaixo do joelho, A5 amputação dupla acima do cotovelo, A6 amputação unilateral acima do cotovelo, A7 amputação dupla abaixo do cotovelo, A8 amputação unilateral abaixo do cotovelo, A9 combinação de amputação de membros superior e inferior, de acordo com esse sistema, a classe A8 apresenta melhores habilidades funcionais do que a classe A1 (WINNICK, 1990).

Pode-se perceber que a maioria possui amputação de membros inferiores. Segundo o estudo do National Center for Health Statistics em 1996, (apud PRAHALAD, 2005), nos Estados Unidos 70% amputações são de membros inferiores. Uma amputação de membro superior pode ser mais complexa para ser substituída por uma prótese, devido ao movimento de pega e apreensão dos dedos e do polegar (ADAMS et al. 1985).

Todos os envolvidos demonstram aspectos positivos, como senso de superação, exemplo de estilos de vida ativa mesmo com a deficiência e principalmente desejo de repassar exemplos a outras pessoas que, na mesma situação, ficam em estado de apatia e depressão. Como forma de demonstração desse estado de superação, praticamente todos os pesquisados declaram conquistas diversas tanto na escalada quanto no montanhismo, muitas deles de alto grau de dificuldade, e alguns casos são agora descritos como dados qualitativos.

Como primeiro caso a destacar, cita-se o relato de T.W., o primeiro “deficiente” a escalar o monte Everest com 8.850m de altitude, sendo autor de livros, assunto de documentários, e também ministra palestras de motivação e superação. De maneira similar, outro amputado, M.I., 51 anos, escalou o Monte Cho Oyu, no Tibete, com 8.201m, e foi o primeiro duplo amputado a conquistar Monte Everest.

Outros exemplos de conquista foram N.D., 27 anos, D.N., 39 anos e K. B., 62 anos, três veteranos de diferentes guerras que conquistaram o Monte Kilimanjaro, maior montanha da África com 5.895m de altitude, em 6 dias, sendo que somente uma perna era verdadeira entre os três. Este evento teve como objetivo incentivar e mostrar que pessoas com deficiência podem ser ativas.

C.J. escalou, junto com um deficiente visual, as cachoeiras congeladas do Bridal Veil Falls, Colorado, com 365 pés de altura e aproximadamente 111m de altitude, com o objetivo de chamar a atenção para a reabertura do parque Bridal Veil Falls, para preservação ambiental, e divulgação das atividades ao ar livre e na natureza.

T. H. completou o Simmit América, escalando as maiores elevações em cada um dos 50 estados dos EUA em 66 dias 22 horas e 47 minutos, quebrando o recorde com 35 dias de diferença de uma pessoa não amputada.

As colocações nos Extremity Games também podem ser consideradas conquistas para cada indivíduo, sendo necessária superação diária. Os jogos Extremity Games foram encontrados como uma forma de escalada como modalidade formal, institucionalizada e competitiva, criado por uma companhia de próteses, teve como a inspiração os X Games, a maior competição de esportes de aventura. Os jogos começaram no ano de 2006, com uma edição anual, são realizados jogos competitivos para amputados nas modalidades de *skateboarding*, escalada em velocidade, *wakeboarding*, *sit-boarding*, caiaque e *cross country mountain biking* (EXG, 2010).

Segundo os praticantes, escalada para amputados é defendida como uma das melhores formas de passar pela reabilitação, focar-se, encontrar algo que é fisicamente

recompensador e desafiador. Descrevem a escalada não somente com uma atividade física, mas também um jogo mental, sendo desafios que têm que ser superados e onde são capazes de provar suas capacidades. Segundo K.A., “eu acho que esta é a última coisa que as pessoas esperam de mim, e eu gosto de provar que elas estão erradas”.

O ganho no âmbito social também é muito grande, principalmente pelo convívio em ginásios especializados de escalada; conforme citado por K.A., “é fantástico estar rodeada por aquelas pessoas, cada atleta é uma inspiração”. Nestes locais é possível encontrar pessoas na mesma situação, amputados e praticantes de escalada, pessoas que enfrentavam as mesmas dificuldades, que estão ativas, superando novos obstáculos, o que exerce muita influência na auto-estima e autoconfiança. “Foi o primeiro lugar que eu fui onde eu não estava sozinha no mundo”, relata a pesquisada K.A. sobre sua participação nos Extremity Games.

Além disso, o amputado vê-se fazendo uma atividade na qual pessoas sem deficiências fazem, pois a escalada não é adaptada, as regras são as mesmas, os equipamentos de segurança são iguais e eles são capazes de atingir o objetivo sem precisar de artifícios especiais. Portanto, aparentemente, não se sentem inferiorizados.

5. Conclusão

Pode-se concluir que existem amputados que praticam escaladas em diversos países, com diferentes dificuldades motoras, sendo que foi possível verificar os mesmos motivos e relatos quanto à prática da escalada, seus benefícios para a aceitação da amputação, superação de limites e aceitação social.

Sugerimos novas pesquisas acerca deste assunto, visto que existe essa população praticante, em diferentes modalidades da escalada. Nota-se que as experiências e benefícios são inúmeros, e com a popularização dos jogos Extremity Games, a escalada para amputados tende a aumentar o número de adeptos. Esperamos que este trabalho seja a base para novos estudos e discussões.

Palavras-chave: Amputados; Escalada; Motivação.

Referências

Adams, R. C., Daniel, A. N., McCubbin, J. A., Rullman, L. **Jogos, Esportes e Exercícios para o Deficiente Físico**. 3. ed. São Paulo: Manole, 1985.

Antonelli, F. e Salvini, A. **Psicologia del Deporte**. Roma: Lombardo Editore, 1978.

Auxter, D., Pyfer, J., Huettig, C. **Principles and methods of Adapted Physical Education and Recreation**. 7. ed. St. Louis, Missouri: Mosby, 1993.

Cunha, N. M. B. **Escalada em Portugal**: Estudo de caracterização sociodemográfica e desportiva dos praticantes, da prática e das variáveis determinantes no desempenho

desportivo em Escalada. Porto, Portugal: Dissertação de mestrado em Ciência do Desporto, Universidade do Porto, 2005. Disponível em:

<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14110/2/Escalada%20em%20portugal%20%20estudo%20de%20caracteriza%C3%A7%C3%A3o%20sociodemogr%C3%A1fica%20e%20desportiva%20dos%20praticantes%20da%20pr%C3%A1tica%20e%20das%20vari%C3%A1veis%20determinantes%20no%20desempenho%20desportivo%20em%20escalada.pdf> Acesso em: 14 de novembro de 2010.

Extremity Games EXG (2010). <http://www.extremitygames.com/> Acesso em: 7 de novembro de 2010.

Figueira, M. L. M.; Goellner, S. V. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, p. 95-110, 2009.

Oliveira, M. **Apontamentos de Escalada**. Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, (2009/2010).

Organização Mundial da Saúde. 2010. Disponível em: <http://www.who.int/disabilities/en/> Acesso em: 9 de novembro de 2010.

Pereira, D. W. **Escalada**. São Paulo: Odysseus, 2007.

Pimentel, G. G. A.; Saito, C. F. Caracterização da demanda potencial por atividades de aventura. **Motriz**, v. 16, p. 152-161, 2010.

Piovesan, A., Temporini, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista Saúde Pública**, 29(4): 318-25, 1995.

Potter, J. C. **Desporto para Deficientes**. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura Direcção-Geral dos Desportos, 1987.

Prahalad, C. K. **A riqueza na base da pirâmide**: como erradicar a pobreza com o lucro. São Paulo: Bookman, 2005.

Ramos, S. **Apontamentos de Iniciação à Estatística**. Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, (2009/2010).

Raupp, F. M., Beuren I. M., Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais. In: Longaray, A. A., et al. **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade – Teoria e Prática**. 3ª ed. Editora Atlas. p. 76 – 97.

Silva, A. C. R., **Metodologia da Pesquisa Aplicada à Contabilidade**: orientação de estudos, projetos, artigos, relatórios, monografias, dissertações, teses. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

Silva, G. A., Ferreira, R. de P., Navarro, F., Santos, C.F. Suplementação de carboidrato não influencia na diminuição da perda de força na escalada indoor. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v.1, n. 3, p. 51-64, Mai./Jun. 2007 Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício. São Paulo, 2007. Disponível em:

http://ibpefex.com.br/site/images/stories/PFEX_03_MAI_JUN_2007_pdf/PFEX_26_06_N3_V1_PP_51_64.pdf Acesso em: 21 de novembro de 2010.

Struminski, E. A ética no montanhismo. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 7, p. 121-130, jan./jun. Editora UFPR, 2003.

Videira, A. I. S. **A Escalada – um Desporto e um Estilo de Vida**: O caso do Encontro da Redinha e do 2º Encontro de Escaladores do Caramulinho. Coimbra, Portugal: Monografia de licenciatura em Ciências do Desporto da Universidade de Coimbra, 2008. Disponível em:

<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/10693/1/A%20Escalada%20%E2%80%93%20um%20Desporto%20e%20um%20Estilo%20de%20Vida.pdf> Acesso em 14 de novembro de 2010.

Winnick, J. P. **Adapted physical education and sports**. Champaign, Illinois: Human Kinetics Books, 1990.

A ARCA DE NOÉ E A EDUCAÇÃO FÍSICA

Dimitri Wuol Pereira
Universidade Nove de Julho, São Paulo – SP, Brasil
dimitri@rumoaventura.com.br

Introdução

Arca de Noé tem sido investigada pela ciência, pois suscita um desabrochar de conhecimento significativo em termos de autoria daquele, ou daqueles que puderem provar sua existência (CING, 2010). Para a religiosidade ela é apresentada como símbolo da existência de Deus, uma metáfora para a salvação. Para Mineiro e Steger (2004) a metáfora da Arca na qual Noé carrega animais trás em si uma projeção da experiência humana adquirida em terra com animais, os quais serviam de sustentação para a travessia dos difíceis dias naqueles tempos.

Os animais da Arca permaneceram presentes nas embarcações que sucederam a época pré Cristiana. Tanto que muitos instrumentos de navegação receberam nomes de animais nas naus Colombianas e alguns continuam ainda hoje, como: aranha, cabrita, burro, papagaio, lebre, entre outros. Os animais foram metáforas para que as pessoas encontrassem a salvação de seus corpos e almas, tanto que foi justamente uma ave que retornou com um sinal de terra.

A pergunta que resta fazer é qual a relação possível entre a Arca e a Aventura na contemporaneidade? Fernandes e Freitas (2006) apontam que a arte de navegar é milenar e que os egípcios já velejavam há 4000 anos. Embarcando nessa aventura, percebe-se que debruçar-se sobre a construção de um barco para nos salvar das enchentes, tsunamis e alagamentos, ou para nos conduzir rumo ao desenvolvimento, riquezas ou medalhas é tarefa pouco conhecida da maioria das pessoas nos dias de hoje. Ao mesmo tempo, estar atento para perceber que nossa memória pouco nos orienta em terrenos desconhecidos, nos leva a refletir sobre como os conhecimentos interdisciplinares da engenharia, matemática, física, educação, educação física, turismo entre outros, pouco se tocam no que se refere à formação acadêmica em nível superior, e, na formação de educandos na escola básica. Saberes talvez necessários ao bem viver e a qualidade de vida que com o advento da tecnologia e do conforto em terra firme foram deixados de lado.

Objetivo

Perseguir-se-á nesse texto o caminho dos ventos e das marés no sentido de descortinar a terra à vista aos olhos do conhecimento para desvelar como podemos construir a Arca que nos leve a Aventura da sabedoria.

Metodologia

O método utilizado nessa pesquisa é do tipo estudo de caso descritivo com abordagem qualitativa (THOMAS e NELSON, 2002), tendo como amostra um programa de ensino de um curso de Educação Física do município de São Paulo que aborda entre seus conteúdos a construção de um barco pelos discentes. O procedimento utilizado foi a análise do programa de ensino, cujo conteúdo e avaliação da disciplina Modalidades Alternativas - Esportes Radicais foi a construção por cada turma do 5º semestre de licenciatura e do 8º semestre de bacharelado, de uma embarcação que navegasse e que utilizasse como matéria prima o papelão e outros materiais reutilizáveis (garrafas PET, barbantes e fitas adesivas).

O programa também tinha em sua fase final o caráter de apresentação e validação dos projetos de embarcações denominados Cardboat, cujo sucesso de dava pela possibilidade de navegar com suas Arcas. Os instrumentos utilizados foram: o diário de campo, confeccionado durante 4 semestres, pelos pesquisadores, professores da disciplina, registrando as atividades realizadas pelos alunos e as conversações entre os mesmos. A revisão de literatura sobre o assunto, as aulas, o plano de ensino da disciplina e o vídeo com as filmagens do Festival de Cardboat também compuseram a instrumentação adequada para a conclusão do trabalho.

Resultados

A literatura sobre embarcações e sua relação com a Educação Física normalmente sugere que a função do professor é treinar atletas para as competições de remo, canoagem ou vela (GOBBO e col. 2002; NAKAMURA e col. 2004), talvez toda a influência esportivista da área desde seu surgimento explique o motivo, ou também o paradigma biomédico predominante na ciência encontre no esporte de alto rendimento farta oportunidade de manter as publicações respondendo as demandas da sociedade em termos de avanços científicos. Certo é que trabalhos mais pedagógicos sobre o assunto nem sempre conseguem tanta repercussão, como se evidencia em Hilsdorf (2002); Lemos e col. (2007); Terezani (2008), entre outros.

Tiago Nicola Lavoura canoísta competitivo e de lazer é um autor que transitou entre esses dois tipos de publicação, discutindo a partir de uma visão mais voltada a psicologia o ato de remar em situações distintas como as competições de canoagem e a busca pela prática como diversão (LAVOURA e MACHADO, 2006; LAVOURA, SCHWARTZ e MACHADO, 2007). Mas apesar de sermos um dos países com maior área navegável do mundo e com clima propício para a prática dessa atividade em qualquer época do ano, tanto na área esportiva de competição quanto na de lazer ou de educação, são poucas as referências que podem subsidiar as reflexões sobre o tema.

Uma das razões no entendimento desse pesquisador é a pouca difusão cultural e pequena valorização do barco como meio de transporte no Brasil. A disciplina de Esportes Radicais a que se refere a pesquisa, sempre teve um caráter inovador em seus objetivos e o planejamento sempre esteve aberto a ouvir as ideias dos discentes de graduação. Observa-se que essa disciplina aborda diversos aspectos das atividades de risco no

ambiente terrestre e aquático, mas não contempla as modalidades náuticas de modo profundo. Fernandes e Freitas (2006) apontam, por sua vez, que a Universidade Veiga de Almeida no Estado do Rio de Janeiro implantou na disciplina de Esportes Aquáticos o conteúdo de Pranchas e Velas, mostrando a importância desse tipo de aprendizagem para o currículo dos graduandos.

De toda forma, em uma das intervenções positivas dos alunos na Universidade Nove de Julho em São Paulo, da qual se pesquisou o programa de ensino, houve a sugestão por parte de um aluno, que pesquisássemos sobre o Cardboat. A investigação dos professores da disciplina levou a reconhecer uma possibilidade educacional interessante.

Trata-se da construção de barcos feitos com caixas de papelão e usados por adolescentes do ensino básico em escolas da Inglaterra, do Canadá e dos Estados Unidos que disponibilizaram seus vídeos de Cardboat na internet (CARDBOARD BOAT CHALLENGE, 2011; CARDBOAT, 2009). Uma ação que transcende as formas tradicionais de aula, pois os alunos constroem os materiais do jogo e brincam a partir de seus interesses e anseios de aprender.

Trazendo essa proposta para nossa realidade, um grupo de alunos decidiu-se por apresentar seu trabalho final da disciplina, que deveria ser uma intervenção de Esportes Radicais para a escola, através de efetivação de um Cardboat, para mostrar aos colegas que essa era uma possibilidade real de aprendizado interdisciplinar. Essa primeira intervenção foi um sucesso tamanho, que a partir de então foram realizados três festivais de Cardboat no curso de Educação Física da Universidade.

Cada semestre os grupos de alunos se reúnem para construir seus barcos usando além das caixas de papelão, garrafas PET, lonas plásticas, fitas adesivas, e outros materiais alternativos e recicláveis e em dia determinado fazem um revezamento de Cardboats na piscina da instituição, entre as salas, das diversas turmas de 5º e 8º semestres, as quais ocorrem a disciplina de Esportes Radicais do curso. A brincadeira desse evento esconde e revela os conhecimentos experimentais de construir uma embarcação: que tenha capacidade de flutuar; que se equilibre o suficiente para que cada pessoa possa remá-la; que una as pessoas em um objetivo comum, que demonstre a preocupação com o meio ambiente através do reuso de materiais, que proporcione o desenvolvimento da habilidade de remar, pouco usada na Educação Física escolar; que possibilite a expressão artística na ornamentação dos barcos, que instigue a pesquisa sobre tipos de embarcações; que leve a busca de materiais leves; que arquitete um formato de barco que não afunde nem naufrague; e, finalmente que permita um momento de felicidade aos alunos da graduação. As palavras escritas nesse texto nem sempre são suficientemente esclarecedoras como são as imagens dos vídeos que os alunos e professores disponibilizaram na internet sobre o assunto (CARBOAT UNINOVE, 2009; CARDBOAT UNINOVE-LUSA, 2010).

Entre todas as edições do Festival de Cardboat Uninove o barco mais eficiente foi um catamarã, embarcação polinésia que contém uma haste horizontal presa a parte principal e que dá estabilidade e melhora a flutuação. Veremos mais a frente a importância dos polinésios na navegação. Os resultados dessa intervenção proliferaram no sentido da continuidade de estudos e pesquisas sobre os temas por parte de alguns

alunos. Um dos mais interessantes e ousados foi o de Cirenza e col. (2010) que se dispuseram a tentar resolver um problema.

Para uma nação que quer realizar uma Olimpíada, o Brasil tem uma fraca participação na modalidade remo, portanto, descobrir como incentivar a prática do remo é uma questão que incomodava os pesquisadores. Um dos problemas encontrados pelos autores na prática de remo é o custo da embarcação, em torno de R\$ 5.000,00. Os autores se propuseram a construir um *skiff*, barco de competição da modalidade remo, que tivesse o custo máximo de um salário mínimo.

Dessa forma, a pesquisa de material, desenho, estrutura, e característica técnica proporcionou a criação de um barco feito com espumas de construção civil e fibra de vidro, que pôde ser construído por duas pessoas, com o mesmo formato de um skiff competitivo, com o gasto de R\$ 500,00. O barco foi testado e teve sua estreia na água aprovada pelos próprios pesquisadores, sendo posteriormente levado a Universidade e também remado pelos alunos da graduação.

Acredita-se que esse tipo de iniciativa pode aproximar as pessoas dessa prática e porque não dizer até revelar um campeão olímpico. Nossa Arca está construída resta agora colocar os animais nela, isto é, organizar os alunos no sentido de orientarem-se rumo aos objetivos do conhecimento.

A disciplina também aborda o conteúdo orientação e navegação, onde se discute o significado de orientar-se. A busca histórica sobre orientação e navegação se confunde, porque foi através da necessidade de se orientar durante a navegação que surgiram as primeiras técnicas de conhecimento do mundo que nos cercava.

Os polinésios talvez tenham sido o povo que melhor realizou esse feito. A Polinésia é um arquipélago no Oceano Pacífico bastante isolado dos outros continentes, essa situação de afastamento levou seu povo a desenvolver uma cultura de sobrevivência que dependia da navegação para a busca de alimentos, trocas entre as ilhas e pesca no mar, sua principal fonte de sobrevivência.

Para Mamigonian (1999) a geografia local obrigou o povo polinésio a transmitir um saber de construção naval e deslocamento preciso como a criação das primeiras tábuas de navegação, depois sofisticadas por chineses, mesopotâmios e gregos. Acredita-se que os polinésios visitaram a antiga civilização Tiwanaku, a mais antiga da América, isto porque, foi encontrada uma réplica de uma embarcação polinésia no sítio arqueológico de mais de 3000 anos na Bolívia. Outro indício é a criação do *surf* que foi trazido pelos polinésios para o Hawaí, onde é praticado há mais de mil anos.

Observa-se que a dificuldade de se transmitir a cultura polinésia se dava pela falta da escrita, apontando para uma cultura oral da navegação e orientação, que se pautava pelo desenvolvimento de três aspectos fundamentais do conhecimento. A primeira lição era a **atenção** no ato de se orientar, que era aprendida desde a infância pelos meninos, que observavam o mar, os ventos, os animais, as estrelas e as ondas, por dias, para que pudessem adquirir um segundo conhecimento, a **percepção** dos pontos de referência de cada lugar, em cada momento.

Era necessário nessa fase distinguir as correntes marítimas em cada época do ano, pois os animais se movimentam em função disso e as pessoas deveriam saber disso para se localizar e seguir para pontos seguros. A terceira lição envolvia a **memória** de

tudo que se percebia, como não havia mapas, bússolas, gps e outros instrumentos, toda a aprendizagem deveria ser guardada na mente dos navegadores daquela região.

Enfim esses aspectos mostram como perdemos nossa capacidade cognitiva se nos compararmos a esse povo, pois mal mudamos uma rota conhecida e nos sentimos perdidos, mesmo quando saímos do bairro em que moramos. Sarup (1986) mostra essa incrível capacidade mental dos polinésios, que se locomoviam através de uma triangulação entre as ilhas e pontos de referência imaginários nos quais se guiavam.

Sua navegação depende de aspectos do mar e do céu, baseando-se num sistema de lógica tão complexo que os ocidentais não podem reproduzir sem o uso de instrumentos avançados. Assim, o que é aprendido como "prático" em Puluwat, seria considerado altamente "teórico", "abstrato", num de nossos colégios navais (SARUP, 1986: 14).

Criar situações de ensino e aprendizagem na graduação em Educação Física que promovam a competência de criar sua Arca e locomover-se com ela encontrando seu porto seguro deve ser um objetivo almejado pelo docente na Universidade. Pensando em termos de licenciatura, pode ser um incentivo para o surgimento de aulas de Educação Física escolar que requeiram do aluno o gosto pelo novo, pela descoberta, pelo fazer e compreender o que se faz. Partir do empírico no sentido como se propõe a disciplina pesquisada é livrar-se de métodos pouco libertários de ensino, e propor um método que leve a autonomia para aprender e gostar do que se aprende.

Conclusão

Silvio Santin do alto da Arca dos ensinamentos nos ajuda a fechar essa reflexão e a abrir novas portas para o pensamento criativo.

Então, o programa deixa de ser programa para tornar-se um barco. O barco era ágil e majestoso. Uma novidade da região. Era o primeiro e mais vistoso, não só por ser o primeiro, mas por ser reconhecido por todos, os de perto e os de longe. Seus remadores mostravam-se competentes. Não havia mares que os intimidassem. O barco singrava soberano e orgulhoso, até que um dia os remadores abandonaram o barco, levaram os remos e deixaram seus substitutos com poucos recursos para conduzir o barco. Diante da adversidade, não houve pânico, ao contrário, os jovens remadores buscaram se reunir para construir novos remos e impedir que o barco não ficasse à deriva. Infelizmente, o tempo, tendo como aliada a dificuldade de reunir os remadores, conspirou contra. O barco ficou à mercê da primeira ressaca. Os senhores da navegação, cientes do fato, enviaram seus emissários que, diante da

estupefação dos jovens, digamos inexperientes remadores, sem mais explicações executaram a ordem e afundaram o barco. Os remos estavam quase prontos, os entendimentos internos iam se alinhando, mas ninguém perguntou; a sentença, em nome dos parâmetros inquestionáveis, já estava exarada, faltava apenas o executor. Agora seria preciso construir um novo barco (SANTIN, 2003: 131).

Palavras-Chave: Educação Física; Arca de Noé; Aventura; Barcos.

Referências

CARBOAT UNINOVE Educação Física, 2009. **Vídeo amador produzido pelo aluno Daniel SP na disciplina de Esportes Radicais.** Disponível no Youtube em: <<http://www.youtube.com/watch?v=XeEkatuUcQI>> Acesso em 10/04/2011.

CARDBOAT UNINOVE-LUSA, 2010. **Vídeo amador produzido pelo professor Mauricio Araujo na disciplina Esportes Radicais.** Disponível no Youtube em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KNEGstIWIRM>> Acesso em 10/04/2011.

CARDBOAT, 2009. **Vídeo amador.** On line, disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zH32ubNcDV4>> Acesso em 10/04/2011.

CARDBOARD BOAT CHALLENGE, 2011. **Festival da Comunidade Virtual de Cardboat.** Regina Catolic School – Canadá. On line, disponível em: <http://communitynetworks.rbe.sk.ca/cardboard_boat_challenge> Acesso em 10/04/2011.

CING, Y. V. Cientistas afirmam ter encontrado Arca de Noé na Turquia. **Portal Terra – Notícias.** 28 de abril de 2010. On line, disponível em <<http://www.terra.com.br/noticias>> Acesso em 10/04/2011.

CIRENZA, M.; BARROS, D. N.; FREITAS, A. Projeto de iniciação desportiva do remo: viabilizando a pratica. 6º Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. São Bernardo do Campo – SP. **Anais...** julho de 2010.

FERNANDES, R. M.; FREITAS, A. M. Esporte a Vela e a Educação Física. **Lecturas, EF y Deportes.** Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - N° 102 - Noviembre de 2006

GOBBO, L. A. e colaboradores. Perfil antropométrico da seleção brasileira de canoagem. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.** Brasília v. 10 n. 1 p. janeiro 2002 p. 07 - 12

HILSDORF, L. V. **Manual do canoísta de fim de semana.** São Paulo. Corps, 2002.

LAVOURA, T. N.; MACHADO, A. A. Esporte de aventura de rendimento e estados emocionais: relações entre ansiedade, autoconfiança e auto-eficácia. **Motriz**. Revista de Educação Física. UNESP, Vol. 12, N. 2 (2006).

LAVOURA, T. N.; SCHWARTZ, G. M.; MACHADO, A. A. A democratização das atividades de aventura na natureza: o projeto “Canoagem Popular”. **Motriz**. Revista de Educação Física. UNESP, Vol. 13, N. 2 (2007).

LEMOS, L. F. C.; PRANKE, G. I.; TEIXEIRA, C. S. Metodologia para o aprendizado da canoagem. **Lecturas EF y Deportes**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 114 - Noviembre de 2007.

LICHT, H. **O remo através dos tempos**. Porto Alegre: Corag, 1986.

MAMIGONIAN, A. Gênese e objeto da geografia: passado e presente. **Geosul**. Florianópolis, v. 14, n. 28, p.167 – 170, jul./dez. 1999.

MINEIRO, A.; STEGER, P. A produtividade dos nomes metafóricos da construção naval em português europeu: um estudo comparado a partir de textos dos séculos XVI e XVII e do século XX. **Actas do XX Encontro da APL**. ILTEC - Lisboa: Portugal, 2004. On line, disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2006-ara-pub6.pdf>> Acesso em 10/04/2011.

NAKAMURA, F. Y. e colaboradores. Estimativa do custo energético e contribuição das diferentes vias metabólicas na canoagem de velocidade. **Ver. Bras. Med. Esporte**. Vol. 10, N° 2 – Mar/Abr, 2004.

SANTIN, S. S.O.S. – Educação Física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 127-146, jan. 2003.

SARUP, M. **Marxismo e educação; abordagem fenomenológica e marxista da educação**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

TEREZANI, D. (org.) **Propostas interdisciplinares para a canoagem**. Piracicaba – SP: Equilíbrio, 2008.

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DAS ATIVIDADES DE AVENTURA NAS EMOÇÕES

¹Rodolfo Antonio Zagui Filho, ²Kleber Tuxen Carneiro

¹FMU, Sumaré, São Paulo, Brasil

²Faculdades Network, Nova Odessa, São Paulo, Brasil
rodolfozagui@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Temos acompanhado um grande crescimento na busca pelas atividades de aventura na natureza. Isto se deve a inúmeros fatores: ambientais (degradação dos espaços naturais, restando poucas alternativas), sociais/psicológicos (sociedade hedonista, sempre em busca do prazer, da aventura e de novas emoções), mercadológico (treinamentos e suas novas perspectivas), entre outros.

‘Deste modo, temos observado e buscado compreender os fatores que transcendem aos limites mercadológico e superficiais. Propondo analisar as contribuições que estas atividades poderiam proporcionar (se assim forem tratadas) para o desenvolvimento humano.

Assim sendo, a proposta da presente pesquisa, pretende analisar a relação entre os estados emocionais e sua relação com as atividades de aventura. Portanto, buscamos investigar em 5 diferentes atividades e entre vários participantes, se existem variações e relação direta nos estados emocionais anteriormente a prática de atividade de aventura e se as mesmas sofrem modificações posteriormente.

Através de uma pesquisa quantitativa e utilizando como instrumento de coleta de dado o POMS (*Profile of Mood State*), desenvolvido por Mc Nair, Lorr e Droppleman (1971, apud VIANA, ALMEIDA E SANTOS, 2001) apresentamos o presente trabalho.

2. OBJETIVO

A proposta da presente pesquisa dar-se-á em avaliar, a relação da prática das atividades de aventura e suas imbricações nos estados emocionais. Assim sendo, o estudo avaliou a relação dos estados emocionais anteriormente a vivência das atividades de aventura e suas alterações ao término da prática em diferentes atividades de aventura. Dito de outro modo, procurou-se investigar a possível relação causal entre as atividades de aventura e as mudanças nos estados emocionais, possibilitando assim, ampliar tais experiências para outros segmentos da vida cotidiana e melhorar a qualidade das relações intrapessoais e interpessoais.

3. MÉTODO

Utilizou-se a pesquisa quantitativa para o desenvolvimento do presente estudo, comparando dados iniciais a vivência, com os coletados ao término da atividade. Cabe ressaltar, que o propósito da pesquisa quantitativa é identificar todas as variáveis que influem no objeto de pesquisa, e eliminar ou diminuir a influência das que podem interferir ou não são relevantes à pesquisa em questão. Estas variáveis podem partir tanto do ambiente quanto do pesquisador, como destaca Günther (2006).

Como instrumento para coleta de dos dados utilizamos, o teste POMS (*Profile of Mood State*), desenvolvido por Mc Nair, Lorr e Droppleman (1971, apud VIANA, ALMEIDA E SANTOS, 2001). Este instrumento tem sido utilizado pela psicologia para avaliar os estados emocionais e os estados de humor, assim como a variação a que estão associadas.

A versão utilizada neste estudo é composta por 42 itens, sendo adjetivos das escalas de tensão, depressão, hostilidade, vigor, fadiga e confusão, adaptado por Viana, Almeida e Santos (2001). Cada adjetivo é avaliado numa escala de 5 pontos (0=Nunca; 1=Um pouco; 2=Moderado; 3=Bastante; 4=Muitíssimo).

Todos os itens são contados na mesma direção, com exceção de um item na escala Tensão (tranquilo) e dois na escala Confusão (eficaz e competente). Nestes casos, a resposta ao item deve ser invertida antes de adicionar aos restantes.

Os dados foram tabulados com o auxílio do programa Excel, possibilitando assim, a avaliação da pontuação individual de cada adjetivo presente na escala de emoção (pontuação do grupo de adjetivos referente a emoção). Para uma melhor visualização e comparação dos dados encontrados, foram utilizados gráficos e tabelas comparativos do anterior e o posterior á prática da atividade de aventura.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram coletados os dados nas seguintes atividades de aventura na natureza; o cachoeirismo contendo 11 pesquisados; o surf contendo 14 pesquisados; o mergulho contendo 12 pesquisados; o cavernismo contendo 14 pesquisados e a escalada, com a somatória da ascensão e descensão, cabendo destacar que prática foi desenvolvida em ambiente indoor, ou seja, em um ambiente não natural contendo 26 pesquisado.

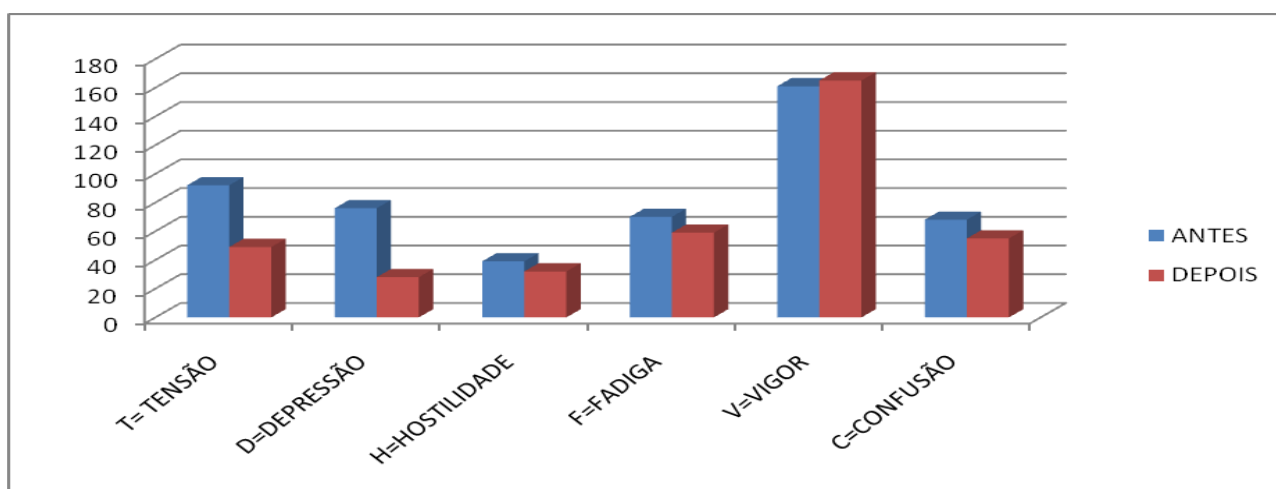
O teste foi aplicado em 2 momentos, sendo o primeiro, anteriormente a atividade de aventura, onde os pesquisados relatam as emoções sentidas no cotidiano dos últimos 7 dias, e o segundo momento ocorre após a vivência da atividade de aventura. Como o número de pesquisados diferem-se nas diferentes atividades, conseqüentemente se torna necessário, a composição de uma média na pontuação de cada escala, para que seja desenvolvida uma comparação geral entre as atividades vivenciadas pelos participantes.

Cabe ressaltar ainda, que o público alvo pesquisado neste trabalho, têm idades que variam entre 25 e 45 anos, possuem grau de escolaridade superior e a pesquisa foi desenvolvida com os diferentes gêneros sexuais.

4. RESULTADOS

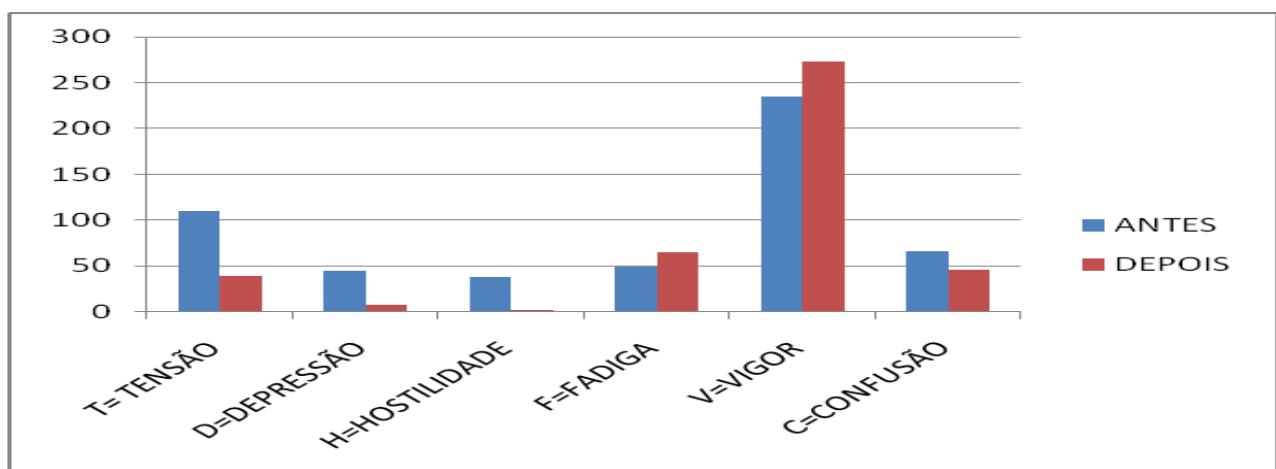
No cachoeirismo identificamos os seguintes diferenciais.

	T= TENSÃO	D=DEPRESSÃO	H=HOSTILIDADE	F=FADIGA	V=VIGOR	C=CONFUSÃO
ANTES	92	76	39	70	161	68
DEPOIS	49	28	32	59	165	55



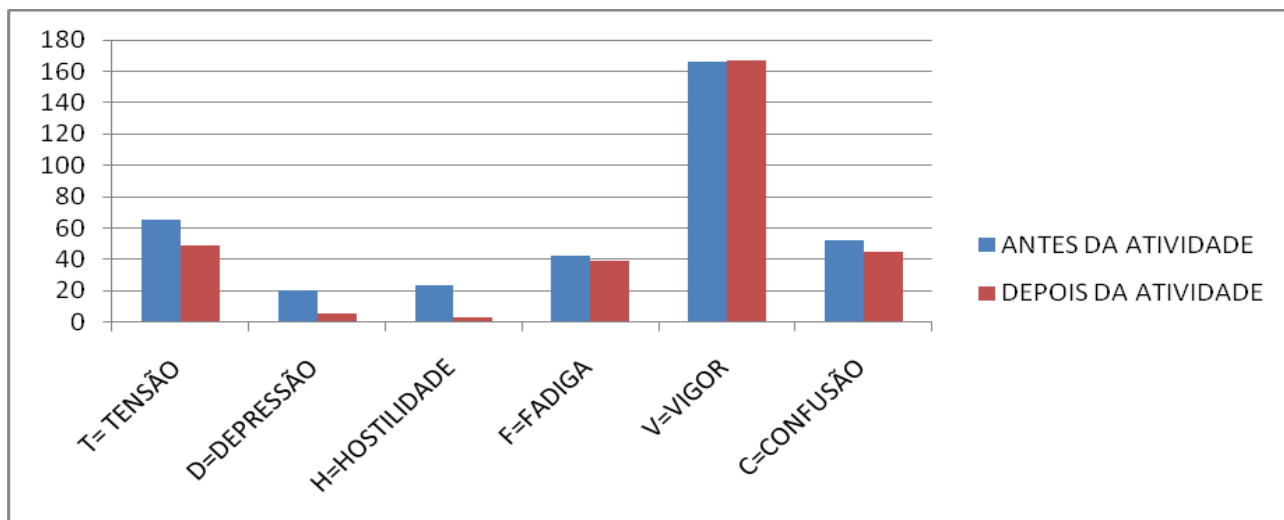
No Surf encontramos as seguintes respostas emocionais.

	T= TENSÃO	D=DEPRESSÃO	H=HOSTILIDADE	F=FADIGA	V=VIGOR	C=CONFUSÃO
ANTES	110	45	38	49	235	66
DEPOIS	39	7	2	65	273	46



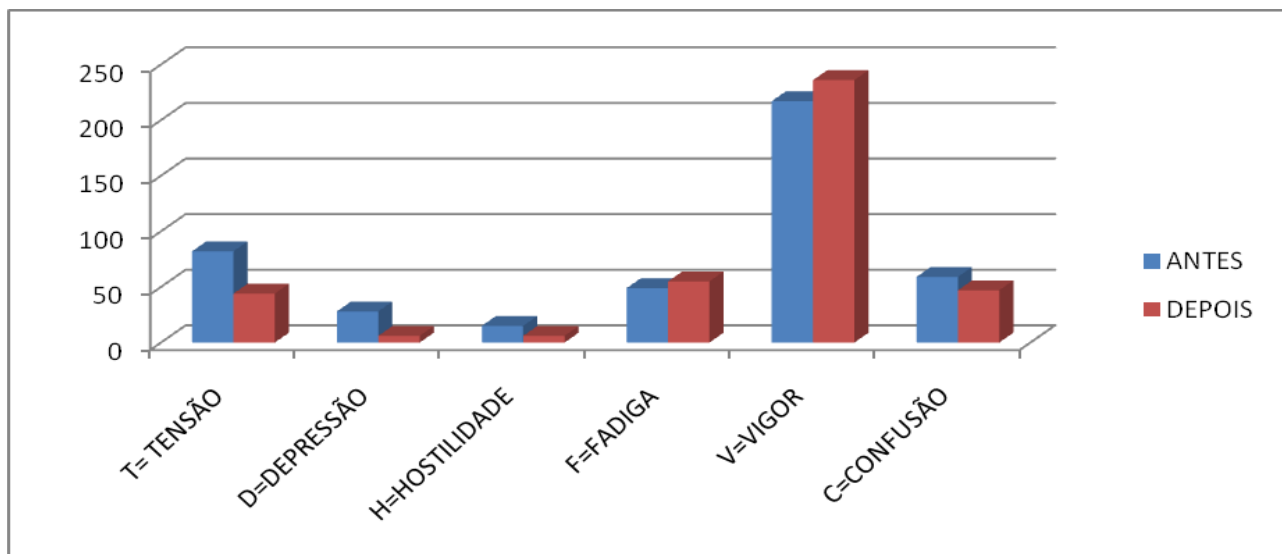
No mergulho constatamos as seguintes alterações:

	T= TENSÃO	D=DEPRESSÃO	H=HOSTILIDADE	F=FADIGA	V=VIGOR	C=CONFUSÃO
ANTES	65	20	23	42	166	52
DEPOIS	49	5	3	39	167	45



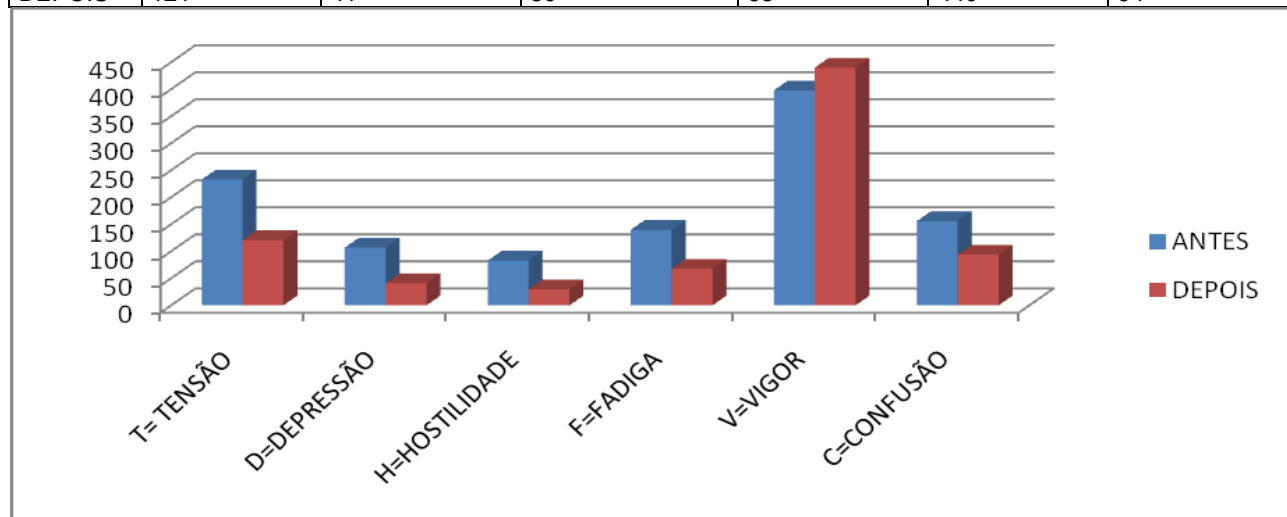
Já no cavernismo encontramos os seguintes dados:

	T= TENSÃO	D=DEPRESSÃO	H=HOSTILIDADE	F=FADIGA	V=VIGOR	C=CONFUSÃO
ANTES	82	28	15	49	217	59
DEPOIS	44	6	6	55	236	47



E como última atividade observada a escalada, somada a ascensão e descensão observamos tais alterações:

	T= TENSÃO	D=DEPRESSÃO	H=HOSTILIDADE	F=FADIGA	V=VIGOR	C=CONFUSÃO
ANTES	233	107	83	140	398	156
DEPOIS	121	41	30	68	440	94



Entendemos que a pesquisa quantitativa, busca comparar elementos e analisar as variáveis do objeto pesquisado, deste modo, julgamos relevante apresentar uma comparação das variações dos estados emocionais, presentes entre todas as atividades em que pesquisa foi desenvolvida. Assim, fica evidente a causalidade entre as alterações nos estados emocionais na vivência das atividades de aventura, para tanto, observamos a seguinte tabela comparativa:

ESCALA DE:	TENSÃO		DEPRESSÃO		HOSTILIDADE	
	ANTES	DEPOIS	ANTES	DEPOIS	ANTES	DEPOIS
CACHOERISMO	8,36	4,45	6,91	2,55	3,55	2,91
SURF	7,86	2,79	3,21	0,5	2,71	0,14
MERGULHO	5,42	4,08	1,67	0,42	1,92	0,25
CAVERNISMO	5,86	3,14	2	0,43	1,07	0,43
INDOOR	8,96	4,65	4,12	1,58	3,19	1,15
ESCALA DE:	FADIGA		VIGOR		CONFUSÃO	
	ANTES	DEPOIS	ANTES	DEPOIS	ANTES	DEPOIS
CACHOERISMO	6,36	5,36	14,64	15	6,18	5
SURF	3,5	4,64	16,79	19,5	4,71	3,29
MERGULHO	3,5	3,25	13,83	13,92	4,33	3,75
CAVERNISMO	3,5	3,93	15,5	16,86	4,21	3,36
INDOOR	5,38	2,62	15,31	16,92	6	3,62

5. CONCLUSÃO

Com base nos dados encontrados e apresentados anteriormente, verificamos variações significativas nos estados emocionais apresentados anteriormente a vivência das atividades de aventuras e posterior a mesma. Em todas as atividades praticadas encontramos relato de modificações nas variáveis das escalas dos estados emocionais.

Assim sendo, na escala que se refere a Tensão (Ansiedade), constatamos uma queda significativa, merecendo um destaque maior à atividade do Surf. Já na escala emocional que faz referência a Depressão (Melancolia), a atividade preponderante foi cachoeirismo apresentando a maior diminuição neste estado emocional. Não obstante, ao observarmos a escala de Hostilidade e Ira, o surf novamente apresenta as maiores diminuições sobre estes estados emocionais.

Cabe ressaltar, que a escala de Fadiga apresenta um leve aumento na pontuação média, resultado oriundo do esforço físico presente nas atividades de aventura, é interessante observar, que mesmo se tratando de esforço físico presente neste tipo de atividade, verificamos a escala do estado de Vigor que possivelmente ao término das atividades pudesse diminuir, apresenta um aumento, o que contrapõe a lógica da fisiologia. E por último, temos a escala de Confusão (desorientação) que também apresenta uma significativa queda, merecendo destaque, a escalada indoor.

Assim sendo, alguns resultados obtidos pelo presente estudo, apontam grande contribuição e melhora nos estados emocionais dos participantes, podendo contribuir para respostas emocionais contidas na vida cotidiana. Assim, as experiências proporcionadas pela atividade de aventura, poderão repercutir no auto-conhecimento e na melhora sobre o controle dos estados emocionais, como destaca LEVENTHAL (in Fiamenghi, 1994, pg. 46) a prática constante de respostas emocionais como forma do sujeito observar-se, poderia auxiliar no controle das reações.

Resta-nos saber, de que forma e em quais dimensões estas experiências emocionais significativas, resultantes das atividades de aventuras são transferíveis e ensinadas para outras esferas da vida cotidiana podendo resultar em melhoras das relações intrapessoais e interpessoais.

Palavras-chave: Atividade de Aventura; Emoções; Auto-conhecimento.

6. REFERÊNCIAS

FIAMENGHI, M. C. B. **Atividades físicas e estados emocionais: Relato Verbais sobre estados emocionais como indicadores de um programa de atividade física para adultos.** Tese (Mestrado em Educação Física) – Comissão examinadora da Faculdade Estadual de Campinas. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994

GÜNTER, H. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?** In Psicologia: Teoria e pesquisa, v.22, n.2, Mai./Ago. 2006.



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

VIANA, F.M; ALMEIDA,P.L; SANTOS,R.C. **Adaptação portuguesa da versão reduzida do Perfil de Estado de Humor – POMS. Análise Psicológica**. v. 19, p. 77-92, 2001.

11º. ENCONTRO DE ESCALADA DE LONDRINA-PR: CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO PRESENTE

Nayara Teixeira¹, Ernani Xavier Filho², Tony Honorato²
¹ UEL, Cambé, PR, Brasil
² UEL, Londrina, PR, Brasil
nay-teixeira@hotmail.com

Introdução

A escalada é uma prática humana desenvolvida desde os primórdios quando o homem começou a explorar o ambiente natural para caçar, buscar comida e explorar novos lugares dado seus desejos emocionais. Na contemporaneidade o homem busca, cada vez mais, experiências provocantes que coloquem em teste sua resistência e seus limites de medo nas atividades de aventura.

Estas se apresentam ao mesmo tempo como exteriores à trama global da vida e ligada a vida demarcando o momento agudo da necessidade interior que impregna a história pessoal (COSTA, 1999, p. 79). Muitos encontram na escalada fortes sensações prazerosas que os levam a procurar por tal prática humana.

Com o avanço das tecnologias e o aperfeiçoamento dos equipamentos, as pessoas tornaram a escalada mais segura e com riscos, pensada aqui segundo Elias & Dunning (1992), como provocadora dos descontroles controlados das emoções. Conforme Honorato & Gebara (2004) a presença das tecnologias nos esportes ditos radicais passou a ser uma condição fundante para caracterizá-los no atual estágio civilizatório.

Dessa forma, a escalada conquistou mais adeptos e tem crescido de forma significativa no Brasil. Com a sua disseminação nota-se pessoas escalando tanto nos ambientes naturais, como nos muros artificiais típicos da cultura urbana (MARINHO, 2001).

Com a necessidade de conhecer novos escaladores e novos lugares para escalar surge o Encontro de Escalada de Londrina-PR, que é um dos eventos mais tradicionais do Brasil entre escaladores. O Encontro de Escalada em foco é anual, acontece em Londrina – PR e Região e é organizado pelo Clube de Montanha Norte Paranaense (CMNP).

Na literatura nada consta sobre a sociogênese desse Encontro, através de relatos sabe-se que o Encontro foi idealizado por quatro escaladores: Claudney Gloor, Luiz (marmita), Rodrigo (zoio) e Fabio Giofre. O Encontro surgiu no ano de 2000 para que escaladores de outras regiões do Brasil pudessem conhecer as paredes disponíveis em Londrina – PR e região e também para que os escaladores trocassem experiências sobre locais, técnicas e novas vias de escalada (via: caminho que se escala).

O Encontro conta com palestras de escaladores versando sobre suas experiências de escalar no Brasil ou pelo mundo a fora, recebe em cada edição a colaboração de um palestrante diferente. A programação é específica de cada edição e organizada levando em consideração às sugestões dos participantes nos Encontros anteriores.

No 11º Encontro, realizado nos dias 14 e 15 de agosto de 2010, a programação foi: primeiro dia – no Perau Vermelho (Serra do Cadeado), durante o dia, escalada em Arenito (Livre), na Estância Manain, no período noturno, Palestra com André Berezoski (Belezinha), após a palestra aconteceu um jantar de confraternização; no dia seguinte – escalada em Arenito e no final da tarde encerramento com sorteio de brindes.

Objetivo

O presente estudo teve como objetivo caracterizar o público presente no 11º Encontro de Escalada de Londrina.

Método

Para tanto foi elaborado, pelos membros do Projeto de Extensão “Escalada no CEFE: retomada de uma vivência lúdica”, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), um instrumento de pesquisa para mapear as informações sobre os participantes do 11º Encontro de Escalada de Londrina/2010.

O instrumento foi estruturado em três etapas de preenchimento. A primeira, identificação do colaborador, envolveu questões sobre: sexo, idade, estado civil, cidade/UF onde reside, altura, peso, renda familiar em salário mínimo, tempo que escala, onde costuma escalar, quantas vezes escala por semana (ou, por mês), tem irmão(s) que escalam, possui equipamentos suficientes para escalar. A segunda, fazendo uso da escala de Likert, envolveu questões de grau de preferência do participante sobre: tipo de escalada, uso de equipamento de segurança, escalada solo ou em parceria, participação em campeonatos e encontros de escalada, escalada como (estilo de vida, saúde, risco, medo, fazer amigos, contato natureza, condicionamento físico, qualidade de vida), conquistar um via e criar uma via. Por fim, a terceira, solicitava o preenchimento de duas questões estruturadas e abertas sobre: por que começou a escalar e o que mais motiva para escalar.

Resultados

O instrumento de pesquisa foi entregue aos colaboradores durante a palestra do primeiro dia do evento, dentre os 60 inscritos no Encontro, apenas 17 responderam o questionário. Analisando os dados obtidos, teve-se como média de idade dos colaboradores 25,93 anos (S= 4), sendo 12 colaboradores do sexo masculino e 05 do sexo feminino, em sua maioria solteiros e moradores da cidade de Londrina – Pr. Por residirem, em sua maioria, na cidade de Londrina, os locais de escalada mais frequentados citados foram, em primeiro lugar, a Pedreira do Cafezal (Londrina-PR), em segundo o Perau Vermelho (Mauá da Serra-PR) e depois o Centro de Treinamento de Escalada de Cambé – CETEC (Cambé-PR).

Sobre o tempo de escalada, apenas um não escalava até a participação no Encontro e os demais escalam entre 05 e 10 anos, com frequência de 2 a 3 vezes por semana. Analisando o segundo quadro de respostas pôde-se interpretar que a maioria dos participantes prefere escalada livre na natureza. Os colaboradores preferem participar

mais de encontros e menos de campeonatos. Eles responderam que não gostam de escalar sozinho.

Sobre conquistar (começar e terminar uma via já realizada por outros escaladores) e criar (abrir uma nova via que ninguém havia escalado antes) também foram atribuídos conceitos entre 4 e 5, determinando uma grande satisfação e realização pessoal entre ambas as ações. Com o terceiro quadro de perguntas, conseguiu-se uma diversidade de repostas entre os escaladores dificultando assim a análise de um núcleo comum. Outro limite do estudo foi o baixo número de colaboradores.

Conclusão

Entende-se que o público presente no 11º. Encontro de Escalada de Londrina, que colaborou com a pesquisa, representa um grupo de escaladores experientes e torna-se um desafio ampliar o número de participantes no Encontro, logo da vivência em escalada em Londrina e Região, localidades de riqueza natural acessível para escalada.

Palavras-chave: Escalada, Londrina-PR, Participantes.

Bibliografia

COSTA, V. L. de M. **Esporte de aventura e risco na montanha:** uma trajetória de jogo como limites e incertezas. Rio de Janeiro: UGF, 1999.

HONORATO, T.; GEBARA, A. Esportes radicais e tecnologização. In: **Anais...** Terceiro Congresso Científico Latino-americano de Educação Física – UNIMEP. Piracicaba, 2004. p. 313-319.

LE BRETON. D. Dos jogos de morte ao jogo de viver na montanha: sobre o alpinismo solitário. **V CBAA.** 2010. (texto da conferência de abertura)

MARINHO, A. Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva. **Dissertação de Mestrado.** Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, 2001.

ECOTURISMO EM PARQUES NACIONAIS: ANÁLISE DA VISITAÇÃO NO PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE/RS

Débora Garcia Kickhöfel

Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
deborakick@gmail.com

Ambientes naturais como unidades de conservação (UC), recebem cada vez mais visitantes a procura de contemplação, refúgio e natureza. Este fluxo de turistas, bem planejado, possibilita a manutenção e sustentação de muitos parques nacionais, reservas, entre outras. Além disso, possibilita também a melhoria da infra-estrutura de acesso ao local, dos meios de transportes, da infra-estrutura da comunidade de entorno como saúde e segurança, além do desenvolvimento dos meios de comunicação e dos meios de hospedagem e alimentação. Ainda, estimula a conservação, mostrando ao governo e ao público a importância das áreas naturais, promovendo a criação de novas áreas protegidas (KINKER, 2002). Assim, com o aumento do fluxo de visitantes nas áreas naturais, aumenta-se a preocupação com o meio ambiente. O ecoturismo, segmento do turismo desenvolvido na natureza, proporciona o contato com as áreas naturais que, aliado à educação ambiental, possibilita um maior conhecimento acerca do espaço visitado através da interpretação ambiental, estimulando a conservação (NEIMAN, 2002).

O objeto de estudo em questão, o Parque Nacional da Lagoa do Peixe (Parna), no Rio Grande do Sul, apesar de não estar oficialmente aberto a visitação, como consta no *site* do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, recebe visitantes durante todo ano. A área deste Parna não possui delimitação física, impossibilitando o controle do fluxo de visitantes. São, atualmente, 21 parques nacionais abertos à visitação dentre os 67 existentes no Brasil (ICMBio, 2010).

Sendo este o panorama, o desenvolvimento e intensificação de monitoramento e atividades que visem a sensibilização do visitante são de extrema necessidade no Parna Lagoa do Peixe. Desse modo, estabeleceram-se como problemas questionamentos como: Como pode ser definida a atual visitação no Parque? Existem ações de sensibilização ambiental voltadas aos visitantes do Parna da Lagoa do Peixe? A visitação atual do Parque é baseada nos princípios do ecoturismo?

Contudo, a pesquisa teve como objetivo principal analisar a visitação praticada atualmente, bem como as ações de sensibilização ambiental desenvolvidas com os visitantes do Parque Nacional da Lagoa do Peixe/RS. Ainda, estabelecer o perfil do visitante bem como identificar e verificar se as ações de sensibilização para o visitante estão sendo eficientes na conservação do Parque.

Por fim, os resultados desta pesquisa podem servir de instrumento para a obtenção de informações que possam colaborar no planejamento e manejo da atividade turística no Parque Nacional da Lagoa do Peixe. Além de estimular o desenvolvimento de novas práticas e/ou melhoria das práticas existentes quanto à informação e sensibilização ambiental, beneficiando não só as espécies existentes no Parque, bem como a população do entorno e o próprio visitante.

O Parque Nacional da Lagoa do Peixe localiza-se no litoral sul do Rio Grande do Sul entre a laguna dos Patos e o Oceano Atlântico, nos municípios de Mostardas (20%) e Tavares (80%), o Parque abrange 34.400 hectares.

Para elaborar a pesquisa, foi utilizada a pesquisa bibliográfica fornecendo o embasamento teórico acerca da relação entre turismo e meio ambiente; ecoturismo e a educação ambiental, bem como a interpretação ambiental, uma vez que estes formam a temática do trabalho desenvolvido e, além disso, as unidades de conservação contemplando os parques nacionais. No entanto, foi utilizada também, a pesquisa documental.

Os dados levantados na pesquisa foram obtidos através da aplicação de questionário junto aos visitantes do Parque, entrevista com servidor do Parque Nacional da Lagoa do Peixe e observação sistemática do local estudado. A amostra pesquisada com os questionários foi definida como não probabilística intencional, pois não se buscou representar o universo de visitantes do Parque em estudo, mas uma amostra desse. Uma vez que, são inexistentes os dados a respeito do fluxo de visitantes no Parque Nacional da Lagoa do Peixe. Ainda, a sazonalidade do turismo na região dificulta saber antecipadamente quando ocorrerá visitação. Foi possível considerar um total de 44 respondentes no período de 23 de outubro de 2010 a 23 de novembro de 2010.

Através de empreendimentos receptivos na região obtiveram-se informa es sobre dois grupos distintos que efetuariam a visita o ao Parque. Foi possível aplicar a pesquisa com um destes grupos antes da visita o. O outro grupo respondeu   pesquisa após a visita o. Assim, pôde-se obter diferentes olhares dos visitantes em rela o ao Parque. Os questionários fora estruturados com perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha a fim de nortear o tipo de visita o, o conhecimento a respeito do Parque e das boas práticas conhecidas pelos visitantes, bem como as informa es sócio-econ micas dos mesmos.

Ainda, para levantamento dos dados, foi realizada entrevista com um servidor do Parque Nacional da Lagoa do Peixe e com a responsável de agência receptiva em Mostardas com o objetivo de analisar a visita o feita e identificar quais as orienta es fornecidas aos visitantes. Inicialmente, realizaram-se conversas informais e após, via *e-mail*, as entrevistas completas, sendo estas, semi-estruturadas. Para completar a coleta de dados realizou-se a observa o individual sistemática não-participante na área disponível para visita o no Parque. Esta observa o possibilitou uma melhor visualiza o das condi es físicas do objeto de estudo.

O ecoturismo como modalidade do turismo de natureza se sobressaiu, e hoje   amplamente desenvolvido e apreciado no mundo inteiro. Porém, para a efetiva atividade de ecoturismo alguns aspectos devem ser observados, como: a minimiza o dos impactos, o desenvolvimento da sensibiliza o ambiental do visitante e da comunidade local, tornando a visita o uma experiência positiva no contato com a natureza e com a cultura local, além de incluir a comunidade no desenvolvimento da atividade turística, promovendo o desenvolvimento econômico e social e a conserva o ambiental. Para tanto, o ecoturismo e a educa o ambiental estão extremamente ligados. A educa o ambiental “trabalha na transforma o dos valores  ticos e na constru o de uma nova consciência ambiental na sociedade” (TAGLIEBER apud MARCOMIN, 2008, p. 147).

Com a utilização da interpretação ambiental pelo ecoturismo, esta possibilita uma maior interação e sensibilização do visitante em menor tempo, uma vez que o praticante desta modalidade de turismo dispõe de pouco tempo para estar no local visitado. A interpretação ambiental, neste caso, procura atender as expectativas do visitante, criando novas percepções e reflexões acerca do ambiente visitado, apresentando-se como uma importante ferramenta de educação ambiental atrelada ao turismo.

Diante do exposto e com base nos dados coletados, não são realizadas atividades que possibilitem a sensibilização e interpretação ambiental do espaço visitado nem são fornecidas orientações sobre as boas práticas em áreas naturais. Além disso, a comunidade local não tem participação significativa no desenvolvimento da atividade turística, uma vez que os dados desta pesquisa mostraram que o artesanato e as tradições locais têm sido pouco valorizados pelo turismo.

Contudo, a visitação desenvolvida atualmente no Parque Nacional da Lagoa do Peixe não pode ser definida como ecoturismo, podendo ser denominada apenas como turismo de natureza ou turismo em áreas naturais, não contemplando os princípios fundamentais da modalidade ecoturismo. Além disso, a administração do Parna da Lagoa do Peixe não oferece nenhum programa de sensibilização ambiental na área do Parque direcionado ao visitante, sendo apenas oferecidas orientações e material informativo na sede do Parna, no centro do município de Mostardas. Porém, foi evidenciado nesta pesquisa que poucos visitantes se deslocam até esta sede em busca de informações que oriente a visita na área do Parque.

Conclui-se, portanto, que se a Unidade de Conservação não dispõe de um programa de educação ambiental, o ecoturismo, visto como a modalidade de turismo mais adequada às áreas naturais protegidas, é inexistente neste Parque, pois não desenvolve a consciência ecológica através da interpretação e educação ambiental. Estas carências na visita são justificadas pela administração do Parna Lagoa do Peixe em função das dificuldades de implementação da Unidade, uma vez que, não regularizada esta situação, o ICMBio não pode construir um centro de visitantes e nenhuma outra infra-estrutura na área do Parque, possuindo apenas a sede, no centro do município de Mostardas. Ainda, verifica-se que as poucas ações que visam fornecer informação e sensibilização ambiental não estão sendo eficientes na conservação do Parna, uma vez que a área do mesmo não está delimitada, permitindo a visita livre, sem controle do órgão ambiental.

Por outro lado, a agência receptiva local demonstrou oferecer visita orientada à área do Parque, mediante agendamento prévio, sendo oferecidas informações quanto à importância do local a ser visitado e sua preservação, e mantendo os cuidados de levar pequenos grupos de visitantes, com uso restrito de veículos na área do Parque, procurando causar o menor impacto.

Diante das dificuldades encontradas na realização deste estudo, de coletar dados que garantissem uma amostra significativa de visitantes do Parque, o número de visitantes pesquisados no período em que se realizou este trabalho pode ser considerado pouco expressivo para definir o perfil dos visitantes desta UC. Porém, os dados apresentados mostraram tendências quanto aos tipos de visitantes, além de verificar como hoje está sendo realizada a visita nesta área, na visão do próprio visitante.

Estas tendências mostraram que a maioria dos visitantes são homens, solteiros, com faixa etária superior a 40 anos, apresentando grau de escolaridade de nível superior e poder aquisitivo considerado médio/alto, geralmente aposentados, provenientes da região metropolitana do estado, mais especificamente de Porto Alegre.

Já a visitação apresenta como principais características a motivação pela busca do conhecimento e questões profissionais. Além disso, é uma visitação espontânea, com duração de algumas horas, só havendo visitação guiada mediante a contratação dos serviços da agência receptiva, de algum condutor local ou até mesmo agendando com a administração do Parque, quando são grupos.

A visitação no Parque não apresenta nenhuma ferramenta de interpretação ambiental ou qualquer outra ferramenta significativa de auxílio ao visitante. Possuindo apenas as placas indicativas e reguladoras, trilhas para tráfego de meios de transporte ou caminhadas. Quanto às informações referentes ao Parque (ecossistema, fauna, flora, entre outros) e a visitação, estão à disposição apenas na sede do Parque, em Mostardas.

Por fim, afirmou-se que o ecoturismo é a melhor opção de atividade turística a ser desenvolvida em UCs. Se bem manejado pode trazer benefícios tanto para o visitante, quanto para a comunidade local, além de beneficiar a própria Unidade a alcançar o seu principal objetivo de conservação.

Palavras-chave: Ecoturismo, educação ambiental, sensibilização.

Referências

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. ICMBio (2010). **Turismo nos parques**. Disponível em: www.icmbio.gov.br. Acesso em: 01 de set. 2010.

KINKER, S. **Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

MARCOMIN, F. E. et al. Educação ambiental e o pensamento complexo: uma reflexão possível. In: BAGGIO, André; BARCELOS, Valdo (org.). **Educação ambiental e complexidade: entre pensamentos e ações**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

NEIMAN, Z. (org.). **Meio ambiente, educação e ecoturismo**. Barueri, SP: Manole, 2002.

TURISMO DE AVENTURA E OS IMPACTOS AMBIENTAIS: O CASO DO PARQUE DAS LARANJEIRAS/TRÊS COROAS/RS

Marcela Elaine dos Santos, Daniel Moraes Botelho

Universidade Federal do Rio Grande – Rio Grande, RS, Brasil

Universidade Católica de Pelotas – Pelotas, RS, Brasil

marcelaesantos@gmail.com

O turismo, tendo suas origens ligadas aos povos da Idade Antiga, passou a ser efetivamente definido nos primórdios do século XX, com abordagens predominantemente economicistas, influenciadas pela escola berlinesa. A preocupação com as demais dimensões - ambiental, social e cultural - passa a consistir papel de destaque somente após os efeitos ocasionados pelo “boom” turístico ocorrido entre as décadas de 1950-1980 quando se dá a chamada massificação do turismo.

Desde então o turismo tem passado por constantes transformações, antes o consideravam apenas pela sua capacidade econômica, a de gerar renda e a sua configuração de atividade “ecologicamente correta”, avaliada como a “indústria sem chaminé”. Autores como Cândido (2003), Machado (2005) e Swarbrooke (2003) destacam que o fenômeno turístico, em muitos casos, é um agressor do ambiente por priorizar somente as questões econômicas.

Neste contexto surge a temática da sustentabilidade, com a preocupação não somente com a economia, mas também com as diferentes esferas que estão relacionadas na prática do turismo, principalmente o social, o cultural e o ambiental. Assim, na esfera ambiental, com o intuito de que o ambiente como totalidade esteja disponível para futuras gerações, o desenvolvimento turístico sustentável busca a minimização dos impactos causados pela prática do turismo, pois a visitação gera implicações no ambiente.

Surgem também novas motivações por parte dos turistas na contemporaneidade, com interesses por novos lugares, culturas e ambientes, como fuga da rotina e a busca pela sensação de aventura e, conseqüentemente surge a segmentação de mercado, com o desenvolvimento de produtos especializados, bem como novas tendências de turismo preocupadas com os impactos gerados. Ressalta-se então a prática do turismo de aventura, sendo um dos segmentos que estão em evidência nos últimos anos, por se tratar de uma proposta que busca uma fuga radical do cotidiano.

Este segmento surge como forma de recuperação do estresse da vida agitada da contemporaneidade, por meio do desafio, da superação de limites e da adrenalina. Atividade esta, que pode ser realizada em ambientes urbanos e ou em áreas naturais. Sendo esta última a mais procurada, tendo em vista que o mercado do turismo aventura concentra-se nas médias e grandes cidades.

Esta pesquisa objetiva então, identificar e analisar o turismo de aventura e os impactos ambientais gerados por esta prática no Parque das Laranjeiras, localizado no município de Três Coroas, no estado do Rio Grande do Sul. A área de estudo dispõe de 60 hectares, onde ocorrem a prática de atividades esportivas e de aventura, como a canoagem, o rafting, além de rappel, mountain bike, trekking e tirolesa.

O local apresenta uma infra-estrutura para camping e lazer com campo de futebol, quadra de vôlei, mesas e churrasqueiras. E, também uma pousada, estilo albergue, com quartos coletivos, com capacidade para hospedar 60 pessoas. A criação deste Parque se deu no ano de 1997, quando ao sediar o Campeonato Mundial de Canoagem Slalom, a Prefeitura Municipal de Três Coroas identificou o potencial das corredeiras do Rio Paranhana, que banha o município, para a prática de esportes de aventura e criou o parque em questão (Três Coroas s.d).

Porém, atualmente quem administra o parque não é a Prefeitura Municipal e, sim uma associação formada por atletas e ex-atletas do município de Três Coroas: a Associação Trescoroense de Canoagem – ASTECA. Segundo uma das integrantes da associação, o lucro obtido no parque, como o valor da entrada, além de ser utilizado para a manutenção do mesmo, custeia os treinamentos, equipamentos entre outros, dos atletas que representam o município em campeonatos nacionais e internacionais. Especificamente esta pesquisa pretende ainda caracterizar o perfil dos visitantes e identificar a opinião destes quanto a esfera ambiental e, elaborar e aplicar uma matriz de indicadores de sustentabilidade no local.

A presente pesquisa constitui-se de um estudo de caso, sendo que previamente elaborou-se com base em uma pesquisa bibliográfica, uma matriz denominada indicadores de sustentabilidade com fins de analisar os aspectos ambientalmente sustentáveis da área de estudo. Para aplicá-la utilizou-se da observação sistemática.

Ainda com a intenção de caracterizar os visitantes do Parque das Laranjeiras e, sua opinião quanto à esfera ambiental optou-se pela aplicação de um questionário para com os visitantes, contendo perguntas abertas e fechadas. Na pesquisa realizada utilizou-se uma amostragem por acessibilidade, considerando o tempo disponível para realização da mesma. Neste sentido, foram distribuídos 80 questionários aos visitantes no Parque das Laranjeiras em datas específicas no fim do ano de 2009, início de 2010. Sendo que 56 destes questionários retornaram preenchidos.

Para a análise dos dados, as respostas obtidas nos questionários nas perguntas fechadas foram tabuladas e, analisadas e interpretadas de forma descritiva. Assim sendo, optou-se pela tabulação eletrônica. As respostas das perguntas abertas foram analisadas e interpretadas através da frequência com que os temas surgiram nas respostas dos visitantes.

Para os levantamentos de observação de campo foi utilizada uma matriz de indicadores de sustentabilidade, as quais foram preenchidas e analisadas de forma descritiva. Inicialmente, se caracterizou os visitantes que abrangem a pesquisa do Parque das Laranjeiras, constatando-se que em relação ao gênero dos visitantes a presença de homens é dominante, representando 71% do total de visitantes que responderam ao questionário. Há predominância da faixa etária de 21 a 30 anos, representando 35 indivíduos do total referido.

De acordo com Swarbrooke (2003) a idade está ligada aos níveis de participação, no que diz respeito às atividades físicas e, também pode estar associada à tipologia de turismo escolhida. Percebe-se assim que os visitantes mais jovens segundo as respostas ao questionário buscam a aventura no Parque das Laranjeiras, somando um total de 28 indivíduos com até 30 anos de idade. Enquanto que os outros 28 indivíduos com idade

acima de 21 anos afirmam ter como motivação principal o contato com a natureza, a prática de esportes, além de descanso.

Com relação ao grau de instrução dos visitantes do Parque das Laranjeiras percebe-se que há predominância de indivíduos com o Ensino Médio Completo, num total de 25. Cabe ressaltar que 18 visitantes que afirmaram ter o Ensino Fundamental Incompleto, Ensino Médio Incompleto e Ensino Superior Incompleto é o mesmo que o total de indivíduos que afirmaram serem estudantes como ocupações principais.

Assim, salienta-se que os visitantes que ainda não concluíram sua formação seguem estudando, sendo que a ocupação principal que se destaca dentre as citadas é a de estudante, além de assistentes comerciais seguidos de auxiliares administrativos e técnicos em calçados. Os visitantes afirmam serem na maioria solteiros representando um total de 46 indivíduos.

Quanto à companhia na visitação, os indivíduos que vêm ao Parque das Laranjeiras na companhia dos amigos são a maioria, 32 visitantes, 7 na companhia da família e apenas 1 sozinho. Quanto ao conceito de paisagem, pode-se perceber que os visitantes do Parque das Laranjeiras entendem-na como a união do natural com o construído, ou seja, o meio natural em conjunto com o que é modificado pela sociedade ao longo dos anos representando um total de 33 indivíduos.

Já, quando referente à paisagem do parque em estudo, consta-se que 75% dos indivíduos que responderam ao questionário percebem a paisagem do parque apenas pelo seu caráter natural, mencionando que a paisagem do parque pressupõe também o descanso e o lazer. Evidenciou-se ainda, que o lazer dos indivíduos que visitam o Parque das Laranjeiras está atrelado a atividades esportivas e de aventura, pois 33 dos visitantes do parque apontaram o lazer como função principal do Parque, sendo que deste total 17 mencionaram somente o lazer, 13 citaram o lazer juntamente com os esportes de aventura e 3 a ligação do lazer com a aventura. Além do que 4 visitantes do parque alegaram que a função do Parque das Laranjeiras está ligada à preservação da natureza.

Neste sentido ressalva-se as áreas naturais protegidas ou Unidades de Conservação que segundo Faria e Carneiro (2007) são áreas que por incluírem importantes recursos naturais ou culturas de difícil quantificação econômica devem ser mantidas na forma silvestre e adequadamente manejadas. Ainda 6 visitantes atrelaram a função do parque ao descanso e 8 enfatizaram apenas a prática de esportes. De tal modo que hoje, presencia-se uma crescente popularização das práticas esportivas na natureza, configurando-se como uma possibilidade de vivência do tempo disponível para o lazer.

Quanto às atitudes dos visitantes, inicialmente, destaca-se que todos os visitantes do parque afirmaram que a paisagem do local não pode ser utilizada de qualquer maneira, sendo que estes complementaram que esta merece cuidados, entre eles: não jogar lixo em locais indevidos (25 respostas); respeitar ao regulamento existente no local (18 respostas); respeitar o zoneamento, ou seja, as áreas que se pode ou não ter acesso (5 respostas); não cortar as árvores do parque (3 respostas); sendo que 5 indivíduos não responderam a questão. Destaca-se, que 100% dos visitantes do Parque das Laranjeiras quando questionados ao fato de quererem que as futuras gerações conheçam a paisagem do parque como ela é hoje, responderam afirmativamente. Sendo que 32 indivíduos justificaram-se pelo fato de não existir mais locais com a natureza preservada

como o local em questão e, 19 justificaram-se pela inexistência de locais com a tranquilidade e a beleza que o parque possui.

Entretanto, cabe ressaltar que apesar de os visitantes quererem que futuras gerações conheçam a paisagem do Parque das Laranjeiras como ela é hoje, com apenas os cuidados que foram citados pelos mesmos (como o fato de não jogar o lixo em local indevido ou não cortar as árvores) não será possível que esta paisagem esteja disponível como é atualmente. Outras ações devem ser desenvolvidas em conjunto com os cuidados mencionados pelos visitantes como: não levar 'lembranças' naturais para a casa; não fazer fogueiras, pois estas agriem o solo e podem causar incêndios; respeitar os animais e as plantas, apenas os observando e não os perturbando.

Basile (2005, p.81) afirma que, a interação da sociedade com a natureza não pode ser predatória, pois "o turista não pode poluir águas, sujar as matas, arrancar árvores, perturbar a fauna. Do contrario, acaba destruindo o próprio objetivo de sua atividade. E, com a destruição, o turismo deixa de ser sustentável. Daí a importância de serem estabelecidas regras de utilização e padrões de segurança para a prática das atividades."

Deste modo, ressalta-se a importância de uma freqüente fiscalização nas áreas naturais, além de estudos, também freqüentes, sobre as ações do homem sobre o ambiente, a fim de minimizar estas ações que geram impactos, neste caso pela atividade turística. Os visitantes foram ainda questionados sobre a importância de estudos que avaliem os impactos ambientais, 2 visitantes não responderam a questão, 53 indivíduos responderam que sim e 11 complementaram que estes estudos alertam as pessoas que a natureza está se esgotando, bem como para as catástrofes ambientais que estão ocorrendo.

Vieira e Silva (s.d) em pesquisa no Parque Ambiental Encontro dos Rios em Teresina, no estado do Piauí, asseguram que os atuais problemas ambientais são conseqüências do desequilíbrio causado pelo uso inadequado dos recursos naturais. Isso tem se transformado em grande preocupação junto á humanidade, pois esta agora precisa se habituar a conviver de forma equilibrada com o ambiente. Apenas 1 visitante respondeu que os estudos que tratam da relação sociedade e ambiente não podem auxiliar na conservação da natureza. Como justificativa citou que as pessoas já não dão importância para o meio ambiente, pois se preocupam apenas com a sua sobrevivência.

Através dos dados obtidos em pesquisa de campo, identificou-se o que os visitantes valorizam ou não na paisagem do Parque das Laranjeiras. Deste modo, constatou-se que todos os indivíduos que responderam ao questionário apreciam a paisagem do parque como ela é atualmente ressaltando elementos naturais como destaque: o rio com 68% do total das respostas e a mata representando 32% do total.

Destaca-se que o rio Paranhana circunscreve a área do Parque, um dos atrativos com maior destaque, devido ao fato das atividades que podem ser realizadas no local com ênfase esportiva e "aventurescas" que ocorrem nas corredeiras do rio em questão como a canoagem e o rafting. Quanto aos aspectos negativos na paisagem, apontado por 8 indivíduos, destacaram o lixo encontrado nas trilhas.

Porém cabe destacar que após a aplicação da matriz de indicadores de sustentabilidade no Parque das Laranjeiras pode-se perceber que a administração do local realiza algumas ações que buscam a minimização dos impactos ambientais, como: a

existência de um regulamento que é proposto pelo parque e está exposto em duas placas na entrada do mesmo; identifica-se um zoneamento espontâneo no Parque, pois apesar de não ter um planejamento prévio quanto à ocupação do espaço, evidencia-se uma área destinada a concentração de construções, onde o acesso é livre (pousada, área de camping, operadoras de rafting, quadras de futebol e vôlei, praça de brinquedos para as crianças), áreas em que há um maior controle, como as trilhas, em que são traçados os caminhos e que apenas podem ter acesso as pessoas sem veículos motorizados e, áreas do Parque em que o acesso não é permitido por serem áreas de mata nativa e, seu acesso é vedado com fins de protegê-las; com relação a estruturação das trilhas, percebe-se que as mesmas são incipientemente estruturadas pela administração, pois apresentam placas de indicação quanto ao caminho a seguir, porém não há um número estabelecido de visitantes por trilha e também não há um monitoramento das mesmas, o que pode acarretar em impactos negativos no ambiente; a coleta de resíduos sólidos, são do tipo seletiva de fácil alcance dos visitantes.

Porém constataram-se algumas contradições por parte dos visitantes do Parque, pois estes afirmam no questionário que não se pode deixar lixo em locais indevidos e apesar de constatar que há lixeiras de coleta seletiva espalhadas pela área, existem resíduos nas trilhas do Parque das Laranjeiras a margem do Rio; outro fator relevante é a poluição sonora, subjetivamente pode-se afirmar que a mesma é significativa na área de camping oriunda dos rádios dos carros que estão estacionados, bem como oriundas dos aparelhos de som trazidos pelos visitantes que estão acampados. o alto volume provocam um desconforto ambiental e, também uma descaracterização do lugar. Cabe salientar que, o Parque das Laranjeiras não possui um programa de educação ambiental com fins de sensibilizar os visitantes sobre os impactos que estes causam no ambiente.

Dias (2003) discutindo sobre o tema afirma que a educação ambiental ligada ao turismo em áreas naturais tem o potencial de contribuir para que as pessoas compreendam melhor as questões ambientais, desse modo ampliando a sensibilização dos indivíduos quanto à problemática ambiental, por fazer com que as pessoas tenham em contato mais próximo com o meio natural. Esse contato eleva a consciência do valor da natureza e faz com que os turistas adotem comportamentos e atitudes ambientalmente sustentáveis para preservar o ambiente e assim minimizar os impactos negativos que os próprios causam.

Já Delgado (2000) afirma que uma ferramenta que pode auxiliar na educação ambiental é a interpretação do ambiente, sendo que para o autor interpretar a natureza não é encher de descrições ao visitante, ou apenas relatar fatos. É uma técnica comunicacional e educativa que se nutre da informação, procurando dar conhecimentos significativos e ainda permitindo-lhes a reflexão e a tomada de decisões em favor do lugar que visitam. É com entender o “quebra cabeças” que está a sua frente, de modo a respeitá-lo e ajudar a conservá-lo. Enfatiza-se então que o Parque das Laranjeiras apesar de não contar com um programa de educação ambiental para os seus visitantes bem como para a comunidade do entorno, possui um sistema de interpretação do ambiente ainda incipiente, pois foi encontrada no parque apenas uma placa de interpretação do ambiente referente ao Rio Paranhana.

Neste sentido, cabe destacar que o Parque das Laranjeiras não possui uma avaliação dos impactos gerados pela visitação, sendo que este sistema avaliativo serviria de base para um planejamento adequado para o local, a fim de minimizar os impactos negativos que o turismo ocasiona na área, tanto sociais, como culturais e ou econômicos, além dos impactos ambientais. Segundo Peccatiello (s.d) análises do impacto ambiental causado pelo turismo, principalmente os estudos de capacidade de carga reúnem as várias dimensões da sustentabilidade ambiental, cultural, social, econômica e política, atendendo os objetivos do turismo sustentável.

Apesar de, o Parque das Laranjeiras não ter um estudo de capacidade de carga, considera-se incipiente o indicador capacidade de carga, pois mesmo não tendo uma pesquisa realizada por estudiosos, os administradores têm ciência de que não se devem colocar muitas pessoas no local, tendo em vista as limitações de bom atendimento pelos poucos prestadores de serviços. Ou seja, o aspecto social e ou cultural, apesar de o ambiental não ser abordado pelo proprietário, às outras duas esferas estão indiretamente ligadas à capacidade de carga.

Quanto a orientações para os visitantes, observa-se também que há guias de turismo ou monitores apenas mediante solicitação e pagamento prévio, junto às operadoras de rafting. Sendo que apenas estes têm cursos de capacitação para o turismo em áreas naturais, enquanto que os outros prestadores de serviços têm apenas um curso de primeiros socorros caso necessário.

De acordo com Delgado (2000, p.162) os guias têm papel fundamental na atividade turística em áreas naturais, pois são considerados uma espécie de intérprete que aproveita cada oportunidade para explicar o que pode interessar ao turista e também como uma forma de estimular a correção de atitudes e comportamentos indesejados por parte do turista. “O guia mantém a qualidade da atividade, enriquece o tempo do turista e sensibiliza o turista sobre o impacto de sua presença no local. (...). O guia numa caminhada conduzida pode utilizar a interpretação para dar uma noção mais completa sobre o recurso que o turista visita, valorizando assim o produto.” (DELGADO, 2000p.162).

Assim ressalta-se a importância de guias de turismo especializados e pessoas capacitadas a desenvolver atividades com os turistas em áreas específicas. Uma vez que guias, monitores, entre outras pessoas capacitadas a receber e orientar o turista são fundamentais para auxiliar na sensibilização dos visitantes e, com isso na minimização dos impactos negativos gerados pelo turismo.

Em suma, o turismo de aventura tem se desenvolvido no Parque das Laranjeiras através das práticas esportivas, mas quando confronta-se aos princípios da sustentabilidade, percebe-se que há muito a ser feito. Não se pode negar que existem ações desenvolvidas pela administração do parque que resultam na minimização dos impactos negativos gerados pelo turismo, porém esta pesquisa sanciona que não há uma análise e nem um monitoramento destes impactos por parte da administração do Parque das Laranjeiras, o que para o desenvolvimento sustentável do turismo é essencial. E apesar de, os visitantes do parque valorizarem a área por sua paisagem natural e julgarem alguns cuidados necessários para com a mesma, estes ainda não estão cientes

de todos impactos que causam no ambiente e de como podem auxiliar na minimização destes impactos.

Assim sugere-se um estudo mais aprofundado dos aspectos ambientais da área de estudo, por meio do desenvolvimento de um plano de manejo, pois a conservação deste ambiente deve ser um esforço conjunto da associação ASTECA e administração Pública. Há também uma necessidade de programas de educação ambiental que visem a sensibilização dos visitantes do local e ainda de uma maior fiscalização e monitoramento, seja por meio de guarda-parques, monitores locais, entre outros que possam ser envolvidos, podendo estes serem moradores locais, pois assim pode-se incluir também a comunidade local no parque.

Palavras - chave: turismo de aventura, sustentabilidade turística, Parque das Laranjeiras

Bibliografia

BASILE; Sílvia Maria. O papel das ONGs no desenvolvimento do turismo de aventura. In: UVINHA, Ricardo Ricci (org). **Turismo de aventura: reflexões e tendências.** São Paulo: Aleph, 2005.

CÂNDIDO, Luciane Aparecida. **Turismo em áreas Naturais Protegidas.** Caxias do Sul: Educ, 2003.

DELGADO, Jesus. A interpretação ambiental como instrumento para o ecoturismo. In: SERRANO, Célia (orgs). **A Educação pelas Pedras: ecoturismo e educação ambiental.** São Paulo: Chronos, 2000.

DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e meio ambiente.** São Paulo: Atlas, 2003.

FARIA, Dóris Santos de; CARNEIRO, Kátia Saraiva. **Sustentabilidade Ecológica no Turismo.** Brasília: Universidade de Brasília, 2007 (reimpressão)

MACHADO, Álvaro. **Ecoturismo: um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul.** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005.

PECCATIELLO, Ana Flavia Oliveira. Análise da capacidade de carga antrópica na trilha do Circuito Pico do Pião do Parque Estadual do Ibitipoca, MG. **Anais de congresso - IX ENGEMA.** Curitiba, 19 a 21 de novembro de 2007

SWARBROOKE, John et al. **Turismo de aventura: conceitos e estudos de casos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

TRÊS COROAS. Disponível em <http://www.pmtcoroas.com.br>. Acessado em 03/jan/2010.



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

VIEIRA, Carla; SILVA, Teresa da. Análise dos impactos ambientais no Parque Ambiental Encontro do Rios em Teresina – PI. Disponível em www.geo.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/trabalhos_completos/eixo11/031.pdf. Acessado em 20 de dezembro de 2009.

TURISMO DE AVENTURA NO MUNICÍPIO DE SILVEIRA MARTINS / RIO GRANDE DO SUL: ATIVIDADES PRATICADAS NO ESPAÇO DA ROTA TURÍSTICA E GASTRONÔMICA SANTA MARIA – SILVEIRA MARTINS

Carmen Terezinha Barcellos Lorenci

Universidade Federal de Santa Maria; Unidade Descentralizada - UDESSM, Silveira Martins – RS – Brasil
carlorensm@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o potencial natural do município de Silveira Martins e localizado na região Central do RS o qual faz parte da Rota Turística e Gastronômica Santa Maria – Silveira Martins e onde as atividades do segmento de turismo de aventura já vem sendo praticadas neste município.

A pesquisa está baseada no conhecimento in loco e nos produtos formatados por operadora de turismo de aventura da cidade de Silveira Martins entre outros dados obtidos em fontes bibliográficas diversas em especial da área de turismo.

No final, são fornecidas algumas proposições para fortalecer o turismo de aventura no município de Silveira Martins/RS.

Palavras-Chave: Silveira Martins; Turismo de Aventura; Atividades Praticadas.

Introdução

O turismo é uma atividade sócio-econômica que vem crescendo em especial no interior do Brasil após o incremento do Programa de Regionalização do Turismo a partir de 2003 e ainda em execução, o qual vem proporcionando um avanço nos debates e construções nos fóruns regionais, nas secretarias de turismo, e impulsionando o surgimento de empresas do setor turístico o que tem provocado um avanço da atividade, entre elas o segmento do Turismo de Aventura considerado o que mais cresce em empreendimentos e praticantes no país que tem em sua diversificada natureza a matéria prima deste setor.

No estado do RS a atividade ganha impulsos significativos e a região Central do RS se apresenta como potencial por sua geomorfologia diferenciada, com variadas nascentes de água que formam rios e riachos, paredões e escarpas de basalto que emergem grutas, cavernas, mirantes; a Serra Geral com matas nativas e a extensão dos campos.

Neste cenário rico desponta a região da Quarta Colônia e em especial o município de Silveira Martins, o qual tem um potencial de atrativos naturais que já estão sendo utilizados para as atividades do turismo de aventura e atraído turistas de âmbito regional e nacional.

O Turismo de Aventura, vem sendo praticado no país a mais de dez anos e surgiu das atividades que nasceram com o Ecoturismo na década de 80 e ganharam projeção a

partir da ECO /92 no viés do turismo sustentável. Com o crescimento do setor no país o turismo de aventura passa a ter características próprias e ganha um mercado diferenciado, com especificidades que lhe são coerentes a partir das ações desenvolvidas pela ABETA (Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura) em parceria com o MINTUR (Ministério do Turismo) a partir de 2003.

Para o Ministério do Turismo (2008) o turismo de aventura é entendido como aquele que “ compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo”. Neste conceito observa-se a preocupação com a motivação do turista pelo lazer independente do local onde é praticado e o entendimento de que o turismo de aventura não tem práticas esportivas competitivas e sim turísticas.

Para o MINTUR as atividades de Turismo de Aventura variam sob diferentes aspectos, seja em função dos territórios em que são operadas, dos equipamentos utilizados, seja das habilidades e técnicas exigidas, em relação aos riscos que podem envolver. A partir dessa inter-relação, apresentam as seguintes características : diversidade , riscos controláveis, participação e interação.

A diversidade está ligada a grande variedade de atividades que passam a ser ofertadas no país e aos diversos lugares onde a prática é possibilitada; os riscos controláveis, a necessidade da segurança do turista que passa a ser entendida por meio de normas técnicas da ABNT que são criadas no país para cada modalidade que é praticada ; a participação e interação refere-se ao encontro e trocas entre o turista e o condutor e o turista e a atividade como uma experiência positiva.

As atividades que são desenvolvidas no país são variadas e estão dentro dos segmentos:

1) Terra : arvorismo, cicloturismo, espelioturismo, eqüestres, fora da estrada, bungue jump, cachoeirismo, canionismo, caminhadas curtas (hiking) , caminhadas de longa distância (trekking) , escalada, montanhismo, rapel e tirolesa.

2) Água : bóia cross, canoagem, mergulho, rafting

3) Ar: asa delta, balonismo, parapente, páraquedismo, ultraleve

O segmento vem crescendo com tecnologia e equipamentos adequados além da capacitação dos empresários do setor por ações da ABETA e o RS está em franco crescimento do setor sendo a região da Quarta Colônia um potencial latente para desenvolvimento de várias atividades do turismo de aventura sendo muitas já oferecidas no município de Silveira Martins.

OBJETIVO DO ESTUDO

O presente trabalho objetiva apresentar as atividades de turismo de aventura que vem sendo praticadas no município de Silveira Martins – RS no espaço que compreende a Rota Turística e Gastronômica Santa Maria – Silveira Martins.

MÉTODO

O estudo está baseado no método qualitativo com fontes documentais da área do turismo, e no conhecimento in loco e nos produtos formatados por agência especializada em turismo de aventura da cidade de Silveira Martins.

O método quantitativo também nos resultados para demonstrar o número de atividades que são oferecidas no município

Na conclusão são fornecidas algumas proposições para fortalecer o turismo de aventura no município de Silveira Martins/RS.

Caracterização do município de Silveira Martins

O município de Silveira Martins está localizado na região Central do RS em cujo território está a microrregião denominada Quarta Colônia da qual fazem parte 09 municípios (Silveira Martins, São João do Polêsine, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, Ivorá, Pinhal Grande, Restinga Seca, Nova Palma, Agudo) cujos municípios foram integrados através de um consórcio chamado de CONDESUS (Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia de Imigração Italiana) que a partir de sua criação na década de 80 permitiu o incremento da atividade turística em toda região que tem sua formação étnica fortemente marcada pelos imigrantes italianos, alemães , portugueses e afro-brasileiros.

A Quarta Colônia teve sua origem com a chegada da quarta imigração italiana no centro do estado em 1877 que passaram a ocupar terras devolutas do governo imperial e deram origem a cidade de Silveira Martins. Toda Quarta Colônia tem marcas dos imigrantes como os saberes e fazeres que estão na gastronomia (polenta, rizoto, cucas, etc); na religião (capitéis, capelas, igrejas, santuários, festas religiosas) e na arquitetura colonial (casarões em pedra basalto, casas em enxaimel e pedra grés,) que estão presentes na vida das cidades e localidades rurais de toda região que ainda tem sua economia na base da agricultura (arroz, batata inglesa, feijão,soja) e no processamento de produtos em agroindústrias caseiras como laticínios, embutidos, doces e farináceos onde tem destaque o queijo, o salame e a cuca italiana e cuca alemã.

O diferencial em paisagem, recursos naturais e culturais herdados dos imigrantes fortaleceu a região que a partir de 1993 quando torna-se área prioritária e tombada como Reserva da Biosfera de Mata Atlântica da Quarta Colônia, protegendo suas riquezas onde a atividade sustentável está o turismo e em especial o turismo de natureza como os segmentos do turismo rural, do ecoturismo e do turismo de aventura.

Neste contexto, está situado o município de Silveira Martins , ao sopé da Serra de São Martinho componente da cadeia da Serra Geral e dentro da Reserva da Biosfera de Mata Atlântica da Quarta Colônia.

Conhecido como a cidade berço da imigração italiana do centro do RS, foi emancipada em 1987 desmenbrando-se da cidade de Santa Maria. Segundo o senso IBGE (2007) tem uma população de 2.449 hab.e uma área territorial de 118 Km2 pertencente ao bioma da Mata Atlântica. A cidade está a uma altitude de 431m ao nível

do mar o que lhe concede um clima ameno e fica localizado a 30 Km de Santa Maria e a 282 Km de Porto Alegre por via asfáltica.

No ano de 2009 o município foi contemplado com a instalação da UDESSM (Unidade Descentralizada de Silveira Martins) campus da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), cujos cursos de tecnólogos superiores foram criados com ênfase no desenvolvimento regional, entre eles, o Curso em Gestão de Turismo.

O município faz parte da Rota Turística e Gastronômica Santa Maria – Silveira Martins implantada em 2005 mediante um acordo de políticas públicas entre os dois municípios e cuja idéia foi resgatar o antigo caminho feito pelos imigrantes e aproveitar os empreendimentos existentes e seus atrativos culturais, naturais e gastronômicos.

Esta rota estimulou juntamente com a gastronomia e a cultura da região o fluxo de turismo de aventura onde já são oferecidos por empresa do setor, trilhas ecológicas em caminhos históricos, caminhadas de longa distância e observação de aves. Propriedades rurais da rota também oferecem atividades de aventura como uma única propriedade com potencial do segmento água oferece banhos em cascatas, cascade, canionismo, mergulho e trilhas ecológicas.

Atrativos naturais de Silveira Martins e atividades de turismo de aventura que são desenvolvidas.

Os atrativos naturais que oferecem condições de uso para o turismo de aventura e que fazem parte da Rota Turística e Gastronômica Santa Maria – Silveira Martins, estão abaixo relacionados.

Cascata do Mezzomo : distante do centro da cidade apenas 4, 5 km, na localidade de Val Feltrina, cujo acesso pode ser feito por carro ou a pé percorrendo uma estrada de chão com bela vista das montanhas. Encravada na Serra de São Martinho e em área particular , o acesso na propriedade feito pelo campo, margeado o arroio Lobato que forma a queda de 20m, conhecida como cascata do Mezzomo. A trilha que leva a cascata é úmida e perigosa junto ao leito do rio e alguns trechos são travessias sobre pedras basalto que em épocas de chuvas não permite acesso. O local tem placas que indicam o valor do ingresso sendo muito procurada durante o verão e em finais de semana para passar o dia. Não permite camping e tem algumas lixeiras. Oferecida por agência local.

Trilha do Imigrante : e um dos primitivos caminhos aberto pelos imigrantes italianos no final do séc. XIX para transportar a produção agrícola como o milho que levavam para os moinhos da região e também como acesso aos filós que constituía-se numa reunião noturna ou tipo de lazer encontro dos vizinhos.

O acesso a partir da sede é de 2 Km por estrada de chão (estrada do Saulo) no alto do platô e o percurso na trilha apresenta remanescentes de Mata atlântica. A trilha é em declive numa extensão de 1,5 Km com solo bastante compactado e alguns trechos com sulcos profundos pois o local também é utilizado por motos para prática de motociclismo. A trilha permite chegar ao vale conhecido como Val Feltrina e também dá acesso a cascata do Mezzomo. Oferecida por agência local.

Quinta D. Inácio: uma propriedade rural que está estruturada para a prática do turismo de aventura. Localizada a somente 10 Km da sede de Silveira Martins (Linha 4 norte) em meio a uma exuberante natureza onde 6 cascatas e trilhas nativas são opções de aventura.

As trilhas são de curta distância mas apresentam um nível de fácil a difícil. A Trilha do Xaxim em declive onde a trilha desce até o nível do rio e alguns trechos o turista segue pisando na água com cordas dispostas nos trechos em horizontal, para facilitar a travessia com segurança. Seguindo até o final é possível passar pela Cascata da Tristeza e chegar na cascata dos Sonhos, uma queda de 15 m e com profundo poço que serve para banho. A trilha da Cascata D. Inácio é uma antiga estrada de carretas e depois um trecho em declive acentuado leva o visitante até a bela Cascata D. Inácio uma pequena queda de 3m mas que apresenta um poço de 8m profundidade, no qual pratica-se o Mergulho.

O local tem infra-estrutura de alimentação servindo almoço, lanche ou café da colônia e atende mediante agenda a qualquer perfil de público. Também oferece coletes para água, capacetes e condutores de turismo de aventura pertencentes a uma ONG que atua no local. Oferecida por agências da região central.

Trilha do Pozzobon : fica a 6 Km da cidade no local conhecido como Linha 6 Sul e está em propriedade particular. Constitui-se numa antiga trilha percorrida pelos moradores da localidade para dirigirem-se as festas que eram realizadas no distrito de Vale Vêneto (São João do Polêsine) como a festa da Gruta de N. Senhora de Lourdes todo mês de fevereiro.

O acesso por estrada que fornece uma bela paisagem da região e de nível fácil. A trilha tem aproximadamente 2 Km e está em propriedade particular, sendo seu acesso por campo e seu declive bastante acentuado e terreno bem irregular e considerada de nível difícil. O término da trilha leva o caminhante por estrada até o centro do distrito de Vale Vêneto onde existe estrutura para alimentação e hospedagem. Este distrito fica a 7 Km de Silveira Martins. Oferecida por agência local.

Mirante do Guerino : dista apenas 3 Km da cidade e seu acesso por estrada vicinal de chão sendo a trilha que sobe ao mirante de acesso fácil e de apenas 800m. A vista do alto permite apreciar o vale e a cidade de Santa Maria. A área é particular mas tem grande valor como percurso fácil e visão paisagística. Oferecida por agência local.

RESULTADOS

Analisando os atrativos naturais apresentados, tem-se um potencial disponível para a prática do turismo de aventura no município de Silveira Martins que aparecem numa tabela referência (abaixo) das atividades de turismo de aventura que são realizadas nos segmentos Terra e Água no município de Silveira Martins /RS e que também são vendidas por agência local e outras da região Central.

**SEGMENTO TERRA
 ATIVIDADES**

CARACTERÍSTICAS

Caminhadas Curtas	Caminhadas em ambiente natural buscando superação de limites com trilhas, estradas e obstáculos e com interpretação da natureza
Caminhadas Longas	Locais: Linha 4 Norte (Quinta D. Inácio), Linha 4 Sul, Val Feltrina, Linha 6 Sul
Observação de vida Silvestre (aves)	Utilizando equipamentos especiais em locais tido como nichos ecológicos e acompanhamento de biólogo Local: Silveira Martins em mata nativa, campos, bosques, pomares e Linha 4 Norte (Quinta D. Inácio)
Canionismo	Transposição de obstáculos verticais ou horizontais (quedas e/ou poços) com uso de cordas e técnicas verticais sendo o curso de água contínuo ou intermitente. Locais: Val Feltrina (Cascata do Mezzomo) e Linha 4 Norte (Quinta D. Inácio).
Cascade	Descida com cordas em cachoeiras ou cascatas utilizando a técnica do rapel. Locais:)

**SEGMENTO - ÁGUA -
 ATIVIDADES**

CARACTERÍSTICAS

Mergulho	Descida a pequenas e médias profundidades com equipamento adequados. Locais: Silveira Martins, Santa Maria
----------	--

Tabelas formatadas por LORENCCI, Carmen.

CONCLUSÕES

Pode-se concluir que o turismo de aventura vem sendo ofertado no município de Silveira Martins de forma sustentável com base na sua diversidade natural e tem nas atividades terra e água uma forte atração conforme observa-se nos locais mencionados, onde os praticantes estão entre o público regional e nacional.

Outras atividades poderão ser incluídas como as do segmento AR pois Silveira Martins tem vários mirantes que permitem apreciar paisagens e alguns deles com ventos favoráveis para a prática do Paraglaider.

O cicloturismo também é outra atividade que pode ser oferecida assim como a cavalgada e o fora da estrada pois locais são compatíveis faltando apenas novos empreendimentos para o setor de aventura.

A participação do setor público com inserção de políticas para o turismo é de grande importância pois a rota turística existente já abriu caminho para segmentação de produtos turísticos como o turismo de aventura. Acredita-se que com os cursos da UFSM / UDESSM novos atores sociais surjam para contribuir no desenvolvimento de um turismo sustentável e planejado no município de Silveira Martins e na região.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TURISMO DE AVENTURA. **Diagnóstico do Turismo de Aventura no Brasil**. Disponível em: <http://www.abeta.com.br/ptbr/pgn.asp?ide-pg=65&nível=2>>. Acesso em: 04 maio. 2011, 21:45

LINDBERG, Kreg; HAWKINS, Donald E. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: Ed. Senac Nacional, 1999. 2 ed. 292p.

MACHADO, Álvaro. **Ecoturismo: um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005. 232p

MINISTÉRIO DO TURISMO . **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil**. Brasília, 2004.32p.

_____ **Turismo de aventura: orientações básicas**. Brasília, 2008. 56 p

STIGLIANO, Beatriz Veronese e CÉSAR, Pedro de Alcântara B. **Turismo de aventura: a busca de seu significado através da análise qualitativa de praticantes**. Turismo e Ação. Ano 5 n.11 p. 41 abr/set. 2002 <www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/download/1167/923>. Acesso em: 5 de maio. 2011, 20:30

WWF BRASIL. **Turismo responsável: manual para políticas públicas**. Brasília; WWF Brasil, 2004.

A INCLUSÃO DO SKATE COMO MODALIDADE ESPORTIVA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E/OU ATIVIDADES EXTRACURRICULARES NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAPIVARI DE BAIXO - SC

Elias Heleodoro Luiz, Alzira Isabel da Rosa, Romulo Luiz da Graça

Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, Santa Catarina, Brasil
elias_heleodoro@hotmail.com

Entre os esportes radicais o skate é um grande esporte de destaque, tendo um número significativo de praticantes em todo planeta. Atrai principalmente os jovens e tem um aspecto cultural muito forte. O skatista, além de ser esportista, faz parte de uma “tribo” que tem seus próprios hábitos e costumes que são baseados em um estilo de vida alternativo da sociedade urbana moderna. (FIGUEIREDO, 2005, p. 8).

O skate também produz um significado em que pode ser considerado um modo de circulação pela cidade, vivenciando-a como liberdade e conquista, envolvendo ainda um questionamento do tempo vivido como obrigação e pressa. A esta vivência tipicamente urbana, o skatista contrapõe uma composição do tempo como fruição, voltando para busca de expressividade, de controle sobre o corpo e de contemplação estética. (QUEIROZ, 2007, p.140).

Sem dúvida alguma, é um esporte emergente no Brasil, segundo pesquisa realizada em Setembro de 2006 pela Datafolha há quase 3.200.000 de residências brasileiras que possuem pelo menos um morador que tem um skate, o que representa aproximadamente 6% dos domicílios brasileiros conforme o IBGE. (CBSK). Segundo o site da Companhia de Bebidas das Américas (AMBEV), hoje, o skate é um dos três esportes mais praticados no Brasil, depois do futebol e do voleibol.

A escola é um mundo social repleto de significados construídos nas relações estabelecidas em seu cotidiano (LANA, 2006, p.2), ou seja, dia após dia pessoas se relacionam no ambiente escolar, alunos e professores, jovens e adultos, de diferentes culturas, hábitos, estilos de vida, classes sociais, etnias e raças. Todas essas diferenças num único lugar são capazes de unir ou segregar, aliar ou dissipar. A escola pode ser considerada como uma instituição fundamental em diversos processos civilizadores, porque, paradoxalmente, ela representa incorporação e reprodução das desigualdades sociais.

Este seu caráter ambivalente sugere um espaço social onde as individualizações se encontram e criam interdependências funcionais produtoras de relações de poder. (HONORATO, 2005, p. 158) A educação transmite valores morais que ajustam a sociedade. Por isto, a escola detém poder ativo na reorganização e na estabilidade da sociedade.

O educador poderia desenvolver no estudante, certo grau de estados físicos, intelectuais e morais, solicitados pela estrutura social. O educador e a escola exerceriam seu poder em prol da sociedade instituída. (DURKHEIM apud HONORATO, 2005, p. 114). Este estudo procurará salientar pontos positivos nos aspectos físico-motores, cognitivos e

sócio-afetivos que podem ser desenvolvidos através da prática do skate inserido no ambiente escolar, nunca esquecendo o trabalho educativo de prevenção, do qual se apresenta em qualquer modalidade esportiva. Um grande desafio para os skatistas é superar um diminuto, porém ainda presente preconceito por parte da sociedade, que liga muito os praticantes do skate ao consumo de drogas ou ao vandalismo e marginalidade.

O presente trabalho não terá como objetivo discutir tais relações, mas sim mostrar que com um trabalho orientado e supervisionado dentro das escolas nas aulas de Educação Física ou extracurriculares jovens e crianças podem se ver livres e imunes diante de uma crescente onda de marginalidade, principalmente os jovens, fazendo com que esses alunos se tornem cooperadores para uma sociedade mais inclusiva e saudável. Sendo considerado um esporte, o skate proporciona e oportuniza atividades físicas trazendo inúmeros benefícios, dos quais serão discutidos no presente trabalho.

O município de Capivari de Baixo tem alcançado índices invejáveis no quesito aprovação dos alunos no final do ano letivo escolar, chegando a marca considerável de 90% de aprovação dos alunos matriculados na rede de ensino da região no ano de 2007, com perspectiva de melhoras em 2008. Outro ponto a ser destacado na cidade é o incentivo ao esporte que vem recebendo, principalmente após a implantação do programa Segundo Tempo do Governo Federal, onde aproximadamente 600 crianças e adolescentes de 7 a 17 anos são beneficiadas melhorando sua qualidade de vida. (MACHADO in Diário do Sul 2008).

Apesar do skate ser um esporte de cunho individual, o skatista faz parte de um grupo, ou seja, ele não é uma ilha em si mesmo, constantemente está se relacionando com as pessoas de seu meio. A construção da 'tribo skatista' se faz das relações humanas transformadas em atividades físicas e culturais de lazer que geram interesses comuns e diferenciados – reunindo indivíduos e proporcionando diferentes comportamentos, *habitus* e relações de poder – entrelaçados ao processo de civilização. (HONORATO, 2005, p. 43).

Tendo em vista todas as informações acima, relacionadas a cidade de Capivari de Baixo, ao skate e a educação, desperta no autor deste estudo alguns questionamentos. O município citado enfatiza o fator educação e incentiva ao esporte prioritariamente, tendo o vôlei, o futebol e outras modalidades mais conhecidas culturalmente fazendo parte do processo; através deste firmamos também a importância de oportunizar o skate como modalidade das aulas de Educação Física na escola, ou pelo menos em programas extracurriculares.

A partir de tantos argumentos favoráveis, pergunta-se se seria importante nas escolas de Capivari de Baixo oportunizar a inclusão do skate como um esporte nas aulas de Educação Física ou em programas extracurriculares?. O objetivo geral deste trabalho é analisar nas séries finais do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Capivari de Baixo-SC a inclusão do skate como modalidade esportiva nas aulas de Educação Física e/ou atividades extracurriculares, são objetivos ainda: pesquisar na literatura os benefícios físico-motores, cognitivos e sócio-afetivos da modalidade Skate na área da educação; Pesquisar nos eventos da comunidade o que o público revela sobre o assunto em questão; Saber dos alunos da receptividade da modalidade Skate na escola nas aulas de Educação Física ou em atividades extracurriculares (através de questionário); Saber

dos professores de Educação Física da possibilidade de ter a modalidade Skate na escola nas aulas de Educação Física ou em atividades extracurriculares (através de questionário).

Este trabalho é caracterizado como uma pesquisa de caráter descritiva, que, segundo Cervo e Bervian (1983 apud HEERDT; LEONEL, 2006, p. 62) é aquela que analisa, observa, armazena e correlaciona aspectos (variáveis) que envolvem fatos ou fenômenos, sem distorcê-los. Existem diversas técnicas de coleta de dados empregadas em uma pesquisa de caráter descritiva e dentre as principais estão os formulários, os questionários, as entrevistas e as fichas de registro para observação e coleta de dados em documentos. (HEERDT; LEONEL, 2006, p. 63).

Esta pesquisa foi realizada através de questionários, que foram validados por professores especialistas em Educação Física, em forma de entrevistas semi-estruturadas divididas em 3 categorias: Categoria A: Comunidade que participa dos eventos da modalidade skate em Capivari de Baixo-SC; Categoria B: Alunos das séries finais do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Capivari de Baixo-SC – 5ª a 8ª série; Categoria C: Professores de Educação Física das escolas municipais de Capivari de Baixo-SC; De acordo com o site da Prefeitura Municipal de Capivari de Baixo-SC, o município foi fundado no dia 30 de março de 1992 e hoje tem 20.064 habitantes, situado ao Sul do Estado de Santa Catarina, na microrregião de Tubarão, à 142km de Florianópolis, tendo como principal atividade econômica a geração de energia termelétrica proveniente do carvão.

É sede da maior usina a carvão da América Latina, o Complexo Termelétrico Jorge Lacerda. Todas as escolas da rede municipal de ensino do município de Capivari de Baixo-SC fizeram parte da amostra de coleta de dados, exceto a escola Pequeno Polegar, em virtude de não serem ministradas aulas de 5ª a 8ª séries. As escolas em questão são E.M.E.B. Dom Anselmo Pietrulla que conta com 400 alunos nas séries finais do Ensino Fundamental, E.M.E.B. Santo André que tem 80 alunos de 5ª a 8ª série, E.M.E.B. Stanislau Gaidzinski Filho com 240 estudantes de 5ª a 8ª série e E.M.E.B. Vítório Marcon que tem 80 alunos cursando as séries finais do Ensino Fundamental.

Todos os dados apresentados neste parágrafo, foram fornecidos por cada Unidade Escolar. Referente a Categoria A, um questionário foi aplicado ao público presente durante a realização do 1º Kapiva Street Skate Amador, campeonato de skate realizado nos dias 27 e 28 de Setembro de 2008 na Praça da Bandeira, na cidade de Capivari de Baixo.

Quanto a Categoria B, o questionário foi aplicado após ser feita uma amostra representativa de 10% do total de alunos matriculados de 5ª a 8ª séries das escolas do município, procurando sempre aplicar com o mesmo número de estudantes por série e por sexo, totalizando assim 80 alunos. Já no que diz respeito aos professores, categoria C, o questionário destinado à classe, foi aplicado em 10 profissionais de Educação Física, todos atuantes da rede municipal de ensino de Capivari de Baixo - SC.

Esta pesquisa foi realizada através de um levantamento de dados que procura analisar, de forma quantitativa, características de determinada população, feita por meio de uma amostra, um subconjunto da população. Uma das principais técnicas de coleta de

dados utilizada nos levantamentos é o questionário, ferramenta utilizada na presente pesquisa. (Heerdt e Leonel, 2006, p.79).

Com relação aos resultados a tabela 1 mostra os dados extraídos da investigação. A partir dela, percebe-se que para 84,3% da população geral em que o questionário foi aplicado, é interessante inserir o skate como modalidade nas aulas de Educação Física no município de Capivari de Baixo-SC, enquanto que para apenas 15,7% do público que recebeu o questionamento tal prática não é atraente. Analisando a tabela mais a fundo, pode-se fazer a comparação entre as classes interrogadas.

Na população em que foi aplicado o questionário no que se refere à comunidade, 81% aprovam o skate como conteúdo nas aulas de Educação Física e 19% reprovam. Os competidores que responderam o questionário foram unânimes em considerar interessante a prática da modalidade skate nas aulas de Educação Física. 90,9% do público que visitou o evento avaliam ser interessante nas aulas de Educação Física a inserção do skate, enquanto 9,1% desconsideram a hipótese. Na última categoria entrevistada, a organização, 66,66% crê ser importante ministrar o skate nas aulas de Educação Física, enquanto 33,33% não enxerga dessa forma.

Em todos os casos encontrados na Tabela 1, os resultados foram positivos, tanto a comunidade, quanto os competidores, visitantes e pessoas que fazem parte da organização vêem uma grande possibilidade de trabalhar a modalidade skate nas aulas de Educação Física do município de Capivari de Baixo-SC, sempre com um profissional habilitado a ensinar tal modalidade. Acredita-se que o fato de o público entrevistado nessa categoria ser do tipo de “gostar da modalidade” pode ter influenciado tais respostas.

O autor da pesquisa crê ser possível trabalhar a modalidade skate nas séries finais do Ensino Fundamental apenas em atividades extracurriculares, fato que será discutido mais adiante.

Tabela 1: Resultados da pesquisa com a comunidade presente no 1º Kapiva Street Skate Amador

Resposta/Identificação	Comunidade	Competidor	Visitante	Organização
SIM	34	3	20	2
NÃO	8	-	2	1
TOTAL	42	3	22	3

Fonte: Próprio autor (2008).

A tabela 2 expõe os dados do questionário feito com os alunos das séries finais do Ensino Fundamental da escolas da rede municipal de Capivari de Baixo-SC. A pergunta nº 1 está interligada com as de nº 2 e de nº 3. Em caso de resposta positiva na primeira questão, a segunda indagação seria respondida e a terceira ficaria de fora, porém se na investigação de nº 1 a resposta fosse negativa, o aluno pularia a segunda questão e continuaria respondendo a partir da terceira pergunta. Sendo assim, dos 80 alunos em que se aplicou o questionário, 27 (33,75%) responderam que já sabem andar de skate enquanto 53 (66,25%) estudantes afirmaram não saber praticar a modalidade.

Dos educandos que responderam que já sabem 51,85% deles desejam aprimorar suas técnicas, enquanto 48,15% preferem ficar como estão. Já, dos 53 alunos que disseram não saber praticar skate 90,56% deles desejam aprender a modalidade,

enquanto apenas 9,44% não tem o interesse de aprender a modalidade. Na questão 4 os alunos foram indagados sobre o ensino da modalidade skate nas aulas de Educação Física e 76,25% deles afirmaram que gostariam que existisse tal prática, mas 23,75% não desejam que o skate seja ensinado durante as aulas de Educação Física.

A pergunta de nº 5 é semelhante a anterior, a diferença existente é que o foco não são as aulas de Educação Física, mas sim atividades fora do horário de aula (extracurriculares). Após coletadas as informações, o que se percebe é que 72,5% dos alunos querem o skate como uma atividade extracurricular e 27,5% dizem não almejar que o skate seja ensinado fora do horário de aula. A 6ª indagação está relacionada com o ambiente físico oferecido à prática das aulas de Educação Física nas escolas investigadas e o resultado mostra que 57,5% dos estudantes entrevistados crêem ser possível andar de skate nos lugares em que as aulas da disciplina são ministradas, enquanto 42,5% não consideram possível a atividade.

A 7ª questão é direcionada à parte financeira da instituição escolar. 46,25% dos alunos que responderam o questionário entendem ser possível por parte da escola a aquisição de materiais técnicos e de segurança para a prática do skate em sua instituição, já 53,75% não vêem tal possibilidade. O questionamento derradeiro é o nº 8 e deseja saber dos educandos se o skate seria mais motivador quanto as demais atividades aplicadas nas aulas de Educação Física. Analisando a tabela percebe-se que 55% dos estudantes crêem que o skate seria mais motivador caso fosse executada a prática durante as aulas e 45% diz que não seria um esporte que produzisse maior motivação para fazer as aulas.

Dos dados obtidos na questão 1, já eram esperados os números encontrados, com uma grande margem de diferença entre os alunos que sabem e os que não sabem andar de skate. As respostas da pergunta nº 2 foram surpreendentes no momento, pelo menos para o pesquisador, pelo fato de ter sido quase um empate, porém observando e analisando calmamente, crê-se que dos que já sabem andar de skate apenas alguns desejam evoluir no esporte, buscando inovar e aprender novos truques que podem ser desenvolvidos, porém os que já sabem e não querem aperfeiçoar suas técnicas já estão satisfeitos com o que o skate pode lhes oferecer, sendo um simples meio de locomoção ou uma forma de lazer a mais.

Já na indagação de nº 3, os resultados também foram uma surpresa, que proporcionou bastante alegria e satisfação ao autor da pesquisa. Uma maioria, quase absoluta, dos estudantes que não sabem andar de skate, desejam aprender a modalidade, talvez esse desejo venha dos programas esportivos exibidos na televisão em que os profissionais apresentam manobras muitas vezes inacreditáveis, ou do irmão mais velho que já pratica ou até mesmo pela curiosidade de como é saber estar se locomovendo sobre um objeto com quatro rodinhas de tamanho tão pequeno, mas também entende-se o lado daqueles que não sabem e nem tem o desejo de aprender a modalidade, talvez por medo, levando-se em conta que muitos praticam a modalidade sem equipamentos de proteção adequados e já tiveram lesões, ou por não ter curiosidade.

Grande diferença também encontrada nas respostas da questão nº 4. A superioridade encontra-se no “sim” obtido pelos alunos que desejam receber a

modalidade skate durante as aulas de Educação Física, talvez por enxergarem ali uma forma de sair um pouco da rotina ou muitos por não terem condições financeiras de adquirir um skate, vêm nessa questão uma possibilidade de aprender algo tão inovador no ambiente escolar.

Contudo, existe também o “não” dos estudantes. Se for analisada a tabela, somando-se os alunos que já sabem andar de skate e não desejam aperfeiçoar suas técnicas com aqueles que não sabem e nem tem o interesse de praticar a modalidade, o resultado é praticamente o mesmo daqueles que não querem o skate como conteúdo nas aulas de Educação Física. O que se pode presumir é que os mesmos que responderam “não” nas questões anteriores são os mesmos que responderam negativamente nessa pergunta, pelos mesmos motivos supostos, já supracitados.

A pergunta nº 5 está relacionada com as atividades extracurriculares, fora do horário de aula, e o saldo encontrado foi praticamente o mesmo da questão anterior, contendo apenas uma ínfima queda na opção “sim”, talvez pelo motivo de ter que sair de casa e voltar à escola fora do horário de aula para praticar uma modalidade esportiva. É satisfatório ao pesquisador saber que boa parte dos alunos das séries finais do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Capivari de Baixo-SC, deixaria seus lares fora do horário de aula para receber dicas sobre a modalidade skate. Isso leva a crer que os entrevistados possuem uma preocupação em querer atividades diversificadas, seja na aula de Educação Física ou fora dela.

A 6ª indagação é sobre o espaço físico encontrado nas aulas de Educação Física. O resultado já foi mais aproximado nessa questão se relacionado com as perguntas anteriores, com muitos educandos crendo ser possível andar de skate nos lugares em que as aulas de Educação Física são ministradas, mas vários alunos não vêm essa possibilidade.

As pesquisas mais atualizadas da área afirmam que se pode andar de skate em qualquer local; mas no ambiente escolar, até mesmo para não gerar danos à estrutura física encontrada na escola, a modalidade skate precisa ser trabalhada na quadra poliesportiva da instituição escolar, visto que “o skatista tem um olhar diferente sobre as coisas da cidade, os bancos da praça, as curvas da rua, as paredes inclinadas, escadarias, corrimãos...” (RIBEIRO, 2000, p.77). Caso a escola não possua uma quadra, ficaria inviável a prática da modalidade no contexto escolar, a não ser que fosse liberado pra se andar de skate nos corredores ou em algum pátio de concreto.

A 7ª questão é voltada à parte financeira da instituição e a maioria dos estudantes não crê que seja possível a aquisição de skates e materiais de proteção. Em parte, o autor da pesquisa concorda com os alunos. Caso o trabalho seja desenvolvido com atividades fora do período de aula, crê-se ser inviável efetuar a compra, pelo fato de se tratar de um número elevado de materiais, e ao mesmo tempo temos que refletir que a falta de qualquer tipo de material adequado para as aulas de Educação Física nas escolas já é um grande problema com as atividades mais simples, o que não justifica o fato de se querer inovações.

A última indagação do questionário com os alunos mostra que a maioria enxerga a modalidade skate como um esporte mais motivador que outras atividades ministradas durante as aulas de Educação Física. Pensa-se que assim como o skate, todas as

atividades desenvolvidas numa aula têm condições de ser motivadoras, porém com uma excessiva repetição, tornam-se rotineiras, o que acaba deixando os estudantes desmotivados.

Entende-se que se a pergunta fosse relacionada ao hóquei, golf, natação ou algum outro esporte que não é regularmente trabalhado nas aulas de Educação Física o resultado seria parecido com o encontrado na questão direcionada ao skate. Talvez pela própria falta de conhecimento em relação aos inúmeros benefícios, sob, todos os aspectos que o skate pode proporcionar.

Tabela 2: Resultados da pesquisa com os alunos

----	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8
SIM	27	14	48	61	58	46	37	44
NÃO	53	13	5	19	22	34	43	36
TOTAL	80	27	53	80	80	80	80	80

Fonte: Próprio autor (2008). P = Pergunta

A tabela 3 contém os dados extraídos da pesquisa realizada com os professores de Educação Física todas as escolas da rede municipal de Capivari de Baixo-SC. A pergunta 1 é relacionada à prática de skate nas aulas de Educação Física e, 40% dos professores responderam considerar positiva tal atividade nas aulas, enquanto 60% não consideram interessante. A questão nº 2 é direcionada à prática da modalidade em atividades extracurriculares e 90% dos profissionais crê ser possível e somente 10% não concorda com o skate inserido no ambiente escolar fora do horário de aula.

A 3ª indagação do questionário é voltada a saber dos professores se a escola possui um ambiente adequado (quadra) para que a modalidade skate seja praticada e, constatou-se que 60% afirmam que a instituição que prestam serviços possui esse espaço físico, já 40% deles assegura que a escola não tem esse ambiente. A pergunta nº 4 passa pelas condições financeiras da escola e, 30% dos educadores em que o questionário foi aplicado crêem que sua escola teria condições de efetuar a compra de skates e materiais de segurança, contudo 70% dos professores não acreditam que a escola possua verba suficiente para adquirir tais materiais.

A questão derradeira de nº 5 está relacionada com a prática interdisciplinar e 90% dos profissionais dizem que o skate pode ser um instrumento pedagógico interdisciplinar, já 10% deles não acreditam nisso. A maioria dos professores que respondeu o questionário não entende possível a prática do skate nas aulas de Educação Física, talvez por considerar um esporte demasiadamente perigoso, o que pode ser uma influência cultural, ou quem sabe por não estar apto a ensinar a modalidade (afinal de contas, não consta nos currículos de formação profissional), porém quando a questão 2 entra em cena, é quase unânime a opinião por parte dos educadores de que o skate deve ser trabalhado dentro do ambiente escolar, contudo, em atividades extracurriculares.

O pesquisador concorda com a maioria dos professores e acrescenta o fato de que essas atividades extracurriculares devem ser trabalhadas através de um projeto inserido no ambiente escolar, com um profissional qualificado a ensinar a modalidade skate aos alunos. A pergunta nº 3 é relacionada a estrutura física em que os profissionais de

Educação Física ministram suas aulas e, o resultado coletado mostra que a maioria deles crê ser possível trabalhar a modalidade skate nos locais em que as aplicam.

A questão posterior, trata das condições financeiras da escola e, a maioria dos educadores concordam com superioridade das crianças que também responderam que as escolas não possui recursos financeiros suficientes para adquirir, além de outras despesas, materiais necessários para a prática do skate. A indagação final que é sobre a interdisciplinaridade que a modalidade skate pode produzir é de suma importância para o pesquisador, visto que não se vive num mundo fechado, mas é necessário que se entenda um pouco de cada situação.

Existe a possibilidade de se trabalhar interdisciplinaridade por meio do skate em diversas ocasiões. Durante uma aula, o professor pode sugerir a construção de uma rampa e com os conhecimentos obtidos na aula de física pode-se projetá-la com sua angulação correta, além de posteriormente os alunos terem a oportunidade de confeccionar o obstáculo e, aprender a serrar uma madeira, pregar um prego e executar a pintura da rampa. Durante uma aula skate pode-se trabalhar os primeiros socorros básicos, além de ensinar a história do skate, inculcando nos alunos a cultura da modalidade, podendo relacionar as datas com épocas marcantes durante o transcorrer da história, ampliando o conhecimento e raciocínio dos mesmos. O resultado encontrado nessa questão foi super positivo, visto que apenas um professor não tem o mesmo entendimento do pesquisador e dos outros profissionais.

Tabela 3 – Resultados da pesquisa com os professores de Educação Física

-----	P1	P2	P3	P4	P5
SIM	4	9	6	3	9
NÃO	6	1	4	7	1
TOTAL	10	10	10	10	10

Fonte: Próprio autor (2008). P = Pergunta

Concluimos que em relação à pesquisa na literatura, os benefícios físico-motores, cognitivos e sócio-afetivos oportunizados na modalidade skate na área da educação, todas as pesquisas levam a crer que existem inúmeros fatores positivos. Já citados na própria revisão, salientam a preocupação e prevenção de problemas que poderão ocorrer relacionados a acidentes, o que não é nada diferente de qualquer outra modalidade (umas com mais, outras com menos gravidade).

Porém, os fatores físico-motores, cognitivos e sócio-afetivos são apresentados em maior quantidade do que tais malefícios. Nas atividades relacionadas ao 1º Kapiva Street Skate Amador, evento em que participaram aproximadamente 700 pessoas com grande motivação, levou a crer a importância que esta modalidade tem no contexto pesquisado e ao mesmo tempo reivindica mais investimentos nesta área.

O passo mais importante da pesquisa, foram os questionários aplicados com os alunos e professores de Educação Física, encontrando-se resultados muito positivos com os estudantes como também com os professores que demonstraram grande interesse em inovar sua prática pedagógica, não só apenas relacionadas com o skate, mas também relacionadas a outras áreas esportivas. Nas observações relacionadas aos objetivos

específicos da grande importância da articulação do Projeto Político Pedagógico com as disciplinas afins, se esta observação for realmente levada ao “pé da letra”, conclui-se que ao analisar a inclusão do skate como modalidade esportiva nas aulas de Educação Física Escolar e/ou atividades extracurriculares nas séries finais do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Capivari de Baixo-SC deve ser implantada das duas formas, tanto na Educação Física Escolar como em atividades extracurriculares, dependendo da própria adaptação da escola, dos alunos e dos professores, cabendo o bom senso dos profissionais responsáveis por esta inclusão respeitar o desenvolvimento bio-psico-social de todos os envolvidos.

Palavras-chave: Skate; Educação Física Escolar; Modalidades Esportivas.

Referências

COMPANHIA DE BEBIDAS DAS AMÉRICAS. **Guaraná Antarctica realiza maior street festival do país.** Disponível em: <http://www.ambev.com.br/not_04.php?noticia=371>. Acesso em: 24 ago. 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE. **CBSK.** Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/asp/dados.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2008.

FIGUEIREDO, André Viana. **Aspectos psicomotores na prática do skate.** 2005. 39 f. Monografia (Especialização em Psicomotricidade)-Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://cienciadoskate.com/paper/0235.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

HERDT, M; LEONEL, V. **Metodologia Científica.** 2 ed. Palhoça: Unisul virtual, 2005.

HONORATO, Tony. **A tribo skatista e a instituição escolar: o poder escolar em uma perspectiva sociológica.** 2005. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-PPGE-UNIMEP, Piracicaba, 2005. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/dissertacao/honorato.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2008.

HONORATO, Tony. Uma história do skate no Brasil: do lazer à esportivização. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – O LUGAR DA HISTÓRIA, 17., 2004, Campinas. **Anais...** Campinas: Ed. ANPUH/SP-UNICAMP, 2004. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XVII/ST%20IX/Tony%20Honorato.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2008.

LANA, Débora Oliveira. O significado da escola e do conhecimento escolar na experiência de alunos de camadas populares. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2006. p. 1-17. Disponível em:



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

<<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT14-1814--Int.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2008.

MACHADO, Caetano. 16 Anos de emancipação política de Capivari de Baixo. **Diário do Sul**, Tubarão, 30 mar. 2008.

QUEIROZ, Tereza Correia da Nóbrega. Fragmentação urbana e sociabilidade juvenil em João Pessoa: o skate e o hip hop. In: ESTUDOS DE SOCIOLOGIA, 2007, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Ed. UFPE, 2007. p. 127-148. Disponível em: <http://www.politicohoje.com/sociologia/publicacoes/publicacao_5_52.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2008.

RIBEIRO, Marcos Cunha. Anos noventa. In: BRITTO, Eduardo. **A Onda Dura**: 3 décadas de skate no Brasil. São Paulo: Parada Inglesa, 2000.

PROJETO PEDAL CURTICEIRA: ATIVIDADES E VALORES NO CONTEXTO SOCIOAMBIENTAL DE PELOTAS, RS

Leandro Karam
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
leandro.karam@gmail.com

Introdução

O contexto atual da sociedade global está caracterizado pela necessidade imediata de mudança de paradigmas em decorrência da relação historicamente desarmônica e consumo indiscriminado das riquezas (recursos) naturais e impactos na qualidade do ambiente planetário. Torna-se imprescindível, portanto, a busca por práticas individuais e coletivas condizentes com o paradigma de sustentabilidade. Isto é, que cause o mínimo de impacto socioambiental possível.

Entre os anos de 1960 e 1996 a população urbana brasileira elevou-se de 44,7% a 78,4% (IBGE, 1996). Este crescimento acelerado gerou uma série de consequências relacionadas à qualidade da vida urbana. Um dos pontos de maior conflito nos grandes centros é o uso excessivo de veículos motorizados (automóveis, motocicletas, caminhões, ônibus, etc), resultante da grande produtividade das indústrias do setor e as facilidades comerciais para aquisição destes bens que, além de representar meios de transporte e de realização de serviços, também é tido como símbolo de poder e status social.

Fato resultante deste cenário são os constantes engarrafamentos, a emissão de grandes quantidades de poluentes atmosféricos pelos canos de descarga e emissão de ruídos, disputas acirradas por espaço por parte dos condutores de veículos de naturezas distintas e estresse. A bicicleta e sua utilização em maior escala entra neste contexto como potencial ferramenta de transformação, tanto no âmbito individual como no coletivo e é considerada pela ONU como o transporte mais ecologicamente sustentável.

Entendendo o ciclismo como toda atividade que envolve o uso da bicicleta, vamos compreendê-lo nas três seguintes modalidades: como meio de transporte, lazer e esporte (ROLDAN, 2000). A sua prática, mesmo quando realizada em pequenas distâncias e baixa intensidade (30 minutos diários ou na maioria dos dias da semana), independente das variáveis do percurso, cumpre facilmente as especificações de atividade física mínima com vantagens para a saúde (OJA, 1998).

O uso da bicicleta como transporte também representa economia financeira devido ao seu baixo custo em relação aos demais veículos, bem como requer menores investimentos em estrutura e espaço físico para tráfego e estacionamento e não emite ruídos (poluição sonora) e poluentes atmosféricos. Quando o ciclismo é praticado para o lazer e de forma não competitiva, Roldan (2000) considera de forma simplificada a prática das modalidades de ciclismo de longa distância, ciclismo recreativo e cicloturismo.

Estas modalidades possibilitam uma intensa interação com o ambiente. Resende (2008), em estudo com cicloturistas da Estrada Real, relata que o fato de a bicicleta não ter teto, janelas e barulho de motor obrigam o cicloturista a sentir o ambiente de forma

mais ampla, através da neblina matinal, calor, chuva, frio, a ver o relevo, a fauna, flora e as pessoas, a ouvir os pássaros, os rios, etc.

O desenvolvimento do potencial da cidade de Pelotas-RS relacionado ao ciclismo, entretanto, é baixo, o que representa uma condição contraditória quando se verificam as seguintes características. A cidade, com população de 328.275 habitantes (IBGE, 2010), apresenta topografia extremamente plana e é considerada ideal para a prática do ciclismo (FHWA, 1992). Além disso, de acordo com pesquisa do Geipot (2001), foi considerada uma cidade com acentuada utilização de bicicletas e movimento de ciclistas ao longo do dia. Bachieri (2005) estima que haja um contingente superior à 20mil ciclistas. Na contra mão do ideal de estrutura cicloviária, Pelotas apresentava, em 2001, pouco menos de 10km de ciclovias e conhecimento bastante limitado da população quanto às normas do Código de Trânsito Brasileiro (CTB), bem como um baixo grau de conscientização dos motoristas de veículos automotores para a presença de ciclistas em via pública (GEIPOT, 2001).

Neste intrincado cenário, atua um grupo de prática e incentivo ao ciclismo em suas diversas modalidades, o grupo Pedal Curticeira. Este grupo, criado em outubro de 2010, promove pedaladas semanais de passeio e ciclismo esportivo (MTB) e realiza atividades que contemplam as linhas de ação com foco na cidadania, integração e lazer, esporte e sustentabilidade.

O objetivo deste trabalho é fazer uma breve descrição acerca dos valores socioambientais relacionados ao grupo Pedal Curticeira, desde sua criação, nas suas quatro linhas de ação frente ao conturbado contexto atual do ciclismo em que a cidade de Pelotas está inserida.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se por um estudo qualitativo, com uma abordagem construtivista, sendo também descritivo e exploratório, com o objetivo de observar, correlacionar e descrever fatos ou fenômenos da realidade estudada, bem como estreitar o contato do pesquisador com os sujeitos do estudo, utilizando os resultados obtidos para interação entre indivíduos envolvidos na pesquisa (MINAYO, 2010). As atividades descritas no presente trabalho foram realizadas durante o período de outubro de 2010 a maio de 2011.

As descrições e considerações foram feitas através de observação e acompanhamento do contingente de participantes, depoimentos pessoais, análise de registros fotográficos e aplicação de um questionário aberto. Este questionário foi aplicado a 17 participantes do grupo. Destes, apenas 3 acompanham as atividades desde o dia 15 de fevereiro de 2011, data a qual o grupo reiniciou suas atividades no presente ano, após período de recesso iniciado no dia 29 de dezembro de 2010.

Resultados

As pedaladas em grupo tiveram início a partir do dia 5 de outubro de 2010, nas terças feiras à noite, quando se estabeleceu que seriam de baixa intensidade (velocidade

de passeio) em percursos de 15 a 25km de distância. Com a divulgação das atividades através do blog Aventuras & Desventuras (KARAM, 2010) e de redes sociais o grupo foi agregando, a cada semana, um contingente cada vez maior de participantes.

Devido à disponibilidade das pessoas e da agradabilidade de pedalar à luz do sol foi proposta a realização de pedaladas aos sábados, porém, com um trajeto mais longo (entre 30 e 40km, aproximadamente). Ao mesmo tempo que havia a adesão de iniciantes, também houve a adesão de ciclistas mais experientes e de melhor condicionamento físico. Isso fez com que o grupo ampliasse suas possibilidades, proporcionando uma outra modalidade de ciclismo, o Cross Country Maratona que é uma das especialidades do Mountain Bike (UCI, 2011), nas noites de quinta feira.

Em números gerais o grupo Pedal Curticeira atraiu ao todo, desde o seu primeiro encontro até o mês de abril de 2011, algo em torno de 150 ciclistas. Este contingente contempla pessoas das mais diversas idades e níveis de experiência na prática do ciclismo, mas é notável a predominância de iniciantes. Assim, pedalar em grupo significa, além da promoção da saúde pessoal, a possibilidade de troca de experiência e conhecimento, de ajuda mútua em situações de dificuldade, de tolerância, companheirismo e outros valores subjetivamente relacionados.

Durante o período inicial das atividades se percebia o baixo aparato de segurança nas bicicletas da maioria dos participantes, como o uso de sinalizadores dianteiros e traseiros noturnos, uso de capacete e equipamento emergencial como câmaras reserva e ferramentas básicas. Em razão das constantes recomendações de participação no grupo esta realidade tem sido revertida ao longo do tempo.

Um importante fator cujas pedaladas coletivas tem se prestado é com relação à situações de emergência. Assim, inúmeras vezes, furam pneus ou arrebentam-se correntes. Estas situações propiciam o acompanhamento do processo de reparo, possibilitando ao ciclista menos experiente a oportunidade de verificar diretamente o procedimento adequado para cada situação.

Em pedaladas que ultrapassam o perímetro urbano os ciclistas podem observar e sentir de forma mais ampla o ambiente natural, interagindo de forma direta com os elementos da paisagem (RESENDE, 2008). Visitas com acompanhamento e orientação técnica e também à lugares turísticos são adotadas pelo grupo como forma de trazer informação e ampliar o conhecimento sobre a relação entre sociedade e ambiente. Neste sentido, o grupo já visitou a Estação de Água do Arroio Moreira com orientação técnica, a Barragem Eclusa do São Gonçalo onde se teve noções de conhecimento técnico e históricos desta obra.

Atividades de educação ambiental compõem uma das linhas de ação do grupo. Foram realizadas vivências em que se fez o plantio 25 mudas de árvores nativas ao lado da rótula entre as Avenidas Adolfo Fetter e José Maria da Fontoura e ao longo do canteiro central da Avenida República do Líbano. Nestas ocasiões, o plantio foi realizado por vários integrantes e com a orientação de profissionais na área de meio ambiente (Biólogos e Engenheiros Agrônomos).

Foi realizado também o plantio de 46 mudas de árvores nativas em Área de Preservação Permanente (APP) ao longo das margens do Arroio Moreira, no Camping Nossa Senhora Aparecida, Estrada do Passo dos Carros, Pelotas, RS. Este evento teve a

participação de alunos da disciplina de Atividades de Aventura do curso de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, acompanhados pelo professor da disciplina.

Campanhas de arrecadação e doação de donativos à entidades assistenciais fazem parte de ações relacionadas à cidadania e se propõe que sejam realizadas ao final de cada semestre. A verificação da qualidade das vias públicas e a busca pelo reconhecimento da bicicleta como meio de transporte pela sociedade da mesma forma como são reconhecidos os veículos de outras naturezas como motocicletas, automóveis e caminhões representam parte importante das motivações do grupo.

Assim sendo, as pedaladas buscam inserir a bicicleta no trânsito da forma mais harmoniosa possível e em conformidade com as leis federais de trânsito. Algumas atividades em outros municípios estão sendo planejadas no intuito de promover a integração com outros grupos de ciclistas e assim promover a disseminação desta prática saudável na zona sul do Rio Grande do Sul, estado em que o ciclismo representa uma atividade ainda pouco reconhecida, explorada e incentivada pela sociedade e pelo poder público, mesmo com tamanho potencial e diversidade de benefícios sociais, ambientais e econômicos que ela confere.

Todos os entrevistados consideram as ações do Pedal Curticeira importantes para o desenvolvimento do ciclismo na região. O incentivo ao uso da bicicleta em conjunto com sua ideologia socioambiental foram mencionados por 82,3% dos entrevistados como os principais argumentos referentes à importância deste grupo. As motivações para a participação das atividades que mais foram citadas estão relacionadas às amizades que se faz, com o sentimento de segurança conferido pelo fato de estar em grupo e a possibilidade de conhecer lugares e caminhos diferentes.

Conclusão

O tempo de 6 meses de existência do grupo Pedal Curticeira e a grande quantidade de participantes são fatores que colaboram para que o ciclismo seja considerado nos projetos de gestão pública locais, considerando as múltiplas áreas pelas quais esta prática envolve. A exemplo, benefícios à saúde individual e coletiva, ao transporte, esporte, lazer, educação e cidadania, entre outros.

O conhecimento de diversas localidades e as experiências compartilhadas pelos participantes do grupo são formas efetivas de envolvimento e divulgação dos atrativos naturais e históricos de Pelotas e região. A rede internacional de computadores assume grande valor neste processo, sendo o principal meio de divulgação adotado.

Relatos dos passeios, compartilhamento de fotos e troca de informações são compartilhadas no grupo de emails do Pedal Curticeira e postadas no blog Aventuras e Desventuras, além de redes sociais como facebook e twitter. A busca por integração e conhecimento são importantes motivadores para a prática do ciclismo como esporte ou hábito, assim como o anseio coletivo por melhoria das condições das vias públicas e pela conscientização de condutores de todo tipo de veículo, motorizado ou não.

Para ampliar a qualidade das atividades promovidas pelo Pedal Curticeira é importante que se conheça melhor o perfil das pessoas que frequentam o referido grupo, sendo necessário, para isso, o desenvolvimento de estudos mais detalhados.

Palavras-chave: Pedal Curticeira; Ciclismo; Aventura.

Referências

Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes. **Manual de Planejamento Cicloviário: diagnóstico nacional.** Brasília: Geipot; 2001.

FHWA (Federal Highway Administration). Reasons why bicycling and walking are and are not being used more extensively as travel modes: case study nº 1: FHWA - US Department Transportation; 1992.

Karam, M. Leandro. Aventuras & Desventuras, 2010. Disponível em <http://leandropedal.blogspot.com/2010_10_01_archive.html>. Último acesso em 02 de maio de 2011.

Minayo, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª edição. Ed. São Paulo: Hucitec. 2010.

Oja, P. et al. Daily walking and cycling to work: their utility as health enhancing physical activity. Patient education and counseling, 33: S87–S94 (1998).

Resende, Júlio. **Cicloturistas e suas percepções ambientais: um estudo na estrada real.** 2008. 142f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Meio Ambiente) – Centro Universitário UNA, Belo Horizonte.

Roldan, Thierry. **Cicloturismo: planejamento e treinamento.** 2000. 43f. Monografia (Graduação em Treinamento em Esportes) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

UCI (Union Cycliste Internationale). Union Cycliste Internationale, 2011. Disponível em <<http://www.uci.ch/templates/UCI/UCI1/layout.asp?MenuId=MTUxMzA&LangId=1>>. Último acesso em 05 de maio de 2011.

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS ESPORTES DE AVENTURA: A AGENDA 21 EM QUESTÃO

Márcia Morschbacher, Lovane Maria Lemos, Luiz Fernando Camargo Veronez, Luciana Marins Nogueira Peil, Enio Araújo Pereira

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas - RS, Brasil
mm.edufisica@yahoo.com.br

Introdução

Os esportes adjetivados como “de aventura” cresceram muito nas últimas décadas no Brasil, tanto no número de modalidades quanto no número de praticantes. Esse processo também se deu no nível institucional com o surgimento de entidades administradoras do esporte relacionadas ao segmento “de aventura”.

Na mídia escrita, principalmente, há uma razoável quantidade de publicações que tematizam o assunto. Na Internet encontramos uma infinidade de portais especializados e revistas eletrônicas. Essa categoria esportiva envolve diversas modalidades e se transformou em um setor promissor da economia, articulando interesses turísticos, esportivos e ambientais. A principal característica das modalidades que integram essa categoria de prática esportiva, além do “perigo controlado” envolvido (daí serem também denominadas de “esportes radicais”), é seu vínculo com a natureza, ou melhor, com as dificuldades e obstáculos naturais cuja superação caracteriza o objetivo a ser atingido.

No Brasil foram criados diversos roteiros turísticos para essa prática esportiva, muitos deles em parques e outras áreas de preservação ambiental. Por esse motivo, a definição de esportes de aventura confunde-se com turismo de aventura, fato que tem estimulado a discussão sobre o assunto.

Recentemente surgiram algumas polêmicas em torno dessa questão, envolvendo o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), as entidades nacionais de administração do esporte (confederações e associações) vinculadas a essas modalidades esportivas e os órgãos do governo federal, em especial, o Ministério do Turismo (MTur) e o Ministério do Esporte (ME). Tal polêmica teve início porque o MTur, em fins de 2003, atento aos perigos e acidentes ocorridos na modalidade, propôs normatizar e certificar o turismo de aventura no Brasil (o Mtur elaborou inicialmente 19 normas técnicas que abarcam temas competências para dirigentes de atividades de turismo de aventura, especificações de produtos utilizados nessas atividades, gestão de segurança e informações que o cliente deve receber antes da prática de qualquer uma dessas atividades), fato que foi considerado uma intervenção indevida (inconstitucional) pelas entidades de administração do esporte.

Esse segmento esportivo questionou, principalmente, a capacidade de agentes externos ao meio esportivo atestar a aptidão de uma pessoa para a prática de uma modalidade esportiva de aventura. Referendando-se na legislação esportiva, as entidades também questionaram a interferência do MTur na autonomia das mesmas.

Instigado a se manifestar, o CONFEF publicou em dois números de sua revista artigos sobre o assunto e sua posição foi a de defender que o ensino dessas modalidades seja ministrado por “profissional qualificado em curso de ensino superior [...]”, delegando às confederações a responsabilidade pelo estabelecimento de “normas de segurança, tanto do esporte em si como do material e equipamento utilizado na sua prática [...]”. O ME, surpreendido pela polêmica e sem nenhuma ação prevista em seus programas para esse setor, rapidamente tratou de constituir uma comissão especial para discutir o assunto, objetivando elaborar uma política para esse segmento esportivo.

Note-se também que a Política Nacional do Esporte, aprovada por resolução n. 05 de 14 de junho de 2005 do Conselho Nacional do Esporte, embora reconheça o potencial econômico do esporte na geração de emprego e renda, não dedica uma linha sequer a esse segmento em franca expansão no nosso país, fortemente influenciado por apelos ecológicos e turísticos e que movimenta um dinâmico setor da indústria do entretenimento. Observa-se que a discussão que vem ocorrendo desde 2003 sobre o esporte de natureza no âmbito do governo federal, tendo à frente o MTur, tem se pautado mais por interesses corporativos e econômicos. Pouco tem sido tratado sobre o impacto desse tipo de atividade no meio (ambiente) onde é praticada.

Nas normas técnicas elaboradas para as diversas modalidades essa questão não é tratada com a devida importância. Para dar um exemplo disso, vale citar as últimas normas publicadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que se referem aos “condutores de montanhismo e escalada” e “condutores de caminhada de longo curso”. Tais normas limitam-se a indicar a prevenção e a minimização dos “impactos ambientais e socioculturais resultantes da atividade” (ABNT NBR 15397 e ABNT NBR 15398).

De nosso ponto de vista, a indicação é vaga, genérica e imprecisa, pois não possui referências em estudos técnicos e científicos sobre o impacto que essas atividades podem causar ao meio ambiente. Seriam necessários estudos que quantificassem esses impactos de acordo com as atividades realizadas e com o local onde elas são desenvolvidas. O esporte de natureza e o turismo de natureza não podem ser de degradação da natureza. Para tanto, investimentos em pesquisas são imprescindíveis.

Porém, o documento “Agenda 21 Brasileira: bases para discussão”, escrito no ano de 2000 já denunciava a diminuição dos recursos públicos para a área de ciência e tecnologia (BRASIL, 2000). No momento atual, essa situação não é significativamente diferenciada. Se, por um lado, os esportes de aventura transformaram-se em um eficiente catalisador de desenvolvimento econômico (mais correto seria chamar de crescimento), aliando turismo, esporte e natureza, por outro lado, devido a suas características, seria imprescindível estar presente nas propostas de políticas públicas para o setor a idéia de sustentabilidade, isto é, desenvolvimento econômico aliado ao desenvolvimento social e à preservação do meio ambiente.

Entretanto, não é o que se observa. É interessante notar que na relação de documentos apresentada pelo MTur (mais de 250 documentos disponíveis no seu portal virtual e que serviram de referências para o estabelecimento de propostas para o setor do turismo de aventura), o documento internacional e nacional sobre a Agenda 21, que deveria orientar as políticas que envolvem questões ambientais, não é citado. Esse

documento como veremos adiante, propõe a conciliação de interesses voltados à defesa do meio ambiente, a promoção de justiça social e o desenvolvimento econômico.

Trata-se, do nosso ponto de vista, de um erro de planejamento estratégico e de gestão das políticas públicas voltadas para esse segmento esportivo. Nesse caso, seria fundamental que houvesse uma integração dos entes governamentais federais para a proposição de uma política pública para o esporte e o turismo de aventura. Tal política, de caráter intersetorial, deveria envolver pelo menos os ministérios do esporte, do turismo, da educação e do meio-ambiente, levando em consideração o documento da Agenda 21 brasileira, pois nele se encontram as diretrizes para o desenvolvimento sustentável em nosso país.

O objetivo desse artigo é o de trazer para o foco da discussão o documento da Agenda 21 brasileira, abordando algumas de suas indicações para promover o desenvolvimento sustentável e possíveis implicações para a elaboração e execução de políticas públicas no setor esportivo, em especial para o segmento do esporte de natureza.

Agenda 21: referência fundamental para políticas públicas de desenvolvimento sustentável

No Brasil as questões relacionadas à política socioambiental e à gestão ambiental sofreram mudanças a partir do início da década de 1980. É nesse período que foi elaborada e promulgada a legislação sobre o Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA) e que foi criado o Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA) e suas “versões” nos níveis estaduais e municipais. A realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano ou, como ficou mais popularmente conhecida a ECO-92, realizada em 1992 na cidade do Rio de Janeiro, é um marco histórico importante para as políticas formuladas nessa área. Nesse evento foram estabelecidas diversas diretrizes cujo propósito seria o de orientar as ações que promovessem o desenvolvimento sem comprometer os recursos necessários à sobrevivência das gerações futuras e que apontassem para a melhoria da qualidade de vida, em outras palavras, ações que garantissem o “desenvolvimento sustentável”, conceito criado pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, órgão vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU).

Tais diretrizes, reunidas em um documento denominado Agenda 21, foram elaboradas com a colaboração de diversas organizações e governos de 179 países e visam a estabelecer um novo padrão de desenvolvimento que tenta conciliar interesses aparentemente divergentes como a defesa do meio ambiente, a promoção de justiça social e o desenvolvimento econômico. Na verdade, esse documento deve servir como referência para que cada país elabore sua Agenda 21, compromisso assumido por todos que participaram da ECO-92.

De acordo com Novaes (2006), os governos têm demonstrado pouca sensibilidade para incorporar os princípios da sustentabilidade às políticas públicas. Essa “dificuldade” é bem mais aguda no setor esportivo, pois não há discussão sobre o assunto na área e o tema não atraiu até o momento a atenção, de forma sistemática, da comunidade esportiva

e da comunidade acadêmica. O “despertar” para as questões colocadas por essa problemática ocorreu quando o MTur resolveu tomar atitudes em relação à regulamentação do segmento de turismo de aventura, fato que mobilizou interesses corporativos, mas que pouco tem a ver com os interesses coletivos que devem pautar qualquer proposta de política pública.

Embora a Agenda 21 não se refira especificamente ao esporte, nela estão presentes um conjunto de princípios e diretrizes que podem orientar políticas nesse setor. Afinal, baseados no conceito de sustentabilidade, os princípios ditados nesse documento devem orientar as políticas em todos os setores envolvidos diretamente com as questões ambientais ou que lhes sejam transversais, como é o caso do esporte. Assim, com este artigo realizamos algumas aproximações entre as diretrizes propostas por esse documento e sua adequação à área esportiva, focalizando os esportes de aventura.

Embora existam diferentes conceitos de desenvolvimento sustentável, um dos mais aceitos ainda é o que está presente no Relatório Brundtland, elaborado pela Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, em 1987, isto é, “desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades” (BRASIL, 2000, p. 30). De acordo com o documento da Agenda 21 brasileira, “mais que um conceito, ele traduzia o desejo de mudança de paradigma, a busca de um estilo de desenvolvimento que não fosse socialmente injusto e danoso ao meio ambiente” (idem).

Para Mendes (2006), são seis os aspectos ou metas que devem ser priorizados no que se refere ao desenvolvimento sustentável: “A satisfação das necessidades básicas da população (educação, alimentação, saúde, lazer, etc.); a solidariedade para com as gerações futuras (preservar o ambiente de modo que elas tenham chance de viver); a participação da população envolvida (todos devem se conscientizar da necessidade de conservar o ambiente e fazer cada um a parte que lhe cabe para tal); a preservação dos recursos naturais (água, oxigênio, etc.); a elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas (erradicação da miséria, do preconceito e do massacre de populações oprimidas, como por exemplo, os índios); a efetivação de programas educativos”. Tais metas também devem ser perseguidas por propostas de políticas públicas direcionadas ao segmento do esporte de aventura.

O esporte e o turismo de aventura tornaram-se nos últimos anos um produto valorizado e muito procurado no mercado, gerando trabalho e renda e satisfazendo não apenas as necessidades básicas da população, mas principalmente os interesses imediatos por lucro dos empresários que atuam nesse segmento. Entretanto, há que se preservar os locais onde esses esportes são realizados, garantindo às gerações futuras a oportunidade dessas atividades. Nesse sentido, a incorporação de programas educativos, tal como preconiza a Política Nacional do Meio Ambiente (LEMONS, 2002, p. 45), que visem a aumentar a consciência ecológica e que imprimam uma maior racionalidade nos usos dos recursos naturais é fundamental, devendo constituir as diretrizes de políticas para esse segmento.

Aqui vale a pena fazer algumas considerações sobre a necessidade de uma gestão sustentável, conforme determina o documento da Agenda 21 brasileira. Sabe-se que os

interesses imediatos da reprodução do capital não raramente entram em conflito com os interesses de preservação do meio ambiente. Um bom exemplo disso está no fato de alguns países “desenvolvidos” e “em desenvolvimento” recusarem-se assinar o Protocolo de Kyoto (tratado internacional que estabelece rígidos compromissos para diminuir a emissão dos gases que provocam o efeito estufa, considerados, de acordo com a maioria das investigações científicas, como causa do aquecimento global), com a “justificativa” de não comprometer o seu crescimento. A pressa no retorno de investimentos podem colocar em risco e ameaçar espécies e ecossistemas.

O desafio de uma gestão sustentável está em não só detectar esses fatores de risco, mas também aqueles que “possam levar à sustentabilidade e à manutenção da diversidade biológica” (BRASIL, 2000). Assim, ao lado do desenvolvimento econômico é preciso colocar o desenvolvimento social e a proteção ao meio ambiente. É preciso questionar se é possível com o modelo de sociedade vigente, tendo o mercado como elemento mediador das relações sociais e o consumo e a produção de mercadorias como fator de desenvolvimento, implementarem-se políticas com esses princípios.

Há, sem dúvida, uma contradição entre os princípios da Agenda 21 e aqueles que sustentam o modelo produtivo e as relações sociais da sociedade capitalista. Há necessidade também de realização de pesquisas que avaliem a sustentabilidade dos ecossistemas e o impacto que os esportes de natureza podem causar nessa sustentabilidade. Como afirma o documento em questão, “pesquisa, informação, construção de indicadores, disseminação das informações são passos indispensáveis para uma sociedade e seus atores engajados na tarefa de construir o desenvolvimento sustentável [...]” (BRASIL, 2000, p. 33).

A Política Nacional do Meio Ambiente, atendendo à Agenda 21, contemplou em seu rol de princípios “incentivos ao estudo e à pesquisa de tecnologias orientadas para o uso racional e a proteção dos recursos ambientais” (LEMOS, 2002, p. 45). Vale acrescentar que muitas das agressões ao meio ambiente são executadas por desconhecimento sobre as conseqüências de determinadas ações.

De certa forma, o MTur demonstrou estar preocupado com esse fato ao exigir determinada qualificação dos agentes para certificar os serviços vinculados ao turismo de aventura. No entanto, é uma iniciativa tímida, pois não existem estudos que avaliem o impacto dessas atividades no meio ambiente e que indiquem parâmetros para normatizações e certificações dos serviços dos agentes que trabalham no âmbito desse segmento esportivo.

A questão da desigualdade é outro elemento a considerar-se na elaboração de políticas públicas em todos os setores, visto que a sociedade brasileira é profundamente desigual e seu lugar nesse ranking é o topo do podium. A ação governamental, por meio da implantação de políticas públicas, deveria ter como um de seus objetivos principais a redução com perspectivas de eliminação dessa desigualdade, no sentido de democratizar o acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade de forma universal a toda população, eliminando, dessa maneira, um dos grandes fatores da injustiça social.

Na sociedade brasileira esse é um desafio difícil de ser superado nos setores mais sensíveis das políticas públicas, como a educação, a saúde, a assistência social e o trabalho. Até o presente momento não se edificou em nosso país uma sociedade de bem-

estar, equalizada socialmente e com oportunidades iguais para todos. O entendimento do esporte e do lazer como direitos sociais previstos constitucionalmente é encoberto por uma concepção utilitarista dessas atividades e funcional ao sistema sócio-econômico brasileiro, cujas relações sociais produzem as mazelas que o esporte e o lazer ufanisticamente pretendem superar.

O discurso da inclusão social por meio do esporte é uma faceta dessa concepção. A permanência na situação de vulnerabilidade social das populações que são atingidas por essas políticas é o resultado trágico e revelador do cinismo que sustenta esse discurso. Aliás, se tomar-se como referência os orçamentos e as execuções orçamentárias dos órgãos gestores do esporte em todos os níveis de governo, facilmente se chega à conclusão de que nem mesmo os agentes governamentais acreditam nessa retórica.

O documento Agenda 21 brasileira é claro sobre o assunto: “a redução das desigualdades sociais passa por políticas tributárias redistributivas, políticas de geração de emprego e renda, políticas compensatórias para segmentos e grupos particularmente vulneráveis e pela educação, variável fundamental” (BRASIL, 2000, p. 28). Essa afirmativa denota a necessidade de se superar o modelo setorial de elaboração de políticas públicas. A perspectiva intersetorial, além de conferir maior racionalidade à gestão pública evitando o desperdício de recursos financeiros, o inadequado aproveitamento de recursos humanos e duplicidade de ações, permite que o problema seja abordado em todas as suas dimensões. É necessário avançar-se para uma visão republicana no que se refere às relações entre o Estado e as entidades privadas de administração do esporte, com o objetivo de superar-se o corporativismo e o clientelismo com que historicamente são tratadas as questões relativas ao esporte em nosso país.

Veja-se, por exemplo, o que escreveu Cláudio Consolo, presidente da Associação Brasileira de Parapente, em um artigo intitulado *Esportes de Aventura contra o Ministério do Turismo*: “Ao invés do Ministério do Turismo procurar se aliar às entidades nacionais de administração dos esportes de aventura e aparelhá-las para fazerem aquilo que pela lógica e pela legislação esportiva pertencem às esferas das suas atribuições, optou por criar um sistema de administração paralelo que viola sua autonomia administrativa” (CONSOLO, 2005). Caberia perguntar: por que o Ministério do Turismo ou qualquer outro órgão de qualquer nível de governo (estadual e municipal) deveria “aparelhar” uma entidade privada que atua em um segmento esportivo a que ínfima parcela da população brasileira tem acesso? O que justificaria uma ação do Estado nesse segmento para além de normatizar e regulamentar sua prática no que diz respeito às questões de interesse público (segurança, preservação dos locais de prática, capacitação de agentes, etc.)?

As entidades privadas de administração do esporte resistem a qualquer tipo de ação de controle ou regulatória do Estado, mas não hesitam um segundo em pleitear recursos públicos para financiar suas atividades. Como ocorre em outros setores das políticas públicas, a ação estatal deveria ser complementada por instituições privadas quando necessário, devendo essas serem subordinadas a uma política nacional para o setor como uma das formas de se garantir o uso público dos recursos públicos.

Vale lembrar que o primeiro princípio da Política Nacional de Meio Ambiente prevê a “ação governamental na manutenção do equilíbrio ecológico, considerando o meio

ambiente como um patrimônio público a ser necessariamente assegurado e protegido, tendo em vista o uso coletivo” (Cf. LEMOS, 2002, p. 45). Entre os seus objetivos está “o estabelecimento de critérios e padrões da qualidade ambiental e normas relativas ao uso e manejo de recursos ambientais” (idem). Portanto, no que se refere ao meio ambiente, cabe ao Estado normatizar, regulamentar, certificar e controlar aquelas atividades que podem lhes causar impactos.

As propostas de desenvolvimento sustentável, sob o ponto de vista da gestão, incluem mecanismos de efetiva participação da população na formulação e controle das políticas públicas. Trata-se de implementar uma gestão compartilhada que implica co-responsabilidade dos atores envolvidos (BRASIL, 2000, p.33).

Para que seja dada a devida transparência nas relações entre o público e o privado na área esportiva, é necessário, portanto, que se estabeleçam mecanismos de controle social eficiente e de participação democrática na definição de políticas públicas, principalmente na tomada de decisão sobre a alocação dos recursos públicos nas ações a serem implementadas. Nesse sentido, criar e fortalecer mecanismos e instâncias de articulação entre governo e sociedade civil que não sejam tutelados pelos agentes governamentais é um passo fundamental a ser dado.

Os espaços existentes no momento atual são inadequados: por exemplo, o Conselho Nacional de Esportes é um órgão que praticamente limita-se ao seu caráter consultivo e suas reuniões destinam-se na maior parte das vezes para atender demandas originadas no ministério. A Conferência Nacional do Esporte, nas duas primeiras edições, foi convocada pelo governo e as metodologias utilizadas para sua realização se mostraram ineficientes para mobilizar a sociedade e estimular a participação cidadã de diferentes setores e parcelas da população que demandam por políticas públicas esportivas.

O ME optou por se articular somente com os governos estaduais, a quem coube o encaminhamento das conferências no nível estadual. Os municípios, instituições e as organizações da sociedade civil tiveram que se enquadrar ao regulamento elaborado pelo governo. Além das dificuldades para assumirem essa função, como falta de estrutura institucional, falta de recursos financeiros, entre outros, presume-se que interesses políticos diversos influenciavam a organização das conferências nos Estados.

Por fim, a sustentabilidade exige que seja repensado todo o mecanismo de financiamento público do esporte no Brasil. A Constituição Federal de 1988 sabiamente estabeleceu como prioridade o esporte educacional, vinculando a prática esportiva à formação do cidadão e não à obtenção do resultado esportivo. Infelizmente isso não tem sido cumprido. Em 2003 o Tribunal de Contas da União (TCU) divulgou relatório em que acusava o governo federal de não cumprir a Constituição no que se refere à alocação dos recursos públicos. Esse relatório informava que expressiva soma dos recursos públicos investidos no esporte eram direcionados para o esporte de rendimento.

O ME respondeu ao TCU argumentando que as suas conclusões não correspondiam à realidade, recusando a tese de que recursos de empresas estatais sejam recursos públicos aplicados no esporte, mas sim estratégias de marketing dessas empresas. Na verdade, os orçamentos das empresas estatais fazem parte do Orçamento

Geral da União, portanto são recursos públicos e sua alocação deve obediência aos preceitos constitucionais.

Considerações Finais

Este artigo procurou chamar a atenção para a necessidade de se levar em consideração as diretrizes expostas no documento da Agenda 21 brasileira no processo de elaboração de políticas públicas de esporte e lazer, em especial para o segmento do esporte de natureza. Esses esportes, muitas vezes praticados em locais que exigem preservação, causam impactos ao meio ambiente, portanto devem estar submetidos aos princípios e metas do desenvolvimento sustentável.

Assim, tais políticas deverão apoiar-se nos seguintes princípios e diretrizes: envolver, em uma perspectiva intersetorial, diferentes órgãos governamentais no planejamento estratégico de políticas públicas para o segmento dos esportes de natureza; implementar modelos de gestão sustentável dessas políticas; apoiar estudos e pesquisas sobre o impacto das práticas esportivas de natureza no meio ambiente; criar condições de formação de agentes sociais para atuarem nesse segmento; ampliar o rigor das normas técnicas que conferem certificação aos agentes que atuam nesse segmento esportivo no que se refere à preservação ambiental e à gestão de segurança; submeter o interesse econômico ao interesse social e de preservação ambiental; promover a democratização do acesso ao esporte; entender o esporte como um direito social; criar mecanismos para uma efetiva participação da população na definição e controle das políticas e recursos financeiros nela alocados; e, por fim, rediscutir e propor novas fontes e critérios de alocação dos recursos públicos no esporte. Esses princípios e diretrizes devem ser entendidos como uma contribuição ao debate e, talvez, como sinalizadores de uma futura e próxima discussão sobre o assunto.

Referências

BRASIL. Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional. **Agenda 21 Brasileira**: bases para discussão, Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Política Nacional do Esporte**. Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. CONAMA. **Diálogos de política social e ambiental**: aprendendo com os Conselhos Ambientais Brasileiros. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. **Aviso n. 927**. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <<http://www.tcu.gov.br/>>. Acesso em: 05 maio 2006.

CAVALCANTI, C. **Desenvolvimento e natureza**: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo, Cortez Editora, 1995. 429 p.

CONFEEF. Esporte de Aventura é diferente de Turismo de Aventura. **Revista Educação Física**, ano V, n. 18, nov. 2005, p.04-12.

CONFEEF. Turismo de Aventura: a posição do CONFEEF. **Revista Educação Física**, ano VI, n. 19, mar. 2006, p.18.

CONSOLO, C. **Esportes de aventura contra o Ministério do Turismo**. 2005. Disponível em: <<http://360graus.terra.com.br/parapente/default.asp?did=13366&action=relato>>. Acesso em 08 agosto 2006.

LEMOS, H. M. de. O Sistema Nacional de Meio Ambiente e o Conselho Nacional do Meio Ambiente no Brasil: seu impacto na qualidade de vida. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. CONAMA. **Diálogos de política social e ambiental: aprendendo com os Conselhos Ambientais Brasileiros**. Brasília, 2002.

MENDES, M. C. **Desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt2.html>. Acesso em: 08 agosto 2006.

NOVAES, E. S. **Agenda 21: iniciativas regionais e locais**. Brasil, Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/CDBRASIL/ITAMARATY/WEB/port/meioamb/agenda21/apresent/apresent.htm>>. Acesso em 08 agosto 2006.

RUSSO, M. Esporte de Aventura. **Revista Turismo**, jan.2005. Disponível em: <<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/ECoturismo/aventura.htm>>. Acesso em: 08 agosto 2006.

SATO, M.; SANTOS, J. E. **Agenda 21 em sinopse**. Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 1996. 41 p.

VERONEZ, L. F. C. **Quando o Estado joga a favor do privado: as políticas de esporte pós Constituição Federal de 1988**. 2005. 386f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Portais: www.abnt.org.br; www.turismo.gov.br.

TREINAMENTO PSICOLÓGICO E CORRIDA DE AVENTURA

Jeferson Santos Jerônimo

Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
jefersonsj@yahoo.com.br

Introdução

Sabe-se que a preparação psicológica faz parte do treinamento de qualquer atleta, profissional ou amador, seja qual for a modalidade esportiva que pratica ou compete. Todavia, pouco se tem na literatura científica sobre o tema, no entanto, sempre ouvimos falar: ganhamos na pressão, no psicológico ou então aí vai do psicológico de cada um ou ainda a parte psicológica está periodização de treino e assim por diante.

Mas o que realmente significa o aspecto psicológico na prática esportiva? Perguntar ao seu atleta “e aí campeão tudo bem”? Ou então aplicar algum instrumento de percepção de humor? Mas isso é de fato o treinamento psicológico? E esse treinamento psicológico é possível? E se possível como pode ser feito?

O que sabemos de fato é que situações adversas, como uma competição esportiva, podem gerar muito stress aos indivíduos, tanto fisiológico como psicológico. O conceito de stress psicológico originou-se da linguagem psiquiátrica, que o determinava como estados de excitação e tensão, os quais apresentavam um quadro sintomático de modificações do bem-estar, queda nas funções cognitivas e na execução de ações motoras (SAMULSKI, CHAGAS, NITSCH, 1996).

Segundo os mesmos autores acima, o stress psicológico pode ser explicado principalmente por duas correntes científicas: a primeira a *psicanálise*, na qual se destaca Freud e seus estudos sobre a ansiedade e a teoria dos mecanismos de defesa, segundo essa corrente o sujeito sofre o stress (trauma) que conduz a ansiedade (reação neurótica), a qual o leva a reagir criando uma defesa intrapsíquica (repressão de impulsos e instintos) como forma de dominar a situação. A segunda corrente é a da *psicologia cognitivista*, a qual afirma que a relação entre pessoa e ambiente, quando não trabalhada da maneira adequada pode gerar stress psicológico, ou seja, a relação é compreendida não em um sentido fixo, estímulo-resposta, mas sim como um mediador psíquico e ao mesmo tempo um realizador ativo, o sujeito não se submete passivamente aos estímulos do meio, mas os atribui uma importância pessoal/subjetiva capaz de alterar seu comportamento.

Diversos estudos afirmam que estímulos stressores, psicológicos e ambientais como situações de competição, podem criar reações capazes de influenciar todas ou quase todas variáveis fisiológicas, agindo sobre a disponibilidade de carboidratos, de gorduras, de cálcio e magnésio, na contratilidade cardíaca, na resistência global periférica e na secreção de hormônio do crescimento. Portanto, sabe-se que estímulos ambientais e psicológicos provocam modificações fisiológicas, as quais podem influenciar no rendimento de um atleta (SAMULSKI, CHAGAS, NITSCH, 1996).

Mas como controlar tais estímulos de forma a evitar a queda no rendimento? Segundo Becker Junior e Samulski (1998), isso é possível através do Treinamento Psicológico, o qual pode ser definido como “um programa de preparação composto por diferentes técnicas que proporcionam ao atleta ou praticante de exercício a aprendizagem, a manutenção e o aperfeiçoamento psicofísico”. Consiste no treinamento de habilidades psicológicas, com a utilização de técnicas e procedimentos que visam, numa etapa posterior, auxiliar no desenvolvimento global do atleta como ser humano e pode ser dividido em individual (atleta) e grupal (equipe).

O principal objetivo do treinamento psicológico é a modificação dos processos e estados psíquicos como percepção, pensamento e motivação, os quais são as bases psíquicas da regulação do movimento (BECKER JUNIOR & SAMULSKI, 1998). O treinamento psicológico pode variar de acordo com a duração da competição; o tipo de demanda física; o tempo gasto para as ações durante a competição e o tipo e quantidade de précompetição.

Com isso podemos observar duas formas psicológicas de treinamento: treinamento das capacidades psicológicas (motivação, determinação, iniciativa, percepção) e o treinamento de autocontrole (pensamento, emoção, manutenção de raciocínio lógico), esses tipos de treinamento podem ser aplicados através de diferentes técnicas, as quais são divididas em dois grandes grupos: técnicas somáticas (voltadas ao corpo) e técnicas cognitivas (voltadas ao raciocínio).

Referente às práticas esportivas, observou-se a partir da década de 1960 um fenômeno denominado de mundialização dos esportes na natureza, na busca por novas fronteiras, novos hábitos de vida. Se por um lado o fenômeno do capitalismo contribuiu no desenvolvimento de técnicas mercantilistas, na criação de um estilo de vida atribulado, acelerado, caótico e rotineiro, principalmente nos grandes centros. Também contribuiu para o desenvolvimento de novos hábitos, novos comportamentos sociais como as práticas de aventura na natureza, ou seja, os indivíduos na sociedade global passaram a viver a “Era da Aldeia Global” na perspectiva de conhecer pessoas e lugares diferentes em um processo de construção de identidade, buscando maior contato com a natureza através das práticas de aventura na natureza (DIAS, 2008).

Nesse sentido, Machado (2006) afirma que de maneira geral as atividades físicas de aventura na natureza possibilitam ao participante vivenciar emoções diversas das do seu dia-a-dia e experimentar a sensação de poder e de controle de suas próprias ações, a superação de obstáculos e limites e a sensação de reaproximação de si mesmo. Nessa perspectiva de prática de aventura na natureza, em 1987 o jornalista francês Gerard Fusil, que já havia feito reportagens sobre o rali Paris-Dakar, pensou em realizar uma corrida como aquela, porém sem a utilização de veículos motorizados. Assim, em 1989 foi realizada a primeira corrida de aventura, o Raid Gauloises na Nova Zelândia, em 1995 tornou-se popular com o primeiro *Eco Challenger*, no Brasil chegou em 1998 com Alexandre Freitas a primeira EMA - Expedição Mata Atlântica (ROMANINI & UMEDA, 2002).

A corrida de aventura pode ser considerada um esporte recente, o qual vem sendo aperfeiçoado a partir de vários esportes na natureza, como *trekking*, *mountain bike*, *técnicas verticais*, *rafting*, *canoagem* e *cavalgada* ou outros quaisquer dependendo da

criatividade dos organizadores. Porém, algo determinante está no local onde será realizada a prova, isto é, o ambiente determina quais esportes irão compor a prova. Portanto, observa-se claramente a forte influência do meio.

Como visto acima fatores ambientais em uma competição ao ar livre, além da situação competitiva, podem causar stress psicológico nos atletas, alterando seu rendimento. Além disso, estudos realizados por Lavoura, Schwartz e Machado (2008) com praticantes de rappel, que pode ser uma das modalidades da corrida de aventura, demonstraram uma aproximação dessa prática com a procura por certas emoções como prazer, descanso, vertigem e risco, ou ainda a procura por felicidade como aponta Ferreira (2009) em seu estudo realizado com atletas participantes da Expedição Mata Atlântica.

Outros motivos da procura pela corrida de aventura, mencionados por corredores foram: contato com a natureza; superação de limites; trabalho em equipe; envolvimento de várias atividades em uma mesma competição; desafio e aventura (GOMES & ISAYAMA, 2009). A partir do exposto se pode afirmar que de fato é necessário um treinamento psicológico para corrida de aventura, já que estão envolvidos em sua prática competitiva ou não, diversos aspectos emocionais, tanto pela procura por esse esporte quanto pela prova em si.

Segundo Lavoura e Machado (2008), em seu estudo realizado com praticantes de *mountain bike* e canoagem, modalidades que podem compor as corridas de aventura, observou-se há a necessidade de um treinamento psicológico visando, neste caso a superação do medo, o qual em acordo com a afirmação dos autores apresenta uma relação diretamente proporcional com o grau de exigência da prova, com o nível de desempenho exigido dos atletas e com a dinâmica de seus estados emocionais, ou seja, quanto maior a presença desses fatores maior a influência do medo no desempenho dos atletas. Outros estudos demonstram a dependência do exercício físico por parte de atletas de corrida de aventura (ANTUNES, et al, 2006), o que é mais um indicativo da necessidade do treinamento psicológico.

Objetivo

Apresentar uma revisão de literatura sobre o tema: treinamento psicológico para corridas de aventura.

Métodos

Utilizou-se o método bibliográfico e descritivo, para fundamentação teórica e estruturação do trabalho. Para a coleta de dados foi realizada uma pesquisa em bibliografia impressa especializada no tema abordado: BECKER JUNIOR, Benno, SAMULSKI, Dietmar. Manual de treinamento psicológico para o esporte. Feevale, 1998; MACHADO, Fernanda H. Mundo emocionado e as atividades físicas de aventura na natureza. In: Aventuras na natureza: consolidando significados (Org. Gisele Maria Schwartz). Jundiaí: Ed. Fontoura, 2006; ROMANINI, V., UMEDA, M. Esportes de aventura ao seu alcance. (Coleção entenda e aprenda). São Paulo: Bei Comunicação, 2002;

SAMULSKI, Dietmar M., CHAGAS, Mauro H., NITSCH, Jürgen R. STRESS: teorias básicas. Belo Horizonte: Editora Gráfica Costa & Cupertino Ltda, 1996.

A segunda parte da coleta de dados foi realizada em bases de dados virtuais: www.posaventura.com; busca por artigos nacionais; <http://scholar.google.com.br/schhp?hl=pt-BR&tab=ws>, descritores: dentro do link pesquisa avançada: corrida de aventura, com a frase exata: treinamento psicológico. Também se utilizou os descritores invertidos: no link pesquisa avançada: treinamento psicológico, com a frase exata: corrida de aventura, Nas duas formas de descritores buscou-se publicações entre os anos de 2008 e 2011; <http://www.scielo.org/php/index.php>, descritores: corrida de aventura; treinamento psicológico, um de cada vez. A coleta de dados tanto na bibliografia impressa, livros e revistas, quanto na virtual foi realizada no período de 15 de março a 20 de abril de 2011.

Resultados

Verificou-se a existência de 22 artigos, porém foram retirados da pesquisa 16 artigos: 1 abordando stress em jogadores de golfe; 5 abordando temas diversos que envolvem psicologia e 10 artigos sem qualquer relação com corrida de aventura. Restando 6 artigos: 1 relacionando corrida de aventura, aspectos motivacionais da procura pela modalidade; 1 relacionando busca da felicidade com a prática da corrida; 1 artigo abordando o medo nos esportes na natureza e afirmando a necessidade de treinamento psicológico; 2 artigos, relacionando corrida de aventura e busca por emoções e 1 artigo relacionado à corrida de aventura, porém abordando a dependência do exercício físico.

Conclusão

Com a realização da pesquisa conclui-se que de fato é importante o treinamento psicológico para a corrida de aventura, visto que se trata de um esporte que envolve diversos aspectos emocionais como motivação, superação de limites, espírito de equipe, força de vontade, determinação, espírito aventureiro, controle do medo de ambientes inóspitos e manutenção do equilíbrio emocional e motor em situações de extremo cansaço. Todavia, se constatou a falta de estudos e publicações referentes ao tema treinamento psicológico e corrida de aventura, talvez isso se deva pelo fato de ser um esporte relativamente novo, a primeira corrida data de 1989, muito provavelmente novos estudos surgirão.

Constatá-se a necessidade de um estudo mais amplo, em outras bases de dados e por tempo maior, já que em uma das bases de dados a pesquisa se limitou em quatro anos. Todavia, é um tema muito interessante que se configura em um amplo espaço de atuação profissional para o educador físico, principalmente para o bacharel em Educação Física, o qual pode aplicar treinamentos físicos e psicológicos para praticantes ou atletas, como também realizar pesquisas sobre Corrida de Aventura.

Palavras-chave: Treinamento; Psicologia; Corrida de Aventura.

Referências

ANTUNES, Hanna K. et al. **O estresse físico e a dependência de exercício físico.** Rev Bras Med Esporte, 2006, vol.12, n.5, pp. 234-238. In: <http://www.scielo.br/pdf/rbme/v12n5/02.pdf> acesso 22.04.2011.

BECKER JUNIOR, Benno, SAMULSKI, Dietmar. **Manual de treinamento psicológico para o esporte.** Feevale, 1998.

DIAS, Cleber G. **A mundialização e os esportes na natureza.** Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, n. 1, p. 54-66, jan/abr. 2008. In: <www.posavetura.com> acesso 15.04.2011.

FERREIRA, Luiz F. S. **Corridas de aventura na perspectiva da psicologia da felicidade de Csikszentmihalyi.** In: CONGRESSO DE PSICOLOGIA E SEMANA DE PSICOLOGIA DA UNESP BAURU, 3., 16., 2009, Bauru. **Anais...** Bauru: CAPSI/UNESP, 2009. in: <http://boletimef.org/biblioteca/2397/Corridas-de-aventura-na-perspectiva-da-psicologia-da-felicidade> acesso 20.03.2011 .

GOMES, Odila C., ISAYAMA, Hélder F. **Corridas de aventura e lazer: um percurso analítico para além das trilhas.** Motriz, Rio Claro, v.15 n.1 p.69-78, jan./mar. 2009. In: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1472/2219> acesso 17.04.2011.

LAVOURA, Tiago N., MACHADO, Afonso A. **Investigação do medo no contexto esportivo: necessidades do treinamento psicológico.** Rev. bras. psicol. Esporte, 2008. vol.2, n.1, pp. 01-28. In: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbpe/v2n1/v1n2a06.pdf> acesso 23.04.2011.

LAVOURA, Tiago M., SCHWARTZ, Gisele M., MACHADO, Afonso A. **Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos.** Rev. bras. Educ. Fis. Esp., São Paulo, v.22, n.2, p.119-27, abr./jun. 2008. In: <www.posavetura.com> acesso 15.04.2011.

MACHADO, Fernanda H. **Mundo emocionado e as atividades físicas de aventura na natureza.** In: Aventuras na natureza: consolidando significados (Org. Gisele Maria Schwartz). Jundiaí: Ed. Fontoura, 2006.

ROMANINI, V., UMEDA, M. **Esportes de aventura ao seu alcance.** (Coleção entenda e aprenda). São Paulo: Bei Comunicação, 2002.

SAMULSKI, Dietmar M., CHAGAS, Mauro H., NITSCH, Jürgen R. **STRESS: teorias básicas.** Belo Horizonte: Editora Gráfica Costa & Cupertino Ltda, 1996.

PERFIL DOS PRATICANTES DE KITESURF NA BARRA DA TIJUCA

Gustavo Bento Ribeiro de Araújo, Tauan Nunes Maia, Gabriela Araújo Goes da Mota,
Edmundo de Drummond Alves Júnior

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
borbabento@hotmail.com

Introdução

O Grupo de Pesquisa Esporte, Lazer e Natureza (GPELN) está sediado no instituto de educação física da Universidade Federal Fluminense e conta com bolsistas em iniciação científica pelo CNPQ que vêm se dedicando a entender o fenômeno a que chamamos de esportes de aventura e na natureza. Nesta pesquisa estamos considerando o lazer a partir das reflexões propostas por Melo e Alves Junior (2003) para investigar o campo dos esportes na natureza. Deste modo, nos propomos a investigar o esporte kitesurf, a traçar um perfil dos seus praticantes e as motivações que os levam ao esporte e a escolha da praia da Barra de Tijuca – RJ como local de prática.

O kitesurf é um esporte que utiliza a força do vento em uma pipa para tracionar seu condutor sobre uma prancha, este esporte mistura características comuns a várias outras práticas de aventura e na natureza e teve seu início em meados da década de 1980 na França (Araújo et al, 2009). Sob a influência de Victor Melo (2010) adotamos aqui o conceito de “práticas corporais institucionalizadas”, entendendo que este modelo teórico nos auxilia a melhor compreender o fenômeno esportivo e o diálogo que se pode estabelecer com outras práticas sociais; e, portanto nos permite perceber com mais clareza o que estamos chamando de esportes na natureza, ou seja, práticas corporais institucionalizadas que tem a natureza como fator determinante. Neste momento estamos focando no período pós-industrial e nas práticas corporais a partir deste período, pois entendemos que nesse ponto se estabelece um diálogo com a história do lazer que vêm a influenciar diretamente as práticas corporais na modernidade.

Para pensar o papel da natureza nestas práticas, utilizamos aqui o conceito proposto por Dias e Alves Junior (2007) trazem uma reflexão acerca da determinância da natureza para a realização destas práticas corporais. A partir do objetivo proposto procuramos estabelecer um diálogo com o trabalho de Gomes et al (2009) para fazer um levantamento acerca de: quem são estes praticantes? Quais as suas motivações? Onde aprenderam e qual a importância do kitesurf em suas vidas? Por que escolheram a Barra da Tijuca como local de prática? Seria esta praia adequada para o esporte? Como as mulheres se inserem neste esporte? Se tratando de políticas públicas o que há e o que seria necessário para uma prática regular e segura?

Objetivos

O objetivo principal deste trabalho é investigar um local de prática do esporte kitesurf, visando identificar o perfil dos seus praticantes e as motivações que os levam a

escolher a praia da Barra de Tijuca, Rio de Janeiro, para esta prática corporal. Como objetivo secundário, procuramos identificar que tipos de questões interferem na escolha por determinados locais de prática e a relação entre aderir a estes esportes na natureza e os modos de vida típicos dos grandes centros urbanos.

Metodologia

Foram entrevistados vinte praticantes escolhidos aleatoriamente, conforme chegavam ao “Kitespot”, a quantidade de entrevistados foi definida pelo número total de pessoas que chegavam à praia para montar seus equipamentos dentro do prazo estabelecido para a entrevista, ou seja, um dia com condições climáticas que permitissem a prática do kitesurf, e estavam dispostas a participar da pesquisa. Para fazer a entrevista utilizamos a função de gravação de voz de um telefone celular e todos os entrevistados foram avisados sobre o procedimento de gravação.

Foi utilizado um questionário semi estruturado (Minayo, 1999) e os dados coletados foram transcritos e analisados pela técnica de triangulação (Minayo, 2005). As perguntas escolhidas se baseiam no trabalho de Gomes et al (2009), que procuraram identificar o perfil dos praticantes na lagoa do Cauípe, que fica localizada a 37 km de Fortaleza-CE, porém devido a diferenças regionais e pelo local de prática no Rio de Janeiro ser em um centro urbano, algumas perguntas foram modificadas para se adequar ao contexto da pesquisa. As perguntas utilizadas tinham o intuito de investigar sobre, a idade dos participantes, sexo, profissão, escolaridade, fator motivacional para o aprendizado no esporte, há quanto tempo praticam este esporte, importância do kitesurf em suas vidas, local de aprendizado, o que levou a escolha da Barra da Tijuca como local de prática e sobre as condições deste local e possíveis ações de políticas públicas sobre o esporte.

Resultados

Como resultado foi possível perceber que a maioria dos praticantes no kitepoint é de adultos, que tem uma situação financeira e profissional estável, com formação em nível superior que procuraram o esporte e se mantém praticando, principalmente, através de sua importância como prática de lazer. Neste sentido devemos ressaltar que Lazer e esporte são palavras que expressam conceitos de determinadas práticas sociais, que tem se misturado ao longo da história, sendo quase impossível ter amplo entendimento da realidade de uma sem a outra (Melo, 2010).

Pode-se também ressaltar o caráter de busca pela aventura e pela natureza constantemente presente na urbanidade contemporânea (Bruhns, 2009), mais especificamente no Rio de Janeiro. A ampla maioria de homens praticantes de kitesurf encontrada nesta pesquisa, corroborou os resultados encontrados em outros trabalhos (Araújo et Al, 2009; Gomes, et Al, 2009), sendo assim fica clara a importância de se entender o porquê desta disparidade e a necessidade de atuação no sentido de fomentar a participação das mulheres nesta prática corporal.

Verificamos que embora a Barra da Tijuca seja o local escolhido para a prática, a maioria não teve seu aprendizado neste local e esta é uma questão que fica em aberto

para outros estudos com relação à iniciação no esporte. As duas últimas perguntas vem a corroborar algumas questões levantadas em outro trabalho (Araújo et al, 2009), pois o principal fator que leva os praticantes àquele local é relacionado com políticas públicas, mais especificamente, por ser o único local com permissão para a prática do kitesurf na cidade do Rio de Janeiro. No mesmo sentido a principal sugestão de investimento que viabilizem a prática deste esporte está na segurança do local e estrutura disponível.

Conclusão

Concluimos que estudos na área de políticas públicas são de extrema relevância para se pensar um esporte de aventura e na natureza como no caso do kitesurf. Outro fator relevante é que estas práticas corporais têm uma relação direta com as questões de classe e mostram-se mais disponíveis para uns do que para outros, atuando inclusive, como fator de distinção dos praticantes. Isto ocorre devido ao fato do kitesurf necessitar de condições ambientais específicas, que no caso do Rio de Janeiro são encontradas exclusivamente nos bairros onde estão concentradas as pessoas com maior poder aquisitivo e que tem na relação com a natureza um todo um *modus vivendi* (Dias, 2008).

Também é importante ressaltar que devido ao alto preço de seus equipamentos apenas determinadas classes sociais tem uma relação de lazer com esta atividade. De acordo com os entrevistados percebemos que o acesso a este esporte para aqueles de menor poder aquisitivo caracterizou-se na presença dos instrutores, ou seja, como atividade de trabalho e não de lazer.

Palavras-chave: Kitesurf, Esportes de Aventura e na Natureza, Lazer.

Referências

ARAÚJO, G.B.R et al. **Pensando a prática do Kitesurf:** uma questão de espaço. XXI Encontro Nacional de Recreação e Lazer, anais, Florianópolis, SC, 2009.

BRUHNS, H. T. **A busca pela natureza:** turismo e aventura. Barueri, Manole, 2009.

DIAS, C. **Urbanidades da Natureza:** o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro. Apicuri, Rio de Janeiro, 2008.

_____. ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Entre o mar e a montanha:** esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro. Niterói: EdUFF, 2007.

GOMES, Allana Joyce Soares et al. **Perfil dos praticantes de kitesurf na lagoa do Cauípe.** XXI Encontro Nacional de Recreação e Lazer, anais, Florianópolis, SC, 2009.

MELO, Victor de Andrade. **Esporte e Lazer:** conceitos. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010.



DE 1 A 3 DE JULHO DE 2011
PELOTAS - RS

_____ ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MINAYO, M. C. S et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____ ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. (Orgs) **Avaliação por triangulação de métodos**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.